

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Sampaio, Theodoro. 1901. *O Tupi na Geographia Nacional*. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica.


Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, extraído de volume disponível através do projeto [Google Books](#), foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em fevereiro de 2010.



THEODORO SAMPAIO

O Tupi na Geographia Nacional *

MEMORIA LIDA

— NO —

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO


— DE —

S. PAULO



1901

Typ. da Casa Eclectica R. 15 de Novembro, 3
SÃO PAULO





STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

M. illustre Sr. J. C. Branner
officer O. Carter

Received Feb. 26. 1904

7

THEODORO SAMPAIO

O TUPI NÀ GEOGRAPHIA NACIONAL

MEMORIA LIDA

NO

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo



STANFORD LIBRARY

1901

CASA ECLECTICA ☉ RUA DIREITA 6

SÃO PAULO

F 2504

S 19

334144

Y9A 9811 0907847

O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL

Não é novo, antes, pelo contrario muito frequentemente debatido é o objecto do presente estudo. Sobralhe, porém, interesse historico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geographia nacional e, sobretudo, o recommenda a attenção sympathica que sempre logrou despertar no nosso meio litterario.

Encarando-o agora por uma face nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretencioso e modesto, que não o de methodisar, ou submeter a regras esse estudo linguistico que por ahi anda ao belprazer das phantasias de uns e ao desazo dos que menos familiarisados com a lingua dos primitivos habitantes desta terra a deturpam e desfeiam, attribuindo-lhe aos vocabulos sentido e significados absurdos ou procurando interpretar aquelles já adulterados ou assimilados pela dicção vulgar por processos extranhos ás leis gottologicas que regem a materia.

Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outrora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifreveis.

Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

Sim, porque se a geographia póde passar intangivel por um nome fossilisado ou cruelmente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo sem damno sensivel para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as eras passadas.

Já ninguém desconhece o valor da philologia nos estudos historicos, a qual, como é sabido, explicou as migrações dos povos, anteriores a qualquer tradição oral ou escripta.

Simplees vocabulos, diz Cesar Cantú, revelam ou confirmam, as vezes, uma circumstancia importante da Historia.

Carlos von Martius, na sua dissertação sobre «como se deve escrever a Historia do Brasil» considera a lingua dos *indios* como documento mais geral e mais significativo e accrescenta :

«Pesquisas nesta actualmente tão pouco cultivada esphera não pódem jámais ser sufficientemente recommendados, e tanto mais que as linguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma séria *fusão*, de sorte que algumas dellas em breve estarão inteiramente extinctas». (I)

Quando isso não bastasse ; quem é que viajando a nossa terra se não tomará de curiosidade a mais justificada e não indagará pelo significado de tantos nomes bar-

(1) Carlos von Martius—Revista do Instituto Historico e Geographico, vol. 6.º, pag. 389.

baros applicados aos logares, as regiões que vae atravessando ?

Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes extranhos, cuja pronunciação já corre adulterada e cujo sentido já ninguém comprehende ?

E são, todavia, vocabulos doces e sonoros, longos muitas vezes, excellentes em geral como designação de logares, mas que muito perdem do seu valor por se não saber o que exprimem, o que recordam, o que nos revelam do sentir e do genio do povo primitivo que nol-os legou.

E como na America esta triste verdade se assignalou tão breve ?

No Brasil nem sequer a lingua do gentio desapareceu totalmente. Nos seus vastissimos sertões, ainda vagam numerosos os representantes das nações selvagens que outrora os possuiram.

As vozes tupis se escutam ainda hoje nas margens do Amazonas, como nos campos do Paraguay e do Paraná. Mas, o esquecimento dessa lingua, que os cultores de outrora acharam tão rica e tão bella, lavra intenso no seio da moderna e culta sociedade que lhe desconhece o valor e atira para o rôl das coisas enigmaticas e incompreensiveis os nomes com que designa as cidades opulentas em que ora vive e prospéra.

Comtudo, nesse diluvio de esquecimento, alguns espiritos de eleição se ergueram com os seus trabalhos litterarios, pondo em contribuição os thesouros de poesia e de inspiração que se encerram nos costumes e nas scenas pittorescas da vida selvagem. Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, cultores do *americanismo* na litteratura nacional, logram despertar entre os seus contemporaneos o gosto pelos estudos relativos á raça indigena.

Mas, se com o exemplo delles, os escriptos de Anchieta, Luiz Figueira, Montoya e Restivo lograram reviver aos esforços de abalisados cultores como Couto de

Mogalhães, Baptista Caetano, Barbosa Rodrigues e Mendes de Almeida, todavia o gosto por estudos deste genero se não generalizou ou tão largamente se não diffundiu que viesse a reclamar dos competentes a creação de escolas onde se aprendesse a lingua dos oborigenes, ou cursos especiaes onde se preparassem os que, para taes estudos, mostrassem predilecção.

Estudos, porém, systematicamente guiados para o fim de explicar o vocabulario geographico de procedencia tupi, poucos cultores têm tido, bem que não raros o tenham tentado.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi, ao que nos consta, o primeiro a encetar taes estudos, mas fel-o tão incompletamente e sem aquella indispensavel e criteriosa analyse que a materia requeria, que as suas *Etymologias Brasileiras*, publicadas no volume 8.º da Revista do Instituto Historico, não têm outro merito que o de uma obra de iniciação.

Antes d'elle alguns chronistas e viajantes tentaram parcial ou isoladamente o mesmò assumpto, mas, no geral, sem resultado apreciavel. O padre Simão de Vasconcellos dá-nos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, taes interpretações de vocabulos tupis que se chega a duvidar dos conhecimentos linguisticos do celebre jesuita.

O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, como se verifica do seu *«Diario de viagem pelas capitánias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790»*, é um dos viajantes que, com mais interesse e competencia, tractou desta materia. As suas etymologias brasileiras, constantes das notas do citado *«Diario»*, são tão numerosas e interessantes que bem se póde consideral-o um precursor nestes estudos.

O trabalho de frei Francisco dos Prazeres se, de facto, não é tão copioso e exacto nas interpretações como o objecto comportava, é, comtudo, o unico systematisado e tal que, como diz o seu auctor: «... não deixará de ser de alguma utilidade, ou porque dará principio a uma obra nova, ou porque alguma coisa accrescentará a essa obra,

talvez já principiada.» Tal era a importancia por elle ligada ao objecto que não só se suppunha precedido como achava que a obra por outrem emprehendida devia ser de vulto, isto é, em *ponto grande* para usar das suas proprias palavras. O certo, porém, é que, do ponto de vista de um estudo methodico e systematisado, frei Francisco dos Prazeres Maranhão não teve predecessor como bem poucos foram os seus continuadores.

O dr. Francisco Freire Allemão, em uma *Memoria*, publicada na Revista do Instituto Historico (tomo 45, pag. 351) em 1850, tractou do assumpto sob o titulo: «*Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasileira*», mas, como o proprio titulo o manifesta, o seu trabalho não passava de uma investigação sem nenhum character de generalisação, e sem methodo, embora exhibindo erudição e conhecimento da materia.

Braz da Costa Rubim seguiu-lhe os passos com processo identico e identico resultado, como se verifica do mesmo volume da citada Revista.

O senador Candido Mendes de Almeida occupou-se da materia exhibindo criterio seguro, vasta erudição e notavel penetração nos poucos estudos que publicou sob o titulo—*Notas sobre a historia patria*, na já citada Revista. O seu irmão, o dr. João Mendes de Almeida, era outro dedicadissimo cultor do *brasilianismo*, se assim podemos designar a materia do presente escripto, e consta mesmo que deixou a respeito obra inedita de copioso cabedal.

O general Couto de Magalhães tinha a peito e em muita conta os estudos deste genero. Varias publicações fez explicando o significado de muitas denominações geographicas de procedencia tupi, e mais recentemente, numa das ultimas sessões do Instituto Historico a que assistira, e quando apresentou o seu plano commemorativo do quarto centenario do descobrimento do Brasil, indicou, como dos mais importantes assumptos e dos mais adequados para essa commemoração, o estudo das etymologias brasilicas, isto é, do *brasilianismo*, feito em collaboração com alguns

cultores da lingua tupi que o fallecido general indicaria ou convidaria opportunamente.

Ricardo Burton, annotando a traducção da obra de Hans Staden, em 1874, enriqueceu esse livro com abundantes e preciosissimos estudos sobre os vocabulos indigenas referidos na sobredita obra.

O dr. Frederico Hart, tão cedo roubado ás investigações scientificas de que fizêra theatro predilecto o nosso Brasil, enriqueceu tambem a litteratura do *brasilianismo* com as mais eruditas e criteriosas interpretações ou contribuições.

Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nas suas anotações á *Narrativa epistolar de Fernão Cardim* ; Barbosa Rodrigues, nos seus varios escriptos sobre a lingua do gentio, são dois cultores do *brasilianismo* que se recomendam pela sua erudição, senso critico e especial criterio nas interpretações.

O trabalho, porém, de maior monta que até aqui se ha publicado sobre este objecto é, incontestavelmente, o do dr. Carlos von Martius, trabalho publicado em annexo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Era o dr. Martius, a quem tanto deve a botanica brasileira, mui versado na lingua tupi, tinha muito viajado o nosso paiz, possuia vasta erudição scientifica e os melhores elementos para um trabalho de vulto nesta questão da origem e interpretação dos vocabulos tupis usados na geographia nacional. Infelizmente não lhe pôde o illustre sabio dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as suas investigações como era mister, lendo as chronicas, as relações antigas de viagem, isto é, consultando o elemento historico para descobrir a verdadeira graphia primitiva dos vocabulos, muitos dos quaes, sem isso jámais seriam explicaveis ou traduziveis do ponto de vista etymologico.

Comtudo, procuramos sempre no presente trabalho seguir os passos do naturalista bavar. Mas, seguindo-o tão de perto quanto possivel no que respeita ao exame etymologico, preferimos o processo critico de Freire Allemão, reconhecendo primeiro a identidade do vocabulo,

discutindo as suas alterações subsequentes antes de traduzil-o ou dar-lhe o respectivo significado.

Fiz, por isso, preceder o trabalho propriamente interpretativo e etymologico de uma rapida apreciação sobre o character da lingua tupi, a sua extensão na America, e especialmente no Brasil, as suas alterações sob a influencia do portuguez, analysando ao mesmo tempo o processo segundo o qual se deram as ditas alterações na phonetica dessa lingua.

Não presumo com isso dar a ultima palavra na questão. Mas acredito ter adiantado alguma coisa, firmando alguns principios que, no futuro, hão de servir a outros e melhores investigadores, e eliminando umas tantas obscuridades que affectam a graphia e, portanto, o significado ou sentido de não poucos vocabulos indigenas com applicação á nossa geographia. Terei, entretanto, levantado uma ponta desse véo de esquecimento que pésa sobre a memoria do povo desaparecido a quem succedemos no dominio desta terra, cujas vozes barbaras, na sua lenta e secular fossilisação, perdida a primitiva e original estrutura, já não tem sentido nem expressão, designando as prosperas cidades dos novos dominadores.

CAPITULO I

Da expansão da lingua tupi e do seu predominio na geographia nacional

A vasta superficie que, por um exame geographico do nosso paiz, se reconhece ter sido avassalado pelo *tupi*, não pôde, de modo algum, ser attribuida á força de expansão, propria da raça primitiva, que dominava no littoral e em grande parte do interior ao tempo do descobrimento pelos portuguezes.

Vastissima, na verdade, era a região por onde dominou a *lingua tupi* no novo continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notavel expansão aos proprios conquistadores europeus, ás numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descerem escravos indios, e para a pesquisa do ouro; deve-se principalmente á cathechese que tornou *geral* esse idioma barbaio e o cultivou.

Occupavam, com effeito, os povos da raça tupi, o littoral quasi todo, por cerca de seiscentas leguas, donde haviam expellido outros povos, sem duvida conquistadores antes delles, e que por sua vez tiveram de ceder deante de forças mais numerosas e aguerridas; dominavam ainda o valle do Paraná-Paraguay na sua média zona, onde se limitavam com outras nações de procedencia andina e lançavam colonias através dos valles do Araguaya, Tapajós e Madeiras, alcançando o Amazonas cujo curso disputavam e partilhavam com outros povos desde a foz até grande extensão em direcção ás cabeceiras, e ainda para além das Guyanas, no valle do Orinoco, e nas Antilhas, entre os *carahibas* se encontravam representantes delles.

Nas chapadas centraes, nas regiões de sólo mais in-

grato, nos grandes valles interiores menos accessiveis que davam-se como encurralados os povos da raça vencida que os *tupis* denominavam communmente *tapuyas*, equivalente a *barbaro* ou *extrangeiro*, como vieram a chamar *tapuytinga*, ao europeu e *tapuyuna* ao africano

Ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados que realisaram as conquistas dos sertões é que se deve a maior expansão do *tupi* como *lingua geral* dentro das raias actuaes do Brasil. As levas que partiam do littoral a fazer descobrimentos fallavam, no geral, o *tupi*; pelo *tupi* designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colonias que espalhadas nos sertões, fallando tambem o *tupi* e encarregando-se naturalmente de diffundil-o.

O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hespanhol no Paraguay, a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas de mais importancia, e no seio das familias propriamente portuguezas, mas ainda ahi apparecia o *tupi*, fallado pelos famulos quasi todos indios ou de descendencia india.

Nos povoados mais apartados, a cathechese, iniciada e desenvolvida pelos jesuitas, ia dando á lingua barbara os fóros de um vehiculo civilizador. Fallavam os padres a lingua dos oborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e prégavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos dos indios, mistiços ou brancos, ensinavam de ordinario o portuguez e o *tupi*, preparando deste modo os primeiros catechumenos, os mais idoneos, para levarem a conversão ao lar paterno.

Até o começo do seculo XVIII a proporção entre as duas linguas falladas na colonia era mais ou menos de tres para um, do *tupi* para o portuguez. Em algumas capitancias como em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará onde a cathechese mais influiu, o *tupi* prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras fallava-se entre os homens do campo a *lingua geral* até o fim do

seculo XVIII. No Amazonas e no Pará ainda é commum o tupi no seio da população civilisada dos *tapuyas*, como vulgarmente ahi se appellidam os indios.

Mas, naquelles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se succediam com a obstinação das coisas fataes e irresistiveis, o tupi era devéras a lingua dominante, a lingua da colonia.

Todos a fallavam ou a comprehendiam. Parecia mesmo haver certa predilecção por ella (1).

Saudavam-se no tupi, dizendo: *Enecoêma*, que quer dizer *bom dia*, a que respondia o interlocutor, repetindo a mesma saudação, ou dizendo simplesmente:—*Yaué*.

Ao toque da Ave Maria, o christão da America erguia-se persignando: *Santa Curuçá rangaua recê*, que quer dizer: *pelo signal da Santa Cruz* e repetia na sua lingua a oração da tarde.

Adoptavam os proprios portuguezes os usos e até o fallar *brasilico*, preferindo as expressões tupis aos dizeres da propria lingua, em que, aliás, não faltavam vocabulos e locuções egualmente expressivas e adequadas.

Appellidavam-se muitas vezes pelo tupi (2); e tinham cantares e folgedos nesta lingua, ou num mixto comprehensivel do portuguez e do indio. A conhecida canção popular *Caranguejo andou uatá* vem desde este tempo.

Alteravam-se ao contacto dessa lingua barbara a prosodia e a syntaxe portugueza. Desappareceram as vogaes

(1) O Padre Vieira em 1694 escrevia: «E' certo que as familias dos portuguezes e indios em S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se fala é a dos indios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola;... (Obras Varias, I, 249.)

(2) Pela época da independencia voltou o uso dos nomes e appellidos de procedencia tupi. Muito conhecidos se tornaram depois os de Francisco Gê Acayaba de Montesuma, Dendê Bús, Sucupira, Japyassú, Tupinambá, Jaguaribe, Jucá, Piragibe, Cuim Atué, Pitanga e tantos outros.

mudas ou breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupis modelaram-se pelos do portuguez, incorporando-se em grande numero neste ultimo, como incorporaram-se os nomes de plantas, animaes, fructas e objectos de uso domestico.

Fazia-se a conquista tendo por vehiculo a propria lingua dos vencidos, que era a lingua da multidão.

As *bandeiras* quasi que só fallavam o tupi. E se por toda a parte onde penetravam estendiam os dominios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a lingua, a qual só mais tarde se introduzia com o progresso da administração, com o commercio e os melhoramentos.

Recebiam então um nome tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jámais tivesse habitado uma tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central, onde dominam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mór parte da *lingua geral*.

Bem poucos, na verdade, são os nomes de procedencia tapuya, conservados na Geographia Nacional, e estes mesmos nas regiões centraes onde a catechese jámais penetrou, ou se iniciou muito tarde por motivos particulares que atrazaram a conquista.

Tomando-se uma carta do paiz e examinando-a quanto ao que diz respeito ás denominações geographicas, reconhece-se para logo o predominio do tupi em toda a região littoral; nota-se que elle penetra fundo nos sertões pelo valle dos grandes rios, onde se tornou facil o accesso do lado do mar; nota-se mais que elle assignala através dos divisores das grandes bacias fluviaes o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reconhece-se tambem que elle persiste como vestigio indelevel da catechese, onde quer que, ou isoladamente ou seguindo uma série de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios.

Consideremos, por exemplo, essa parte do Brazil entre o Rio de S. Francisco e o Maranhão. Notamos logo

no littoral e nos valles mais accessiveis e fertéis, os nomes tupis em grande numero, ao lado de alguns nomes portuguezes designando os logares e os varios accidentes topographicos ; no interior, porém, as denominações *tapuyas* prevalecem, designando as aguadas, e as feições mais salientes da região. As montanhas e as chapadas se designam em grande extensão pelo nome *Cariry*, do povo mais numeroso que outrora as possuiu. Os rios do interior, que não alcançam directamente o mar, donde lhes podia vir a denominação tupi, prevalescente no littoral, têm nomes tapuyas : *Moxotó*, *Ororobá*, *Chocó*, em Pernambuco ; *Piancó*, *Gurunhem*, *Catolé*, na Parahyba ; *Mossoró*, *Seridó*, *Caycó*, no Rio Grande do Norte ; *Quixeramobim*, *Quixadá*, *Quixelô*, *Quixossô*, *Quinquelere*, no Ceará ; *Jaicós*, *Gurgueia*, *Longá*, no Piahy.

Nesta região, cujo interior reveste um aspecto mais aspero e as secças periodicas tornam o viver incerto e atormentado, as levas dos conquistadores atravessam sem encontrar algures o que as retenha, sem descobrir uma mina cuja riqueza determine ou justifique um estabelecimento permanente, ou um sólo fertil tentando a cobiça dos aventureiros. Elles passam sem intenção de ficar.

Só o gentio adaptado ahí permanece como que protegido pela propria inclemencia do sólo.

O tupi ahí não penetra como não penetra o portuguez senão depois que o gado invadindo as catingas áridas e entranhando-se no deserto, abriu as veredas e guiou o vaqueiro até as varzeas onde se assentaram as primeiras fazendas. O gentio, sem grande resistencia, submetteu-se então, e assim se explica como alguns vestigios da sua lingua perduraram nas denominações dos logares, recordando a raça dos vencidos.

Desça-se, porém, das chapadas áridas e assoladas pela secça, e procure-se mais além ou o curso do Parnahyba a Oéste, ou do S. Francisco mais ao Sul e, para logo, apparecem de novo os nomes tupis designando os accidentes geographicos.

Transpondo o S. Francisco em direcção ao Sul, pe-

netra-se de novo numa região ingrata pela inclemencia do céu, e vae-se atravessando a bacia elevada do Vasa Baris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas bahianas que, depois do salto de Paulo Affonso, depois de Canudos e de Monte Santo, levam á Itiuba, ao Tombador e ao Assuruá. Ahi, nesse trecho do patrio territorio, aliás dos mais ingratos, onde outrora se refugiaram os perseguidos destroços dos Orizes, Procás e Carirys, de novo apparecem, designando os logares, os nomes barbaros de procedencia *tapuya* que nem o portuguez, nem o tupi logrou supplantar. Lêm-se então no mappa da região com a mesma frequencia dos accidentes topographicos os nomes como *Pambú*, *Patamotê*, *Uauá*, *Bendegó*, *Cumbe*, *Massacará*, *Cocorobó*, *Tragagó*, *Canché*, *Chorrochó*, *Quincuncá*, *Cochó*, *Centocé*, *Assuruá*, *Chique-chique*, *Jequié*, *Sincorá*, *Catulé* ou *Catolé*, *Mocugê* e outros, igualmente barbaros e extranhos.

Mais para o Sul, penetrando já na região mineira, entre a zona littoral e a Serra do Espinhaço, que foi o paiz dos botucudos, dos purys e de numerosas tribus *tapuyas*, já a raridade dos nomes selvagens na geographia local resalta logo. Prevaescem denominações portuguezas entre alguns nomes tupis. Difficilmente se encontrará ahi um nome *tapuya*, *botucudo*, *pury* ou *camacan*, designando um monte, um rio ou um povoado. *Jequitinhonha*, *Chopotó*, *Pujichá*, *Norek* são bem poucos vestigios da lingua dos primitivos dominadores acaso salvos do diluvio tupi ou portuguez que o bandeirante ou missionario estendeu por toda a parte.

Levando a pesquisa para as regiões do Sul, e do centro, na larga superficie pela mór parte deserta, como na mais densamente povoada, observa-se logo que o tupi é a lingua dominante na geographia. Em Minas Geraes o portuguez leva vantagem ao tupi.

No Rio de Janeiro as duas linguas se equilibram.

Em S. Paulo o predominio do tupi é quasi completo, notando-se o mesmo do Paraná para o sul até o Rio

Grande, e para o centro, em direcção ao valle do Paraguay.

Rarissimas são as denominações tapuyas perdidas na grande torrente tupi-portugueza que alastrou por toda a parte. Os nomes *Chopin*, *Chapecò*, *Chancheré*, *Goyó*, *Còpré*, na região dos Coroados, dentre o Iguassú e o Uruguay; *Nioak* e alguns poucos entre os Guayacurús de Matto Grosso; e os nomes dos rios da bacia superior do Amazonas, eis tudo o que se salvou das linguas barbaras dos tapuyas deante da invasão tupi impulsionada pelos portuguezes. Eis porque para o objecto que nos occupa não é mister discriminar as regiões que serviram da *habitat* a cada raça selvagem; basta reconhecer no tupi generalisado na geographia nacional o effeito da influencia civilisadora dos europeus.

CAPÍTULO II

Breves apontamentos sobre a lingua tupi com relação ao objecto deste escripto

1—Estava a lingua tupi no segundo periodo da sua evolução morphologica, o da agglutinação; e, comtudo, era um idioma rico no vocabulario, e bastante expressivo.

Anchieta, assim como o padre Figueira, admirava tanto as qualidades dessa lingua que a comparava, na perfeição, á grega.

«E' admiravel, diz o auctor do *Diccionario Brasiliano*, que tendo os povos que a fallavam limitadas as suas idéas a um pequeno numero de coisas, as quaes julgaram necessarias ao seu modo de vida, pudessem, comtudo, conceber signaes representativos de idéas com capacidade de abranger objectos de que elles não tiveram conhecimento; e isto não de qualquer modo; mas com muita propriedade, energia e elegancia». (1)

O padre Figueira, na sua *Arte da Lingua Tupi*, diz que é esta «... uma lingua suave, elegante, mas extranha e copiosa».

João de Laet repete em latim os mesmos conceitos: «... nam facilis est, copiosa, neque insuavis...»

2—O tupi e o guarany entendem muitos por linguas differentes ou extranhas e não são senão irmans differenciadas apenas por influencia dialectal.

(1) *Diccionario Portuguez Brasiliano*, impresso em Lisbôa em 1795.

E' o guarany ou o tupi fallado no Paraguay o que entre os indios desta parte do continente se chama *abanehen*, lingua de gente. O tupi fallado no Amazonas é, porém, conhecido por *nhehen-gatú*, isto é, lingua boa. (2)

Observa o general Couto de Magalhães que a differença entre ellas é a mesma que se nota entre *paulistas* e *mineiros* fallando o portuguez. (3)

Parece-nos, entretanto, que a differença é um pouco mais accentuada como já o fizera sentir o mesmo auctor citado, no seu *Estudo Anthropologico*, publicada na *Revista do Instituto Historico* (4), onde, tractando do *tupi* e do *guarany*, compara-os, no grau de semelhança, ao portuguez e ao castelhano. São, de facto, o *tupi* e o *guarany* «... a mesma lingua em dois periodos diversos: o *tupi* num periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulo as raizes com que formou a agglutinação; o *guarany* em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo agglutinado. Portanto, conclue o auctor citado, o *tupi* é a fonte e por isso denominamos o grupo com o nome *tupi*. (5)

Alguns exemplos bastam para deixar bem assignalada essa differença. Assim é que no *tupi* se diz: *ajura*, *pirapora*, *caraiba*, *jaguara*, *curupira*, *cuéra*, ao passo que no *guarany* se diz, correspondentemente: *ajú*, *pirapó*, *carahy*, *jaguá*, *carupi*, *cné*, isto é, ficando os vocabulos mais contractos neste ultimo idioma.

Foram ambas as linguas bastante falladas no Brasil, quer pelo gentio propriamente dito, quer pelas populações que ao depois se formaram sob a influencia européa.

3—Desde o Amazonas até Cananéa, com raras interrupções pelo littoral, e com uma faxa mais ou menos larga ao par delle, e varias projecções pelo interior, dominava

(2) Couto de Magalhães—*O selvagem*.

(3) Idem, idem.

(4) Idem, *Revist. Inst. Hist.*, vol. 36.

(5) Idem, idem.

o *tupi*, fallado por *Tupinambás*, *Tabajaras*, *Patiguaras*, *Cahétes*, *Tupiniquins*, *Tamoyos*, e depois por seus descendentes, mestiçados com europeus e africanos.

De Cananéa para o Sul, pela costa, e, pelo interior, abrangendo grande parte do sertão paulista, nos valles do Paraná, Tieté e Paranapanema, descendo para o Sul em direcção ao Rio Grande, pelos campos elevados que o Tibagy, o Ivahy, o Iguassú e o Uruguay atravessam, e apezar de algumas tribus tapuyas interpostas, dominava o *guarany*, fallado por *guayanás*, *carijós*, *tapés* e outros.

Na geographia da região em que essas linguas foram falladas, encontram-se, agóra, nas denominações dos logares, os vestígios indeleveis do dominio de cada uma. Este facto carece de estar sempre presente ao tractar-se da interpretação dos vocabulos tupis com applicação á geographia nacional.

4—No alphabeto túpi não ha mais que dezenove letras, não existindo *f*, *l*, *j*, *z* nem *v*. Não tem *r* forte, porquanto é essa letra sempre branda, mesmo no começo das palavras, como se vê em *rerú*, *rera*, *rangaua*.

Não tem *s* sibilado e sim chiado, como em *synunga*, *sipó*, que se devem pronunciar *xinunga*, *xipó*.

O *j*, que depois se introduziu nos vocabulos tupis, já vem por influencia portugueza, é adulteração do *i* primitivo tal como se deu no latim em relação ás linguas modernas que d'elle se derivaram.

Em vez de *jaguara*, *japy*, *japecanga*, se diria, primitivamente: *iagara*, *iapy*, *iapecanga*. Assim tambem o *l* é introduzido em alguns vocabulos tupis por influencia lusitana, quando mais tarde o idioma selvagem se tornou *lingua* geral entre as populações do campo. Os nomes *itacolumy*, *alambary*, *calumbv*, são disso exemplo, sendo transformados em *ll* os *rr* brandissimos que primitivamente tinham. O *v* jámais existiu no tupi; equivale ao *u* ou ao *b* brando; mas ficou introduzido no fallar do vulgo, como erroneamente se vê em: *uvaia*, *vossoroca*, *voturantim*.

O *z* é tambem resultante da influencia do contacto

com o portuguez. Os nomes tupis *ananas*, *guayanaz*, *goitacaz*, *papanaz*, são simples corruptelas de longa data dos primitivos vocabulos : *nanã*, *guayanã*, *guayatacá*, *papanã*.

5—As consoantes tupis todavia, são muito dubias ou confusas e ás vezes tão difficeis de apprehender que o padre Vieira desesperava de conseguil-o ainda com o ouvido applicado á bocca do barbaro.

Frequentissimas entre ellas são as mutações.

6—As labiaes *p*, *b*, *m*, se substituem ou se confundem não raro na composição dos vocabulos, maximé quando ha nelles vozes nazaladas precedentes a taes letras. A syllaba nazal abranda sempre a consoante seguinte.

João de Lery, por exemplo, nos transmittiu dos Tupinambás, do Rio de Janeiro, o nome *Guanabârá* por *Guanaparâ*, que hoje erroneamente se pronuncia *Guana-bara*. O vocabulo *Paranã*, ouvido pelos primeiros navegadores, soou-lhes como *maranã*, donde procede o actual e aportuguezado *Maranhão*.

Assim é tambem o vocabulo *Paranã-puca*, cujo *p* se abrandou em *b*, por estar precedido de uma syllaba nazal, pronunciando-se primeiramente *Paranambuc* e hoje *Pernambuco*.

As mutações, sem a influencia da nazalação procedente, são, comtudo, mui communs, dizendo-se: *bibiri*, por *pipiri*, *boboc* por *popoc*.

7—As gutturaes *c*, *g*, se trocam tambem frequentemente sob a influencia nazal da voz precedente, como se vê da desinencia *caba* ou *caua*, dos vocabulos como *Piracicaba*, *Sorocaba*, abrandando-se o *c* em *g*, toda a vez que a voz precedente é nazal como em *porangaba*, *monhangaba*.

O mesmo se dá com o suffixo *cuéra*, como o demonstram os exemplos seguintes *itacuéra*, *paricuéra*, abrandando-se o *c* em *g*, quando o precede uma voz nazal, como em *anhanguéra*, *acanguéra*.

8—Não raro, a guttural *c* se muda para a labial *p*,

como em *lapéra*, por *tacuéra*; *ibirapuéra*, *ipuéra*, por *ibiracuéra*, *icuéra*.

9—Sob a influencia da nazalação precedente, o abrandamento da guttural em uma labial vae até a quéda ou obliteração da lettra, como, por exemplo, no vocabulo *teoncuéra*, que quer dizer *cadaver*, e que tambem se escreve: *teon-goéra*, *teon-boéra* e finalmente *teôéra*.

10—As gutturaes antes de vogal têm o mesmo valor que no portuguez. Por isso, para se supprir a falta do *c* aspero antes do *e*, *i*, *y*, frequente no tupi, é mister empregar-se o *k*, á moda grega, escrevendo-se com essa lettra os vocabulos *kiriri*, *okena*, *okyr*, e não *quiriri*, *oquena*, *oquir*, porque nessa lingua o *u* depois de *q* deve ser sempre liquido.

11—Dá-se o mesmo com a guttural *g*.

Quando esta consoante houver de ser aspera antes de *e*, *i*, *y*, mister é fazel-a seguir de um *h*, escrevendo-se *gh* como nos vocabulos *amoinghê*, *nhamonhanghi*.

Nos nomes *anhanguéra*, *guirá*, *piaguy*, a syllaba *gu* tem o mesmo valor que na palavra portugueza *guella*, isto é, o *u* sempre liquido.

12—A consoante *q* está nos mesmos casos. Os nomes tupis: *itaki*, *itakiri*, *ibakê* não se devem escrever *itaqui*, *itaquiry*, *ibaquê* como ordinariamente se escreve, por o *u* deve ser sempre liquido depois de *q*.

13—As consoantes no fim dos vocabulos se pronunciam perfeitamente como se terminassem por uma vogal brandissima, como, por exemplo, em *menar* ou *mendar*, *aguacem*, que pronunciarão: *menare* ou *mendare* e *aguaceme*.

O *m* final se ha de pronunciar apertando os labios.

14—Os grupos consoantes ou dithongos *mb*, *nd*, *ng*, *nh*, *ch*, são frequentes no tupi, onde é mui sensivel a tendencia para a nazalação.

O primeiro grupo *mb*, cuja gamma nazal particularrissima equivale proximamente a *umb*, ora se reduz por vicio de pronuncia a simples *b*, ora a *m*.

Por essa razão, o celebre vocabulo *mboy* se transformou em alguns logares em *boy* e em outros em *moy*, como se verifica na composição dos vocabulos *boytuva* e *mogy*.

O nome tupy *mbyryty* é outro frisante exemplo. No norte do Brasil se alterou para *burity*, no sul para *myrity*.

15—Riquissima é, porém, a gamma das vogaes tupis.

Ha seis vogaes oraes: *a, e, i, o, u, y*, e outras tantas nazaes, mas as tres primeiras devidamente accentuadas dão tres sons cada uma: *a, â, á; e, ê, é; i, î, í; o, ô, ó; u, ú*.

16—O *y* representa uma vogal guttural especialissima «... que se fórma na garganta, dobrada a lingua com a ponta inclinada abaixo, e lançando o halito opprimido na garganta com um som mixto e confuso entre *i* e mais *u*, e que não sendo *i* nem *u*, envolve a ambos...» (6)

A emissão deste som é seguida de um ruido que o padre Anchieta procurou figurar por um *g* posposto á vogal, escrevendo *yg*.

Outros auctores representaram essa especialissima vogal por: *ĩ, î, ú, î, uĩ, üe, ue, ü, u*.

Exige o objecto deste escripto mais algumas considerações sobre a grammatica desta lingua e o quanto baste para a elucidação de varias questões que ao deante se hão de apresentar.

17—*Do substantivo*.

O substantivo tupi representa coisa ou pessoa materiaes.

Poucos vocabulos tinha a lingua com significações abstractas. A' catechese, a religião nova importada pelos europeus, dada a facilidade de se comporem vocabulos novos, é que se deve a introdução de grande numero dos substantivos abstractos.

18—Usavam os tupis designar se a si mesmos por nomes proprios ou appellidos emphaticos, conforme se verifica dos que a historia ou legenda nos transmittiu:

(6) *Diccionario Portuquez Brasileiro*.

Itagybá, o braço de ferro.

Abaetê, o bravo, o homem illustre.

Tibireçá, os olhos encovados, torvos.

Ybyrayára, o caceteiro.

Yaguanharon, que os poetas transformaram em *Yaguanharo*, a onça brava.

Cunhambêbe, a mulher gorda.

Cururûpeba, o sapo esparralhado.

Poty, o camarão.

Iaparakira, o arco verde.

Os nomes de mulher, que chegaram até nós, trazem um sainete de legenda ou de poesia que talvez não existisse no animo do gentio, e fazem duvidar um pouco da sua authenticidade :

Ibotvra ou *Potyra*, de que Domingos de Magalhães na *Confederação dos Tamoyos* fez Bartira, que quer dizer *flôr*, *bonina*.

Moema ou *Coema*, a aurora.

Iracê ou *Iracema*, a meliflua, a doçura, o fluxo de mel.

Aracê, o nascer do dia, a aurora.

Yandira ou *yandê-ira*, o nosso mel.

Guaracyaba ou *Coaracy-aba*, os cabellos do sol, os cabellos louros, ou bem, a Laura.

Com a introdução do christianismo, o catechumeno passou a trocar o nome pagão pelo do calendario, e a historia nos transmittiu, por frei Vicente do Salvador, os nomes que o gentio affeiçãoou a seu modo, segundo a indole de sua lingua :

Duhi, por Luiz.

Panciciú, por Francisco.

Peró, por Pedro.

19—Os nomes communs tinham grande riqueza e força de expressão :

abá ou *auá*, gente, pessoa

apyába, homem

cunhã, mulher

jaguára, o cão, a onça

tapyra, a anta
guirá, o passaro
caá, folhã, matto
yby, a terra, o chão
ybytyra, o monte, o serro
guá, o valle, a bacia, o seio
pará, o rio, o mar
yç, a agua
ybytú, o ar, o vento
tatá, o fogo.

20—Depois da invasão dos europeus, grande numero de vocabulos portuguezes foram introduzidos no tupi, uns representando animaes, artefactos e objectos importados, como : *cabarú* ou *eavarú*, o cavallo ; *purucú*, porco ; *pana*, pano, tecido ; *papéra*, papel ; *librú* ou *ribrú*, livro ; *mo-caba*, fuzil ; *curuçá* ou *curuzú*, cruz ; *missa*, missa ; *surára*, soldado. Outros foram evidentemente compostos pelos missionarios para exprimir idéas novas, abstractas, segundo o exigia a nova doutrina, taes como : *Ibakê-turyba*, céu, paraizo, ou, litteralmente : *alegria do alto*.

Caraybé : anjo, isto é, o branco que vóa.

Tupana róca, egreja ou casa de Deus.

Anga-tecô, alma peccadora.

Tecô-ayba, peccado.

Yç-carayba, agua benta.

Tupana tayra rangaba, crucifixo, ou imagem do filho de Deus.

Tupana rendaba, sacrario.

Muyra curuçá, roçario.

Yimboêçaba, reza, oração.

21—Os substantivos derivados de verbo se formam accrescentando ao infinito deste o suffixo *caba* que é o substantivador por excellencia, assim, de :

—*monhan*, fazer, fabricar, se fórma *monhancaba*, ou, melhor, *monhangaba*, factura, fabrica, fabricação ;

—*soroc*, ou *sorog*, rasgar, romper, se faz *sorocaba*, rasgão, ruptura ;

—*cycá*, chegar, vir, se faz *cycaba*, chegada, vinda ;

papar, contar, calcular, *papaçaba*, numero, numeração, calculo ;

—*apiac*, vêr, olhar, se faz *apiacaba*, vista, visão, olhada.

22—Quando o substantivo verbal exprime o que faz a acção, o auctor, emprega-se depois do infinito do verbo o suffixo *ára*, ou *çára*, assim, por exemplo: de *monhang*, fazer, operar, se faz *monhangára*, factor, operador, auctor; de *caamondó*, caçar, *caamondóçara* ou *camonoçára*, caçador; de *mondá*, furtar, *mondaçára*, ladrão.

Os substantivos derivados de um adjectivo formam-se com o mesmo suffixo *caba*, como, por exemplo, de *poran*, bello, se fórma *porangaba*, belleza, formosura; de *catú*, bom, *catuçaba*, bondade; de *poxi*, máu; *poxicaba*, maldade.

23—Os substantivos compostos se formam por agglutinação de outros substantivos, de adjectivos e de verbos. Por exemplo, de *ara*, hora, tempo, e *rangaba*, signal, figura, se fez *ararangaba*, relógio; de *yby*, terra, e do adjectivo *peba*, chata, plana, se fez *ybypeba*, planície; *yby*, terra, e do verbo *ryry*, tremor, *ybyryry*, terremoto; de *ybytyra*, monte, e do verbo *poca*, partir, arrebentar, *ybytypoca*, volcão, serro arrebentado.

Com os vocabulos *rerú*, *rendy*, e *acema* ou *acê* se formam grande numero de outros compostos, como se vê de *itajuba*, ouro, e *rerú*, vaso, continente, se formou *itajubarerú*, thesouro; de *jacy*, lua, e *rendy*, estar, *jacyrendy*, luar; de *ira*, mel, *acema* ou *acê*, fluir, correr, *iracema* ou *iracê*, fluencia de mel; de *pirá*, peixe, e *acêma*, sair, se faz *piracêma*, cardume, bando de peixe.

24—São invariaveis na sua terminação para os generos os nomes tupis.

Quando se quer distinguir os sexos, antepõem-se ou pospõem-se aos substantivos os nomes: *apygaua*, macho, e *cunhã*, femêa, dizendo-se então, por exemplo: *yaguara-apygaua*, cão, *yaguara-cunhã*, cadella; *apygaua-monhangára*, auctor; *cunhã-monhangara*, auctora.

25—O plural dos nomes se fórma com o suffixo *etã*, que quer dizer *muitos*. Assim: *oca*, casa, *ocaetã*, as casas; *guaratingu*, a garça, *guaratingaetã*, as garças; *paca*, a paca, *pacaetã*, as pacas. Mas, geralmente, os nomes tupis são invariáveis para o numero.

26—Os collectivos se formam com o emprego de varios suffixos, como *tyba*, *reya*, *rendaba*.

O suffixo *tyba*, que a má pronuncia do y desdobrou em *tiba* ou *tuba*, exprime *abundancia* e vale pelo suffixo portuguez *al* ou *ciro*. Assim é que de *curi*, pinhão, *curityba*, pinhal; de *itã*, pedra, *itatyba*, pedregal; de *rery*, ostra, *rerytyba*, ostreira; *caapii*, capim, *caapityba*, capinzal.

O suffixo *reya* exprime *multidão*, e vale pelo suffixo portuguez *ada*. Assim, de *guirá*, passaro, *guirareya*, passarada; de *tãyaçu*, ou *tanhaçu*, porco, *tayaçureya*, porcada; de *cabarú*, cavallo, *cabarureya*, cavallhada.

O suffixo *rendaba* exprime *collecção* e com elle se fórman, por exemplo: de *potyra*, flôr, *potyrendaba*, jardim, collecção de flôres; de *camoci*, pôte, cantaro, *camocirendaba*, cantareira; de *librú* ou *ribrú*, livro, *libruren-daba*, bibliotheca.

27—O grau augmentativo no tupi se fórma com a posposição ao nome, no grau positivo, de algum dos nomes: *guaçu* ou *acú*, *êtê* ou *têy*; por exemplo: de *pará*, rio, *paraguaçu*, rio caudal, grande; de *yaguara*, cachorro; *yaguarêtê*, cachorrão, onça; de *tamanduá*, tamanduá, *tamanduatêy*, tamanduá grande.

O augmentativo se fórma muitas vezes com a posposição ao positivo da particula *nã*, que exprime *muitas* ou *tantas vezes*, *devêras*, *certamentê*. Assim, de *pará*, rio, se faz *paranã*, rio tantas vezes, rio enorme, mar ou oceano; de *guã*, seio, valle, baixada, se faz *guanã*, seio enorme, consideravel, golfo.

Outras vezes o augmentativo tupi se fórma pela repetição da ultima syllaba da palavra no grau positivo, dizendo, por exemplo, *caetètê*, matto virgem, *caetètê*, matto virgem, extenso, consideravel.

28—O grau diminutivo se fórma com a posposição ao positivo dos vocabulos : *mirim* ou *mini*, pequeno, ou simplesmente da particula *y* ou *im*, como, por exemplo, de *itá*, pedra, *itamirim* ou *itaim* ou *itay*, pedrinha; de *pirá*, peixe, *pirahim* ou *piray*, peixinho; de *abá*, homem, ou *abay abaim*, homemzinho.

O diminutivo no feminino se fórma com a posposição do vocabulo *tahim*, *tay* ou *tem*, como : de *cunhã*, mulher, *cunhãtahim*, ou *cunhãtem*, menina.

29—A declinação dos nomes se faz no tupi por meio de preposições que são antes *posposições*, porque se collocam sempre no fim : Ex. : *Curumi*, o menino; no genitivo de possessão, a coisa possuida ou o nome que a representa, fica depois do nome do possuidor, assim : *curumi-tendyra*, o irmão do menino; *curumi çui*, do menino; *curumi-çupê* ou *curumi-aramã*, ao menino ou para o menino; *curumi-upê*, no menino; *curumi-irumo*, com o menino; *curumi-recê*, pelo menino.

30—Do *adjectivo*. Os adjectivos seguem o substantivo e são invariaveis no genero e no numero : ex. : *po-ranga*, bello, bella, no singular e no plural; *catú*, bom, bôa, em âmbos os numeros; *nharon*, bravo, brava; *pit-tinga*, *tinga* ou *tin*, branco, branca; *morontin*, *murutin* ou *marâtý*, branco, alvo; *una*, *pixuna* ou *biuna*, preto, negro, escuro; *piranga*, *pitanga* ou *pitã*, vermelho; *akira*, verde; *yúba*, amarello; *çugui*, azul; *pixuna-cerane*, roxo.

31—Os adjectivos que se derivam de substantivos formam-se com os suffixos *oéra* ou *rapixára*, como, por exemplo : de *pereba*, sarna, *perebaoéra*, sarnento; de *cunhã*, mulher, *cunhãrapixára*, effeminado.

32—Os adjectivos que se fórmam de outros adjectivos têm por suffixos; *oéra* e *cerane*. Exemplo : de *puxi*, mau, *puxioéra*, malvado, perverso; *pitangacerane*, esbranquiçado; *pixunacerane*, roxo ou annegrado; *pitangacerane*, avermelhado.

33—Os adjectivos derivados de verbos, os participios, se fórmam com o suffixo *uara*, como : de *yucá*, matar, *jucauára*, morto; *çaiçu*, amar, *çaiçuára*, amado.

34—Formam-se ainda adjectivos com os suffixos *ima*, ou *eima*, como : de *ceçá*, olho, *ceçaima*, cego ; *nheenga*, falla, *nheengaeima*, mudo ; *rera*, nome, *reraeima*, pagão ; *imena*, marido, *imenaesima*, viuva ; *paya*, pae, *payaima*, orphão.

35—O grau dos adjectivos se fórma com os suffixos : *peure*, para o comparativo, e *retê*, para o superlativo, como, por exemplo : de *catú*, bom, *catúpeure*, melhor : *caturetê*, optimo ; de *turuçú*, grande, *turuçúpeure*, maior, *turuçúretê*, maximo.

36—Os *adjectivos determinativos* são sómente os numeraes ou quantitativos, os possessivos, os demonstrativos e os indefinitos.

Não ha artigos no tupi.

Os *numeraes* ou *quantitativos* raro excediam de quatro ou cinco entre os selvagens, mas com o contacto civilizador dos europeus, entre os catechumenos e christãos, a numeração decimal se desenvolveu. Primitivamente só havia : *yepê*, um ; *mocõe*, dois ; *moçapira*, tres ; *erundi*, quatro. Mais tarde, porém, a numeração subiu e se acrescentaram então : *uaxiny*, cinco ; *moçuny*, seis ; *ceyé*, sete ; *oicé*, oito ; *oicepê*, nove ; *peyé*, dez. Dahi por deante formaram-se os vocabulos para designar os numeros segundo o processo decimal : *peyé-yepê*, onze ; *peyé-mocõe*, doze ; *peyé-moçapyra*, treze ; *mocõe-peyé*, vinte ; *mocõe-peyé-yepê*, vinte e um ; *mocõe-peyé-mocõe*, vinte e dois, *moçapyra-peyé*, trinta ; *erundi-peyé*, quarenta ; *yepê-papaçaua*, cem ; *mocõe-papaçaua*, duzentos ; *peyé-papaçaua*, mil ; *mocõe-peyé-papaçaua*, dois mil ; *peyé-peyé-papaçaua*, dez mil ; *peyé-papaçaua-yepê-papaçaua*, um milhão.

37—Os *ordinaes* se formam com o suffixo *uara* ; *yepérum-ara*, primeiro ; *mocõe-uara*, segundo ; *moçapirauára*, terceiro ; *peyéuara*, decimo ; *peyéuara-yepê*, undecimo.

38—O *numeral distributivo* se fórma repetindo o cardinal : *yepê-yepê*, um a um ; *mocõe-mocõe*, dois a dois.

39.—Os *adjectivos demonstrativos* são *quahá*, este ; *nhãnhá*, aquelle ; *nhãnhá-amú*, aquelle outro ; *ko*, este, servindo para os dois sexos.

40—Os *adjectivos possessivos* são : *cê*, meu, minha, para ambos os numeros; *nê*, teu, tua; *rê*, seu, sua; *ianê*, nosso, nossa; *penhê*, *pê*, vosso, vossa; *aitá* ou *entá*, seu, delles, dellas.

41—Os *indefinitos* são : *yepê*, um, certo; *amô* ou *amû*, algum, alguma, outro, outra; *cetê*, muito, muita; *aud* ou *abá*, qual; *moby*, quanto, quanta.

42—Os *pronomes pessoas* são : *chê* ou *ichê*, eu; *inê*, tu, *ahê*, elle, ella; *ianê*, nós, *penhê*, vos, *aetá*, elles, ellas.

As variações ou casos do pronome, são : *chêarama*, a mim ou para mim; *chêirumo*, commigo; *inêarama*, a ti ou para ti; *inê irumo*, contigo, e assim os mais.

43—Os *pronomes demonstrativos* são como os adjectivos da mesma classe. Do mesmo modo são os pronomes possessivos.

44—Um dos caracteres morphologicos mais salientes do tupi é a divisão em duas classes dos *themas* quanto ao modo de exprimir as relações de possessão e do genitivo, como passamos a expôr :

Na *primeira classe*, a relação *de mim*, *de ti*, *de nós todos*, *de nós outros* se exprime pospondo aos pronomes pessoas regidos, o *thema* regente, affectado dos prefixos *r*, *re*. Seja, por exemplo, o *thema t-etama*, no estado absoluto ou de não possessão; applicando-lhe, porém, as relações, temos : *cê-r'etama*, minha patria; *nê-r'etama*, tua patria, ou patria de ti; *iane-r'etama*, a patria de nós todos.

A relação *delle*, *della* se exprime pela prefixação de *s* ou *se* ou *ce*, dizendo-se *c'etama* ou *setama*, a patria *delle* ou *della*.

A relação do genitivo se exprime pospondo ao *thema* regido, o *thema* regente affectado dos prefixos *r* ou *re*, com; *aba r'etama*, a patria do homem; *Tupana r'oca*, a casa de Deus.

A relação de *vós* se exprime pospondo ao pronome pessoal regido, o *thema* regente affectado dos prefixos *nd*, *nde*. Ex. : *pê nd'etama*, a patria de *vós* outros.

Na *segunda classe* a relação *de mim*, *de ti*, *de nós todos*, *de nós outros*, *de vós*, se exprimem pospondo sim-

plesmente o thema regente aos pronomes regidos: *ce'tama*, a patria de mim, ou minha patria; *enê curuçá*, a cruz de ti.

A relação do genitivo se exprime com a simples posição do thema regente ao thema regido. Ex.: *guirá-tim*, o bico do passaro; *pirá-ácanga*, a cabeça do peixe; *aba-nheen*, a lingua da gente.

A relação *delle, della* se exprime pela prefixação de *i* ao thema. Ex.: *i-anama*, os parentes delle; *i-kicé*, a faca delle, ou sua faca.

45—O pronome relativo é: *uad*, que, o qual, os que, os quaes, as quaes; pronome que sempre se colloca no fim da phrase a que pertence. Ex.: *a mulher que é bonita*. No tupi a phrase ficará assim disposta: *mulher bonita que*, e se diz: *cunhã poranga uad*.

46—Os pronomes interrogativos são: *aud*, quem, qual, que coisa? *aua-uad*, quem, qual delle, quaes? *maá*, que, qual, qual coisa? *maá-táa*? que, a que?

47—Os pronomes indefinitos são: *aud amô*, alguém; *nitio auá*, ninguém; *opabinhé*, tudo; *nitio-mbaé*, nada.

48—Do verbo. O verbo no tupi não se conjuga como no portuguez e no latim, por modificações na terminação, mas por anteposição de particulas. No portuguez, por exemplo, se diz: *mat-o*, *mat-as*, *mat-a*, *mat-amos*, *mat-aes*, *mat-am*. No tupi, ao contrario, se diz: *a-jucá*, *re-jucá*, *o-jucá*, *ya-jucá*, *pê-jucá*, *o-jucá*, e então se conjuga com os pronomes:

eu mato: *chê ajucá*.

tu matas: *inë rejucá*.

elle mata: *ahé ojucá*.

nós matamos: *ianê yajucá*.

vós mataes: *penhê pêjucá*.

elles matam: *aetá ojucá*.

49—Os tempos dos verbos se indicam por meio das seguintes posposições ou particulas:

Yepê—para o perfeito do indicativo e futuro condicional. Ex.: o imperfeito do indicativo do verbo *pôra* ou *pura*, pular, saltar, se fórma: *cha pôra yepê*, eu pulava; *repôra yepê*, elle pulava; *yapôra yepê*, nós pulavamos;

ana, para o preterito perfeito e voz passiva. Seja por exemplo o mesmo verbo *póra* ou *pura*: *ch'aporana*, eu pulei; *ya porana*, nós pulamos;

cury, para o futuro. Seja por exemplo o verbo *monhan*, fazer, fabricar, *cha monhan cury*, eu farei ou fabricarei;

cuôre, para o presente do conjunctivo. Seja o verbo *icô* ou *icû*, ser ou estar; o presente do conjunctivo é: *ch'a icô cuôre*, que eu seja ou esteja; *pê icô cuôre*, que vós sejaes;

ramé, para o imperfeito e perfeito do conjunctivo e gerundio. No verbo *recô*, ter, haver, por exemplo, se diz: *ch'a recô ramé*, que eu tivesse ou houvesse; *re recô ramé*, que tu tivesses, ou houvesse; *recô ramé*, tendo ou havendo;

mairamé, para o futuro do conjunctivo; assim no mesmo verbo *recô*, se diz: *o recô mairamé*, quando elle tiver ou houver; *ya recô maiaramé*, quando nós tivermos ou houvermos;

rama, para o participio do futuro. No verbo *icô*, ser ou estar, se diz: *o icô rama*, para ser ou estar;

pirama, tambem se emprega para o participio do futuro, como, por exemplo, no verbo *jucá*, matar, se diz: *o jucá pirama*, para matar-se;

ten yepê, para o futuro condicional. No mesmo verbo *jucá*, o futuro condicional se fórma *che ajucá ten yepê*, eu mataria;

uára, para o supino. Assim, no verbo *o manô*, morrer, fallecer, se diz: *o manôuara*, fallecido, morto.

50—O modo imperativo se fórma com a collocação dos pronomes no fim. Ex.: *icô inê*, sê tu; *pê icô penhê*, sede vós; *çaicû inê*, ama tu; *pê çaicû*, amae vós.

No tupi do Norte o imperativo se fórma com anteposição ao verbo do indice *re* do aoristo: Ex.: *re icô*, sê tu; *re monhan*; faze tu.

51—A conjugação dos verbos pela *negativa* se obtem antepondo-lhes o adverbio *enti* ou *ti*. Ex.: *enti o pora*,

não pular; *enti o póra ichê*, não pular eu; *enti o póra ramé*, não pulando; *enti o póra uara*, não pulado; *enti o póra rama*, para não ser pulado; *enti cha póra* ou *pure*, eu não pulo; *enti cha póra yepê*, eu não pulava; *enti cha póra ana*, eu não pulei; *ten re póra*, não pula tu; *ten pé póra*, não pulae vós.

52—Para conjugar os verbos pela *interrogativa* ou *dubitativa*, basta pospôr á fôrma regular dos tempos a particula *cerá*, a qual, entretanto, não se emprega nas primeiras pessoas. Ex.: o verbo *monhan*, fazer: *che monhan?* eu faço?; *re monhan cá?* tu fazes?; *o monhan cá?* elle faz?; *chê monhan yepê cá?* eu fazia?; *re monhan cury cá?* tu farás?

53—Os verbos auxiliares no tupi são: *icô* ou *ikú*, ser eu estar, e *recô* ou *rikú*, ter ou haver, que se conjugam regularmente.

54—A voz passiva se fôrma com a posposição do auxiliar *icô* aos verbos activos. Ex.: o verbo *çaicu*, amar; *çaicú icô*, ser amado; *cha çaicu icô*, eu sou amado; *cha çaicu icô yepê*, eu era amado; *cha çaicu icô anã*, eu fui amado.

55—Os verbos reflexivos se exprimem com a prefixação ao thema verbal das particulas: *je* ou *jú*, *nhê*, *nhi*, segundo a gamma deste. Ex.: *je juká*, matar-se; *a-je-juká*, eu me mato; *re-je-juká*, tu te matas; *a-ye-juká-yepê*, eu me matava; também se diz: *je-juká-ichê*, eu me mato, *je-juká-inê*, tu te matas. O verbo *nhê-mombeú*, confessar-se, se conjuga: *a-nhê-mombeú*, eu me confesso; *re-nhê-mombeú*, tu te confessas.

56—Os verbos de acção reciproca se exprimem pela prefixação das particulas *jô* ou *jú* e *nhô*, conforme a gamma do thema. Ex.: o verbo *çaicú*, amar; *jo çaicú*, amar-se um ao outro; *ya-jo-çaicú*, nós nos amamos uns aos outros; *aeta-jo-çaicú-yepê*, elles se amavam uns aos outros, O verbo *nhô nupã*, bater-se um ao outro; *o nhô nupã cury*, elles se baterão uns nos outros.

57—O gerundio supino, hem como os participios nominaes são de grande valor no tupi. O gerundio supino

se fôrma com a posposição ao thema da particula *bo* ou *abo* ou *uabo*. Ex. : *çaiçú*, amar, *çaiçu-abo*, amando ; *uatá*, andar, passear, *uatá-bo*, passeiando ; *jaceó*, chorar, *jaceó-uabo*, chorando.

Os participios nominaes se fôrma com os suffixos *çára* ou *çaba*. Ex. : *çaiçúcara*, aquelle que ama, o amante, o amador ; *çaiçuçaba*, onde se ama, o amor, o tempo de amar, o modo de amar ; *uatáçára*, o viajante, o caminheiro ; *uataçaba*, a viagem, o passeio.

Nos verbos terminados em *r*, o gerundio supino de fôrma com a syncope de *r*. Ex. : *jebyr*, voltear, *jebybo*, volteando. Nos verbos que terminam por uma vogal nasal accentuada, o gerundio supino se faz em *mo*. Ex. : *kaê*, seccar ; *kaêmo*, seccando ; *apirô*, soluçar ; *atirô-mo*, soluçando. Nos verbos terminados em *m*, o gerundio supino como os participios se fôrma com os suffixos *a* ou *ba*, *bara* e *baba*. Ex. : o verbo *pem*, aguçar, fazer esquina, atravessar ; *pem-a* ou *pem-ba*, aguçando, fazendo esquina, atravessando ; *pem-bara*, o que aguça, o que atravessa ; *pem-baba*, o angulo, a esquina.

Os verbos terminados em *n* fazem o gerundio em *a* ou *da*. Ex. : *apin*, pellar, raspar, *apin-a* ou *apin-da*, pellando ou raspando. Os participios nominaes se fôrma com os suffixos *daôra*, *daba* ; assim *apin-dara*, o que pella, o pellador ; *apin-daba*, onde se pella, o tempo de pellar, a raspção.

Os themas terminados em *ng* fôrma o gerundio em *a*, como *monhang*, fazer, *monhang-a*, fazendo. Os participios nominaes fazem-se em *ára* e *aba*, como *monhangára*, o que faz, o factor ; *monhang-aba*, onde se faz, o tempo de fazer, a fabrica.

Quando os themas são de gamma nasal a consoante final sendo instavel ou variavel, a formação dos gerundios e participios se torna irregular. Ex. : *pam*, bater, o respectivo gerundio se apresenta sob as fôrmas : *pam-a*, *pan-a*, *pang-a*, batendo.

Os verbos terminados em *b*, como *endub*, ouvir, escutar, formam o gerundio supino, *endup-a*, ouvindo, escu-

tando ; os participios nominaes : *endup-ára*, ouvinte ; *endup-ába*, audição.

Os verbos terminados em *g*, como *epiag*, vêr, formam o gerundio *epiak-a*, vendo ; os participios nominaes : *epiak-ára*, o que vê, o vedor ; *epiak-aba*, vista, visão, lugar de vêr, momento de vêr. Do verbo *bog* ou *pog*, rachar, fender-se, se fôrma, *bok-a*, rachando-se, fendendo-se ; *bok-ára*, o que se racha ou o que se fende ; *bok-aba* ou *pok-apa*, o lugar de rachar, o momento de rachar, a fenda, a racha. No Norte do Brasil, em vez de *bog* ou *pog*, dizia-se *bug* ou *pug*, donde *búk-a* ou *puk-a*, fendendo-se ou partindo-se ou arrebetando-se ; e *puk-ára*, o que se parte ou se arrebeta ; e *puk-aba*, o lugar de arrebetar-se, a arrebetação.

Os verbos que terminam em diphtongo palatal oral como *kái*, queimar-se, formam o gerundio supino : *kai-t-a*, queimando-se ; os participios nominaes : *kai-tara*, queimador ; *kai-taba*, queimação ou cremação.

Os verbos terminados em diphtongo palatal nazal, como o verbo *mói*, cozinhar, formam o gerundio supino : *môi-na*, cozinhando ; os participios verbaes ; *môi-ndara*, cozinador, cozinheiro ; *môi-ndaba*, cozinha, o lugar de cozinhar.

No *nheengatú*, ou tupi do Norte, o gerundio supino é supprido pelo conjunctivo ou pela juxtaposição dos dois verbos ao aoristo. Ex. : *uatá*, ir, passeiar, *uatá ramé*, indo, passeiando ; *çaiçú*, amar, *çaiçú-ramé*, amando. Com o aoristo : *ae-o-só-ó-maan*, elle foi vêr ; *cha só cha maan*, eu vou vêr.

Nos verbos intransitivos que se conjugam com o auxilio dos suffixos *a*, *ere*, *o*, tomam no gerundio supino os indices *gui* ou *ui* e *o*. Ex. : *só*, ir ; *gui-só-bo*, indo eu ; *e-só-bo*, indo tu ; *o-só-bo*, indo elle.

58—O participio passado adjectivo se fôrma com o suffixo *pyra*, *byra* aos themas verbaes transitivos affectados de um dos pronomes da 3.^a pessoa. Ex. : *i-juká-pyra*, o morto, ou o sacrificado ; *i-çaiçú-pyra*, o amado ; *i-kai-pyra*, o queimado.

59—O participio passado substantivo se fórma com os prefixos : *tembi*, *rembi*, *sembi*, *gemi* ou *temi*, *remi*, *semi*, *gemi*, segundo a gamma dos themas. Ex. : *semi-juká*, o que elle matou ; *temimboé*, o discipulo, o ensinado ; *temi-rekô*, a esposa ou a desposada.

60—No tupi, o substantivo, os adjectivos, os verbos no infinito, os participios fórmam diversos tempos com o emprego dos suffixos *coéra*, *rama*, e dos suffixos compostos : *coérama*, *rangué*. Ex. : *pirá-coéra*, o peixe que foi, ou extinto ; *pirá-rama*, o peixe que ha de ser ; *pirá-coérama*, o peixe que seja ; *pirá-rangué*, o peixe que seria ; *o-juká-baerama*, aquelle que está para se matar ; *y-juká-pyrama*, o que está para ser morto, ou a victima.

Ainda conforme a gamma dos themas, os suffixos empregados se alteram para *puéra* ou *boéra* e *guama*. Ex. : *taba*, a aldêa, *tapéra* ou *taguera*, aldêa extincta ; *ta-guama*, aldêa que será ; *tuba*, pae, *tuguera*, pae fallecido, *tu-guama*, pae vindouro.

61—A particula *guára*, sem duvida procedente de *t'ekwara*, participio nominal de *t'icô*, ser, com os seus tempos : *guaréra* e *guarama* são de uso frequente na formação dos nomes tupis. Ex. : *s'oba y-guara* ou *çobayguara*, estando em face ou defronte delle, o que vem de outra banda, o que está da banda de além, o estrangeiro ; *amu tetamaguara*, aquelle de outra terra ou patria, o fora-teiro ; *Paraguay-i-guara*, o paraguayo ; *yby-pe-guara* sendo na mesma terra, o conterraneo ; *pará-peguara*, sendo do mar, ou o maritimo ; *amúyby-pe-guaréra*, aquelles que ficaram na terra ; *oca-munhã guarama*, casa para fazer-se.

62—As posposições no tupi equivalem ás preposições das linguas cultas, e são, muitas vezes, verdadeiros suffixos.

A posposição *i*, á, para, em. Ex. : *apir-i*, no cume, no auge ; *pyta-i*, ao pé.

Be ou *me*, a, para. Ex. : *che-be*, a mim ; *pêe-me*, a vós.

Bo, *mo*, em, por. Ex. : *ichê-bo*, a mim ; *o-ti-mo*, ao nariz.

Pe, me, a, em, para, com. Ex.: *Nhu-me*, no campo; *Camamú-pe*, ao Camamú; *Taguay-pe*, para o rio amarello ou no rio amarello.

Pypé, mbypé, a, em, com, que também se escreve *pupé* ou *popé*. Ex.: *ygara pupé*, na canôa; *ce róca pupé*, na minha casa; *ce acan mbypé*, na minha cabeça.

Koty, para, até, também escripto *kety* e *keté*. Ex.: *mairy kité*, em direcção á cidade; *che coty*, para mim.

Pyri ou *pére, pire*, para, com, em casa de. Ex.: *Cunhambebe-pire*, em casa de Cunhambebe.

Riré, depois. Ex.: *ara-riré*, depois do dia.

Opé ou *upé*, a, para, em. Ex.: *Jundiahy mairy upé*, na cidade de Jundiahy.

Upi ou *supi* ou *rupi*, por, com, sobre, para. Ex.: *nhu-rupi-auatú*, eu vou pelo campo; *pê-rupi*, pelo caminho.

Recê, ecê, cecê, para, com. Ex.: *chê recê*, para mim; *cecê*, para elle; *rangaua recê*, pelo signal.

Ugi ou *uhi* ou *çuhi*, de, entre, dentro. Ex.: *a-cêmtaba çuhi*, eu parto da aldêa; *a-çu-mairyçuhy*, eu venho da cidade.

63—Os adverbios são :

De lugar: *mamé*, onde; *iké*, aqui; *mime*, alli; *arpe*, acima; *uerpe*, abaixo; *apé*, longe; *apé-katu*, lá, longe.

De tempo: *mairamé*, quando; *koité*, então; *ajii* ou *uhy*, hoje; *uirandé*, amanha; *kisé*, hontem; *amôkisé*, ante-hontem; *kury*, já, agora; *ariry*, depois; *ranhé*, ainda.

De quantidade: *uetepe*, muito, bastante; *amoiré*, mais; *chinga*, menos, apenas; *pau* ou *pauué*, tão, tanto; *muôre*, quão, quanto; *retê*, demais; *nhum*, só; *nhonte*, sómente; *mirente*, quasi; *upaem*, assaz.

De modo: *cateunte* ou *ecatú*, bem; *meoán*, mal; *yauê*, assim; *mahy*, como; *empó*, talvez.

Em geral, os adverbios de modo, os terminados em *mente*, se fórman pospondo aos ajectivos ou substantivos o suffixo *rupy* ou *retê*. Ex.: *meuê-rupy*, vagarosamente; *catú-rupy*, licitamente; *çantanrupy*, duramente; *piááhybarupy*, apaixonadamente; *caturetê*, excellentemente.

De affirmação : *heen*, sim ; *çupi catú*, certamente ; *çupirupy*, realmente.

De designação : *cocicô*, eis, eis aqui.

De interrogação : *maiabê*, como ? *mbaé-recê*, porque ? *mbaé-ramé*, quando ?

De negação : *ani*, *nitio*, *enti*, *onti*, não ; *nitio mbaé*, nada ; *âne*, nunca.

64—As conjuncções são :

Copulativas : *y* ou *auê*, e, também ; *madá*, que ; *chê* ou *cê*, si ;

Disjunctivas : *u*, ou ; *ni*, nem ;

Continuativas : *anhê*, pois.

Adversativas : *arery*, mas, porém, todavia.

Conclusivas : *açuhy*, logo, portanto.

Condicionaes : *çae*, si.

Causaes : *mahy*, como, porque, porquanto.

Concessivas : *ajubê*, embóra.

65—DA SYNTAXE. A syntaxe tupi é singela. A oração tem tres membros essenciaes : sujeito, verbo e attributo, ou melhor : *sujeito e predicado*. Ex. : Deus é bom.

Tupan oicô catú.

O passaro canta.

Guirá nheen.

Minha terra tem palmeiras.

Ce retama oreô pindôetá.

66—No tupi não se póde como no latim ou no portuguez exprimir a oração por uma só palavra, porque os verbos não variando de terminação exigem a presença dos pronomes, não obstante os prefixos que assignalam as pessoas. Ex. : *amo*, no tupi se diz : *cha çaicú*, eu amo.

A ordem directa é a natural na construcção da phrase tupi, mas arranjada de modo que as preposições e conjuncções vão para o fim e sempre após o thema regido.

Ex. : *O caçador e o cão entraram no matto*.

No tupy se deve dispôr deste modo :

Caçador cão e entraram matto no : *camonoçára yauára irumo oikéana caá opé*.

E' como se dissesse: caçador, cão junctos entraram matto dentro.

Demos mais alguns exemplos:

Minha terra tem palmeiras

Ce retama orecô pindóetá

Onde canta o sabiá

Mâmé çabiá onheen,

As aves que aqui gorgeariam

Guirá onheengare iké uai

Não gorgeariam como lá

Inti actá onheen aêpe iauê

Ex.: *Aos socios do Instituto offerece o auctor.*

A phrase se deve dispôr:

Instituto socios para offerece auctor:

Instituto irumogoara supê omehen monhangara.

CAPÍTULO III

Das alterações phonicas no tupi sob a influencia da lingua portugueza

67—As duas linguas, portugueza e tupi, em contacto no Brasil, por um largo periodo de annos, experimentaram, ao calor uma da outra, quer no vocabulario, quer na phonologia, uma acção identica ao que em calorimetria se denomina *equilibrio movel* de temperatura de dois corpos em presença. As duas linguas em niveis differentes, se foram com effeito alterando, trocando entre si elementos, assimilando palavras, segundo a phonetica peculiar a cada uma, até o apparecimento de um idioma geral, médio, uma lingua *brasilica*, fallada pela maioria da população da colonia nos dois seculos que se seguiram ao descobrimento.

Tinha-lhe já a Arte deduzido as regras grammaticaes, como a escripta lhe fixára o vocabulario.

As palavras passaram a ter fórmulas fixas, perdendo aquelle dubio e indefinido character em que as mantinham a difficilima apprehensão das articulações e a diversidade e vicios de pronunciação de uma tribu para outra.

Mais rapida e proveitosa evolução assumiu então o tupi, a despeito da decisiva ascendencia que o portuguez ao depois adquiriu. Verifica-se com effeito, das publicações do seculo XVIII, comparadas com as dos dois seculos precedentes, que o tupi melhora sensivelmente.

O tupi antigo, segundo se colhe dos trabalhos de Anchieta e de Figueira, mais chegado ao fallar do selvagem, não é de certo o nheengatú de hoje, de que tractam Magalhães e Barbosa Rodrigues, como não é o tupi de

que temos noticia pelo dictionario *Portuguez-Brasilião* e pelo de Ferreira Franca, este, sem duvida, referente a' manuscrito anterior a 1757 e aquelle de 1735 (1).

Observa-se na verdade que o tupi, como *lingua geral*, ganhára em vocalisação, tornára-se meños fanhoso ou nazal, e simplificaram-se-lhe as palavras, caindo grande numero de sons asperos ou gutturaes. A gamma das vogaes se reduziu a um minimo a que o proprio portuguez não escapou.

68—Quando, emfim, o tupi cede o passo ao portuguez e desaparece até dentre as populações do campo, o residuo que d'elle perdurou nas denominações dos utensis, das plantas, animaes e das localidades, trouxe já de época remota as alterações phonicas que bem evidenciam a força assimiladora, cedo exercida pela lingua culta que ficou predominando. Assim é que as consoantes duplas: *mb*, *nb*, *nt*, participantes de uma branda nazalação, se dobraram ou se reduziram a uma consoante simples, dizendo-se então: *baé* ou *maé* por *mbaé*; *boy* ou *moy* por *mboy*; *enê* por *ndê*; *nitio* ou *inti* por *ntio*. Os nomes geographicos: *Baependy*, *Maecuriú*, *Boypeba*, *Mogy* ou *Moygy*, *Antimary*, são frisantes exemplos.

69—Tambem o som nasal final em *an* ou *on* tomou logo o timbre portuguez em *ão*, dizendo-se por isso *Maranhão* por *Maranan* ou *Maraná*; *Banharão* por *Mbaénharon*; *Jaguarão* por *Jaguanharon*.

Mais geralmente, porém, o som nasal em *ã* ou *an* final dos vocabulos tupis, transformou-se, sob a influencia do portuguez, em *á* agudo, dizendo-se, por exemplo: *Paraná* por *Paraná*, *Guayaná* por *Guayanã*, *irapua* por *irapuan*.

70—Observa-se a mesma alteração com o som nasal *im* ou *i*, do final de certos vocabulos, como por exemplo: *poti* por *potim* ou *poty*, o camarão; *camocim* ou *cam-*

(1) A arte e vocabulario de Anchieta são de 1595; as do padre Figueira, sob o titulo: Arte da grammatica da lingua do Brasil, traz a data de 1611.

bucim, cantaro, passou a ser pronunciado *camoci* ou *cam-bocy*; *tuyutim*, lameiro branco, pronunciou-se *tuyuty*.

71—A vogal *e*, com accento tónico na penultima syllaba dos vocabulos tupis, passou a valer pelo diphtongo *ei*, dizendo-se commummente: *capueira* por *caapuêra*; *ipueira*, por *ypuêra*; *pereira* por *pyrêra*.

72—A vogal pura *o* substituiu-se quasi que geralmente por *u*, no meio dos vocabulos e no *Nheengatú* do Amazonas até na ultima syllaba delles. Nos escriptos dos seculos XVI a XVIII se lê sempre: *coêra* ou *goêra*, *goá coára* que hoje se escrevem e se pronunciam commummente: *cuêra* ou *guêra*, *guá*, *cuára* ou *quára*.

O verbo *icô*, ser ou estar, é pronunciado no Amazonas *icú*; assim como o verbo *ricô*, ter, pronuncia-se *ricú*; *amô*, outro, *amú*.

73—As vogaes duplas: *aa* e *ii*, contrairam-se em uma só, guardando, todavia, o accento primitivo; assim é que se diz hoje *capim* por *caapiy* ou *caapii*; *catínga* por *caatínga*; *capueira* por *caá-poêra*; *tapyira* hoje se pronuncia commummente *tapira*, a anta.

74—Certos vocabulos que entram mui frequentemente na composição das denominações geographicas experimentaram desde cedo alterações phonicas que a prosodia portugueza perfeitamente explica.

Examinemos cada um destes vocabulos com mais vagar, á começar por aquelles que exprimem os quatro principaes elementos dos antigos: a *agua*, a *terra*, o *ar* e o *fogo*:

75—Y, a agua monosyllabo que é uma vogal guttural unica, e quenenhuma graphia conseguiu ainda representar exactamente; dahi tambem a variedade de sons que se lhe tem attribuido. Não existindo no portuguez o som do *y* grego, ou *u* dos francezes, a pronuncia da guttural tupi ficou, ora equivalente a *i* simples, como nos vocabulos: *Icatú*, *Ipanema*, ora equivalente a *u*, como em *Utinga*, *Umirim*.

Outras vezes, se procurou representar ou simular o som guttural do vocabulo, por meio de um *h* anteposto,

ou de um *g* posposto, escrevendo-se *Hicatú*, agua bôa ; *Hipanema*, agua ruim ; *Piráhy*, rio do Peixe ; *Iperuig* ou *Ipirú-yg*, rio do Tubarão.

No norte do Brasil, o som guttural do *y*, no fim dos vocabulos tupis, deixou, comtudo, vestígios da sua primitiva e difficil pronunciação, representada na syllaba final *ibe* ou *ipe*, que aliás é branda, como se vê nos nomes : *Jaguaripe* ou *Jaguaribe*, *Capibaribe*, *Tabagibe* ou *Tabagipe*, *Paripe*, que no sul do Brasil se pronunciam commummente : *Jaguary*, *Capivary*, *Tabagy* e *Pary*.

Da mesma edifficil vocalisação do *y*, cuja gamma, como dissemos, está entre *i* e *u*, resultou a desinencia em *u* ou *hu*, que se nota em certas denominações do norte e sul do Brasil, como em *Mojú* ou *Moyú*, rio das cobras ; *Cunhaú* ou *Cunhã-hú*, rio das mulheres ; *Mondahú*, rio do furto ; *Tambahú*, rio das conchas ; *Anhangaba-hú*, rio da maldade ou das diabruras, os quaes se poderão escrever tambem : *Mogy*, *Cunhãhy*, *Mondahy*, *Tambahy*, *Anhangabahy*.

A imperfeição no emittir o som da guttural *y* chegou ao ponto de se dizer no Ceará *Acaracú*, por *Acarahú* ou *Acarahy*, donde procede a tão debatida denominação *Caracú* dada a uma variedade de gado bovino, nos sertões do centro e do sul do Brasil.

Não raro, o *y* inicial e médio de certos vocabulos tupis se alterou tambem para *o*, escrevendo-se muitas vezes *Otinga*, por *Utinga*, ou melhor *Ytinga*, agua branca ; *Oriçanga* ou *Ouriçanga* por *U-röyçang* ou *Y-royçanga*, agua fria ; *Paraopeba*, por *Pará-u-peba*, ou melhor *Pará-y-peba*, rio de agua rasa.

Em documentos de 1720 a 1723, publicados no *Archivo do Estado de S. Paulo*, sob a direcção do nosso consocio dr. Antonio de Toledo Piza, se lê o nome da cidade de *Ytú* com a graphia *Outú*, o que bem revela que, nessa época, ainda passava pelo cadinho da assimilação a difficil guttural *y*.

76—*Yby*, a terra, o sólo, de que a vocalisação imperfeita

do y grego entre os portuguezes, cedo corrompeu a prosodia do vocabulo dizendo-se, ora *ibi*, como se verifica nos nomes: *ibiapina*, terra calva ou pellada; *ibicui*, areia; ora *ubu* (1), que, pela apherese do *u* da primeira syllaba, se reduziu a *bu* e ainda a *bo*. Esta ultima corruptela, já se notava em fins do seculo XVI. Na Historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador, escripta em 1627, já se lê o nome da serra interposta ao Ceará e Piauihy com a graphia *Boapaba* por *Ibiapaba*. O nome *bossoroca* que outros ainda dizem *vossoroca* procede de corruptella identica. Em vez de *Yby-soroc*, terra rasgada ou fendida, se passou a dizer a principio *ubu-soroc* e depois, pela aphérese do primeiro *u*, *bu-soroc* e dahi *bossoroca* ou *vossoroca*, como é hoje vulgar.

Os nomes : *Butantan*, *Bupeva* não são senão corruptellas de *Yby-tantan*, e de *Yby-peba*, explicaveis do mesmo modo e significando a primeira, *terra firme* ou *dura*, e a segunda, *planicie* ou *terra-chã*.

Mas não obstante essa tendencia corruptora, evidenciada desde seculos, o nome *Yby*, como radical, tem resistido intacto ou apenas modificado, na sua graphia verdadeira, em certos vocabulos para cuja composição concorre, dizendo-se, por exemplo: *Ibitinga*, por *Yby-tinga*, terra branca ; *Ibiapaba*, por *Yby-a-paua*, chapado ou plano.

77—*Ybytú*, o vento, o ar, o clima, a nuvem é vocabulo composto de *Yby*, terra, e de *tú* golpe, tombo, impulso, quêda, soffreu desde cedo as mesmas corruptellas do seu radical, já anteriormente apontadas.

A principio se pronunciava alterado em *ibitu*, *ibutu* ou *ubutú*, mas depois, pela quêda da primeira syllaba se passou a dizer *bitu* ou *butu* e ainda *botú* ou *votú*.

(1) O conselheiro Martin Francisco, o velho, no seu Diario de uma Viagem Mineralogica (R. I. Hist., tom. 9.º, p. 527) refere haver colhido no 'Juquiá sementes de *ubucuúba*. E' a mesma *yby-cuyba* de outros logares do Brasil.

Em documentos antigos, dos seculos XVII e XVIII, se encontram especimens das ditas corruptellas. O nome *Botucavarú* é disso notavel exemplo.

No ultimo quartel do seculo passado, deram os habitantes de Sorocaba de buscar minas de ouro para os lados da Serra do Mar, de cujo cimo divisavam em longinquo horisonte altissimo monte, coroadado de nuvens. Os roteiros do tempo davam-lhe sete a oito leguas de comprido e o qualificavam de *desformemente alto*. Tal era o lendario *Botucavarú*, descoberto por João Baptista Victoriano em 1780. Nesse tempo ainda se escrevia *Ivutucavarú*, como se verifica de velhos documentos do archivo do Estado de S. Paulo. A corrupção, porém, do vocabulo tupi começava apenas, dizendo-se então : *Ivutu-cavarú* por *Ybytú-cavarú* que quer dizer : *cavallo das nuvens*, isto é, monte em cujo cimo as nuvens pousam ou ficam a cavalleiro.

O nome *Botucatú*, que procede do mesmo radical *Ybytú* é outra corruptella de procedencia antiga. Em documento de 1772, quando se tractava de assegurar e abastecer a praça de *Guatemy* na fronteira do Paraguay, já se faz referenciã aos campos do *Botucatú*, por onde passava a nova estrada do sertão, na direcção daquella praça. A graphia do vocabulo tupi, andava, porém, incerta, escrevia-se *Botucatú*, *Ubutucatú* e este ultimo ainda alterado para *Wutucatú* (1).

Mas esta ultima graphia deixa bem perceber que o primitivo vocabulo *Ybytu-catú*, que quer dizer *bons ares*, primeiro se alterou para *Ubutu-cutú*, de que, aliás, pela apphérese do *u* inicial se fez *Butu-catú*.

Os nomes *Butucoára*, *Boturoca*, *Botujurú* são, pelo mesmo processo, corruptellas dos vocabulos tupis : *Ybytu-coára*, que quer dizer *buraco do vento* ou *furo do vento*, isto é, *garganta por onde sopra o vento*, do mesmo modo que *ybytu-róca*, casa do vento, e *ybytu-jurú*, bocca do vento.

(1) Archivo do Estado de S. Paulo, vol. III, pag. 53.

Os tres vocabulos são, por tanto, identicos na acceção geographica, representando ou significando uma depressão ou garganta nas montanhas por onde os ventos ou as nuvens se encaminham, equivalendo assim ao que hoje se denomina *bocaina*.

Não raro se confunde o radical de taes vocabulos depois de alterados com a palavra *motuca* ou *butuca*, que no tupi designa a conhecida mosca sanguinosa, e dahi as erroneas interpretações correntes, a que mais adiante voltaremos.

78—*Tatá*, o fogo, o lume, é vocabulo que tambem se alterou na linguagem vulgar, em grande numero de casos em que entra na com posição de outros vocabulos. Assim é que se diz hoje, commummente, *tatapora* por *tatápora*, que quer dizer *fogo*, *irrompeu* ou *erupção*, afogoeamento da pelle; *sasurana* ou *taturana* por *tatárana* que se applica a uma grande lagarta de tom avermelhado e que, na verdade, significa *tirando a fogo* ou *afogueada*, razão porque em alguns logares são taes larvas conhecidas por *lagartas de fogo*.

Não raro, a corrupção do vocabulo *tatá* se dá pela paragoge accrescentando-se um *u* no fim, e dizendo-se por exemplo: *Tatauhy*, por *Tatá-hy*, que quer dizer *rio do fogo*.

79—Examinemos agóra os vocabulos tupis com acceção geographica, de emprego mais frequente e cuja corrupção mais convém conhecer.

Comecemos pelas denominações applicadas á terra e aos varios aspectos do seu relevo.

Já vimos que o vocabulo *yby*, a terra, o sólo, estando independente na phrase, guardou a fôrma *ibi*, mas entrando na composição de outros vocabulos se alterou para *ubú*, *bú*, *bó* ou *vó*.

80—A terra elevada, ou uma simples elevação, se diz no tupi *itira* ou *atyra*, que mais propriamente quer dizer *cabeço*, *montão*, *cumulo*. Este vocabulo entra na composição de muitos outros, e, por effeito dos metaplasmas, apparece, não raro, alterado para *tyra*, *tyr*, *try* e *tra*, e

ainda em *tura*, *tur*, como se verifica dos nomes : *Ibityra*, *Tripiui*, *Trapuã*, *Turuna*, que não são senão *Iby-ityra*, terra elevada; *Ityra-poi*, monte delgado ou estreito; *Itira-puã*, cabeça redondo; *Ityr-una*, cabeça escuro, altura negra.

81—A montanha, ou serro elevado se diz no tupi *ybytyra*, que como acima dissemos se decompõe em *yby-ityra*, isto é, *elevação da terra* ou *terra alta*. A alteração metaplastica desse vocabulo é a mesma dos seus elementos componentes (veja-se 76 e 80); por isso, é frequente encontrarem-se denominações de logares com as graphias do radical: *butur*, *ibitur*, *bitur*, fórmulas alteradas de *ybytyra*, as quaes se não devem confundir com as do vocabulo *ybytú*, que, como se vê do § 77, não encerram o *r*, aliás persistente nas alterações do vocabulo *Ybytyra*. Os nomes *Buturuna* ou *Voturuna* e *Ibituruna*, por exemplo, são identicos, encerrando os mesmos elementos correspondentes: *Ybytyra-una*, que quer dizer *monte negro*.

O nome *voturantim*, do conhecido salto do rio Sorocaba, é corruptella do *Ybytyratim*, de que o primeiro vocabulo se alterou para *butura* ou *votura*, e o segundo não é senão a fórmula contracta de *tinga*, branco, branca, commum no dialecto guarany que chegou ate S. Paulo.

Portanto, *voturantim* significa mui propriamente: *montanha branca*, pois que o salto de Sorocaba, neste lugar, não é mais do que uma encosta alta, coberta de um alvo manto de espumas.

A denominação dada á famosa serra de excellente clima no Ceará, *Baturité*, é um notavel exemplo da corrupção dos vocabulos tupis. Em outro tempo se chamou *Buturitê*, e ainda hoje, entre os homens do sertão se diz *Butritê*, guardando melhor o primitivo radical; pois que *Buturitê* é simples corruptella de *Ybytyra-etê*, transformado primeiro em *Ubutura-etê*, ou *Butureté* que quer dizer *montanha verdadeira*, isto é, a *serra*.

Por desconhecer a alteração do primeiro vocabulo componente é que José de Alencar, nas notas do seu romanse *Iracema*, interpretou o nome *Baturité* como alteração

de *Batuirá-eté* narceja verdadeira, que nenhuma relação tem com o objecto denominado ou com a localidade.

82. — O pico ou o monte agúdo se diz no tupi *itaimbé* ou *Ytá-aymbé* que litteralmente significa: pedra afilada ou ponteagúda, como também se diz *itatim*, significando nariz ou ponta de pedra. O primeiro vocabulo se alterou, porém, para *itambé*, e com elle se designam em alguns logares as pontas de pedra, as escarpas e arestas vivas nas encostas rochosas dos montes. Em Minas Geraes, um dos pontos culminantes do seu systema orographico, na terra do Espinhaço, se denomina *Itambé*.

O vocabulo *itatim* se conservou, porém, inalterado, e com essa denominação se conhece no territorio paulista, na sua zona maritima, uma alta serra, a dos *Itatins*, que é como se dissesse: a serra dos picos, pelos muitos e bem caracterisados que nessa montanha se descobrem.

83. — O planalto ou a chapada se denominava *Ybyapaba*, cuja corrupção já vimos anteriormente vae desde o nome *ibiapaba* até *boapaba*, como se lê em antigos historiadores.

84. — O valle, a bacia, o seio, a depressão entre montanhas se dizia no tupi: *Ibyty-goaya* ou simplesmente *goá* ou *guá*, que se vê empregado na composição dos vocabulos *Paranagó*, *Jaraguá*, *Paragó*, *Igoá*. Não raro, se encontra o vocabulo *goá* seguido da particula *pe*, posição de quietude, valendo pela preposição *em* ou *a*, como pôde simplesmente representar um vicio de pronuncia. Assim é que se diz hoje *Iguaape* em vez de *Igoá*; *Maranguape*, por *Maranguá*.

Portanto, os vocabulos *Igoape* e *Maranguape* se pôdem traduzir ou no seio da agua, que é o mesmo que no lagamar, no valle da batalha, ou simplesmente lagamar e valle da batalha.

O extranho nome *Jacarépaguá*, denominação de uma lagôa no territorio do Rio de Janeiro, não é mais que a corruptella do tupi *yacaré-upá-guá*, que se traduz: valle ou baixada da lagôa dos jacarés.

85. — O deserto, a região despovoada e esteril, se diz

no tupi: *porapora-cyma*, que litteralmente significa *sem habitantes*, donde, por conhecida corruptella, vem o nome *Borborema*, da elevada serra que, como uma extensa chapada, se estende desde o Rio Grande do Norte, através da Parahyba até Pernambuco.

86. — O sertão, o territorio interior desconhecido, para onde se refugiaram as tribus *tapuyas* expellidas do litoral, se dizia no tupi: *Tapuyrama*, cuja traducção é: *região dos tapuyas* ou *dos barbaros*.

85. — O campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente se denomina *nhu*, que a corruptella alterou muitas vezes para *inhum* e até para *nu*. Os nomes *Iuhumirim* e *Nuporanga* são exemplos dessa alteração do primitivo vocabulo, devendo-se escrever *nhumirim*, campinho, *nhuporanga*, campo bello.

O conhecido vocabulo *jundú* usado ainda hoje á beira-mar, para disgnar uma zona adjacente á praia propriamente dita, e já invadida pela vegetação, mas que nem é praia, nem é matto, é uma corruptella de *nhu-tu*, que quer dizer: *campo sujo*, alterado para *inhuntu*, e mais tarde para *jundú*.

88. — O matto espinhento, retorcido e aspero, que cobre uma terra arenosa e quasi esteril, dominando largas extensões no territorio brasileiro, denominava-se no tupi: *caatinga*, matto branco, de que procede o vocabulo *caatinga*, affeiçãoado já ao portuguez e muito commumente empregado no Norte do Brasil, mas, de facto, bastante expressivo, porque pinta o aspecto particular dessa vegetação, no tom geral, acinzentada e esbranquiçada.

No interior de S. Paulo, dá-se ao matto rasteiro, espinhento e mui fechado a denominação *catanduva*, procedente do tupi *caa-ātan-dyba*, que se traduz: matagal rijo, aspero.

Ao matto ralo, como o cerrado, se denominava no tupi *caa-catú*, que se traduz: matto bom ou accessivel.

A matta virgem, corpulenta, denominava-se *caá-eté*, que quer dizer *matto verdadeiro*, com que se designam,

no paiz, varias localidades e que o vulgo tem alterado para *caité* ou *caheté*.

Ao matto que se renova sobre os destroços de uma matta primitiva, dava-se o nome *caa-poêra*, de que a corruptella fez *capueira*, que significa *matto extincto*.

A' entrada da matta, ou o sitio em que a estrada penetra na floresta, se dava o nome *caa-jurú*, bocca da matta, com que se conhecem no Brasil não poucas localidades.

O matto que cresce ilhado no meio do campo denominava-se *caapão*, ilha de matto, de que procede o vocabulo *capão*, hoje geralmente adoptado no Brasil para significar essa forma de vegetação. Algumas vezes se diz tambem *capuão*, mas já derivado de outro vocabulo tupi. *caá-apoan*, matto redondo, e podendo significar um *oasis*.

89. — No Brasil central, é commum denominar-se *araxá* aos chapadões que se estendem mais ou menos ondeados entre as bacias fluviaes. Couto de Magalhães é de parecer que esse vocabulo vem do' tupi-guarany e quer dizer: *ver o dia*, decompondo-se em *ara*, dia, tempo, luz, e por extensão o sol, e *echá* que no guarany significa *ver, observar, avistar*.

O *araxá* é, portanto, a região elevada donde primeiro se vê o dia, ou se observa o despontar do sol.

90. — A cordilheira ou serra se diz no tupi *Ybytyruçú* que o vulgo depois alterou para *buturuçú* ou *bitiruçú*. Ao volcão ou montanha que estoura e se fende deram o nome *Ybytypoca*.

91. — Riquíssimo é o vocabulario tupi nas denominações hydrographicas. Não tinha, porém, vocabulo primitivo para designar o *mar*, o que faz suppôr que os povos desta lingua procediam de uma região interior. Chama-vam ao rio de certo volume *pará*, e como consideravam o mar como um immenso rio, cuja outra margem não descobriam, deram-lhe o nome *Paraná*, que é o mesmo que *pará-anã*, rio enorme, grosso, e que alguns traduzem tambem por *parente do rio*, no que ha confusão, pois que a particula final *anã* ou *nã*, que significa: espesso, grosso,

enorme, ou tantas vezes, não se deve confundir com o vocabulo *anama*, que de facto se traduz por *parente*, *semelhante*.

92. — O vocabulo *pará*, de emprego communissimo na geographia nacional, não soffreu alteração senão no seu composto *paraná*. Algumas corrupções como *Pracatú* por *Pará-catú*, rio bom, não tiveram curso. Assim é que a palavra *pará* se mantem intangivel nos vocabulos: *parahyba* ou *pará-ayba*, rio ruim, ou impraticavel pelos obstaculos naturaes do seu leito; *parahupeda* ou *pará-y-peba*, rio de agua raza; *parahytinga* ou *pará-y-tinga*, rio de agua branca; *parahybuna* ou *Pará-yb-una*, rio de agua preta; *parahypitanga* ou *pará-y-pitanga*, rio de agua vermelha.

93. — A palavra *paraná*, sob a influencia do portuguez, alterou-se bem depressa, nos seus compostos. Por syncope do *a* no meio da palavra, passou-se a dizer *parnã*. E em documentos antiquissimos já se encontra esta ultima corruptella modificada para *pernã* entre portuguezes e para *fernã* entre francezes. Os primeiros fizeram de *Paraná-buc*, Pernambuco, e os segundos *Fernambouc*.

A palavra *parnahyba*, corruptella de *paraná-ahyba*, commummente empregada como *parahyba* para designar, nos grandes rios, os trechos impraticaveis, onde a navegação se torna impossivel, tambem se encontra em antigos documentos com a graphia *Pernahyba* (1).

Assim tambem o nome *Paranagoá*, que ora se lê *Parnaguá*, ora *Pernaguá*; *Parnamirim* por *Paraná-mirim*, mar pequeno.

94. — Ao mar largo, ao oceano, davam os tupis o nome *paranãoçú*, como chamavam *paranagoá* ao golfo, ou bahia grande, pois que tal palavra outra cousa não é senão *paraná-guá*, que litteralmente se traduz: bacia do mar, ou baixada do mar. Por esse motivo se encontra entre os Tupinambás o nome *Paraná-goá-oçú* ou *Pará-guá-oçú*,

(1) Archivo do Estado de S. Paulo, vol. 3.º pag. 62.

applicado á bahia que os portuguezes ao depois chamaram de *Todos os Santos*.

O nome *Paranagoi*, applicado á grande bahia que se abre ao sul de Cananéa é disso frisante prova.

95. — Confundiam muitas vezes os tupis a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou bahia, denominando-a *pará*. Os portuguezes e seus navegadores do seculo XVI assim tambem o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando *rio de Janeiro*, *rio de São Vicente*, *rio dos Innocentes*, *rio de Cananéa*, as barras das bahias daquelles nomes.

Os francezes faziam o mesmo. João de Lery, que foi um dos povoadores da *França Antarctica*, do famoso Villegaignon, datava as suas cartas de *Rivière de Goanabara*, e foi o primeiro que nos transmittiu essa denominação dada ao lugar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia *Guanabára*, com o accentto tonico na penultima syllaba, quando devia estar na ultima, respeitando-se a prosodia franceza.

De facto, *Guanabara*, ou mais correctamente *Guanabará* não é senão o composto de dois vocabulos tupis: *Guanã-bará*, que é o mesmo que *Guanã-pará*, tendo-se-lhe abrandado o *p* para *b*, por estar precedido de uma syllaba nazal.

O vocabulo *Goanã* ou *God-nã*, significa bacia ampla, enorme, e tambem *bahia*, e, portanto, *Goanã-pará* quer dizer: rio da bahia ou barra da bahia.

96. — A agua, como os cursos d'agua ordinarios, se designavam pelo vocabulo *y* ou *hy* ou *yg*, de que já anteriormente tractamos, e que entra na composição de grande maioria das denominações hydrographicas. Aos estuarios, lagamares e bahias fluviaes se dava o nome *Ygoá* ou *Ygoape*, e aos estuarios grandes *Ygoá-goaci*, donde procede a confusa denominação *Ywawassupe* que Hans Staden nos transmittiu, como o verdadeiro nome entre os Tupis, do estuario de Santos, e que, por Frei Gaspar de Madre de Deus, nos chegou adulterado para *Enguáguassú* e com a significação de *pilão grande*.

97. — Aos canaes, ou braços de rio ou de mar, quando consideraveis, denominavam *Ygapara*, donde procede o conhecido nome *Ycapára*, que designa a entrada do lagamar de Iguape. Aos canaes menores, aos braços fluviaes de pequena capacidade, chamavam *igarapé*, que litteralmente quer dizer: caminho de canôa, e ainda mui usado em todo o valle do Amazonas.

98. — A's lagôas se dava o nome de *Yupá*, ou simplesmente *Ypaba*, muitas vezes alterado para *upá*, como de ordinario se o encontra na composição de outros vocabulos. Segundo se lê em Antonil (1), o sitio onde está hoje a cidade de Lorena se denominava outr'ora *Goapacaré*, alteração de *God-upá-caré*, que quer dizer: *baixa da lagôa torta*, ou *do braço*, em allusão ao braço do Parahyba que ahi existe. Na Chorographia Brasilica de Ayres do Casal se faz menção de uma lagôa *Vupabussú*, lendaria entre os sertanistas de Minas Geraes e que fora descoberta por Fernão Dias Paes, nas suas entradas á procura das famosas esmeraldas. Esse nome *Vupabussú* é corruptella de *Yupaba-oçú*, que quer dizer *lagôa grande*.

99. — Chamava-se aos alagadiços, aos grandes banha-dos, *ygapó* ou *yapó* como os das margens do Amazonas e os do valle do Paraguay.

O simples brejo ou paúl se denominava *tuyuca* de que procede o vocabulo *tijuca* ou *tijuco*, como se diz em Minas Geraes. Ao lamaçal ou lameiro dava-se o nome de *tuyucopaba*, de que procede a denominação *Tijuco-papo*, da localidade bastante assignalada na guerra hol-landeza em Pernambuco.

100. — No sul do Brasil se designa muitas vezes pelo nome *tremembé* ao lugar apaúlado, a uma bacia natural encharcada e coberta de vegetação aquatica, ou ao mesmo brejo, vocabulo que parece de procedencia guarany, ou corruptella de *tereré-membeca* ou *teré-membé*, que quer dizer jorro, curso de agua que se abranda, que se espraia amollecendo.

(1) Cultura e opulencia do Brasil.

Entre o gentio que outr'ora occupou as costas do norte do Brasil se faz menção de uma tribu de *Tremembés*.

E' bem provavel, porém, que o nome lhes venha da região que habitavam, talvez alagadiça ou encharcada.

101. — A's nascentes ou cabeceiras dos rios se dava o nome *Yapi*, mais conforme ao guarany e *y-apira*, segundo o tupi.

O nome *Yapi*, da serra elevada, vizinha da cidade de Jundiahy, equivale, pois, a *cabeceiras* ou *vertentes*, como se dissesse: serra das vertentes ou das cabeceiras.

O vocabulo *goapira*, tão commumente empregado em S. Paulo, é o mesmo que *goá-apira* e se traduz *cabeceira do valle*.

102. — Aos regatos, arroios, ou riachos se dava o nome *ycanga* e tambem *yembó* que se traduzem litteralmente: cabeça de agua ou principio de rio, e fio de agua. O segundo vocabulo apparece muitas vezes alterado em *yembú*, quando entra na composição de outros nomes, como, por exemplo: *Pacaembú*, por *Paca-yembó*, arroio das pacas.

Os nomes *Taquarembó*, *Acarembó* não são senão corruptellas de *Taquara-yembó*, arroio das taquaras, *Acará-yembó*, arroio dos acarás.

O nome *Ibó*, tão commum no valle de S. Francisco, tambem é alteração de *yembó* e significa *riacho*, *regato*.

103. — Dava-se aos mananciaes, ás fontes, ou nascentes o nome *ypiú*, que, no norte do Brasil tão parcamente irrigado, se conhece por *olho d'agua*, e representa alli importantissimo papel na distribuição dos povos.

O mesmo vocabulo apparece algumas vezes com a fórmula *ybiú*, entrando na composição de outro, como se verifica do nome *Putribú*, da povoação antiga, situada entre Ytú e Sorocaba, e que, de certo, provém da corruptella de *Potyra-ybiú*, que se traduz: fonte das flôres.

Se a graphia *Apoteroby*, usada em velhos documentos, já nos chega viciada, como é bem possivel, o nome *Putribú* passou primeiro pela corruptella *Apotera-obú*, aliás procedente ainda de *Potyra-ybiú*.

104. — Aos accidentes do leito do rio, affectando o curso das aguas, como por exemplo : ao salto ou cataracta se denominava *Ytú* ; a cachoeira com agua impetuosa *itupeva* ou *Ycirica*, e, dada a especial pronuncia do primeiro *c.* que é antes chiado, se formou a variante *Yxirica*, de que procede *Yxiririca* ou *Xiririca*, por apherese do *y* inicial ; aos rápidos e correntezas *pyryrica* ou *pyryri* de que provém *byryri* ou *burury* e ainda *bariry* ; aos recifes e travessões, provocando sensível desnivelamento da corrente *itaipaba*, ou, como hoje se diz, *itaipava* ; aos redomoinhos ou remansos *yerè* ; á confluencia dos rios *yecêaba* ; á foz ou bocca do rio, *ymbiaçá* ou *imbiaçaba* ; ao porto ou desembarcadouro, *peaçá* ; ao rio grande, ou trecho largo do mesmo rio, *yrieté*.

105. — Tambem designava-se agua, o liquido, o vapor pelo vocabulo *ti*, com o qual se formaram varias denominações, como *Ti-eté*, agua ou corrente verdadeira, volumosa, nome na verdade adequado ao grande rio paulista se se explicar que era este o primeiro curso de agua consideravel que encontrava o forasteiro ao penetrar de S. Vicente por Paranapiacaba, em direcção ao sertão.

106. — Ao poço natural no leito dos rios, como ao artificial dava-se o nome *Yquá* ou *Yquara*, que quer dizer — *buraco d'agua*.

107. — Os nomes de mineraes, vegetaes e animaes entram mui frequentemente na composição dos vocabulos tupis com que se denominam entre nós não poucas localidades. Examinemos desses nomes os mais geralmente empregados sob o ponto de vista das alterações phonicas que têm elles experimentado ao contacto da lingua portugueza.

No tupi se representa pela palavra *itá*, pedra, todo e qualquer mineral ou metal apenas diferenciado ou qualificado pelo seu aspecto physico mais apparente, o da côr. Assim é que denominavam o ferro, *itaúna*, mineral ou pedra preta ; a prata, *itá-tinga*, mineral branco: o ouro, *ita-yúba*, mineral amarello ; o cobre, *itá-yúbarana*, mine-

ral amarellado, ou ouro falso. Certo, taes denominações não traduzem um conhecimento positivo dos metaes, antes, pelo contrario, confirmam o que sempre disseram os primeiros exploradores do novo continente, nesta parte do Atlantico, que os naturaes delle ignoravam o uso dos metaes e os desconheciam.

Americo Vesputio, tendo corrido a costa em 1501, com escalas ameudadas, para praticar com o gentio della, retirava-se para outras paragens convencido de que no paiz não havia mineral algum.

Depois da invasão dos europeus, o gentio começou então a distinguir os metaes e a denominar-os ainda que imperfeitamente.

Assim é que a palavra *itá-tinga*, que significa *prata*, também se applica ao calcareo branco, ao marmore, ás rochas arenosas, ao gesso e até á cal. O nome *itá-yüba*, ouro, cujo accento tonico é na penultima syllaba e não na ultima, como geralmente se diz, querendo alguns que o nome *Ytajubá*, da cidade mineira, proceda do ouro que alli se minerou em outro tempo, também significa *moêda*, *dinheiro*. A palavra *itá-yübarana* se applica tanto ao cobre como ao latão ou alquime.

Na época dos descobrimentos e explorações sertanejas, a tecnologia tupi para os mineraes deve ter-se desenvolvido á medida das necessidades novas. Aparecem então no vocabulario brasilico os nomes: *itajyca*, para designar o estanho; *itá-ctê*, o aço; *itamcmbecca*, chumbo; *itáberaba*, ou *itátiberaba*, o crystal; *itaberaba-ctê*, o diamante; *itá-cm*, pedra hume; *itá-obim* ou *itá-obi*, a esmeralda; *itá-bubüi*, a pedra pomes.

Ao *ambar* que, segundo os chronistas e viajantes, muito abundou nas nossas praias, davam os selvagens o nome de *pirápoan-re-poti*, esterco de baleia, porque suppunham ser essa substancia uma excreção desse cetaceo. Chamavam *jukyra* ao sal; *jukyratyba* á salina ou mina de sal, e *jukyry* á agua salobra. A toda a argila branca e pura davam o nome de *tobatinga* ou *tabatinga*; á amarella *tauí* ou *taguá*; á vermelha ou corada *tapitanga*.

Nas regiões centraes onde a mineração mais se desenvolveu, como em Minas Geraes, appareceu logo uma tecnologia mineira de procedencia tupi, porque, como o dissemos, os primeiros exploradores destas paragens, os bandeirantes, eram em sua maioria de descendencia tupi e fallavam o tupi.

Assim é que denominavam *jacutinga*, á rocha friavel argilosa servindo de jazida ao ouro entre rocha de *itabirita*, talvez pela sua semelhança de coloração com a ave conhecida do genero Penelope. Davam o nome de *canga* ou *acanga* que quer dizer *cabeça*, á parte superior ou ao topo do veeiro. Chamavam *tapunhunacanga* (*tupuyuna*, o negro, *acanga*, cabeça) isto é, cabeça de negro, a uma formação constituida por uma crosta negra de hydrato de ferro, cheia de concreções ôcas do mesmo hydrato, e com as paredes interiores cobertas de crystallisações da mesma substancia. Denominavam *guápiara* ao cascalho diamantino que cobre o solo em certos logares de mineração, isto é, da barranca dos ribeiros e do leito destes.

A corruptella alterou-o para *gupiára* ou *grupiára*.

Voltemos, porém, á palavra *itá* que, entre os catachumenos e os homens do campo fallando o tupi, passou a representar os objectos metalicos de procedencia estrangeira. Assim é que se denominava *itá-maracá*, ao sino, por elles equiparado ao chocalho de pedra ou de ferro, e que desde os primeiros annos da conquista serviu para designar a maior das ilhas da costa de Pernambuco, e uma das capitancias creadas por d. João III e concedida a Pero Lopes de Souza. O nome *Itamaracá*, cedo, porém, se alterou para *Tamaracá*, apparecendo com esta graphia no Roteiro do Brasil de Gabriel Soares, nas chronicas do seculo XVII, nas cartas hollandezas desse tempo. Chamavam ao campanario *itaim*, ou *itahi*, nome com que se designam alguns rios e localidades do Brasil.

A' cadeia ou corrente de ferro denominavam *itá-chama*; ao arame ou fio de ferro, *itá-nimbô*; á barra de ferro *itá-pucú*.

A' cruz de ferro denominavam communmente *itá-cu-ruçá*, que tambem se pôde entender por *cruz de pedra*.

A's construcções de pedra dávam o nome de *ita-oca*, que tambem servia para designar as cavernas, do mesmo modo que *itá-raré* indicava os sumidouros ou solapas feitas pela agua através das rochas, como designava o cano ou conducto de ferro. Assim é que no centro de Minas e Goyaz se chama *sumidouro* ao curso subterraneo das aguas do rio através de rochas calcareas, em S. Paulo e sul do Brasil se diz mais geralmente *itárraré*.

O vocabuló *itá* é um dos de mais frequente emprego na denominação dos logares no Brasil. E' communissimo encontrar-se pelo interior, nomes como: *Itamorontim*, alterado ás vezes para *Itámaraty*, pedra alva; *Itámirindyba*, pedregal meudo; *Itácuruba*, cascalho; *Itaipava*, Recife ou travessão; *Itá-coéra* ou *Itaquéra*, pedra velha; *Itapece-rica*, lage escorregadia, ou penedo, como sóem se apresentar os cabeços graniticos de encostas lisas, tão frequentes na região littoral desde o Espirito Santo até Santa Catharina; *Itá-beraba*, pedra reluzente, ou resplandecente *Itapuã*, pedra redonda; *Itá-coatidra*, pedra pintada ou escripta; *Itáqui* ou *Itaky* pedra de amolar; *Itapetininga*, lageado secco; *Itáporanga*, pedra bonita, e tantos outros.

Tão grande é a tendencia para denominações de logares com o thema *itá*, que não raro acontece darem esse radical a vocabulos que o não têm, provindo dahi grande numero de corruptellas, assim como *Itaquaquicé-tuba* por *Taquaquicé-tuba*, taquaral da especie *taquá-quicé*; *Itaguahy*, por *Taguá-hy*, rio do *tauí*; *Itapemirim*, por *Tapé-mirim*, ruina pequena; *Itabapoana* por *Cabapoama*, vespas assanhadas. Já nos jornaes mineiros se lê *Itapanhuacanga* por *Tapuyunacanga*, cabeça de negro, a que já nos referimos anteriormente.

108.—Numa região como o Brasil, onde a vegetação exubera, variada e intensa em vastissimas zonas, a denominação dos logares de procedencia indigena deve, de continuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas especies caracteristicas.

A geographia aqui reflecte nas denominações dos logares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de extranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, arvores, para indicar um rio, um banhado, um valle, um povoado, uma serra, um accidente topographico qualquer.

Couto de Magalhães refere ter ouvido entre os individuos de uma tribu tupi do interior o nome *Pindorama* ou *Pidó-retama*, região das palmeiras, como indicativo das terras do littoral brasileiro, e podendo-se applicar ao paiz todo.

As palmas são, de facto, um typo vegetal tão distincto, tão caracteristico e tão commum na nossa terra, que a sua belleza e frequencia em certa parte do paiz, não podia deixar de influir para o nome que o devia designar.

Dahi vem encontrarem-se amiudadas vezes no nosso mappa geographico as denominações tupis das diversas especies de palmeiras.

O nome *Carnahuba*, corruptella de *Caraná-hyba*, da magnifica palmeira de folhas flabelliformes (*Copernicia Cerifera*), de que se extráe uma cêra resinosa muito usada no Norte do Brasil, com a sua copa espherica, formando um ornamento de notavel effeito na paizagem, abundante no sertão, á margem dos lagos e dos grandes rios como o de S. Francisco, apparece designando grande numero de localidades e traduzindo-lhe o aspecto caracteristico, sob as fórmulas corruptas de *Carnahyba*, *Caundeúba* ou *Crundeúba* e até *Crindeuba*.

O nome *Carandá-hy*, rio das carnahubas, é frequente na região central.

Assim tambem o *burity* ou *murity*, a *Mauritia Vinifera* dos botanicos, com as suas bellas folhas espalmadas em leque, apparece dando o seu nome a grande numero de localidades nas regiões dos campos elevados, onde ella cresce formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios.

A *Macahuba* ou *bacayba*, de que procedem por corruptella os nomes *bocayuva* e *macayba*, empresta o seu

nome a não poucas localidades no Norte e Centro do Brasil.

Nos sertões do Norte, nas regiões seccas, é frequente o nome *Ouricury*, corruptella de *Iricury*, de que ainda procedem os nomes *Licury*, *Mucury*, *Nicury* com que se designam tantos logares daquelles sertões, onde medra a palmeira que von Martius denominou *cocos caronata*.

No valle do Amazonas, como na matta littoral, apparecem nas cartas geographicas os nomes *Indayá*, *Inajá* ou *Anajá*, *Geribá*, *Peaçá* ou *peaçaba* e seus compostos; *Indayátuba*, *Anajatuba*, *Geribatyba*, *Peaçabuçu*, *Peçagoéra*, como indicativos das palmeiras que no tupi trazem essas denominações.

Examinando-se ainda os mappas geraes, verifica-se a exactidão e rigor com que a Geographia reflecte a Botanica das regiões em que o paiz naturalmente se reparte por effeito da latitude, da altitude e da influencia meteorologica.

Assim é que na zona sertaneja do Norte, onde dominam as catingas, o sólo é arido, pedregoso e pouco visitado pelas chuvas, os nomes *Chique-chique*, *Quipá*, *Quipapá*, *Mandacarú*, revelam os logares em que medram as Cactaceas com o seu aspecto de tristeza e desolação. Na mesma zona encontram-se ainda localidades com os nomes: *Jurema*, *Quixaba*, *Umbú* ou *Imbú*, *Juá*, *Umburana*, *Mangaba*, e os seus derivados: *Quixabeira*, *Umbuzeiro*, *Juazeiro* e *Mangabeira*, traduzindo o aspecto da catinga propriamente dito, pelos typos dos seus vegetaes.

Assim tambem na zona littoral, onde a matta é copulenta e variada, e quasi sempre rendilhada de trepadeiras e cipós, os nomes das localidades de continuo o relevam, como se verifica pelos vocabulos tupis: *Sapucaya*, *Yequitibá*, *Yacarandá*, *Guapurubú*, *Embayba*, e suas corruptellas: *Embaúba*, *Embaú*: *Sumaúma*, e suas corruptellas *Subaúma*, *Sabaúna*; *Guararema*, ou *Ymirarema*; *Cabreúva* ou *Caburéyba*, *Araçayuba*, das arvores caracteristicas, assim como os nomes: *Taquára* ou *Taquá*, sob a fôrma contracta, *Crissiuma*, *Samambaia*, *Guaynibé* ou

Imbé, Aninga, Guapé, de que a corruptella fez *Aguapé, Caraguatá* de que procede *Gravatá, Naná*, que a corruptella transformou em *Anânaz, Abacaxi, Ubá*, lembram outras mais humildes ainda que não menos características.

Na região dos campos de cima da Serra, no centro e sul do Brasil, os bosques de *Araucaria*, que os tupis denominavam *Curi*, como chamavam *Curityba* as formosíssimas mattas destas plantas sociaes, e as *Congonhas* deram o nome a grande numero de logares.

109. — No tupi designa-se o animal pela palavra *coô*, que tambem significa a *caça*, a *carne*, ou um *bicho*, no sentido vulgar, não se empregando senão para os irracionais.

Para designar o homem, a gente, ha o vocabulo *aba*, mas no sentido geral, empregando-se para exprimir o ente animado, se encontra o radical *guáy*, ora nos nomes de bichos como em *Guaynumbi*, beija-flor, ora em nome de gente ou povo, como em *Gua-anã* nome da tribo que outr'ora dominou nos campos de Piratininga.

Bem estudado o radical *Guay* chega-se á conclusão de que elle exprime simplesmente o *individuo*, a *pessoa*, ou *aquelle que é*. Assim, por exemplo, *Guay-n-umby*, individuo verde, ou *aquelle que é verde*, para designar uma especie de beija-flor, *Guayanã*, individuo parente, *aquelle que é parente* ou irmão, e talvez fosse esse o tractamento que davam os *Tupiniquins* do littoral aos *Guayanazes* dominadores do campo; *Guay-curú*, individuo sarmento, *aquelle que tem sarnas*; *Aymoré*, ou, como escreveu Anchieta, *Guaimuré*, que se pôde interpretar: *Guay-mur-ré*, individuo de nação differente, *aquelle que é povo differente*; *Guay-yá*, de que se fez por corruptella *Goyaz*, individuo igual ou semelhante, *aquelle que é do mesmo povo*.

O vocabulo *coô* alterou-se porém, nos seus compostos, por um processo de assimilação, dizendo-se *suaçu* por *coô-açu*, animal grande ou veado, que outros chamam simplesmente *guaçu*; *suan* por *coô-an*, a vertebra do animal, onde se presume estar a vida dos animaes; *sarué*, *sarigué*, por *coô-r-igué* animal dotado de sacco, o marsu-

pio conhecido; *sussuarana* por *çoo-açu-arana* que quer dizer *tirando a veado*, appellido de uma onça parda, da mesma côr do veado; *sus-uapára* por *çoo-açu-apar*, veado galheiro, ou dotado de grandes aspas; *sussuy*, por *çoo-açu-im*, veado campeiro; *suassú-birá*, por *çoo-açu-berá*, veado lustroso ou luzido; *suacú-pitã*, veado vermelho ou mateiro.

A geographia do paiz reflectiu tambem com mais ou menos precisão a fauna regional. Os nomes de localidades e rios como *Jaguar-y*, rio da onça; *Jaguamimbaba*, cães mansos; *Jaguarahyba*, cães ruins; *Jaguareté*, onça verdadeira, lembram a abundancia ou frequencia dos felinos, ou a presença dos cães já introduzidos pelos europeus e que os selvagens tanto apreciaram depois.

As denominações: *Côtia* por *Aguti*; *Apereá-tuba*, abundancia de préas; *Paca-tuba*, abundancia de paccas; *Capivar-y* por *Caapiguar-y*, rio das capivaras; *Guabirú-tuba*, abundancia de ratos; *Tapeti*, o coelho, lembram os *Roedores* dos mais bem representados na fauna do paiz.

Os nomes *Tatú-yby*, terra dos tatús que foi a denominação primeira do arraial que é hoje a cidade da Limeira; *Tatú-hy*, rio dos tatús; *Tamandúá*, applicada a uma villa de Minas-Geraes; *Tamandúá-tey*, tamanduá grande, recordam os *Desdentados*, pelos seus mais característicos representantes.

As localidades e rios com os nomes: *Tayaçu* ou *Tanha-oçu*, dente grande ou porco do matto; *Catete*, *Caetetú* por *Taitetú*, porco de canella ruiva; *Tapira*, ás vezes alterado para *Tabira* e até *Itábira*, a anta; *Tapira-apé*, vereda das antas; *Tapira-hy*, rio das antas, exprimem que nessas paragens abundavam os pachydermas americanos.

Os logares denominados: *Guarapá-r-y* ou *Guaraguá-r-y*, rio do peixe-boi; *Pirá-puan*, a baleia, recordam os cetaceos mais abundantes nos mares brasileiros.

As localidades conhecidas por *Guará-tyba*, a passara, ou abundancia de aves; *Guará-hy*, rio dos passaros; *Guaratinga-etá*, as garças; *Arara-quára*, paradeiro das araras; *Yurujuba*, por *Ajurú-yuba*, papagaios amarells;

Paraguá-y, rio dos papagaios ; *Ci-ará*, casta de papagaio ou, como erroneamente disse José de Alencar, canto da jandaia ; *Graúna*, por *Guirá-una*, passaro preto ; *Inhambu-y*, rios dos inambús ; *Jacú-tinga*, jacú branco ou manchado de branco, e tantos outros, lembram a nossa riqueza ornithologica.

As denominações como: *Jacarehy*, rio do jacaré ; *Corumbá*, o kágado ; *Mboy*, cobra, aqui entre os paulistas tão erroneamente pronunciado ; *Boypeba*, cobra achatada ; *Mogy* por *Mboy-gy*, rio das cobras ; *Sucury-canga*, cabeça do sucury ; *Cururú*, o sapo, recordam a frequencia dos reptis nesses logares.

As localidades e rios com os nomes: *Pirá-hy*, rio do peixe ; *Pirá-cynynga*, de que por corruptella se fez *Pirassununga*, ronca-peixe ; *Pirá-tinga*, ou sob a fórma contracta *Pirá-tinim*, á moda guarany e significando o secca-peixe ; *Pirápora*, o salta-peixe ; *Curimatá-hy* ou *Curumbatá-hy*, o rio dos curimatás ; *Piauhy*, o rio dos piás ; *Piracanjuba* ou *Pirá-acan-yuba*, o peixe de cabeça amarella ; *Icará-hy*, por *Acará-hy*, o rio dos acarás ; *Surubim*, por *Jurú-bi*, bocca fechada ; *Ipirú-yg* e sua corruptella *Peru-hybe*, rio do Tubarão ; *Parati*, corruptella de *pirá-ti*, peixe branco, ou a tainha, nos trazem á idéa a fauna ichtiologica.

Assim tambem os nomes: *Tucurahy*, rio dos gafanhotos ; *Cubuçu*, ou *Caba-uçu*, o vespão ou marimbondo ; *Cáçununga* por *Cabaçynynga*, vespa zumbidora ; *Echú* ou *Eichú*, abelha do chão ; *Mombuca*, uma variedade de abelha sylvestre ; *Merú-óca*, paradeiro das moscas ; *Maruim* por *Merú-im*, o mosquito ; *Muritiba* por *Merú-tyba* o mosqueiro ; *Yaquirana* ou *Yikirana*, a cigarra ; *Nandu-hy* ou *Ngandú-hy*, o rio das emas ; *Pandpandá-hú*, rio das borboletas e tantissimos outros dão-nos a fauna entomologica, a que se filiam ainda os seguintes não menos significativos: *Rerityba* (o primeiro *r*, brandissimo) que a corruptella transformou em *Lerytiba*, osteira, ou lugar onde abundam as ostras e que nos recorda o sitio da costa do Espirito Santo, onde falleceu o veneravel An-

chieta; *Lery* por *Riry*, a ostra, designando uma conhecida praia dos arredores do Rio de Janeiro; *Sergipe*, corruptella de *Ciri-gy-pe*, no rio dos siris; *Serinhaem* por *Siry-nheen*, onde rumoreja o siry, localidade que tanto se assignalou durante a guerra hollandeza; *Sernambytyba*, deposito de conchas, conhecidas por *sernambi*, que é um notavel exemplo de quanto pôde a corruptella, que o transformou em *Simão-de-Tyba* e ainda em *João-de-Tyba* como se verifica das mais modernas cartas do littoral bahiano; *Tambá-hú*, rio das conchas; *Sambaqui* por *Tambá-qui*, ponta ou cumulo feito de conchas, servindo para designar os depositos antiquissimos, formados de cascas de ostra, de restos de cozinha, de residuos de varias procedencias, accumulados por um povo selvagam que habitou a zona littoral em periodo pre-historico.

110. — As construcções dos selvagens, os productos da sua industria rudimentar, os seus usos e costumes em sociedade tambem concorreram para as denominações geographicas do paiz.

Estudemos este assumpto com mais vagar e havemos de verificar quão larga foi a cópia de nomes e palavras que dahi passaram para a geographia e para a linguagem commum, alguns já assimilados, outros resistindo ainda á força modeladora da lingua culta prevalescente.

A noção de patria não a tinham os tupis como hoje a temos. Designavam a patria como synonymo de *terra da propria habitação* — *Tetama*. Assim, diziam *Tupi-retama*, patria ou região dos Tupis; *Tapuyretama*, ou por abreviação *Tapuy-rama*, região dos Tapuyas; *Pindó-retama*, ou *Pindórama*, região das palmeiras; *Urubu-retama*, nome de uma localidade no Ceará, quer dizer região dos urubús; *Ibotirama*, terra ou paiz das flôres.

Ao natural do mesmo paiz, ao conterraneo, chamavam *cetamagóara*, que quer dizer habitante da minha terra e ao estrangeiro davam o nome *çobay-godra*, que significa: habitante de outra banda, e outras vezes *amoba-retama-goára*, significando gente habitadora de outra

terra. Não raro, por abreviar, diziam simplesmente *amoa-ba*, para designar o extranho ou o forasteiro.

O nome *emboaba* não terá vindo de uma simples corruptella de *amodba* ou *amboaba*? E' bem provavel; tanto mais que só se o applicava ao estrangeiro ou ao portuguez principalmente, porque este era quasi o unico na colonia, onde só entravam os de outras nacionalidades com licença especial.

Este nome que se tornou celebre na historia do descobrimento das minas, designando com um cunho nativista o elemento estrangeiro que affluio numerozo dos portos do littoral para disputar aos paulistas o ouro por elles descoberto em Minas, não exprime, de facto, senão o despeito do nacional contra o forasteiro. Dizer—*guerra dos emboabas*—vale o mesmo que dizer,—*guerra contra o ex-trangeiro* ou *o intruso*.

Outra hypothese admissivel é a que faz derivar o nome *emboaba* do tupi *mbóaba*, de que se faz por corruptella *boava* e significa *vestido, coberto*, em allusão a se apresentarem os portuguezes ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os reptis.

III. — Para indicar-se a procedencia de um individuo qualquer usava-se tambem o suffixo *guára*, juncto ao nome da terra ou paiz da procedencia. Assim é que diziam: *Brazi-guára*, ou Brasileiro; *Paraguay-guára*, o Paragayo; *Piauihy-guára*, o Piauhense.

Tambem com os suffixos: *boc, oc, uc, ua* indicavam a procedencia do individuo.

Depois da invasão nos europeus e durante a catechese e colonisação muitos nomes se formaram traduzindo relações novas, e exprimindo a mescla das raças em presença.

Ao homem branco, quando tractado em bôa parte, denominava-se *caray*, e segundo os dialectos: *cariba* ou *carahiba*, cujo significado é: *superior, forte, sabio, santo*, pois que attribuiam aos europeus faculdades extraordinarias.

Ao descendente do branco denominava *cariboc*, que quer dizer tirado ou procedente do europeu, donde se origina, por corruptella, o nome *curiboca* tão usado no norte do Brasil para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco.

O nome *carioca*, com que ainda hoje se designam os naturaes da cidade do Rio de Janeiro tem a mesma origem e significado, *cari-oc* ou *cari-boc*.

Assim tambem o nome *carijó*, que alguns chronistas hespanhões escreveram *cario* e que na verdade se deve escrever *cari-yó*, fôrma contracta de *cari-yoc*, quer dizer — o que vem do branco ou de um povo superior.

Ao gentio manso, ou reduzido á civilisação, se começou desde logo a denominar *caá-boc*, que quer dizer— tirado ou procedente do matto, donde nos veio o vocabulo *cabôco*, como ainda hoje o pronuncia o homem rustico, ou *caboclo*, como já o adoptou o portuguez-brasilico.

Ao mixtiço, oriundo do branco e do selvagem, deu-se nos primeiros tempos o nome de *mamaluco*, que é como se lê em Gandavo (1576), em frei Vicente do Salvador, (1627) e em Simão de Vasconcellos, (1662). Só mais tarde é que se começou a pronunciar *mameluco*, confundindo-se com a denominação dada aos soldados escravos do sultão El Malek-el Saleh, da terra do Egypto.

E', porém, de procedencia tupi e não moura, o nome *mamaluco* tal como ainda hoje o pronuncia o homem do sertão.

A' uma velha sertaneja, agóra moradora em S. Paulo, ouvi uma vez esta phrase bastante expressiva: «... milho branco com milho vermelho sae *mamaluco*...»

Donde se conclue que para o homem do interior o nome *mamaluco* guardou a primitiva e unica verdadeira significação, continuando synonymo de *mixturado* ou *mixtiço*. Ha, com effeito, no tupi o vocabulo *mamã-ruca* que se decompõe em *mamã*, mixturar, dobrar, abraçar, e *ruca* ou *yruuca*, que quer dizer tirar. O appellido historico se traduz, pois — *tirado da mixtura*, ou de *procedencia mixta*. Não é mister grande esforço para se explicar como de

mama-ruca se fez *mamaluco*, segundo o escreveram os primeiros historiadores e depois *mameluco* como em geral se adoptou.

Não raro se empregava entre os tupis e europeus que falavam a lingua geral, o suffixo *ua*, fórma contracta de *ruca* ou *Iruuca*, para formar nomes indicativos da origem ou nascimento do individuo. Dizia-se, por exemplo, *piraty-úa*, para significar oriundo de Piraty, nome primitivo da actual cidade de Paraty; *Mairy-úa*, oriundo ou procedente da cidade; *Caetéua*, oriundo das mattas.

112. — As construcções do gentio eram toscas e rudimentares como as de um povo na infancia social. As suas casas *oka* muitas vezes de vastas proporções, e cobertas de folhas de sapé ou palma, e fechadas com estacas, tinham capacidade para muitas familias *okpe-guara*. Dispostas em torno de uma praça ou terreno rectangular *okára*, e externamente envolvidas por uma estacada ou, ás vezes, por uma trincheira de folhagem ou feita de tranqueiras retiradas das queimadas, *caiçára*, constituíam a aldêa — *taba* ou *táua*.

Entraram estes nomes em larga cópia na geographia nacional, concorrendo para a denominação dos logares, como, por exemplo : *Tupana-roka*, casa de Deus ou egreja; *Itáoka*, casa de pedra; *Oka-una*, casa negra; *Oka-morótim* ou *Oka-tim*, casa branca; *Buriki-oka*, paradeiro dos macacos; *Merú-oka*, paradeiro das moscas; *Tyji-oka*, paradeiro das espumas, pelas muitas que se encontram naquella ponta de terra firme á entrada do Pará.

No territorio do Rio de Janeiro se encontram ainda os nomes *Ocaruçú* (*Ocára-oçú*), praça ou territorio grande applicado á ponta ou cabo proximo da cidade de Paraty; *Itá-okara*, terreiro de pedra.

Na Bahia encontram-se os nomes *Tapagype* (*Tabagy-pe*), que se traduz — no rio da aldêa; *Tapéra*, equivalente a *Taba-oéra*, aldêa velha ou em ruina; *Taperoá* ou *Taperaguí*, valle da aldêa velha.

Em S. Paulo distingue-se o nome *Taubaté*, corruptella de *Tabaeté*, aldêa consideravel ou villa; *Tabatingoéra*

alteração de *Tabatagoera*, equivalente a *Taba-oéra*, aldêa velha, recordando o sitio onde outr'ora existiu uma aldêa de Guayanãs dentro dos muros da villa de Piratininga.

Davam á cidade, aos povoados grandes como os europeus edificavam, o nome — *mairy*, de certo, depois que os francezes, *Mair*, começaram a frequentar a costa do Brasil e se estabeleceram em algumas partes della; pois que o vocabulo *mairy* parece proceder de *mair.reya*, reunião ou multidão de francezes.

O nome *Marim*, outr'ra applicado á Olinda de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho, é simples corruptella de *mairy*, cidade.

Aos moradores da aldêa denominavam-se *Taba-yára*, aos da cidade *mairyára*, cidadão; aos de aldêa differente *tabaré*, donde, sem duvida, procede o nome *tabaréo*, usado entre os bahianos para designar um homem rustico ou matuto.

113. — As communicações entre as aldêas e povoados se faziam por caminhos ou veredas — *apé*, denominando-se *apé-açu* as estradas largas como algumas se encontraram no interior.

Não eram tão raros quanto se presume os caminhos ou veredas do gentio penetrando do littoral para o interior. Glymmer, o auctor do roteiro da primeira *entrada* que se fez no começo do seculo XVII de S. Paulo para o sertão de Minas, refere ter encontrado bem no interior uma estrada larga e bastante trilhada.

A dispersão dos Tupinikins, que eram ao mesmo tempo assignalados em S. Vicente, no valle do S. Francisco e em Porto Seguro, demonstra cabalmente que, pelo interior, estes indios se communicavam, e está averiguado por um estudo bastante consciencioso e sério, do nosso illustre consocio o dr Orville Derby, que as primeiras *bandeiras* que devassaram os sertões o fizeram trilhando as veredas dos gentios (1), guiadas pelo selvagem seduzido e amigo.

(1) Orville Derby — « Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes. »

114. — Quando os caminhos desciam até o mar ou aos grandes rios navegáveis, ao extremo desses caminhos que eram ordinariamente um porto, davam os Tupis o nome *apéaçaba*, que quer dizer — *sahida do caminho*, e de que, por corruptella, se fez *imbeaçaba*, *imbiassape* como se lê em Hans Staden, e ainda *peaçá*, sob a forma contracta e mais commum na composição dos nomes de algumas localidades.

Assim, os nomes *Peaçá-goéra*, porto velho ou extincto com que se designa uma localidade vizinha do *Cubatão*; *Peaçaboçú* ou *Peassabussú*, porto grande, designando uma villa alagoana, á margem do rio S. Francisco, são compostos com o thema *apeaçaba* — sob a forma contracta.

O nome *piassaba*, ou, melhor, *peaçaba*, com que vulgarmente se designa a fibra resistente e utilissima da *Attalea funifera*, palmeira abundante na zona quente do littoral, vem decerto do communissimo emprego nos portos (*peaçaba*) das cordas tecidas com a fibra dessa palmeira. No norte do Brasil, as amarras e cordoalha das embarcações pequenas, das jangadas e canôas era quasi que exclusivamente de *peaçaba*. Dizer-se, portanto, cordas de *peaçaba* vale como se dissesse *cordas do porto* ou *usadas nos portos*.

O nome *peaçaba*, ou *apeaçaba* que o vulgo alterou para *piassaba* ou *piassava*, já não designa entre nós senão a fibra da *Attalea*; o primitivo e verdadeiro significado se perdeu para a lingua hoje falada no Brasil.

O nome *igara-paba* ou *igaro-paba* que litteralmente significa — *termo* ou *fim da canôa*, tambem designava o porto, mas já na accepção de assento, descanso ou logor onde se encalhava a embarcação deixando de navegar.

115. — A navegação estava muito em voga entre os Tupis, quasi todos localizados no littoral, donde outr'ora expulsaram os primitivos dominadores do paiz.

Pescavam muito no mar e nos rios, tirando dahi larga parte da sua subsistencia.

Habilissimos canoeiros e nadadores eximios, afrontavam as ondas mar em fóra com o maior dosassombro.

Contam mesmo alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizonte embarcações em transito, nadavam muitas vezes ao encontro dellas para lhes vender *brasil*. Os Guaytacás, segundo Gabriel Soares (1) andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tubarões (*ipirú*) e afogando-os com um páo agudo, que lhes mettiã com força pela garganta.

Os Tupis do Rio de Janeiro como os de Paraty e Ubatuba possuíam canôas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripolantes. Martim Affonso de Souza, na sua viagem de 1530, assistiu, maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre gentios de Itaparica e do continente na Bahia de Todos os Santos.

Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compasso certissimo com o que muito maravilhavam aos europeus.

A's canôas feitas de um tronco inteiriço chamavam *igára* (*yg-yara*), isto é, que domina ou mora nagua, fluctua ou sobrenada; e por acharem semelhantes, as embarcações introduzidas pelos europeus chamavã-nas *igara-açú*, canôa grande ou barco.

A antiquissima villa pernambucana de *Iguarassú* tem o seu nome, aliás *Igara-açú*, pelo facto de ser o porto, desde os primeiros annos da colonia, visitado por barcos que o attingiam com o concurso da maré. Hans Staden que o visitou e o ajudou a defender-se contra os Putiguaras em 1548, denominou-o *Garassú*, corruptella de *Igaraçú*.

O nome *Igrapiuna* de uma villa bahiana, vizinha de Camamú, é corruptella de *Igara-péuna* (*Igara-apé-una*) isto é, caminho de canôa escuro, ou, melhor, braço ou furo negro, allusão a algum canal ou estuario de aguas escuras.

A's canôas feitas de cascas de arvore com pontaletes no meio e ajustadas com cipó davam o nome de *ubá*, em geral pequenas, leves e mal compostas.

(1) G. Soares — «Roteiro do Brasil» cap. XIV, pags. 77 e 78.

O nome *ubá* confunde-se frequentemente com o vocabulo *uyba*, que quer dizer flecha, quando este entra como thema na composição de outros vocabulos, e a syllaba predominante se desloca para a penultima do vocabulo composto.

O nome *Ubatuba*, por esta razão, pôde ser decomposto em *Ubá-tyba*, significando abundancia de canôas como tantas havia nesta parte dos dominios de Cunhambebe e de Aymerê, como pôde ser tido por corruptella de *Uyba-tyba*, flechal, ou cannaval bravo.

116. — As pescarias (*pirá-monhangaba*) começavam ordinariamente em agosto na beira-mar (1) e davam logar a expedições numerosas para certos pontos da costa.

Empregavam para este mistér a rede — *pyçá*, o cercado — *pary* — o cesto — *ururú* — e o *jiki*.

Nos rios, costumavam envenenar as aguas com o succo do *timbó* para apanhar o peixe.

Com o commercio dos europeus passaram a usar do anzol — *pindá* —, chamando aos pequenos anzões prateados — *pindá-miri-tinga*.

E'; porém, provavel que já empregassem o anzol grande, feito de qualquer substancia não metálica antes da invasão portugueza.

Não poucos logares no Brasil trazem nomes recordando esses instrumentos e usos do gentio. *Pary* ou *Paripe*; *Pariquera* ou *Pary-cóera*, cercado velho; *Pindáhyba*, anzol ruim; *Pindá-monhangaba*, fabrica de anzões; *Jiky-yá*, semelhante ao *jiky*; *Jiky-reçá*, olho ou furo do *jiky*; *Ururú-hy*, rio do cesto; *Timbóhy*, rio do *timbó*, recordam sitios das pescarias de outr'ora.

117. — A caça era como a pesca a principal occupação do selvagem, e, para realisar-a empregavam de preferencia o arco *y apára* e a flecha *uyba*, ou *uiba* esta tendo a ponta ou simplesmente endurecida ao fogo, ou com um dente de tubarão engastado com resina. O arco, feito de uma madeira rija, era mais alto do que um homem.

(1) Hans Staden — Suas viagens e captiveiro, etc. Cap. XVII.

Além do arco e flecha empregavam para caçar (*caá-mondó*), artificios mais ou menos engenhosos, ainda hoje utilizados pela gente do interior. A *juçana* era o laço armado para colher as aves; *mondé* de que procede o vocabulo assimilado *mundéo* era empregado nas mattas para matar os quadrupedes; a *guirá-puka*, de que por corruptella se fez *arapuca*, apanhava os passaros.

Entre os indios do campo, a caçada era precedida de uma batida, cercando-se um trecho a que se punha fogo, e matando-se a caça a pau á medida que ella procurava escapar ás chammas. Nas regiões centraes, as queimadas frequentes que se avistam ao longe, onde a civilização ainda não penetrou, não indicam outra coisa. A esse modo de caçar davam o nome *camondó-cai* que quer dizer: queimada para caçar.

As localidades com os nomes: *Japáratuba*, muitos arcos; *Japarakira*, arco verde; *Igapára*, de que se fez por corruptella *Icapara* ou *Capara*, canal-torto; *Mondé-hy*, rio dos laços; *Uyba-hy*, rio das flechas, de que por corruptellas se fez *Ibaky* ou *Ivaky*, são recordações dos instrumentos venatorios dos selvagens, ou lembram phenomenos com elles comparaveis.

118. — Os trabalhos agricolas eram rudimentares entre as tribus tupis por lhes faltar o uso do ferro.

O fogo era o seu principal agente no amanho da terra.

Escolhido o local para a lavoura, derrubavam-se-lhe as arvores de maior vulto, empregando-se para esse fim o machado de pedra *ji* ou *dji*, e lançava-se fogo em torno, escolhendo-se porem o lado do vento.

A' queimada, enquanto o fogo actua, davam o nome *cai* ou *caitara*, que quer dizer: o que se queima.

A derrubada ou limpa para roça denominava-se *cô* ou *cópichaba*; e a roça no acto de queimar-se *cô-y-uára*, de que se fez por corruptella *coivara*.

Aos paus retirados da queimada e dispostos em cerca ou trincheira em torno da roça ou da habitação davam o nome — *caicara*, que muitas vezes apparece sob a forma contracta *caicá* ou *caçá* nos nomes compostos.

Muitos destes vocabulos ou outros delles derivados passaram para o portuguez falado no Brasil.

Do verbo *cópyr*, tractar da roça ou limpá-la, se fez em S. Paulo o verbo *carpir*, com identico significado, e assim tambem *carpição* por *copichaba*.

O nome *caipira* empregado em S. Paulo para designar o homem rustico ou roceiro vem do tupi *cai-pira*, isto é, do verbo *cai*, queimar, e da partícula apassivadora *pira*, significando — *queimada*, que é como se dissesse — o homem das queimadas, ou que tracta de queimadas.

A' roça extincta dava-se o nome de *cô-coéra* e tambem *côpocra*, de que procede o vocabulo *capucira*, com o significado que vulgarmente se lhe dá de roça abandonada e invadida pelo matto, visto que o mesmo vocabulo tambem procede de *caá-poéra*, matto extincto, ou que já uma vez foi cortado.

Muitas são as localidades no Brasil cujas denominações recordam os trabalhos agricolas dos selvagens ou mesmo dos Europeus nos primeiros annos da colonisação.

Ha nas vizinhanças de S. Vicente uma localidade com o exquisito nome de *Cuçú*, cuja procedencia vem de certo desde aquelles remotos tempos, quando a ilha contava varios engenhos de assucar e possuia extensos cannaviaes de que Hans Staden nos dá noticia em 1548.

O nome *Cuçú* é composto de *Có-uçú*, e se traduz: — *roça-grande*, e tambem *limpo-grande*, empregando-se com este significado para designar *campo*, ou *terreno limpo*.

No Rio Grande do Sul ha o rio *Cahy*, cuja traducção se pode fazer de dois modos: *Caa-hy*, rio da matta; ou *Cai-hy*, rio das queimadas.

O nome *Cassaquéra* com que se designa um ribeiro no municipio de S. Bernardo, é o mesmo que *caçá-coéra* e significa *cerca velha ou extincta*.

Assim tambem o nome *Caçapava* que, aliás, comporta duas interpretações: *Caçá-paba*, fim de cerca, ou ponta de cerca; e *Caá-çapaba*, clareira ou aberta na matta.

Cultivavam os tupis o milho, de preferencia, ao qual

se pôde, na verdade, dar o nome de trigo americano, porque era a base da alimentação do selvagem.

O *abati*, que é como entre o gentio se denominava o milho, amadurecia no mez de novembro, época, diz Hans Staden, em que se devem temer os assaltos dos selvagens, porque, diz o mesmo auctor citado, — quando voltam de uma guerra querem ter os *abatis* para fabricarem a bebida.

Além do milho, plantavam tambem a *mandioka*, o *aipi*, a batata (*jatyuca*), o *cará*, varias especies de abobora (*geremú*), a banana (pacoba), o *mandobi* que dizemos amendoim.

Os nomes de logares como *Mandiotuba*, mandiocall; *Comandatuba*, feijoal; *Mangaratyba*, mangarazal e outros como *Camaratyba*, *Acajutyba*, *Amaniutyba*, *Pacótyba*, *Noranttyba*, *Cannatyba*, *Natuba*, exprimem culturas de outr'ora, ou abundancia de camarás, cajú, algodão, banana, laranjas, canna e ananaz.

A canna e a laranja não eram indiginas da America, mas desde logo, nos primeiros annos do descobrimento, foram introduzidas e cultivadas.

Em 1518, quando Fernão de Magalhães aportou ao Rio de Janeiro, por occasião da sua memoravel primeira viagem de circumnavegação do globo, já encontrou cultivada pelos tupinambás a canna de assucar, de certo introduzida no paiz por alguns dos muitos navios que já por esse tempo frequentavam o Brasil e traficavam livremente com o gentio. Nos grandes rios da bacia do Paraná e do Prata, onde tão larga foi a acção dos jesuitas, um dos phenomenos que mais impressionam o viajante são os bosques de laranjeira selvagem, de fructos amargos, cujas sementes as aguas se encarregam de distribuir e propagar.

119. — Os alimentos (*tembiú* ou *temiú*) eram simples mas variados. Não era usado o sal como condimento, mas assando a carne, o peixe ou qualquer fructo ou raiz, mostravam apreciar a cinza como um succedaneo. Nenhuma caça ou peixe comiam crú.

Descendo o rio Paranapanema, em 1886, encontrei, sobre um lagoado á margem do rio, abundantes cascas de laranja assada, despojos de uma refeição, apenas terminada, de uma familia selvagem, que assim usava do fogo para tornar mais toleravel o sabor amargo daquelles bellissimos fructos amarellos.

Da mandioca, faziam varias especies de farinha *cuy*. A' que era fina como a de trigo dava-se o nome *carimã*; á meio cosida—*uy-tinga*; á bem cosida—*uy-atã*, que era a farinha de guerra; á feita de mandioca cortada em roletes e secca ao sol, pisada depois ao pilão—*typyrati* e á que era feita com mandioca posta de molho por alguns dias—*uy-puba*, denominando-se *mandiô-puba* á mandioca assim tractada.

A's cascas ou raspas imprestaveis da mandioca dava-se o nome de *corêra* de que por corruptella se fez a palavra *crueira*, á feição portugueza.

Moida a mandioca, exprimiam-na num cesto tubular elastico feito de folhas de palmeira a que chamavam *ty-pity* e que alguns erroneamente dizem *tapity*.

Ao succo exprimido e assentado davam o nome de *typioca* de que por corruptella se fez *tapioca* geralmente entre nós usado.

Tambem do peixe faziam farinha como um dos mais seguros meios de o mais bem conservar, e lhe davam o nome de *pirá-cuy*. Entre os Tupinambás e Tamoyos, o peixe preferido para farinha era a tainha a que chamavam *piraty* e que por corruptella entre os portuguezes se passou a dizer *paraty*, *baraty* e até *barty*. No Amazonas prefere-se ainda hoje o *pirarucú*, peixe vermelho.

Da mandioca faziam bolos a que denominavam *mbeyú* donde vem o nome *beijú*, vulgar no Brasil, significando *enroscado*, *enrolado*; faziam o mingau e varias bebidas fermentadas conhecidas por *cayçuma* e *tykyra*.

Com o milho preparavam a *cangica* (*acan-jic*), grão cozido; a farinha, *abati-uy*; a *pamuna* ou *pamonha*; a *popoka*, de que procede o nome *pipoca*, e quer dizer ar-

rebetado ou *estalado*; e tambem uma bebida fermentada —*abati-y*.

Assavam carne ou o peixe sobre brazas ou então sobre um gradeado de madeira, operação a que se dava o nome de *mokaen* de que procedem o nosso vocabulo *moquem* e o verbo *moquear*.

Ao assado envolvido em folhas como faziam com o peixe chamavam *pokeka*, de que se fez por corruptella *moqueca* e significa *embrulho*.

A' carne ou peixe pilado e misturado com farinha davam o nome *paçoka* (*pó-çoka*) que quer dizer *pilado á mão*, ou *esmigalhado á mão*.

O *cauim* era o seu vinho mais estimado e feito do succo do cajú, donde lhe vem o nome *acayú-y*. Alargando, porém, o sentido do vocabulo, applicaram-no tambem para bebida fermentada feita de milho mastigado.

120. — No interior de uma cabana selvagem os utensis mais communs eram: a rêde para dormir *ini*, atada por cordas, (*ini-chama*) a dois fortes esteios, *okytd*.

A um lado via-se a lareira (*tatá-rendaba*) e sobre ella o *mokaen*, e mais alto, pendente da parede, a *uru-pema*, peneira ou cesto raso; o *urú*, cesto pequeno com tampa; o fuso (*y-yma*). Viam-se tambem a um canto mais abrigado a talha cheia d'agua (*ygaçaba*), o pote de bocca pequena, *camuty* ou *camucim*; ao passo que os alguidares, (*nhaen*) e panellas (*nhaempêpô*) alinhavam-se mais perto do fogo. Fôra da cabana, dependurado a uma ponta de caibro via-se o *typity* e encostado á parede, mas deitado por terra, o pilão (*indudá*).

Muitos são os nomes de localidades no Brasil recordando os utensis e objectos de uso domestico entre os selvagens. *Moquem* em Goyaz; *Camucim*, no Ceará, *Itá-nhaen*, alguidar de pedra ou tacho, em S. Paulo; são exemplos assás notorios.

121. — Entre os objectos ornamentaes e servindo nas solemnidades e danças (*poracê*), distinguem-se o *acangatará*, feito de bellissimas plumas de garças, do camindé e das araras, servindo para ornar a cabeça; a *açayaba*,

especie de manto tecido tambem de pennas, descendo dos hombros até os rins; a *ara-açoyaba*, especie de cocar ou chapéo; o *iampenambi* que se applicava ás orelhas.

Muitas vezes pintavam o proprio corpo com as cores vivas do *urucú* e do *genipapo* para se mostrarem bizarros; unctavam-se de oleo ou resina e cobriam-se de pennas de varias côres picadas bem miudo; furavam o beijo inferior (*tembé*), e engastavam-lhe pedra de côr esverdeada ou branca mui polida a que chamavam *tembetá*, isto é, *tembé-itá*, pedra de beijo, por outros tambem designado *itametára*, botoque de pedra.

O uso de taes ornatos engastados no beijo, nas orelhas e até nas faces chegou a tal extremo que os primeiros viajantes asseguram terem visto individuos com sete dessas pedras mettidas nas carnes do rosto.

Havia botoques (*metara*) de todo genero e de varias formas, uns de osso polido, outros de dentes de animaes, outros de resina amarella e translucida como o ambar, e ainda outros de madeira leve como a da barriguda ou paineira.

Os *Guaycuriús* trouxeram-no de ouro.

Os *Aymorés*, os *Botocudos* faziam-no de madeira, dando-lhe forma circular e attingindo ás vezes um grande diametro.

Outros selvagens atravessavam pennas no nariz e outros ainda introduziam-nas nas faces.

Alem destes barbaros ornamentos, traziam ao pescoço o *jacy*, lua ou semi-circulo de osso alvissimo, e ás vezes um grande collar de conchas a que denominavam *ajucará*.

Encontram-se na geographia do paiz muitos nomes rêcordando esses objectos ornamentaes do selvagem e suas festas. *Baracá* por *Poracé*, reunião para festa, dança ou folguedo, nome que se encontra citado em velhos documentos dos archivros de S. Paulo; *Aaraçoyaba*, morro isolado nas vizinhanças do Ipanema; *Arassoahy*, ou melhor *Araçoyá-by*, rio, ou localidade em Minas Geraes;

Jacygod, valle da lua ou globo da lua; *Tamerary* por *Itamerat-y* rio do botoque de pedra.

122. — Eram grosseiros e pouco sonoros os instrumentos musicaes do selvagem. Tinham como primeiro e mais excellente o *maracá*, chocalho feito de um cabaço em que se introduziam sementes ou pequenos seixos, e se ornava com esmero, porque era em algumas tribus considerado como sagrado; o *memby* ou gaita; o *boré*, a *inubia*, trombeta de guerra ou buzina, o *guarará* ou tambor.

Varias localidades entre nós trazem nomes destes instrumentos musicos dos selvagens.

A cidade de *Maracás*, no interior da Bahia, e os montes *Guararapes*, famosos pelas victorias ahi alcançadas sobre os hollandezes no seculo XVII, são recordações que persistem daquelles primitivos tempos.

O nome historico de *Guararapes* é, porém, simples corruptella de *Guarara-pe* e se traduz—*nos tambores*—.

Recordará por ventura esse nome tupi o ruido das caixas de guerra num sitio onde tantas vezes ellas resoaram á frente das cohortes combatentes, ou lembram tão sómente uma feição topographica em que o relevo dos montes traz á idéa os toscos instrumentos do selvagem de outr'ora?

Não conheço a topographia do logar, mas opino pela primeira hypothese, aliás, naturalissima num paiz assolado pela guerra, e onde as populações se tinham familiarisado com os episodios e circumstancias minimas de uma luta por longo tempo protraida.

123. — Depois da vinda dos europeus e do commercio com estes, começou o gentio a receber os instrumentos de ferro que tanto cubiçavam e que constituiam o artigo mais importante de todo o trafico com os selvagens nos primeiros annos da conquista. O machado (*itajy*), a faca (*itakicé*), a foice (*kiccapara*), a enxada (*itacyra*), a tesoura (*pyranha*), a serra (*kytycaba*), eram artigos regulamentados e quasi os unicos objectos de ferro que se consentia vender ao gentio.

Entretanto, e não obstante a prohibição formal das auctoridades, o selvagem foi adquirindo outros instrumentos como a espingarda ou fuzil (*mbocaba* ou *pocaba*), a espada ou facão (*kicégui*), a pólvora (*mocá-cui*) e, segundo o testemunho de viajantes francezes, até artilharia (*mocábucú*) possuía o famoso Cunhambebe, chefe dos tamoyos de Ubatuba.

Recebiam também os tecidos da Europa, a que denominavam *pana*, cujas peças não raro serviam de moeda para resgate de prisioneiros europeus.

Chamavam *pânaçu* ao panno grosso, e *panapoi* ao panno fino. Os farrapos ou andrajos tinham o nome *panahyba*, donde é provavel que proceda por confusão de termo o vocabulo *pindahyba*, vulgarmente applicado como synonimo de penuria ou miseria.

Tinham em grande estima o espelho, a que chamavam *oaruí*, e faz lembrar o vocabulo francez *miroir*, suppondo-se por isso ter sido primeiro introduzido por francezes, que foram dos primeiros a traficar na costa do Brasil. Recebiam mais a aguardente (*cauim-tatá* ou *yahyba*) as contas ou missangas (*mboi* ou *poi*), o guizo ou cascavel metalico (*aguai*) denominado também *maracá-yuba* ou sob a fórma contracta *maracá-yü*.

Na geographia do paiz encontramos alguns desses nomes designando localidades: *Boim* (*mboi*) no Pará, *Maracajú*, serra da divisa entre Matto-Grosso e o Paraguay.

124. — Em torno da cabana selvagem, e invadindo-a mesmo com a maxima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de animaes domesticados, a que chamavam *mimbaba*. As aves de formosa plumagem como o *guardá*, a *arára*, o *canindé*, o *tucano*; grande numero de perdizes (*anhamby* ou *inhambü*), *urüs* e patos (*ipéca*); animaes como o *macaco*, o *quati*, a *irara*, o veado, o gato (*pi-chana*) e até cobras mansas se encontravam no mais intimo convivio.

Com o commercio europeu recebeu o gentio a gallinha (*uruguaçu* ou *çapucaia*) a que presavam em extremo, vendendo aos estrangeiros os ovos dellas (*çopiá*) em

grande copia, assim como presavam os cães, a que chamavam (*jaguamimbaba*) que quer dizer — onça de criação. Nos pampas do sul o cavallo (*cabarú*) introduzido pelos hespanhóes, desenvolveu-se rapidamente e tornou-se selvagem. Os Guayecurús caçavam-no e desde logo se tornaram destrissimos cavalleiros.

O boi (*tapira-çobayguára*), considerado como uma anta estrangeira, a cabra (*çodaçúme*), a ovelha (*obechá*), o porco (*tanha-açúiaia*), desenvolviam-se em torno das reduções ou aldéas povoando de gado novo as campinas americanas.

125. — Tinham sua mythologia os povos da raça tupi, a despeito do que a principio disseram os chronistas e escriptores dos primeiros tempos que avançavam não ter o gentio nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*, razão, diziam, porque na sua linguagem não ha as letras *j*, *l*, *r*, iniciaes de taes palavras. Todavia era bastante singelo ou rudimentar o que possuia esse povo de idéa religiosa. Tinha uma vaga noção do Ente Supremo a que denominava *Tupã*, cuja voz se fazia ouvir por occasião das tempestades *Tupã-cynunga*, ou o trovão e cujo reflexo ou claridade se denominava *Tupã-beraba*, ou relampago. O genio bom residia em *Anhanga* ou *Anhan*. Serviam a *Tupã*, diz Ives de Evreux, os bons espiritos *Apyáuêné*, e a *Anhan* os maus genios conhecidos por *Uyáupíú*. *Geropary* ou *Jurupary* era para uns o genio mau, e para outros, segundo o mesmo Ives d'Evreux, um servo de *Tupã*.

Dos genios bons recebiam os beneficios, tinham felicidade na caça, victoria nas suas guerras, e colheita abundante nas suas roças, porque a chuva em tempo opportuno era trazida por elles, *Amana-yára*, manda-chuva. Os maus genios, ao contrario, habitavam o escuro da floresta ou os cemiterios, assaltavam os caçadores, desviando-os no labyrintho dos bosques, ludibriando-os, maltractando-os de mil maneiras. Por causa delles o sol se fazia abraçador e a chuva não caia no tempo proprio.

Caapóra ou *caipóra*, genio anão de um pé só, ou de uma banda só, que ás vezes apparece cavalgando um

taiteti, na clareira da matta, trazia a desgraça ou insuccesso para quem o avistava.

Curupira presidia aos maus pensamentos e fazia pesadellos.

Sassy tinha a figura de uma ave pequena.

Os bons genios, ou os antepassados mandavam avisos ou se faziam ouvir por meio do canto melancolico da *Acauan*. Por onde se vê que o gentio admittia uma outra vida, a qual se passava num paiz distante para além das montanhas visiveis.

Chamavam *an* o sopro da vida, ou a alma enquanto habitava o corpo de um vivente, e *an-goéra*, a alma de outro mundo, denominada tambem *maraguigana*, se annunciava a morte por meio de uma assombração, *angoéraba*.

Nas aguas dos rios e lagos denominavam genios femininos, ou *Uyáras*, dama das aguas, ou mãe d'agua, cujo canto seduzia os pescadores para os perder, mytho identico ao das sereias dos marujos de todos os tempos.

Guardavam os tupis a lembrança de um beifeitor e legislador desaparecido a que chamavam *Sume*, que lhes ensinara a viver em bôa regra, como lhes ensinara a cultivar a mandioca, desaparecendo depois para o lado do mar em cujas praias deixára impresso nas rochas mais duras as plantas dos seus pés sagrados. No littoral da Bahia, caminho de Itapuan, o povo credulo procura ainda na baixa mar para mostrar aos viandantes, como a mim me mostraram, sobre duro granito as pegadas indeleveis do mysterioso bemfeitor dos selvagens.

Tinham a tradição do diluvio a seu modo.— Quando as aguas cresceram, diz a lenda, cubrindo a terra, todos os viventes pereceram. *Tamandaré*, porem, com sua familia subiu, para o olho de uma palmeira, cujos fructos o sustentaram por todo o tempo que durou a inundaçáo, até que elle pôde descer para tornar a povoar a terra.

O nome *Tamandaré*—do personagem mythico do diluvio dos selvagens encontra-se ainda no paiz designando mais de uma localidade.

Não esqueceu também a geographia brasilica o nome de *Sumé*, o ente mysterioso, tão cedo desaparecido, com o qual o espirito eminentemente religioso daquelles tempos procurou identificar a pessoa de S. Thomé.

Nas costas do Maranhão, vizinho de Gurupy, um rio obscuro leva ao mar com o tributo das suas aguas o nome *Maracá-Sumé*, que quer dizer o *sino de Sumé*, recordação de quem por seus beneficios soube cavar fundo na alma simples do gentio.

Não poucas localidades no Brasil trazem nomes recordando os genios da mythologia selvagem.

O portuguez mesmo chegou a adoptar entre nós o vocabulo *caipóra*, como synonymo de desdita, e d'elle fez ainda *caiporismo*, que já conquistou fóros de cidade.

126. — Era grosseiro e quasi nenhum o culto do selvagem, de preferencia destinado a propiciar os maus espiritos. Ives d'Evreux relata ter visto ou conhecido idolos feitos de cêra e guardados mysteriosamente no escuro das florestas pelos *Pagés* ou feiticeiros. Hans Staden fala de uma cabana mysteriosa onde se guardavam entre os tupinambás os maracás sagrados.

Os *Pagés*, *Payés*, *Piagas* ou *Carabybas* eram santões, adivinhos, medicos, sabios e conselheiros da tribu, cujas tradições guardavam.

Tinham grande poder suggestivo e sabiam os meios seguros de bem impressionar. Curavam soprando, chupando, friccionando com oleo a parte doente, defumando-a com plantas aromaticas. Conheciam os effeitos de certas plantas, formando uma therapeutica, cujo segredo, manhosamente guardavam, mas que os colonos europeus depois conheceram.

Tinham em grande veneração a memoria dos antepassados (*tamunhoéra*) e os mortos (*teonboéra*) eram sepultados com um ceremonial como se partissem para uma longa viagem.

A' sepultura (*tibycoára*) desciam o cadaver envolvido na sua rede, com as suas plumas e cocares, o seu arco e suas flechas e também as provisões para o caminho

da outra vida que suppunha ser para além das montanhas azues, longinquas.

Não raro, introduziam o corpo dobrado e acororado em umas urnas de barro ou potes (*igaçaba*) que iam enterrar nos logares mais escuros da floresta, ou nas cavernas quasi inacessiveis para que quedassem isentas da profanação dos estranhos.

Muitos logares no Brasil trazem nomes que recordam as crenças dos selvagens e a sua grande veneração pelos mortos: *Pageú* (*Page-y*), rio do feiticeiro; *Carahyba*, o Santo; *Maracá*, o chocalho sagrado; *Tibicoary*, o rio das sepulturas; *Igaçaba*, urna; *Igaçatyra*, morro dos potes ou das urnas, são denominações que lembram as crenças desaparecidas dos tupis.

127. — O governo entre os individuos da mesma tribu era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecessores honrosos. Não havia hereditariade no governo, e este só se tornava effectivo em tempo de guerra. O chefe, *morubichaba*, era um simples capitão dirigindo a lucta, conduzindo os seus á victoria.

A guerra, *marâ* ou *morumbi*, a que se dava ainda o nome *maranã*, quando se tornava encarniçada, constituia quasi que a unica occupação dos varões ou guerreiros, *guarini* ou *maranhára*, que é como se denominavam os que estavam em idade de pegar em armas e defender a tribu.

Os nomes: *Morumbi*, guerra; *Maranguape*, no valle da batalha; *Morundu* ou *Marandú*, confusão, lucta; *Marãpé*, caminho de guerra; *Maram-mbaia*, palissada de guerra, lembram na geographia do paiz os episodios das luctas de outr'ora.

128. — Depois da conquista européa modificaram-se por muito as condições de vida entre os selvagens.

O commercio com os brancos trouxe-lhes necessidades novas.

O christianismo, prégado pelos missionarios, fez-lhes perder as suas praticas e costumes barbaros, e o cate-

chumeno mais humilde na verdade, menos fêro e varonil por sem duvida, porem mais humano em todo o caso, apparelhrou-se para a obra da civilisação que devia começar por elle.

O padre tal prestigio então adquiriu entre o gentio que lhe ficou parecendo um ente sobrenatural, um homem differente de toda a gente — *abá-ré*.

Aos padres da Companhia de Jesus, a que particularmente prezavam, chamavam *Pay-abuna* (*Pay-oba-una*), padre de vestes negras; aos franciscanos com o seu pesado burel que os fazia parecer com o gafanhoto — *Pay-tucura*; aos leigos que só tinham a apparencia de sacerdote *Payapina*.

Em torno do missionario crescia a população dos reduzidos ou já convertidos, erguendo-se com a igreja nova uma aldêa nova, *Tapeçacú*. Chamavam-se então *Tupanarayra*, filhos de Deus, aos recém-baptisados e *cera-yma* ou, *sem nome*, aos pagãos que ainda não haviam recebido um nome christão.

A arvore promissora da civilisação em terras da America, a cuja sombra esta nação hoje se abriga, aqui estava ainda em germen ou como uma tenra plantinha á mercê e protecção daquelles que prégavam a *bôa nova*.

Do devotamento delles pela raça do gentio é que se constituiu essa nação, consorcio de diversas raças aqui tornando possivel, cujo vasto territorio, nos campos como nas florestas, no valle como na montanha, no deserto como na cidade, attesta, por toda a parte, nas vozes tupis com que se designam, o esforço inolvidavel daquelles obreiros da palavra, cultores dessa lingua que elles salvaram do anniquilamento e que na geographia patria, ao menos, não perecerá jamais.

CAPITULO IV

Da interpretação dos nomes tupis com emprego na geographia e na historia nacional

129. — Nada mais ingrato nem mais exposto á contraversia do que esse mister de interpretar palavras de uma lingua desaparecida ou que já não tem vida diante de outra que a supplantou e lhe absorveu parte do vocabulario, como é o caso do tupi para o portuguez falado no Brasil.

E, todavia, foram sempre tentadoras as investigações deste genero, como se verifica do numero não pequeno dos cultores delle.

O estudo etymologico dos vocabulos para o fim de precisar-lhes o verdadeiro significado foi sempre campo de larguissimas proporções onde a imaginação não raro assume papel preponderante, e as hypotheses mais ousadas, como as explicações mais suggestivas encontram guarida e se impõem ao senso commum, aureoleadas ainda por cima por esse prestigio que a erudição de ordinario lhes communica.

Nesse terreno das investigações linguisticas, o imaginario e o hypothetico, dando pasto amplo aos espiritos inventivos e imaginosos, aos que se sentem solicitados para as escavações difficeis, aos que se deixam seduzir pelos problemas de soluções transcendentes, deram já nascimento a um verdadeiro genero litterario.

Aqui como em tudo mais, ha sempre um lado chimerico que deslumbra e captiva, como muita vez succede aos mineiros que se obstinam nas profundezas da terra

a buscar um veeiro cujos indícios não faltam nunca, mas de que jamais se patenteia a esquivia realidade.

Certo, neste mister de interpretar, muito ha do mineiro perseguindo a sua chimera.

Mas assim como no minerar, mesmo buscando o imaginario, nem tudo é em pura perda, pois que, nesse ingrato labutar, não poucos segredos do solo se desvendam, assim nos estudos linguisticos nem tudo é vão e improficuo, uma vez que aberta fica a vereda por onde outros, quiçá mais felizes, ou mais bem aparelhados, podem attingir á realidade ou ao verdadeiro.

E' mister, porém, reconhecer com justiça, que nesses tentamens de interpretar ou de restaurar vocabulos tupis etymologicamente, aos esforços expendidos têm quasi sempre correspondido resultados promissores.

No livro como nas revistas, na imprensa diaria como nas palestras litterarias é o assumpto de continuo debattido, não raro com largueza e proficiencia, logrando sempre geral acceitação, o que anima e estimula os investigadores.

Observa-se, porém, e não ha negal-o, nas investigações deste genero entre nós, certa falta de methodo, uma tal ou qual discrepancia na applicação dos processos logicos de investigar, que não pôdem deixar de affectar, tornando incompletos, os resultados obtidos.

Basta isto para justificar o que passamos a expender no presente capitulo.

130. — O estudo etymologico dos nomes tupis com applicação na geographia ou na historia nacional é, a meu vêr, um trabalho máis de investigação historica do que propriamente de lexicologia.

Sendo o tupi, como é, uma lingua agglutinante, com os elementos componentes quasi integraes, ou mui raramente contractos, a palavra, nesse idioma, com facilidade se analysa; e ainda quando mettida numa como que *encapsulação* em que os varios elementos se envolvem uns aos outros, as linhas de separação destes não desapparecem totalmente, e a desaggregação desses elementos

habilita o interpretador a traduzir. O problema mais importante, o estudo mais serio, e a meu ver essencial, é o da *identificação historica* do vocabulo ou a restauração da sua graphia primitiva, tal como ella symbolicamente representou em outro tempo a palavra falada.

E' mister, portanto, ler os documentos mais antigos, as chronicas, roteiros, relações de viagem, os mappas geographicos que primeiro se publicaram e que possam encerrar o thema ou o vocabulo a interpretar e ahi surprehender-lhe a graphia antiga, de certo, a mais verdadeira, pois que é de suppor fosse a representação symbolica mais fiel dos sons recolhidos directamente do gentio ou dos seus immediatos descendentes, e, portanto, mais isenta dos effeitos provenientes do diuturno contacto com a lingua que ficou prevalecendo.

Conseguida a *restauração historica* do vocabulo, facil será explicar como elle se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariaveis e positivas são as leis phylologicas que regem a especie.

Sem a restauração do vocabulo com a sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insolavel, em certos casos, é o problema linguistico attinente aos nomes geographicos de procedencia tupi.

Firmado este ponto, é mistér ainda considerar que o tupi, como todas as linguas barbaras, sem cabedal litterario ou com arte e vocabulario organisados por extranhos, é sujeito aos defeitos communissimos da homographia e da homophonia. Palavras, na verdade, differentes soaram e se escreveram por forma identica nos primeiros vocabularios.

Além disso, os dialectos numerosos entre as tribus selvagens não consentem palavras com formas fixas e definidas, entrando os vicios de pronunciação, as modalidades do falar como causas inevitaveis da variação dos vocabulos.

As difficuldades do interpretador salientam-se ainda se se considerar que o tupi, em contacto com outras linguas americanas, como tantas houve no ambito do Brasil

e nas suas fronteiras, não poucos vocabulos estranhos adquiriu, como não poucos foram os que o portuguez por si mesmo assimilou do *quichua*, do *kariry* e dos que geralmente se designam pelo nome *tapuya*. Dahi, a necessidade de quem interpreta de bem conhecer o tupí e os seus principaes dialectos, e de guardar a reserva mais cautelosa no decidir-se pela nacionalidade de um vocabulo duvidoso.

Este preceito é tanto mais de observar-se quanto é certo que não raro os interpretores se deixam possuir de verdadeira obceção, querendo ver vocabulos tupis em quanta palavra espuria se lhes apresenta com estrutura aparentemente brasilica.

O nome *Jurumenha*, por exemplo, que se encontra entre nós designando uma villa obscura do Piauihy, pode induzir em erro, pela sua estrutura tupi, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejo sobre a margem direita do Guadiana.

Von Martius interpretou-a como tupi, decompondo-a em *Jerumi-mceng* e traduzindo — *dar aboboras*.

Assim é que José de Alencar, nas suas notas ao romance *Iracema*, interpretou como tupi a palavra *Mecejana*, derivando-a de *Mo-cefar-ana*, quando é sabido ser esse o nome de uma antiga villa portugueza nos campos de Beja, no Alemtejo.

Carlos von Martius interpretou como se fôra um nome tupi a palavra *Quixeramobim* fazendo-a derivar de *Qui-xere-amobinhê* phrase que assim traduziu — *Ah! meus tempos passados!...*, quando, aliás, é vocabulo tão *tapuya* como o são *Quixadá*, *Quixeló* e *Quixerá*, no valle do Jaguaribe, no Ceará.

Nas margens do S. Francisco, se se encontram nomes de localidades como *Cabrobó*, *Pambú*, *Centucé*, que se reconhecem logo como de uma lingua *tapuya*, outros ha, porém, que, pela sua estrutura, parecem tupi, induzindo em erro o interpretador. O nome *Orocó*, por exemplo, que alli se encontra designando um monte elevado e

bastante distincto no seu aspecto, pôde ser interpretado como alteração de *Urucú*, como pôde ser identificado com o vocabulo *Orkó*, que na lingua quichúa quer dizer *monte*. Assim tambem o nome *Orobó*, que se não fôr tapuya como parece que o é, levaria o interpretador a consideral-o como corruptella, por dialecto, do nome *Urubú*.

Os nomes *Jequié*, *Sincorá* e *Cochó* ou *Goyó*, que em lingua tapuya significam : *onça*, *fome* e *rio*, pela sua estrutura aproximada do tupi, tambem podiam ser filiados a esta lingua.

O rio Belmonte, que dos sertões de Minas Geraes traz o nome *Jequitinhonha*, é outro notavel exemplo. Muito provavel é que esse nome *Jequitinhonha* proceda da lingua dos botucudos, derivando-se de *Jequetinhong*, que quer dizer — *rugido da onça*; entretanto que no tupi pôde muito bem ser identificado com a phrase *Jiky-ty-nhonhe*, que se pôde traduzir *côfo na agua amarrado* ou *assentado*.

131. — A tendencia para *tupinisar-se* um vocabulo de lingua extranha não é todavia maior do que a de corromper o tupi, latinisando-o, ou ainda mais modelando-o á feição portugueza. O nome *Nhandui*, por exemplo, de um chefe de tribu selvagem da Parahyba, significando — *uma pequena*, ou figuradamente *habil corredor*, converte-se em *Jean Dory* na obra Roulox Baro, e latinisado em *Jandovius* na obra de Barlaeus.

Do nome *Paracauri*, que quer dizer — *papagaíinho*, depois alterado para *Percaauri* (1), com que se designava nos antigos roteiros uma ponta de terra ao sul Recife de Pernambuco, se fez mais tarde *Pero Cavarim*, como se lê em o Roteiro do Brasil de Gabriel Soares, e depois ainda alterado para *Pero Cabarigo*, como se fôra intenção dos povoadores de perpetuar naquella, aliás obscura; localidade o nome de algum personagem daquelles tempos.

(1) Roteiro de Pero Lopes, publicado por Varnhagen.

Do nome *Sernambityba*, que quer dizer *deposito de ostras*, das que se conhecem pelo nome de *sernambi* e que também vem citado no dito Roteiro de Gabriel Soares, se fez primeiro *Simão de Tyba* e depois *João de Tyba*, com que se designa nos mappas modernos o rio que desagüa no mar ao norte de Porto Seguro, duas leguas para além do rio de Santa Cruz (1).

132. — Do que deixamos exposto decorre que para bem interpretar nomes tupis, com emprego na geographia e na historia se ha de adoptar como regra:

1.º Descobrir a graphia primitiva do vocabulo nos documentos mais antigos em que esse possa ter apparecido e, na falta desse elemento, procurar surprehender-lhe a pronuncia entre o povo rustico do interior, onde a corrupção dos vocabulos tupis é menos intensa e quasi que permaneceram intactas as tradições do falar.

Do nome *Guayanaz* ou *Goyanaz*, por exemplo, desde longos annos modelado á feição portugueza, só se encontra a graphia primitiva — *Guayanã* — nos escriptos de Anchieta (2), e só entre os *cápiras* se lhe conserva até agora a pronuncia verdadeira.

O nome *Mantiqueira*, modelado já á portugueza, só em documentos antigos guarda a primitiva graphia — *Amantiquira* — que se traduz: *a chuva gotteja* ou *pinga*.

A palavra *Goytacaz*, em outro tempo *Guaitacá*, fórma contracta de *Goatacára*, só no Diccionario Portuguez-Brasiliiano de 1795 encontra o termo primitivo com a significação de *passeador* ou *andarilho*.

2.º Analysar o vocabulo restaurado e verificar se, no seu longo evoluir, as modificações experimentadas se fizeram segundo as regras philologicas que regem a especie e que servirá de confirmação ao que se houver conseguido pelo processo historico. Assim, por exemplo, a palavra *bossoroca*, cuja procedencia é de *yby-çoroc*, signi-

(1) Ayres do Casal, *Chrorographia Brasilia*, tomo 2., pag. 71.

(2) Padre José de Anchieta.—Informação dos casamentos dos indios do Brasil.—Revist. Inst. Hist. Geog. Bras. Tomo 8., pag. 254.

ficando *terra rasgada* ou *fendida*, uma vez analysada, se verifica como successivamente se lhe transformaram e caíram os sons que a compõem, segundo *a lei do menor esforço*.

De *yby-çoroc* se fez, pela defeituosa pronunciação do *y*, *ubuçoroc*, e, pela quêda da vogal muda inicial, *bu-çoroc*, donde, sem mais esforço, se chegou á forma actual *buçoroca*, que é a mais conforme com a etymologia, ou *bos-soroca*, *vossoroca* como outros escrevem.

3.º Decompôr o vocabulo restaurado etymologicamente pelos seus elementos agglutinados, sempre faceis de destacar, collocando-o por esse modo em condições de ser traduzido. O nome *Jacarépaguá*, eminentemente descriptivo, quasi nenhuma corrupção expirimentou, a não ser a quêda de uma vogal muda no meio do vocabulo, e, portanto, facil é decompol-o nos seus elementos agglutinados: *Jacaré-upá-goá*, traduzindo-se: *valle da lagôa dos jacarés*.

4.º Ter sempre em vista que as denominações tupis das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas como soem experimentar os povos infantes, incultos no maximo convivio com a natureza. Exprimem tambem meros accidentes em uma circumstancia qualquer, mas que deixaram viva recordação no animo do selvagem.

Assim é, por exemplo, que temos nomes propriamente descriptivos: *Butucabaru*, monte que serve de cavallo ás nuvens; *Parahy-tinga*, rio de agua branca; *Akir-hy*, rio verde; *Ibitiroy* (*Ybytyr-roy*), serro frio; como temos nomes recordando uma circumstancia habitual: *Jabacoára*, escondrijos de fujões; *Aracoára*, esconderijo ou paradeiro das araras; *Piratiôca*, morada ou paradeiro das tainhas. Outros accusam uma producção caracteristica:

Pirituba, juncal; *Caragoatátuba*, gravatásal; *Sepetiba* (Sapé-tyba), sapesal.

Outros dão o aspecto geral do relevo do solo como: *Nhúbaté*, campo alto; *Ybyapaba*, terra aparada ou aplainada, planalto; *Ybytyretê*, serra ou corda de montes. Outros ainda recordam simples episodios ou acontecimentos: *Maran-god-pe*, no valle da batalha; *Abarémandoaba*, lembrança do padre; *Cabapoama*, vespas assanhadas; *Ava-nhandava* (Abánhandava) a carreira da gente, ou onde a gente corre.

Dahi resulta que ao interpretar-se um nome tupi, se elle por ventura se applica a uma localidade, é mister conhecer desta as feições características quer topographicas, quer indicadoras das suas producções mais abundantes, emfim conhecer-lhe a *característica*, tanto a actual como a de outr'ora, que de certo deu origem á denominação que se investiga.

Os exemplos seguintes deixam bem patente o alcance dos preceitos que acabamos de expender.

Comecemos pelo nome *Bertioga*, do canal historico entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme, que tão importante papel representou na incipiente colonisação da capitania de S. Vicente.

E' incontestavelmente o nome *Bertioga* um vocabulo tupi alterado pela dicção portugueza.

Os mais antigos escriptores e chronistas o attestam. Magalhães de Gandavo no seu Tractado da Terra do Brasil (1576) escreveu *Britioga*. O padre Pero Rodrigues, contemporaneo de Gandavo, na sua biographia de Anchieta, ainda inedita, escreveu *Britioga*.

Simão de Vasconcellos, na Vida do Padre Joseph de Anchieta, escrevia ora *Beritioga*, ora *Piritioga*. João de Laet, que se apoiou nos escriptos de Hans Staden e de Fernam Cardim, escreveu *Britioca*. Entretanto, nas varias edições da obra de Staden se lê *Brikioka* ou *Brickioka*, graphia adoptada pelo auctor das Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente, o qual, aliás, assevera ter encontrado em velhos documentos o nome *Buriquioca*,

applicado antes a um monte fronteiro á barra do canal do que ao proprio canal e significando *casa de macacos buriquis*.

Erronea, porém, me parece a interpretação do auctor das Memorias, que, de certo, conhecia a obra de Staden, onde colheu o nome *Brikioka*, como colheu *Iwawasuppe*, por elle transformados, no cadinho da interpretação, em *Buriquioca* e *Enguaguaçu*.

Que o nome *Brikioka*, como se lê em Hans Staden, é um erro de cópia ou de composição dos editores da obra do mallogrado aventureiro se verifica da graphia seguida por João Laet, que ou teve bases para rejeitar ou corrigir esse erro, ou colheu o vocabulo de algum exemplar mais correcto.

Seja como fôr, porém, o facto é que em nenhum ro-teiro, chronica ou historia de fonte portugueza se encontra jamais *Briquioca*, mas sim *Britioca*, *Bartioga*, *Bertioga*, etc. Essa é, portanto, a graphia primitiva e mais proxima da verdadeira, como passamos a demonstrar.

As varias graphias: *Britioca*, *Beritioga*, *Piritioga*, *Bartioga* e *Bertioga* encerram todas um mesmo thema alterado de diversas fórmas, e uma mesma desinencia commum, representados no vocabulo *Pirati-oca*, que quer dizer — *refugio ou paradeiro das tainhas*.

Do thema — *Pirati* — facil é explicar-se como podiam ter vindo—*Piriti*, e as fórmas *Briti*, *Beriti*, *Barti* e *Berti* pelo abrandamento da consoante inicial e pela quéda ou troca das vozes breves ou mudas.

No mesmo Hans Staden se lê o nome *Bratti* como applicado pelo gentio ao pescado que os portuguezes chamam — *tainha*. Portanto, *Bratioca* ou *Bertioga* têm a mesma traducção, porque constituídos dos mesmos elementos agglutinados: *Brati* ou *Berti*, tainha; *oca* ou *oga*, casa, refugio, paradeiro.

A caracteristica do local outr'ora, como hoje, confirma a interpretação. O canal da Bertioga sempre foi muito piscoso, e as tainhas ahi se encontravam em grandes cardumes. Hans Staden refere que esse peixe costuma

em certa época do anno deixar o mar e procurar os canaes ou esteiros para a desóva em sitio mais repousado. Por esse motivo as pescarias eram importantes na Bertioiga, cuja posse os selvagens disputavam e os colonos portuguezes desde logo comprehenderam a necessidade de defender.

O capitão Burton, que visitou essa região, theatro das proezas e desditas de Staden, verificou em 1865 a abundancia desse peixe não só nas vizinhanças da Bertioiga como em toda a costa para além de Ubatuba e *Paraty*, cidade esta cuja denominação procede exactamente de ser esse pescado abundantissimo nas suas aguas.

Como se vê, a interpretação do vocabulo, apoiando-se nas investigações historicas que lhe restituíram a graphia primitiva e verdadeira e tornaram possivel a traducção pela analyse dos elementos agglutinados, se confirma inteiramente pela *caracteristica* local.

Citemos outro exemplo.

O nome *Itaquaquicétuba*, com que desde época remota se designou uma missão ou aldeia de gentio, assentada á margem esquerda do Tieté, no antigo caminho do Rio de Janeiro, não tem como ser interpretado se se lhe mantiver a graphia actual.

Entretanto, recorrendo-se a velhos documentos e escriptos do seculo passado, vamos encontrar o nome da antiga aldeia guayanã escripto — *Taquaquicétuba*, — como se lê em Antonil na sua *Cultura e Opulencia do Brasil*, obra do primeiro quartel do seculo XVIII, e *Taquaquicétyba* na relação geral que d. frei Manoel da Resurreição, 3.º bispo que foi da diocese de S. Paulo apresentou á d. Maria 1.ª, ao findar o mesmo seculo.

Taquaquicétyba é, pois, a graphia historica verdadeira, e ainda confirmada pela dicção vulgar da localidade. Separando-se então os seus elementos agglutinados, temos: *Taquaquicé-tyba*, de que a primeira parte ou thema disigna uma variedade de *taquara* que o caipira ora denomina *taóquicé*, ora *tauóquicé* e era abundante no logar; e a segunda parte, o suffixo *tyba*, exprimindo essa abundancia.

Eis porque se deverá traduzir — *Taquaquicé-tyba* ou como hoje se escreve *Itaquaquicetuba*, por *taquaral da especie taquaquicé*.

Referem os chronistas e viajantes antigos que o gentio denominava — *Anhemby* — ao rio que banha esta capital e traz hoje o nome *Tietê*. De facto, examinando-se velhos documentos, se verifica que aquelle nome não só era o que communmente se dava ao rio historico que foi em outro tempo a verêda dos *bandeirantes* e conquistadores de sertões, como que a graphia do vocabulo, com pequenas variantes, se conservou quasi intacta. No mappa dos jesuitas de 1639 lê-se — *Anyembi* — e nos outros mappas da mesma procedencia, de 1722 e 1732 — *Anembi*.

No mappa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a graphia dos jesuitas — *Aniemi* ou *Anhembi*, mas já na edição de 1748 se lê — *Anhambi* ou *Tietê*.

No celebre mappa das Côrtes, de 1749, lê-se *Anhambú* ou *Tietê*, mas no mappa hespanhol de 1760 volta-se á graphia — *Anhembi*, escrevendo-se *Anembi* na edição de 1768.

No mappa geographico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vêm figurado os rios entre o *Tietê* e o *Parapanema* com os nomes — *Anembi-mirí* e *Pirocaba*, lê-se — *Anembi-guaçu*.

No de Olmedilla, de 1775, o vocabulo conserva a primitiva graphia dos jesuitas — *Anemby*, ao passo que no de d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão se escreve — *Niemi*.

Glimmer, no seu roteiro de 1602, escreveu *Anhembi* e João de Laet — *Iniambi*.

A graphia, portanto, mais antiga e mais corrente é pois *Anhembi*, que se deve adoptar como a mais correcta, e podendo-se identificar com a palavra *Inhamby*, ás vezes pronunciada *Inhambú*, com a qual se designa a perdiz, ave gallinea outr'ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra.

Portanto, a denominação antiga, dada pelos primei-

ros colonos portuguezes, de *Rio Grande de Anhemby* se pôde traduzir — *Rio Grande das Perdizes*.

Insistirei ainda no exame interpretativo de outros nomes tupis com emprego na nossa historia e geographia.

Estudemos o nome *Nitheroy* que como *Guanabara*, já alterado pela dicção vulgar, disignou a formosissima bahia do Rio de Janeiro.

Britto Freire que parece foi o primeiro a divulgá-lo não lhe deu traducção. Antes d'elle, porém, Simão de Vasconcellos na sua *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, refere que o gentio denominava aquella bahia *Nitherô*, e Hans Staden, entre os portos do Brasil que diz visitados por navios francezes ao tempo das suas aventuras e captiveiro entre os Tamoyos (1548), cita o de *Iteronne*. O conego Januario da Cunha Barbosa (1) dá-nos para traducção desse vocabulo tupi — *mar escondido*. De facto, examinando-se-lhe os elementos componentes, se verifica que o nome tupi se pode identificar com a palavra *Nhê-terô-y*, que assim se explica: *Nhê* ou *anhê* se encontra no dictionario de Montoya com a significação de *abrigar, proteger*; — *terô*, segundo o mesmo autor, se traduz *coisa torta, encurvada, fazendo seio*; *y* exprime *agua*, no sentido geral.

A traducção do nome *Nitheroy*, é, pois, *seio de agua abrigado*, em outros termos — *bahia segura*. Entretanto, mais correctá que *Nheteroy* seria no tupi a graphia *I-nhê-terô*, que litteralmente se traduzia — *agua abrigada em seio* e estaria mais conforme com as graphias de Staden e de Simão de Vasconcellos, fazendo além disso desaparecer o diphtongo final, difficil de explicar-se com a vogal guttural — *y*.

Não menos interessante para a historia nacional é a interpretação do nome *Cananéa*, que se tornou classico nas investigações deste genero. O senador Candido Mendes fez dessa palavra um estudo consciencioso e erudito como quasi todas as suas investigações attinentes á nossa

(1) Revista do Instituto Hist. Tomo IV — Suppl. p. 8.

historia; não logrou todavia explical-a completamente, mas fez avançar a questão até o ponto de poder-se admitir que o nome *Cananéa* não procede do calendario e nem relação alguma tem com a figura biblica da mulher de Sarepta (1).

De facto, recorrendo-se aos mais antigos viajantes e historiadores, se verifica que o nome *Cananéa* não é senão uma palavra tupi lusitanisada por simples hemophonia.

Na narrativa de Hans Staden da primeira metade do seculo XVI, se encontra essa palavra com a graphia *Caninee* (2) e na «Historia do Brasil» de frei Vicente do Salvador (1627) *Canené*, palavras que se equivalem e se identificam com o nome *Canindé* de uma especie de arara provavelmente abundante na localidade em cujas vizinhanças outro povoado e canal com o nome de *Ararapira* lembra ainda a frequencia dessa ave nos sitios que foram outr'ora considerados como limites entre Carijós e Tupinikins.

A corrupção da palavra tupi fez-se porém tão breve e tão profundamente que de *Canindé* ou *Caniné* se alterou para *Cananéa* e ainda para *Cananor*, como se lê na carta de Ruych, de 1508 e no mappa da America da edição de Ptolomeu de 1513.

133. — Não terminaremos esse capitulo sem dizer algumas palavras a respeito das difficuldades da interpretação provenientes da homographia ou homophonia.

Uma palavra tupi, como soe acontecer em todas as linguas no periodo da agglutinação, é quasi sempre um vocabulo composto.

Dahi vem que os elementos que se agglutinam numa mesma palavra, contraindo-se algumas vezes ao entrarem na formação do vocabulo novo, perdem de precisão e

(1) Candido Mendes. — Notas para a Historia Patria — Revista do Inst. Hist. e Geogr. Tomo 40, p. 206.

(2) O volume da obra de Hans Staden que consultamos é um exemplar rarissimo da 1.^a edição, propriedade do dr. Eduardo Prado.

individualidade, e de diferentes que eram quando isolados, passam a dar resultados homophonos ou homographos. Para exemplificar temos o nome *Guayanã* que se pôde decompôr e traduzir de tres modos diversos: *Guayanã* que se traduz: *o que é parente* ou *povo irmão*; *Gucyá-nã* que se traduz carangueijo enorme, traducção tanto mais admissivel quando Gabriel Soares, descrevendo-nos os habitos deste gentio refere que o mesmo « *vivia em covas pelo campo debaixo do chão* », a modo de carangueijo; *Guaya-nã* que ainda se pôde verter por *manso devéras, bonachão*, o que tambem se pôde justificar pelo que do mesmo gentio conta o dito Gabriel Soares que nol-o pinta como... «nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado e facilimo de crêr em qualquer coisa . . . »

Com o nome *Itaguahy* se repete o mesmo facto: *Itá-goá-hy*, rio do valle das pedras; *Itá-aguai*, guizo ou cascavel metallico; *Itá-guá-hy* por *Taguá-hy*, como se lê em velhos documentos, e se traduz — *rio do taudá*.

Os exemplos na especie são innumerados.

134. — Não poucos erros de interpretação são os que se originam da imperfeita decomposição do vocabulo e do exaggerado poder attribuido á força corruptora do idioma.

Carlos von Martius era inquestionavelmente um dos raros homens de sciencia que bem conheciam o tupi. Os seus trabalhos na especie são com justiça considerados um thesouro na linguistica americana.

Martius, entretanto, não era um interpretador seguro. Querendo, por exemplo, traduzir o nome *Guaratinguetá*, o illustre sabio chegou a identifical-o com a phrase *coaracy-ting-oatá*, confiado em que a corruptella a teria modelado ou transformado de tal modo que veio a constituir o vocabulo discutido, justificando tal identificação com dizer — que é logar *onde o sol chega e volta*, ou muda de curso, por estar a localidade que traz esse nome perto do tropico do Capricornio, como se os tupis soubessem astronomia.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, nas suas *Etymologias Brasilicas*, não vae tão longe nas suas explicações interpretativas, identifica *Guaratinguetá* com *guaratinga-etê* e o traduz por — *guardá muito branco*.

Freire Allemão traduziu *Araxá* por *bom tempo*, e Saint-Hilaire, que de certo ignorava o tupi, refere haverem-lhe explicado esse nome, no interior de Minas, como uma phrase de portuguez cassange — *are axá* por *ha de achar*, resposta costumeira de um velho africano aos que lhe pediam noticia de uma mina de ouro, lendaria naquellas paragens. A isto é que Baptista Caetano mui precisamente qualificou *esgarafunchar etymologia*, mister ingrato de que elle mesmo não escapou, como não escapamos nós outros, trazendo até aqui esta ardua tarefa.

135.—Não são, comtudo, destituídos de valor nem de real interesse os estudos deste genero. Não poucas questões de historia por esse meio se acclararam e mais de um problema geographico por esse meio se soiveu.

Tambem delle se pode utilisar o interesse da hora presente.

A administração publica, em difficuldades com a confusão oriunda do emprego dos mesmos nomes para mais de uma localidade dentro ou fóra de uma mesma circumscripção territorial, recorre ao vocabulario indigena como o mais seguro meio de as mais bem distinguir ou assignalar, voltando-se muita vez ás denominações de outra ora como um recurso ás necessidades de hoje.

Demais, sempre é mais digno de nós, empregando uma linguagem estranha para designar os logares do nosso nascimento e da nossa habitação, entender-lhe o sentido verdadeiro ou o real significado.

Só assim será menos barbara, se me permittem a expressão, a geographia do nosso paiz.

Humboldt, viajando pelas aguas do Orinoco, refere-nos, como uma lenda pungente, a historia de um papagaio sobrevivente á extincção de toda uma tribu selvagem a quem essa ave pertencera.

Ficára elle só, o papagaio, unico naquellas paragens a repetir as vozes barbaras da lingua dos Aturés, desaparecida, havia tempo, com o ultimo representante da tribu dizimada pela peste.

Pouzada sobre as ruínas da aldêa extincta, solitaria e triste, a ave fiel cortava o silencio daquellas solidões, monologando um idyllio talvez, naquella linguagem que ninguém mais comprehendia; era um phantasma deante do qual, celeres nas suas canôas, passavam aterrorisados os novos dominadores da terra dos Aturés.

Não nos succeda o mesmo com as denominações antigas que o gentio brasileiro nos legou e que a nossa geographia patria não fale jamais essa linguagem incomprehendida da ave fiel, mas testemunha sinistra de uma raça que desapareceu.

Vocabulario Geographico Brasilico

Elucidario etymologico dos nomes tupis com applicação na Geographia
e na Historia Nacional

Abreviaturas lexicas e bibliographicas usadas neste vocabulario

alt.	alteração ou modifica- ção de palavras.	guar.	guarani
ant.	antigamente, em outro tempo.	m.	masculino
br.	brasílico ou referente á <i>lingua geral</i> .	pron.	pronuncie
c.	composto ou compõe-se de . . .	pref.	prefixo
corr.	corrupção de . . .	rad.	radical
contr.	contração de . . .	s.	substantivo
der.	derivado	suff.	suffixo
des.	desinencia	syn.	synonimo
f.	femenino	tp.	tupi
fig.	figurado ou figurada- mente	tp. g.	tupi-guarani
		tp. am	tupi do Amazonas
		tp. c.	tupi da costa
		us.	usado ou usual
		vb.	verbo
		V.	veja.

Al.	Alencar (José)	Ler.	Lery
Anch.	Anchieta	Iv.	Ives d'Evreux
Ant.	Antonil	J. Bar.	Januario da Cunha Bárbara
Bap. C.	Baptista Caetano	M. Soares	Macedo Soares
Bar. Rz.	Barbosa Rodrigues	Mont.	Montoya
Can. M.	Candido Mendes	Praz.	Prazeres (Frei Fran- cisco dos)
Caz.	Cazal (padre M. Ayres	Rub.	Rubim (Braz da Costa)
C. Mag.	Couto de Magalhães	R. I. H.	Revista do Instituto Historico e Geograp- hico Brasileiro
F. Fr.	Ferreira França	Var.	Varnhagen
Fr. Al.	Freire Allemão	v Mart.	von Martius
G. Dias	Gonçalves Dias		
G. Soares	Gabriel Soares		
H. St.	Hans Staden		
L. e Alm.	Lacerda e Almeida		

Notas—Os accents usados neste vocabulario são do mesmo va-
lor que no portuguez.

Os algarismos constantes do elucidario indicam os paragraphos
que se devem consultar no texto.

Os nomes dos Estados, apenas citados, indicam a procedencia da
denominação.

Vocabulario Geographico Brasillico

A

Aatá, pronuncie-se *âatá*. c. *â-atá* ou *â-uatá*, caminha pouco. Nome de uma canôa de casca de madeira, usada no Amazonas. M. Soares.

Aba, s. cabelo, pello, lâ, pennugem.

Abá, s. gente, pessoa, homem, varão; tp. g. e tp. c *abá*; tp. am. *auá*.

Abacaxi, corr. *ibacaxi*, c. *ibá*, fructa, *caxi=cati*, rescendente, cheirosa. M. Soares.

Abacté, c. *abá-etê*, homem verdadeiro, isto é, illustre, forte corajoso.

Abaité, c. *abá-itê*, gente feia, horrenda, repulsiva; Minas Geraes.

Abaré, c. *abá-ré*, homem distincto, differente dos outros, o padre, ou missionario. 128. S. Paulo, Bahia, Pernambuco.

Abarébébé, c. *abaré-bêbê*, padre que vóa, padre ligeiro, incansavel; appellido do padre Leonardo Nunes entre o gentio de S. Vicente.

Abarémanduava, c. *abaré-manduava*, a lembrança, memoria ou recordação do padre; 129; S. Paulo.

Abayuba, c. *aba-yuba*, cabelo amarello, louro, ou ruivo.

Abio, corr. *abi*, fructo conhecido (*Lucuma*).

Abuna, c. *abá-una*, gente negra, pessoa vestida de preto.

Abutuhy, c. *abutu-y*, rio das abutuas, ou butuas: Rio Gr. do Sul.

Aca, s. ponta, corno, chifre.

Acã, s. contr. *ucanga*, cabeça, craneo.

Acaiaica, s. o cedro brasileiro (*Cedrella Brasiliensis*).

Acaiacatinga, c. *acaiaca tinga*, cedro branco; corrompe-se em *Caiaacatinga*.

Acajú, s. o cajú (*Anacardium occid.*) tp. g. *acayú*.

Acajutiba, c. *acayú-tyba*, cajueiral, abundancia de cajueiros; 118.

Acajutibiró, corr. *acayú-tipyro*, o cajú espremido ou o espreme cajú; Parahyba do Norte.

Acangatara, c. *acanga-tara*, ornato da cabeça; altera-se para *cangatar*, *camitar*, *cametára*, *cametá*.

Acangussú, c. *acanga-ucú*, cabeça grande, cabeçudo; altera-se para *Cangussú*.

Acapora, c. *aca-pora*, o conteudo do corno, do osso, o tutano, a medulla, o sabugo.

Acará, s. peixe escamoso d'agua doce, communissimo nos rios e lagôas do Brasil, (*Chromis acará*), diz-se vulgarmente—*cará*.

Acaracú, corr. *acará-hy*, pronunciado incorrectamente *acará-hú* e *acará-cu*, rio dos acarás; 75, Ceará. Alencar interpretou erroneamente—*rio das garças*, confundindo com *aguará*, a ave vermelha, *Ibis rubra*.

Acarahú, v. *Acaracú*.

Acarahy, c. *acará-y*, rio dos acarás; altera-se ás vezes para *Carahy*.

Acarape, c. *acará-pe*, nos *acarás*, Ceará.

Acarapeba, c. *acará-peba*, acará meúdo, inferior; altera-se para *carapeba* ou *carapeva*.

Acarapucú, c. *acará-pocú*, acará comprido, longo ou esguio; altera-se ás vezes para *carapucú* ou *carapicú*.

Acaráuna, c. *acará-una*, o acará escuro.

Acaray, V. *Acarahy*.

Acarembó, c. *acará-yembó*, arroio dos acarás; 102; altera-se para *acarembú*.

Acari, s. peixe d'agua doce, vulgo *Cari* (*Loricaria plecostomus*).

Acauan, s. ave conhecida, vulgo, *cauan*, ave agoreira entre o gentio, (*Falco cachinans*).

Acayá, s. fructo conhecido, vulgo *cajá* (*Spondias brasiliensis*).

Acayaiba, corr. *acayá-yba*, arvore da cajá, o cajazeiro; pode ser tambem *acayá-aiba*, cajá azeda ou ruim; altera-se ás vezes para *Cajahiba*; Bahia.

Acayú, V. *Acajú*.

Acócé, s. a abundancia, o que sobrasae ou avulta; serve de nome de mulher.

Açoyaba, participio do verbo *açoy*, cobrir, vedar, proteger; portanto, coberta, cobertura, véo, anteparo, protecção; altera-se ás vezes para *açoyá*, *açoyava*.

Acre, corr. *akiry*, alterado em *acry* e *acre*: c. *akir-y*, rio verde; Amazonas, Bolivia.

Açú, adj. grande, consideravel; altera-se conforme a gamma do thema com que se combina em *ocú*, *ucú*, *guacú*.

Acú, s. quentura, calor, ardencia; S. Paulo.

Acupe, c. *acú-pe*, na quentura, no quente, no logar abrasado, Bahia.

Acurú, s. o seixo, o calhão, torção, cascalho; V. *curú*.

Acuruy, c. *acuru-y*, rio dos calhões ou dos seixos.

Acuti, s. o animal roedor, vulgo, *cutia* (*Dasyprocta*).

Aguapé, corr. *guapé* como ainda em 1805 escrevia Martim Francisco em sua *Viagem Mineralogica*, e identico a *guapeba* ou

guapeva como agora se diz. M. Soares bem interpretou, traduzindo *aguá-pé*, redondo e chato, alludindo á folha redonda, grossa e plana das nymphéas que cobrem alguns dos nossos rios e lagôas. *Aguá*=*guá*, redondo, circular, curvo; *pé* contr. de *peba*, chato, plano, nivelado.

Aguapehy, c. *aguapé-y*, rio dos guapés, ou nymphéas: S. Paulo, Matto Grosso; V. *aguapé*.

Aguará, s. nome de uma ave aquatica, a garça vermelha, a *Ibis rubra*, tambem chamada *guará*. Tambem designa confusamente um cão silvestre do Brasil, *Canis jubatus*. Desm. Azarae, *Canis vetulus* Lund. Deve-se antes dizer *aguára* para designar o cachorro do matto.

Aí, adj. contr. *aiba* e por corrupção *aica*, que alguns escrevem *ahyba* ou *ahyva*, usado como suffixo para significar—ruim, mão, agro, azedo, insignificante, imprestavel. Como substantivo designa a *preguiça* animal da familia dos *Bradypodas*, isto é, o *Bradypus tridactylus*, o mais commun na America do Sul. Segundo Tschudi, a denominação *Aí* procede do grito do animal que articula um *a* fechado muito prolongado, seguido de um *i* curto e aspirado.

Ái, adj. equivalente a *aim*. suff., crespo, enrolado, rugoso, aspero, murcho; aguçado, cortante.

Ãi, pronunciado *ãe*, equivalente a *anha*, suff., aguçado, pontudo, em gancho, encurvado.

Aíba, V. *ái*. adj.

Aíera, c. *ái-ucra* preguiça ladina ou experta, é a mesma *irára* ou papamel (*Galictis barbara*).

Aimirim, c. *ái-mirim*, preguiça pequena (*Bradypus didactylus*).

Aímpini, c. *a-ipi* raiz enxuta, a mandioca mansa.

Aípixuna, c. *ái-pixuna*, a preguiça escura (*Brad. torquatus*).

Ajura, s. o pescoço, o collo, o gargalo.

Ajurú, c. *ajur-ú*, pescoço escuro.

nome de uma casta de papagaios (*Psittacus*); altera-se ás vezes para *agerú* e *gerú*. M. Soares interpretou *a*=gente, *jurú*=boca, boca de gente ou fala da gente.

Ajurú-curáu, o papagaio maldisente (*Psittacus amazonicus*).

Ajurnetê, c. *ajurú-êtê*, papagaio verdadeiro, ou legitimo.

Ajurim, c. *ajur-im*, collo breve, pescoço curto.

Ajurujuba, c. *ajurú-yuba*, o papagaio amarello, 109. Segundo os viajantes antigos, assim se appellidavam entre o gentio os francezes e allemães por trazerem barbas ruivas, isto é, *a-jurú-yuba*, litteralmente, gente de boca amarella ou de barba ruiva.

Ayuruoca, c. *ayurú-oca* paradeiro ou refugio dos papagaios; Minas Geraes.

Alambary, corr. *araberí*, *arabér-i*, baratinha, peixinho; altera-se ás vezes para *lambary*, *aramary*, *aramery*, *aramaré*.

Am, suff. em pé, erguido, firme, tezo, sobranceiro.

Amambahy, interp. incerta, talvez vocabulo equivalente á *ambahyba* ou *embahyba*, *embay*, arvore oca, muito conhecida (*Cecropia*), Matto Grosso, Paraguay.

Amana, s. a chuva, a nuvem chuvosa, nimbus; tp. g. *amã*.

Amanaçái, c. *amanda-çái*, o que se espalha envolvendo ou revoando; especie de abelha, vulgo, *mandagaia*.

Amanaçú, c. *amana-açú*, chuva copiosa, tempestade, nuvem pejada.

Amanajó, c. *amana-yó*, o que vem ou procede da chuva ou das nuvens; Pará, Amazonas.

Amanary, c. *amana-r-y*, a agua da chuva.

Amanayara, c. *amana-yara*, o senhor das nuvens, o manda-chuva.

Antiquira, nome primitivo da Serra da Mantiqueira; c. *amã-tykir*, a chuva gotteja ou cae aos pingos, allusão á constancia das nuvens chuvosas sobre o

dorso dessa cordilheira. C. Mag. interpretava — *mã=mbaê*, cousa, *tykir* que verte, que mina, isto é, a *vertente*, ou a Serra das vertentes, pelas muitas que ha nas encostas daquelles montes.

Amaniýú, s. o algodão; altera-se ás vezes para *maniú*, *mandejú*.

Amanintyba, c. *amanyú-tyba*, algodoal, 118.

Amapá, s. nome de uma arvore que cresce nas margens do Amazonas. E. Goeldi, nas suas *Excavações Archeologicas* de 1895, diz que *Amapá* é um aterro sepulchral, e que o vocabulo pode proceder de *mbapá*, defuncto.

Ambaiba, corr. *embá-yba*, arvore ôca (*Cecropia*); altera-se ás vezes em *embaúba*, *imbaúba*, *embaú*.

Ambaitinga, c. *embá-yba-tinga*, contr. *embay-tinga*, a embaúba branca.

Ambú, s. o fructo do umbuzeiro, diz-se commumente — *umbú* ou *imbú* (*Spondias tuberosa*).

Amoipiras, c. *amô-i-pira*, o que fica da outra banda ou margem, o visinho; nome de uma tribu selvagem das margens do rio S. Francisco.

An, s. o mesmo que *angu*, a sombra, o abrigo; o vulto, a alma, o espirito; 125.

Anacés, c. *anã-cê*, parente chegado, consanguíneo; nome de uma tribu selvagem.

Anagé, s. o gavião; altera-se em *nagê*, Bahia.

Anajá, s. a palmeira *inajá* (*Maximiliana*); Pará, Amazonas.

Anajatuba, c. *anajá-tyba*, palmar de inajás; Pará.

Anama, s. o parente, o consanguíneo; contrahe-se muitas vezes em *aná*.

Anán, adj. espesso, grosso, enorme; altera-se não raro em *nã*, é quasi sempre empregado como suffixo.

Andaiá, V. *indayá*.

Andarahy, corr. *andira-y*, rio dos morcegos; Rio, Bahia.

Andira, s. o morcego, vampiro.

Andiroba, corr. *nhandi-iroba*, óleo amargo, fructo de que se extrahes esse óleo.

Andrequicé, corr. *andira-kicé*, faca de morcego, especie de graminea; Alagôas, Minas Geraes.

Anga, s. a alma, a sombra, o vulto, o espirito; V. *an*.

Angá, contr. *angaba*, visão, apparição, phantasma, assombração; também designa a arvore comumente conhecida por *ingá* (*Inga dulcis*).

Angaiba, c. *anga-aiba*, alma infeliz, ou damnada, visão má; também pode ser corrupção de *ingá-yba*, arvore de *ingá* ou ingazeiro.

Angaturama, c. *anga-turama*, a vinda da sombra ou do espirito, bom presagio; V. *gaturamo*; Bar. Rz. traduz: bondade, virtude, alma boa, justa.

Angoera, c. *ang-oéra*, alma passada, o espectro, a alma de outro mundo.

Angoeraba, s. a assombração, a visão, o apparecimento de espectros.

Anhã, s. c. *an-nhan*, genio ou espirito que vaga, que corre, genio malfasejo, o diabo; altera-se o vocabulo ás vozes em *inhan*; H. St escreveu *Ingange* que se deve pronunciar *Inhang* e Lery *Aiguan*, pron. *Enhan*.

Anhanga, s. o mesmo que *anhã*; G. Dias escreveu *anhangá*, talvez por necessidade do verso; 124.

Anhangaba, s. a diabrura, o maleficio, a acção do diabo, o feitiço.

Anhangabahú, corr. *anhangababy*, rio ou ribeiro do maleficio, da diabrura ou do feitiço; 75; S. Paulo.

Anhangahy, c. *anhanga-y*, rio do diabo, ou agua do máo espirito.

Anhanguara, corr. *anhan-coára* ou *anhan-quára*, a morada ou escondrijo do diabo.

Anhangóera, c. *anhan-goéra*, o diabo velho, o genio manhoso e velhaco; appellido de Bartholomeu Bueno da Silva, o descobridor de Goyaz; S. Paulo.

Anhangaquiabo, corr. *anhanga-kiaba*, pente do diabo, semente aspera com aspecto de pente, alojada n'uma fava ou bainha; *anang-kibaba*. Rub., *anhanga-kiabo*, pente de phantasma, pente de macaco, v. Mart.

Anhanrupiá, c. *anhã-rupiá*, raça ou descendencia do diabo.

Anhaú, corr. *anhã-ú* ou *anhã-y*, rio ou agua do diabo, o mesmo que *anhangahú*.

Anhemby, c. *anhambú-y* rio das perdizes; 129.

Anhumas, corr. *nhã-um* com a apposição do artigo portuguez *a*, significa—*ave preta*; em alguns logares se diz: *inhuma*, *inhauuma*, *inhaum*, *anhyma*. (*Pala-medea carmota*), ave armada de um corno movel e pontegudo sobre a cabeça e que vive nas regiões pantanosas do interior do Brasil.

Antã, adj., suff., forte, duro, rijo; V. *atã*: altera-se conforme o thema em *atã*, *çatã*, *tantan*, e *tã*.

Apé, s. o caminho, a vereda, o trilho; 113; V. *pé*.

Apeaçaba, c. *apé-çaba*, a sahida do caminho, onde vem ter o caminho, o porto; 114; altera-se não raro em *apeaçá*, *peaçá*, *beaçá*, *mbeaçá*, *mbeaçaba*, *peaçaba*.

Apeaçú, c. *apé-açú*, caminho largo, grande, estrada; 113.

Aperéa, s. animal roedor, vulgo, *preá*, (*Cavia Aperéa*); c. *apé-reá*, mora no caminho.

Apereatuba, corr. *aperéa-tyba*, preás em abundancia; 109; S. Paulo.

Apiá, contr. *apiaba*, s., o homem, o macho dos animaes; adj., o circumeiso; adj., *a-piá*, manchado, pintado, marcado; s., *apiab*, cabeça arredondada, a glande, o castão; Bap. C.

Apiaba, s. o macho dos animaes, o homem, o varão; tp. g. *apiá*, tp. am. *apigáua*, *apigaua*.

Apiahy, c. *apiá-y*, rio dos homens ou dos machos; antigamente se escrevia *Piáhy*, c. *piá-y*, rio do menino ou do captivo; S. Paulo.

Apichaim, adj. crespo, encarcado, encarpinhado, rugoso; no Norte do Brasil se costuma diser—cabello *pichaim*.

Apicú, corr. *apé-cú* trilha ou vereda longa.

Apigaua, s. o macho, o varão. V. *apiaba*.

Apipucos, corr. *apé-puc*, o caminho se divide ou se parte, a encrusilhada; pode ser também corrupção de *apé-pucú*, caminho ou vereda longa; Pernambuco.

Aporá, corr. *a-porá*, elevação ou altura bonita, designando algum serro ou montanha destacada; Bahia, Pernambuco.

Apoteribú, corr. *apitera-ibú*, fonte ou manancial do meio; pode ser ainda—*potyra-ibú* que hoje se pronuncia *Potribú*, arroio ou fonte das flores; S. Paulo.

Apuava, corr. *apóaba* por *apóara*, saltador, brigador; diz-se do cavallo alçado ou bravo; Paraná.

Apucarana, corr. *apó-cará*, *apó* fazer, actuar, obrar, *cará* em circulo, ao redor, ir em roda; portanto, o que actúa ao redor ou faz volta; alludindo ás montanhas; é como se dissesse que—fazem circuito, ou rodeiam o horizonte; Paraná.

Aquirá, corr. *akyrá*, adj., verde; tp. g. *aquir*, adj., tenro, molle, brando; s. grão, granulo de fructo.

Aquiraz, corr. *akyr-á*, *akyr*=*akyrá*, verde, *á*=*ar* nascer, surgir; o que nasce verde, o renovo, o broto, ou como se diz vulgarmente—*as brotas*; Ceará.

Aquiry, corr. *akyr-y*, rio verde.

Ara, suff. o agente, aquelle que faz ou actúa; altera-se ás vezes em *ar*; s. fazedor, possuidor, senhor; s. o tempo, o dia a hora, a occasião, a vez, o momento; serve de pref. e suff.

Ará, s. nome generico para as aves da familia dos papagaios (*Psittacidae*).

Arabé, s. a barata, bizouro, escaravelha.

Arabery c. *arabê-r-y*, rio das baratas; corr. *araberi*, a barati-

nha, o peixinho d'agua doce conhecido por *lambary* ou *alam-bary* (*Chalceus nematurus*).

Araboya, c. *ara-boy*, a cobra do ar, a serpente que salta pelos ares.

Arabutan, corr. de *ibiraputan* ou *ibirapitan*; c., *ibira* pau, madeira, lenho, *putan*=*pitan* ou *pitanga*, vermelho, rubro; pau vermelho, ou pau-brasil; a graphia *arabutan* é de Lery e dos autores francezes do seculo XVI.

Araçá, s. nome dado ás myrta-ceas do genero *Psidium*; c. *araçá*, estação, epoca, Bap. C., allusão ao facto de apparecer o fructo do *Psidium* em tempo proprio.

Araçalba, corr. *araçá-iba*, arvore do araçá, araçazeiro (*Psidium*); corr. de *araçá-aiba*, araçá ruim, ou imprestavel.

Aracajú, c. *ar-acayú*, cresce ou nasce o cajueiro; apanhar ou colher cajú; corr. *ara-acayú*, cajú do tempo, ou da estação; corr. *ará-acayú*, cajueiro dos papagaios; Sergipe.

Aracambú, corr. *ibirá-camby*, forquilha de pau, cruzetas de pau, gancho; M. Soares.

Aracanga, corr. *ibirá-canga*, pau longo, ou largo, cacete, porrete empregado para matar o peixe colhido a anzol; M. Soares.

Araçari, s. especie de tucano (*Pteroglossus*).

Araçariguama, c. *araçari-guama*, o bando de araçaris ou tucanos, a ninhada de araçaris; S. Paulo.

Araçatuba, corr. *araçá-tyba*, onde abundam araçás; diz-se outras vezes *araçatiba*. S. Paulo.

Aracaty, corr. *ára-caty* ou *aracati*, vento muito, ou rajada forte; designa, no Ceará, uma cidade das margens do Jaguaribe e um vento mui forte que sopra de repente.

Araçaubatuba corr. *araçá-ybatyba*, araçazeiros em abundancia, arvoredos de araçás; S. Catharina.

Aracé, c. *ara-cé*, o dia desponta ou sahe, a' alvorada, a aurora.

Araçoyá, contr. *araçoyaba*.

Araçoyaba, c. *ara-açoyaba*, co-

- bertura ou anteparo do tempo, o chapéu; ao monte isolado no meio de uma planície, aos cabeços arredondados dava-se o nome *araçoyaba*; S. Paulo.
- Araçohy**, cor. *araçoyá-y*, rio do chapéu ou do cocar de plumas; Minas Geraes.
- Aracy**, c. *ara-cy*, a mãe do dia, a aurora.
- Araez**, corr. *ará-aê*, o amigo dos papagaios, afeiçoado a estas aves; nome de uma tribu selvagem de Goyaz.
- Araguá**, c. *ará-guá*, valle ou baixada dos papagaios.
- Araguay**, c. *araguá-y*, rio do valle dos papagaios.
- Araguaya**, c. *araguay*.
- Araguary**, c. *araguá-r-y*, rio do valle ou baxada dos papagaios.
- Aramaré**, corr. *aramery* ou *aramary*.
- Aramary**, s. o mesmo que *arabery*, baratinha, peixinho, vulgo, *lambary*, ou *alambar-y*; altera-se, ás vezes, em *alambaré* ou *lambaré*, (*Chalceus*).
- Aramery**, V. *aramary*.
- Aramuch**, corr. *ara-mbrú*, dia comprido ou longo.
- Arapanema**, c. *ara-panema*, dia ruim, aziago.
- Arapehy**, corr. *arabê-y*, rio das baratas; c. *ará-pe-y*, rio da vereda dos papagaios.
- Arapiranga**, c. *ara-piranga*, claração ou dia vermelho, barras do dia, arrebol.
- Araponga**, c. *ará-ponga*, papagaio que sóa, papagaio estridente; passaro ferrador ou martello (*Chasmorhynchus nudicollis*); altera-se, ás vezes, em *Uraponga* e *Guiraponga*.
- Arapuca**, corr. *arapug*, prender batendo, M. Soares; antigamente se dizia—*guirápua*, c. *guirá* passaro, *puc* bater, partir, isto é, a armadilha que bate passaro, ou o colhe; em outros logares, diz-se *urupuca*, c. *urú* cesto, *puc* bater, cahir com estrepito, isto é, cesto que desaba.
- Arapuá**, corr. *ira-apuá*, mel redondo, ou ninho de abelhas redondo.
- Araquã**, s. ave conhecida (*Penelope Araquan*).
- Arapuara**, c. *ará-quara*, paradeiro ou esconderijo dos papagaios.
- Arara**, s. augmentativo de *ará*, nome applicado aos papagaios grandes (*Psittacus Macrocerus*).
- Arará**, s. o mesmo que *irará*, nome de uma formiga alada, v. Mart.; Bahia.
- Araracanga**, c. *arara-acanga*, a cabeça d'arara.
- Ararangaba**, c. *ara-rangaba*, signal, medida do tempo, o relógio; tp. am. *ara-rangáua*.
- Araranguá**, c. *arára-anguá*, rufo, ou rumor dos papagaios; S. Paulo, S.^{ta} Catharina.
- Ararapira**, c. *arara-pyra*, couro ou pelle d'arara; S. Paulo.
- Araraquara**, c. *arara-quara*, refugio ou viveiro das araras; S. Paulo.
- Araray**, c. *arara-y*, rio das araras; corr. *arara-í*, arara pequenina, ararasinha.
- Araripe**, corr. *ara-r-y-pe*, *ara*=ar nascer, surgir, *y*, agua, rio, *pe* posposição equivalente a *em o*, ou *no*; portanto, *no nascer dos rios*, denominação de uma Serra no Ceará onde nasce o Jaguaribe e outros rios do sertão, é o mesmo que—*Serra das nascentes* ou *das cabeceiras*.
- Arary**, V. *araray*.
- Araritagubaba**, c. *arara-ítaguaba*, *arara*, a ave conhecida, *ítaguaba*=*itá-guaba*, comida de pedra, de argilla dura, isto é, barranco argilloso cuja terra serve de comida, é, emfim o que communmente se chama *barreiro*; portanto, *barreiro das araras*; S. Paulo; nome antigo da cidade de Porto Feliz. V. *ítaguaba*.
- Araruama**, c. *arara-uama*, bando ou ninhada de araras; Rio de Janeiro.
- Arassari**, V. *Araçari*.
- Arassuahy**, V. *Araçohy*.
- Arataka**, c. *ara-tac*, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves, ou caça meida.
- Aratanha**, c. *ará-tanha*, bico de papagaio, nome de uma Serra no Ceará; como indicação de

- procedencia serve de *appellido* á vacca de pequena estatura; Bar. Rz.
- Aratú**, s. especie de carangueijo, (*Grapsus*); Bahia.
- Araturé**, c. *aratú-ré*, variedade de aratú.
- Arauna**, c. *ará-una*, papagaio escuro, quasi negro, especie de arara azul.
- Araxá**, c. *ara-chá*, ver o dia, avistar o sol, alludindo a ser o *araxá* um planalto ou chapadão no mais alto de um systema montanhoso, onde se está em posição de ser o primeiro a ver e o ultimo a deixar de ver os raios do sol, C. Mag.; Matto Grosso e Minas Geraes: M. Soares. 89.
- Aricanga**, ou *guaricanga*, palma conhecida tambem por *airi*, *ayri* ou *Hayri* como escreveu Thevet, (*Astrocaryum Ayri* v. Mart); S. Paulo.
- Aricanduva**, corr. *arican-dyba*, palmar de airis ou aricangas; aricangas em abundancia; S. Paulo.
- Ariolaia**, corr. *airi-aia*, palma airi de boa qualidade; pode ser corrupção de *riy-aia* que se traduz—ostro de boa qualidade; S. Paulo.
- Arybola**, c. *ar-yg-boy*, cobra que nasce ou se cria n'agua; é uma serpente aquatica, esverdeada e de cabeça escura; *appellido* do chefe *temiminá*, que auxiliou os portuguezes na conquista do Rio de Janeiro e se chamou Martin Affonso.
- Aru**, s. nome de um sapo ou rã que coaxa nas lagôas, parecendo *motejar* ou *escarneecer*. donde lhe vem o *appellido* *arú*. V. *Guariú*.
- Aruan**, adj. quieto, pacifico, bem parecido, *sympathico*; nome de uma tribú da ilha de Marajó; Pará.
- Arujá**, corr. *arú-yá*, o sapo ou rã se cria ou surge, o viveiro das rãs; é o mesmo que *guarujá*; S. Paulo.
- Assahi**, corr. *ia-çat*, fructo que chora, reçuma ou deita agua, allusão ao côco da palmeira *Euterpe oleracea* v. Mart., M. Soares; Pará.
- Assaquera**, corr. *acá-quêra*, a travessia de outr'ora, onde vinha crusar o caminho velho, o porto de outro tempo; S. Paulo.
- Assaré**, corr. *açá-ré*, travessia differente, atalho; Ceará.
- Assu**, adj. grande, consideravel; V. *açu*.
- Assunguy**, corr. *ayú-cui-y*, rio das áreas de ouro; S. Paulo, Paraná; pode ser tambem corrupção de *a-cugui-y*. sendo: *a* pref. que dá á dicção o caracter de adjetivo, *cugui*. azul, *y* rio; portanto, *rio azulado* ou de aguas aniladas.
- Assuruá**, se fôr tupi, pode ser corr. *a-gurú-uá* que quer dizer: cume, dorso escorregadio; Bahia.
- Atá**, vb. andar, passeiar, vagar.
- Atã**, adj. duro, rijo, firme.
- Atapú**, c. *atã-pú*, forte soar, ressoar; resonante; é o nome de uma bozina dos jagadeiros do Norte feitas de um buzio grande ou caramujo; ás vezes se diz: *guatampú* ou *guatambú*; Ceará, Maranhão.
- Ataraú**, corr. *atã-raú*, bravo atôa, enfurecido sem razão. M. Soares traduzio: *atã* fogo, *raú* a tôa, sem razão, isto é, furor; Ceará.
- Atibaia**, ant. *Tybaia*, Cas. escreveu *Thibaia*; c. *Ty-b-aia*, corrente ou caudal saudavel, de boa qualidade; é mais provavel a corr. *Tybaia*, *Ty* curso d'agua, caudal, *bai*, ruim mau; S. Paulo.
- Atuá**, s. a cerviz, o cogote, o pescoço.
- Atuahy**, c. *atuá-y*, rio do cogote.
- Atuchy**, c. *atúc-gy*, rio curto, breve.
- Atyra**, s. o mesmo que *ytyra*, altura, elevação, montão, cabeço, comoro; altera-se este vocabulo muitas vezes em *uityra*, *uitêra*, *tyra*, *tyr*, *tri*, *tra*, *tura*, *tur*. 79.
- Avá**, corr. *abá*.
- Avahy**, corr. *abá-y*, rio da gente; pode ser ainda *aba-y*, rio dos cabellos; Paraguay.
- Avanhandava**, corr. *abá-nhandaba* a corrida da gente, o logar onde a gente anda ás carreiras

para evitar perigos da navegação; nome de um salto do rio Tieté, S. Paulo; 120. Lac. e Alm.

Ayacá, s. o cesto, receptaculo feito de cannas, vulgo, *jacá*.

Aymberé, tp. g. *amberé*, a lagartixa.

Aytinga, c. *at-tinga*, a preguiça branca; S. Paulo.

Ayuru, V. *ajurú*.

B

Bacaetava, corr. *Yba-caitaba*, a queimada das arvores, a *queimada* como vulgarmente se diz; S. Paulo.

Bacanga, corr. *ibá-canga*, o caroço do fructo; Maranhão.

Bacé, corr. *mbaê*, a cousa, o objecto, o haver; altera-se muitas vezes na composição dos vocabulos em *mâê*, *baê*, *mã*, *bã*, 68.

Baependy, corr. *mbaê-pindî*, cousa aberta, limpa, ou simplesmente a *aberta*, o *limpo*, allusão a um campo ou clareira na matta marginal do rio deste nome, facilitando a passagem do caminho aberto pelos Paulistas, descobridores das Minas Geraes. Nos antigos documentos e roteiros se lê *Maependi*; M. Geraes.

Bagé, corr. *pagé*, o feiticeiro, o santão do gentio; Rio Gr. do Sul.

Balacú, ant. *maiaquí*, corr. *mbaê-acú*, cousa quente, bicho quente; nome de um peixe venenoso que se infla ao calor do sol ou por simples fricção da pelle da barriga, 68.

Bamba, palavra kichua, o mesmo que *pampa*, campo, planície; Perú, Bolivia.

Bambuhy, palavra hybrida e relativamente moderna, c. *bambú-y*, rio dos bambús; Minas, Rio de Janeiro.

Banabuihú, se fôr tupi, é corrupção de *paná-puyú*, brejo ou pantanal das borboletas; Ceará; V. *paná*, *puyú*.

Banharão, corr. *mbaê-nharon*, cousa brava ou bicho bravo,

feroz; 69; S. Paulo; Lac. e Alm.

Baracéa, corr. *baracé* ou *poracé*, c. *pora-acé*, moradores sahém ou se reúnem, ajuntamento de povo, o festim, a dança, os folguedos; nome antigo de uma localidade em S. Paulo.

Barati, corr. *parati*, ou melhor *pirati*, c. *pirá*, peixe, ti=*tinga*, branco; H. St. escreveu *bratti*; entrando na composição de vocabulos como *thema*, altera-se muitas vezes em *barti*, *berti*; 129.

Barauna, corr. *ibira-una*, alt. *iberra-una*, *beraúna*, *baraúna*, *braúna*, madeira preta, (*Melanoxylon Braúna*); Rio de Janeiro, Bahia.

Bariry, corr. *mbaê-riri*, cousa que corre, flue, se agita, ferve ou palpita; é como se dissesse o fervedouro, nome applicado ás corredeiras ou rapidos dos rios brasileiros; S. Paulo; 104.

Bartyra, corr. *botyra* ou *ybotyra*, a flor; é usado como nome de mulher; quer a tradição que fosse esse o nome da mulher de João Ramalho, e filha do principal Tibiriçá.

Baruery, V. *bariry*.

Baririú, corr. *mbariri-y*, rio ou agua das corredeiras.

Bassulhy, corr. *yba-açú-y* rio da arvore grande, ou do pau grande; Rio de Janeiro.

Batovy, corr. *ybá-toby*, alt. *ba-tory* rio da canna verde; Rio Gr. do Sul, S.ta Catharina.

Batuéra, corr. *abati-oéra*, milho que foi, sabugo.

Batuqué, corr. *ubatuba-quéra*, alt. *ubatú-quér*, *batuqué*, antigo cannavial bravo; nome de uma ilha do rio Madeira, Amazonas.

Baturité, corr. *gbytyra-etê*, alt. *ubutur-etê*, *butur-etê*, montanha verdadeira, a serra por excellencia; Ceará; V. *gbytyra*; 81.

Baurú, corr. *upau-r-ú* ou antes *upáu-r-y*, rio da lagôa ou dos banhados; S. Paulo.

Bebé, vb. int. voar, pairar; adj. volante, voador, pairante; tp. g. *bêbê*; tp. am. *uêuê*.

Bebui, adj. leve, leviano, ligeiro, veloz, fluctuante, boiante.

Beijú, corr. *mbeijú*, enroscado, enrolado, bolo de mandioca torrado, 119.

Berá, corr. *berab*, resplandecer, brilhar, reluzir; adj. resplandecente, brilhante, reluzente; alt. *verava*, *verá*, *virá*, *birá*.

Bertioga, corr. *parati-oca*, alt. *barati-oga*, *barti-oga*, *berti-oga*, casa, refugio ou paradeiro das tainhas; nome de um canal que separa a ilha de S.^{to} Amaro do continente, S. Paulo, 112, 129.

Betary, corr. *betara-y*, rio das betaras ou bataras, ave do sul do Brasil (*Thamnophtilus staturus* Lich), S. Paulo; pode ser também corr. *mbtara-y*, rio do ornato ou enfeite.

Betum, corr. *petym*, o tabaco, o fumo (*Nicotiana* T.).

Biaçá, corr. *mbeaçába*, alt. *beaçá-ba*, *beaçá*, *biaçá*: c. *mbê*=pê caminho, trilho, vereda, *açaba*=*açá* atravessar, cortar, cruzar, sahir, isto é, onde o caminho atravessa ou crusa um rio ou esteiro, o porto; altera-se muitas vezes em *embiacá*, *imbiacába*.

Bibiribe, corr. *bibiry-pe*, c. *bibi-ry-pe*, no rio do vae-e-vem; pode ser ainda corr. *pipiri-y-pe* por *piripiri-y-pe*, no rio dos juncos, ou do juncal, Pernambuco.

Biboca, corr. *yby-boc*, alt. *bi-boc*, terra; chão fendido ou rasgado, M. Soares; emprega-se também no sentido figurado como significando *casinha de palha*, *casebre barreado*, neste caso porém o vocabulo *biboca*, c. *yby-b-oca*, se traduzirá *casa de terra* ou *de barro*.

Biriba, corr. *mbirib*, curto, breve, alludindo a um pão que serve de cacêto ou porrete. Em Alagoas diz-se *imbiriba*. No Rio Grande do Sul, é appellido dos moradores de serra acima e dos paulistas, synonymo de mattuto e desconfiado; designa também uma arvore.

Biritinga, corr. *piri-tinga*, junco branco, Bahia.

Bitú, corr. *ybytú*, o vento, o sopro, a aragem; alt. *botú*, *butú* e

bitú quando entra na composição de outros vocabulos.

Bo, corr. *yby*, alt. *ubu*, *bu*, *bo*, quando na composição de outros vocabulos; V. *yby*; suff. para a formação do gerundio e do participio.

Boa, corr. *mboy*, alt. *boy*, a cobra, a serpente, o ophidio; é especialmente usado para designar a giboia (*Boa constrictor*).

Boapaba, corr. *ybyapaba*, alt. *ubuapaba*, *buapaba*, *boapaba*: 76. V. Ibiapaba.

Boassu, corr. *mboy-açú*, serpente, cobra grande; Rio de Janeiro.

Boava, corr. *mboaba*, alt. *emboaba*, *imboaba*, *emboava*, accommodado, acostumado, habituado, angariado, ligado por amisade. Seria o vocabulo primitivo empregado pelos gentios para designar o europeu que se fixava entre elles, se alliava com elles em familia como aconteceu com João Ramalho, com o Caramurú e outros? Será simples corruptella de *amoaba*, que se traduz: — o de fóra, o de longe, o de outra terra, emfim, o forasteiro, o estrangeiro?

Bóca, suff. part. de *bog*, fendendo-se, rachando; a racha, a fenda, o furo, a aberta; altera-se muitas vezes para *poca*, *puca*, *buca*, *buco* entrando na composição de outros vocabulos.

Bocá, corr. *mbocaba*, alt. *bocaba*, *bocá*, a espingarda, o fuzil, o que dispara, o que estronda; V. *mo-caba*.

Bocaba, corr. *mbocaba*, o com que se dispara, a espingarda, o fuzil; V. *mocaba* e *bocá*.

Bocayuva, s. o mesmo que *Macaiúba*, *macayba*, *bacayba*, palmeira. (*Aerocomia sclerocarpa*, v. Mart.)

Boéra, V. *coéra*.

Boim, corr. *mboim*, missangas, contas de vidro; 123; Pará: o vocabulo pode ser porem de procedencia portugueza, como se verifica do nome *Villaboim*.

Boigoatiara corr. *mboy-quatiára*, cobra pintada; S. Paulo.

Boipeba, corr. *mboy-peba*, cobra chata, Anch.; cobra venenosa.

Boiquissaba, corr. *mboy-kicaba*, ninho ou dormida de cobras, 68.

Boioçanga, corr. *mboy-iroçang*, cobra fria; Anch.

Boissininga, corr. *mboy-cynynga*, cobra resonante, cobra chocalhante, a cascavel; altera-se não raro para *boicimunga*, e *boicununga*, Anch.

Boissú, corr. *mboy-oçú*, cobra grande, serpente.

Boissucanga, corr. *mboy-oçú-a-canga*, a cabeça da serpente.

Boitatá, corr. *mboy-tatá*, fogo de cobra, ou fogo em forma de cobra, que outros traduzem: cobra de fogo; é a exalação das materias putridas dos cemiterios, fogo-fatuo. C. Mag. diz que é um genio da mythologia indigena que protege os campos contra quem os incendeia, representado por uma serpente de fogo que rezide n'água, allusão, de certo, ao gaz inflamado dos pantanos. Anch. explicou como corrupção de *mbaê-tatá*, isto é, cousa que é toda fogo.

Boituba, corr. *mboy-tyba*, alt. *boy-tuba*, *boi-tuba*, o serpentario, o sitio onde as cobras abundam, S. Paulo.

Boquirá, ou *buquir* acorr. *yby-quir*, alt. *ubu-quir*, *bu-quir*, terra banhada, ou regada, terra onde chove; S. Paulo.

Boraceá, corr. *poracê*, festim, folgado, dança dos selvagens V. *Boraceá*, *poracê*; S. Paulo.

Boroborema, corr. *por-póra-êma*, sem moradores, sem habitantes, o deserto, o sertão; 85; Rio Gr. do Norte e Parahyba.

Boré, ou *buré*, corr. *mbyré*, alt. *byré*, *buré*, o soprado, o que se sopra, gaita do gentio; 122.

Bossarahy, corr. *mboçarai-y*, rio dos cuidados, Rio de Janeiro.

Bossoroca, corr. *yby-coroc*, alt. *ubu-coroc*, *bu-coroc*, terra rasgada ou fendida, rasgão no solo; 129; S. Paulo.

Botoroca, corr. *ybytú-roca*, alt. *ubutú-roca*, *butur-oca*, casa do vento, bocaina; S. Paulo.

Botú, corr. *yhytu*, alt. *ubutú*, *butú*, *botú*, o vento, o ar, o clima.

Botucatú, corr. *ybytú-catú*, bons ares, bom clima; 77. S. Paulo.

Botucavarú, corr. *ybytú-cabarú*, o cavallo das nuvens, monte elevado onde as nuvens pou-sam; 129; S. Paulo.

Botujurú, corr. *ybytú-yurú*, a boca do vento, garganta ou quebrada por onde sopra o vento; 77; S. Paulo.

Boturoca, V. *Botoroca*.

Boyguassú, corr. *mboy-guassú*, cobra grande, serpente.

Boypeba, V. *Boipeba*.

Boyuru, corr. *mboy-yurú*, boca da cobra.

Braúna, V. *Baraúna*.

Bracui, corr. *ibira-cui*, alt. *bira-cui*, *bracui*, pão meúdo ou fino.

Brajahyba, corr. *ibira-yá-yba*, *bi-ra-yá-uba*, *bra-já-uba*, *brejaíra*, palmeira cuja madeira abre.

Brajahytuba, corr. *ibirayahyba-tyba*, palmar de *brejaíras*.

Brijituba, V. *Brajahytuba*.

Bu, corr. *yby*, alt. *ubú*, *bú*, a terra, o chão, o solo; nome de uma tribu selvagem na Bahia.

Buçoroca, V. *bossoroca*. 129.

Bucuituba, corr. *ybycui-tyba*, alt. *ubucui-tuba*, arêas em abundancia, areal.

Bujurú, corr. *yby-yurú*, alt. *ubú-jurú*, boca ou buraco do chão.

Bupeva, corr. *yby-peba*, alt. *ubú-peba*, terra plana, chã, planície; 76.

Buranhen, corr. *ibyra-nhê*, alt. *ibura-nhê*, *bura-nhem*, pão doce, sapototacea de casca adocicada, (*Chrysophyllum glycyphloeum Ridel*); Bahia.

Bury, s. palmeira communissima nos sertões do Norte do Brasil. (*Diplothemium caudescens* Mart.)

Buriceia, ou *buracica*, corr. *ihy-ra-cica*, alt. *bura-cica*, resina de pão; nome de um *Laurinca* de que na Bahia se fabricavam cestas para trabalhar o assucar, v. Mart.

Buriqui, ou *burigui* ou *baregui*, nome de uma especie de simios amarelos, habitantes do littoral

e que attingem a 3 pés de altura (*Ateles hypoxanthus*; Max v. NeuWied). Outros chamam *Muriki*, corr. *myra-kê*, gente ou povo sujo, immundo.

Buriquioca, c. *buriqui-oca*, casa, refugio, paradeiro dos macacos *buriquis*, ou *murikis*; S. Paulo. 122.

Burity, corr. *mbiriti*. nome da palmeira (*Mauritia vinifera* v. Mart); alt. *miriti*, *muriti*; 108.

Burury, V. *bariry*. 104.

Butantan, corr. *yby-tantan*, alt. *ubú-tantan*, *butantan*, terra firme, dura, teza; 76; S. Paulo.

Butú, corr. *ybytú*, alt. *ubutú*, *butú*, o vento, o ar, o clima. 77.

Butucoara, corr. *ybytú-coára*, buraco, quebrada, bocaina do vento; 77. S. Paulo.

Buturúna, corr. *ybytyr-una*, alt. *ubutur-una*, *butur-una*, monte negro, montanha escura, serra negra; 81; S. Paulo, Minas Geraes.

Byriry, V. *bariry*. 104.

C

Caá, s. a folha da planta; a planta, a herva, o vegetal; a arvore, o matto, o monte; o mate (*Ilex paraguayensis*.); alt. como radical de muitos nomes em *ca*.

Caacupé, c. *caá-cupé*, atrás da matta; Paraguay.

Caetá, c. *caá-etá*, as mattas, as arvores, as folhas.

Caaguaçú, c. *caá-guaçú*, matto grande, matta virgem; S. Paulo, Paraguay.

Caazapá, tp-gr. *caá-zapá* equivalente a *caá-çapaba* no tp. c. clareira da matta, travessia ou vereda da matta; Paraguay, Argentina.

Caba, s. a vespa, o maribondo, o que fere ou pica; suff. de muitos vocabulos compostos, assim como é thema de muitos outros; tp. gr. *caba*; tp. am. *cava*.

Cabapuama, c. *caba-puama*, vespas assanhadas.

Cabarú, corr. do vocabulo portuguez *cavallo*; tp. c. *cabarú*, alt. *cavari*; tp. gr. *cabayú*.

Cabarú-pararanga, o relincho do cavallo.

Cabluna, corr. *caá-piuna*, folha ou madeira escura, jacarandá.

Cabocelo, V. *cabôco*,

Cabôco, corr. *caá-boc*, tirado ou procedente do matto. 110.

Cabrenva, corr. *caburé-ybu*, arvore ou páo de coruja (*Myrosporum*.); S. Paulo.

Cabuçu, c. *caba-uçu*, o vespão, o maribondo; uma especie de abelhas. 109.

Caburé, s. a coruja (*Strix brasiliiana* Lath.)

Caça, contr. *caá-aça*, páos trançados, ou crusados, estacas atravessadas, isto é, cercado feito de tranqueiras. 118.

Caçapava, corr. *caá-çapaba*. clareira da matta, aberta, travessia ou vereda na matta; S. Paulo, Minas, Rio Gr. do Sul.

Caçaquêra, c. *caá-ça-quêra*, cercado velho, malhada velha.

Caecatú, corr. *caá-catú*, matto ralo, facil de penetrar, o cerrado. 88.

Cacerebú, corr. *caá-cérib-ú*, rio ou agua das palmas de espinho; Rio de Janeiro.

Caçununga, corr. *caba-cynynga*, alt. *ca-çununga*, vespa zumbidora; S. Paulo; V. *caba*.

Caetá, corr. *caá-etá*, as folhas, as plantas, as mattas; Bahia.

Caeté, corr. *caá-êtê*, matta real ou verdadeira, matto virgem; 88.

Caetéguá, corr. *caá-êtê-guá*, valle ou baixada da matta virgem; V. *guá*.

Caetetê, corr. *caá-etê-tê*, augm. de *caietê*, mattão, grandes mattas.

Caetua, corr. *caá-etê-ua*, natural ou procedente da matta virgem; 110.

Caetê, corr. *caá-êtê*, matta virgem, matto verdadeiro; nome de uma tribu selvagem da Capitania de Pernambuco, alludindo a ser habitadora das mattas.

Cahy, corr. *caá-y*, rio da matta; s. *caí*, especie de simio, muito

vergonhoso e tímido, (*Cebus Azarae*); Rio Gr. do Sul.

Cái, vb. queimar, arder, incendiar.

Cai, adj, envergonhado, tímido, medroso, vergonhoso.

Caiaatinga, V. *acyacatinga*.

Caicá, contr. *caicara*.

Caicara, s. o queimador, o incendiário, o que faz queimar; o cercado, a trincheira ou paliçada, o curral; 112, 118.

Caípe, corr. *cad-y-pe*, no rio da matta; Bahia.

Caíruçu, c. *cai-r-uçu*, queimada grande; Rio de Janeiro.

Caitá, corr. *caitaba*, alt. *caitava*, *caitá*, a queimada, o incendio, a queimadura; pode ser ainda *cad-itá*, a pedra, ou penedo da matta.

Caitára, s. o queimador, ou incendiário; 118.

Caité, corr. *cad-eté*, matto virgem; e ainda *cai-eté*, queimada grande, consideravel.

Caipira, c. *cai-pira*, a queimada, o que anda em queimadas, 118; pode ser ainda *cai-pir*, o vergonhoso, o tímido, o acanhado; V. *cai*; *pir* é um suff. para formar adjectivos; S. Paulo, Paraná, Minas.

Caipora, corr. *cad-y-póra*, o que mora, habita ou frequenta a matta; genio da mythologia selvagem,

Cajá, V. *Acayá*.

Cajaíba, corr. *acayá-yba*, a cazeira, a arvore da cajá (*Spondias brasiliensis*); Bahia.

Cajarana, corr. *acayá-rana*, cazeira falsa, tirando á cajá (*Cabralea Cangerana* Vell.); alt. geralmente para *Cangerana*.

Cajú, V. *acajú*.

Cajuba, corr. *acayú-yba*, o cajueiro.

Cajurú, corr. *cad-yurú*, a boca da matta; 88; S. Paulo, Minas.

Calindé, V. *Canindé*.

Calundú, corr. *acá-mundú*, cabeça esquentada, febre, e fig. nervoso, capricho, alvoroço.

Cama, s. peito, seio, teta, mama; fig. elevação, proeminencia, cabeço; alt. *cam*, *cá*.

Camamá, c. *cama-mú* peitos juntos, elevações visinhas, cabeços

proximos, ou fig. os dous irmãos; Bahia.

Camamahú, corr. *comand-y*, rio do feijão; Pará.

Camandocaia, corr. *camondó-cái*, queimada para caçar, fogo posto no campo, envolvendo parte delle a que os selvagens punham cerco, matando a páo a caça que tentava escapar do incendio; S. Paulo.

Camapuam, c. *cama-puan*, peitos redondos, proeminencias arredondados em forma de peito; Matto Grosso, Rio.

Camaquam, c. *cama-aquá*, peito agudo, elevação ponteguda ou alongada; Rio Gr. do Sul.

Camará, s. arbusto conhecido (*Lantana L.*).

Camaragibe, corr. *camará-g-y-pe*, no rio do camará; Pernambuco, Alagoas.

Camaratiba, c. *camará-tyba*, camarás em abundancia.

Cambará, V. *Camará*.

Camboatá, corr. *cad-mboatá*, o que anda ou caminha no matto; peixe que caminha em secco; M. Soares interpretou: *cá=car* escama, *mbo* que faz, *atá* andar.

Camboey, V. *cambuçy*.

Cambucy, corr. *cambú-chi*, s. vaso d'agua, pote, cantaro, tina. Bap. C.; alt. *camucy*, *camucim*, *camutim*, *camoti*.

Cambuquira, corr. *cad-ambikira*, brotos de herva, grelos, folhas tenras.

Camburiú, corr. *camby-ri-y*, rio onde corre leite; rio de leite; corr. *camuri-ú*, rio do roballo.

Camby, s. leite; vb. tirar leite.

Cametá, corr. *cama-ctá*, os peitos; as elevações, proeminencias; pode ser corrupção de *cametára* (câ-metára), ornato da cabeça, o cocar; Pará.

Camocim, V. *cambuçy*. 70.

Camocy, V. *cambuçy*. 129.

Camondó, c. *cad-mondó*, trabalhar no matto, caçar. 116.

Camoty, V. *cambuçy*. 70.

Camirim, c. *caa-mirim*, folhinha, plantinha, pequena matta.

Camucim, V. *cambuçy*.

Camuri, s. o roballo (*Sciaena undecimalis* Bloch).

Camurupi, s. peixe conhecido, também chamado *camboropi*.

Camutá, corr. *caá-mutá*, escada de páo, ou de matto.

Candirú, s. peixe d'agua doce, pequenino e que tem o habito de introduzir-se nas cavidades e aberturas do corpo humano com violencia e rapidez, abrindo depois as barbatanas, o que torna dolorosa e difficil a extracção; é commum na bacia do Amazonas, (*Cetopsis Candiru*).

Canga, corr. *acanga*, cabeça, ponta, extremidade, afloramento de veiro. 107.

Cangatar, V. *acangatar*.

Cangerana, V. *cajarana*.

Cangica, corr. *cangi*, mole, brando; corr. *acan-gic*, grão mole ou cosido.

Canguera, corr. *acan-goêra*, caveira, craneo.

Cangussú, corr. *acang-uçú*, cabeça grande; adj. cabeçudo, a; nome applicado a uma onça.

Canhanga, corr. *caá-nhanga*, planta viva, animada, odorifera, (*Myristica macrophylla*), Amazonas.

Canindé, corr. *can-ndê*, anegrado, retincto, tismado, escuro; nome de uma especie de arara (*Psittacus Araúna* L.) alt. *calindé*, *canendé*, *canindé*. 124.

Canitar, V. *acangatar*.

Cannatuba, palavra hybrida *canna-tyba*, cannavial; 118.

Caobimpará, c. *caá-obí-pará*, mar da folha verde ou azul, mar de anil, nome que a lenda diz ter sido o de uma das indias amantes do *Caramurú* entre os Tupinambás.

Capané, contr. *capanema*. V.

Capanema, corr. *caá-panema*, folha, herva ou matta ruim, imprestavel, folha fetida ou mal cheirosa; Bahia, Rio, Minas.

Capão, *caá-paun*, ilha de matto no meio do campo, retalho ou nesga de matto. 88.

Capara, corr. *yg-apára*, agua ou canal torto, rio curvo; 117; S. Paulo.

Capecê, corr. *caá-peba*, folha chã ou plana, planta rasteira.

Capibara, corr. *caapi-uára*, o

comedor de capim, o herbivoro, (*Hydrochoers Capyvara*) 75; alt. *capivara*.

Capiberibe, corr. *capuiuar-y-pe*, alt. *capibar-y-be*, rio das capivaras; V. *Capivary*; Pernambuco.

Capim, corr. *caá-py*, folha miuda, fina, a gramma; 73.

Capivara, V. *capibara*.

Capivary, c. *capuiuar-y*, rio das capivaras; S. Paulo, Minas, Rio; 109, 75.

Capuão, c. *cad apuá*, matto redondo ou ilhado. 88.

Capuame, c. *caá-puama*, matto levantado ou revolvido; Bahia.

Capuava, c. *caá-apoaba*, morada do matto; S. Paulo.

Capueira, corr. *caá-poêra*, matto extincto, matta cortada ou destruida; 71; costuma-se confundir com *copueira*, c. *cô-poêra*, roça extincta, roça velha, abandonada e ja invadida pelo matto; 118; s. uma especie de perdiz (*Perdix dentata* Temm.)

Caputera, corr. *caá-apytêra*, o meio da matta; S. Paulo.

Caputyrá, corr. *caá-potyra*, a flôr da matta.

Capuva, corr. *caá-puba*, herva podre, páo mole, sem resistencia.

Cará, corr. *acará*, peixe d'agua doce, escamoso, (*Chromis Acará*); s. raiz tuberosa (*Dioscorea*).

Caracará, corr. *caráe-caráe*, o arranhador, o arranha-arranha, (*Polyborus vulgaris* Vieill.); alt. *carcará*; Ceará e Norte do Brasil.

Caracú, corr. *acaracú*, c. *acará-y*, rio dos acarás; nome de um rio e de uma villa do sertão do Ceará, famosos pelo seu gado bovino. Designa no sul do Brasil uma especie de gado de pelo fino e curto e cauda também fina. Como os curraes do rio S. Francisco por muitos annos se suppriram de gado cearense e piauiyense, e o gado mineiro, o goyano e o paulista procedem quasi todo daquelle rio (*Ant.*), mui provavel é que o apellido *Caracú* venha daquelle villa Cearense que, segundo o padre M. Ayres do Casal, por muitos an-

- nos assim se denominou; 75; V. *Acaracú*.
- Caraguá**, s. especie de bromelia cujas folhas dão fibras para tranças e para corda; alt. *carauá*, *cráuá*, no Norte do Brasil; corr. *cará-uá*, talo ou nervura farpada, ou armada de espinhos.
- Caraguatá**, c. *carauá-tá*, o carauá rijo, duro; V. *caraguá*, alt. *caravatá*, *carauatá*, *croatá*, *cratuatá*, *gravatá*.
- Caraguatatuba**, c. *caraguatá-tyba*, gravatás, em abundancia; 129; S. Paulo.
- Caraguatahy**, c. *caraguatá-y*, rio dos gravatás.
- Carahy**, V. *carahyba*.
- Carahyba**, adj. forte, valente, sabio, santo, sagrado; alt. *caray*, *cariba*, *caríua*; 110.
- Carahipe**, corr. *caray-pe*, no sagrado, no santo; *caráy-pe*, no rio do cará.
- Carai**, s. especie de simio (*Nyctipithecus vociferans* Spix).
- Carajá**, corr. *carayá*, mono grande, simio de grande estatura. O gentio costumava appellar de *carayá* aos seus visinhos desafectos. O gentio deste nome em Goyaz é assim appellido pelos seus contrarios.
- Caramurá**, appellido de Diogo Alvares entre os Tupinambás da Bahia. Os primeiros historiadores ou chronistas deram-lhe por significado — *dragão sahido do mar* ou *homem de fogo*. Se o appellido barbaro não está alterado é o mesmo que *moréa*, especie de cobra marinha (*Lepidosiren paradoxa*); se, porem, está corrupto, pode vir de *caray-murú* que se traduz — o *homem branco molhado*, ou fig. o naufrago, o branco que deu á costa; V. *caray* ou *carahyba*.
- Caramemoam**, c. *carame-moam*, pipa em pé, tonnel posto em pé, erguido; Bahia. Lery dá *caramemô* com o significado de pipa, tonnel, carcassa de tatú.
- Caraná**, ou *carandá*, escamoso, cascudo; nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo, *carnahuba*, *carahyba*, *caranday*; 198.
- Carancho**, corr. *carde*, o que arranha, o que dilacera com as unhas; S. Paulo.
- Carandá**, V. *caraná*.
- Caranday**, corr. *carandá-yba*, ou *carana-yba*, a palmeira carnahuba; pode ser tambem s. bica, cano, calha, Bap. C.; e ainda corr. *carandá-y*, rio das carnahubas; Minas Geraes.
- Carandeúba**, corr. *carandá-yba*, a palmeira *Copernicia cerifera*; alt. *crandeúba*, *crendeúba*, *crindeúba*; Bahia.
- Carapaná**, c. *carapá-ná*, o encurvado, o arcado, o arco espesso; nome de um mosquito (*Culex amazonicus*), extremamente incommodo não só pela picada como pelo zumbido durante a noite inteira; é um flagello no valle do Amazonas e em alguns rios do Norte do Brasil.
- Carapeba**, V. *acarapeba*.
- Carapicú**, corr. *acará-pucú*, acará esguio, comprido.
- Caraquá**, c. *cará-quá*, ponta farpada ou armada de espinho; V. *caraguá*.
- Carará**, s. o mergulhão, (*Sula brasiliensis*), Amazonas.
- Carauatá**, V. *caraguatá*.
- Carahy**, appellido do homem branco entre os Tupis, significando o mesmo que *carayba* de que é forma contracta.
- Cari**, contr. *caray* ou *carai*, 110.
- Cariba**, V. *carahyba*, 110.
- Cariboca**, c. *cari-boc*, tirado ou descendente do branco, do europeu. No norte do Brasil se diz *curiboca*.
- Carijó**, corr. *cari-yó*, descendente o tirado dos *carahybas*, tem o mesmo significado de *cariboca*, 110; mixtura de branco, pedrez.
- Carimã**, s. massa da mandioca puba.
- Carinhanha**, corr. *cari-nhenhê*, o cari ronca, sitio onde esse peixe faz ruido; Bahia.
- Carios**, corr. *cariós* ou *caryós*, graphia usada pelos autores hespanhoes para o nome da tribu tupi-guarani que dominava na costa do Brasil de Cananéa para o sul, por outros chamados—

índios dos Patos, ou simplesmente *índios Patos*.

Carioca, o mesmo que *caribó*, ou *cari-yó*, *cari-boc*, *cari-uoc*, descendente do branco, procedente do europeu, o mestiço de procedência do branco; V. *carijó*; 110; pode também ser *cari-oca*, a casa do branco ou do europeu.

Cariry corr. *kiriri*, adj. taciturno, silencioso, calado; appellido do povo selvagem que outrora occupou grande extensão do Brasil, da Bahia para o Norte, e mais tarde concentrou-se nos sertões de Pernambuco, Parahyba, Rio Gr. do Norte e Ceará.

Cariua, V. *cariba* ou *carahyba*.

Carnahuba, corr. *caraná-yba*, alt. *caraná-uba*, a palmeira conhecida (*Copernicia cerifera*), 108.

Caruára, comichão, sarna, boubas.

Carurú, folha ou herva grossa, inchada, aquosa, folha mucilagínosa, Bap. C.; pode ser também corr. *caá-rerú*, prato de herva ou de folhas.

Cassununga, V. *caçununga*, 109.

Cataguazes, corr. *caá-atá-guá*, valle ou baixada do matto rijo ou aspero; *caá-ê-té-guá*, valle da matta virgem, ou valle das mattas. Os primeiros sertanistas, que entraram em Minas Geraes depois de 1687, descobriram no valle do rio Doce, entre os índios que denominaram *Cataguazes* as primeiras amostras de ouro. A região ficou, por isso, denominada Minas dos *Cataguazes*. O nome *Cataguazes*, porem, designando uma tribu selvagem, procede sem duvida do character da região por ella habitada, região coberta de mattas (*caeté*) e dentro de um amplissimo valle (*guá*).

Catanduva, corr. *caa-tá-dyba*, matagal aspero, rijo, matto carrasquento em terra de inferior qualidade; 88; S. Paulo.

Catapóra, corr. *tatá-pora*, fogo que irrompe, afoguesamento da pelle, erupção; 78.

Catête, corr. *tatetú*, ou antes *táy-tétú*, c. *táy*=tanha dente, *titú*

aguçado, ponteagudo; diz-se mais commumente *catetú* ou *caitetú*.

Catêto, V. *catête*.

Catetú, V. *catête*.

Catinga, corr. *caá-tinga*, matto branco, alvarento, especial das regiões seccas do Brasil; 73, 88.

Catolé, vocabulo que não parece da lingua tupi e que só se encontra no sertão; designa uma palmeira (*Atalea humilis*); *catulé*, *caculé*, *cacolé*.

Catú, adj, bom, bonito, conveniente; adv. bem, bastante.

Catuama, c. *catú-ama*, o que está bem firme, o que é bastante elevado; Bahia.

Catumby, corr. *caá-t-omby* ou *caá-t-oby*, folha verde, matto verde; o anil; alt. *calumby*, *carumby*; Rio de Janeiro, Bahia.

Caturama, c. *catú-rama*, boa ventura, bom-será.

Catunduba, V. *cotunduba*.

Cauane, s. especie de tartaruga.

Caucala, corr. *caá-ocaí*, matto que se queima, a queimada, o incendio. S. Paulo.

Cauim, corr. *acayú-im*, vinho ou bebida de cajú; por extensão de vocabulo passou a designar a bebida fermentada feita com o milho mastigado; 119.

Cauipe, c. *cauí-pe*, no vinho de cajú, allusão ao logar em que se o fabrica; Bahia.

Caúna, corr. *caá-una*, folha escura, qualidade de mate; Rio Gr. do Sul.

Cavarú, corr. do portuguez *cavallo*, que o gentio pronunciou *cabarú*.

Cavarú-canguera, a caveira do cavallo.

Caverá, corr. *caá-berá*, folha brilhante ou luzidia, qualidade inferior de mate; Rio Gr. do Sul.

Cavetá, corr. *caba-etá*, as vespas.

Cayapó, corr. *cai-apó*, o que queima ou faz queimadas; nome de uma tribu selvagem de Goyaz.

Cayary, c. *acaya-r-y*, rio do cajá.

Cayru, c. *caá-y-rú*, junto á matta, á entrada da matta; Bahia.

Cayubi, c. *caá-y-uby* ou *cad-oby*, a a folha verde ou azul, o anil; é o mesmo que *Catumby*.

Ceará, com a graphia actual é *cê-ará*, canta ou fala o papagaio, que Alencar traduzia livremente — *canto da jandaia*; 190. Com a graphia primitiva dos primeiros chronistas e historiadores que era *Syará* ou *Ciará* (*Cü-ará*) designa simplesmente uma casta de papagaios pelo gentio denominados *cü*.

Ceçary, c. *ceçá-r-y*, a agua dos olhos, a lagrima; *ce-çáry*, minhas lagrimas.

Cecé, c. *ce-cê*, meu ser, minha pessoa; meu desejo, minha vontade.

Ceci, c. *ce-ci* ou *ce-aci*, meu pezar, minha dôr, meu soffrer; *ce-çi*, minha mãe, minha origem.

Chirú, c. *che=ce* meu, minha, *irú* companheiros, semelhante; meu proximo, meu igual; Rio Gr. do Sul.

Chuê, adj. tardo, vagaroso, manso, quieto; s. a tartaruga.

Chuy, corr. *chue-y*, arroio manso, de curso vagaroso; arroio da tartaruga; Rio Gr. do Sul.

Cipó, corr. *i-ci-pó*, fibra ou filamento que se pega ás arvores, liana, nome generico das plantas sarmentosas; alt. *sipó*, *cepó*.

Cipótuba, c. *cipó-tyba*, cipoal, lianas em abundancia.

Cô, s. a roça, a colheita, a plantação, a limpa. 118.

Coára, V. *quara*.

Coaracy, c. *codra-çi*, a mãe do mundo, o sol, o astro do dia; *co-ára-çi*, a mãe deste mundo; Bap. C.

Coaracyaba, corr. *coaraci-ába*, os cabellos do sol, os cabellos ruivos, ou louros. Como nome de mulher deve corresponder á *Flavia*, *Laura*. Costuma-se escrever geralmente *Guaraciaba*.

Coboyguara, c. *caboy-guára*, o morador d'alem da outra banda, o estrangeiro; 110.

Cobé, s. a existencia, a vida.

Cocha, vocabulo da lingua kichua significando — *lagôa*, *pantanal*,

brejo. *Caballochoca*, lagôa do cavallo; *Cochabamba*, campo da lagôa; Perú, Bolivia.

Coçú, c. *cô-oçú*, roça grande, limpo grande; S. Paulo; V. *cô*.

Coéra, adj. velho, extincto, passado, antigo, o que ja foi; V. *cuéra*, *quéra*, *quer*, *cué*, *goéra*, *boéra*, *moéra*, *poéra*. 72.

Coerana, corr. *cui-rana*, pimenta falsa, fructa que imita á pimenta; Bahia.

Coité, corr. *cü-êlê* vaso real, verdadeiro, capaz.

Coivara, corr. *cô-uara*, limpa da roça, queimada para roça; roça ou cultura que se prepara; leito ou assento de roça. 118. V. *cô*.

Columnjuba, corr. *curumî-yuba*, o menino de ouro; nome de uma serra no Ceará.

Comandá s. o feijão, o legume, a fava.

Comandatuba, c. *comandá-tyba*, feijoal, feijão em abundancia; Bahia, 118.

Comunati, corr. *comaná-tim* feijão branco; Alagôas.

Condapuhy, corr. *cundî-puy-y*, rio torto e profundo; S. Paulo.

Condeuba, V. *caranahyba*.

Congonha, corr. *congô*, o que sustenta, a herva mate; Bap. C.

Çoô, s. o animal, a caça, o bicho, a carne. Notavel é aqui a semelhança com o grego *zoô* que tem o mesmo significado; 100.

Copichaba, corr. *côpir-caba*, a roçada ou derribada para cultura; 118.

Copyr, vb. tratar da roça, roçar, tirar a herva. O verbo *carpir*, usado entre os paulistas, tem esta significação.

Corumbá, c. *curú-mbá*, seixos esparsos, cascalho raso; *corumbá*, *corumbé*, *corumbé*, a tartaruga; o cesto redondo e chato; Goyaz, Matto Grosso.

Corumbaba, V. *corumbá*.

Corumbatahy, corr. *corimata-y*, rio dos corimatás; 109.

Corutuba, corr. *curu-tyba*, seixal, seixos em abundancia.

Cotegipe, corr. *acuti-gy-pe*, no rio da cutia; Bahia; corr. *colt-gy-pe*, no rio torto ou sinuoso.

Cotijuba, corr. *acuti-yuba*, a cutia fulva. Pará.

Cotindiba, corr. *coti-dyba*, voltas ou simosidades em abundancia; nome de um rio de Sergipe notavel pelas muitas tortuosidades do seu canal de entrada. Gabriel Soares escreveu *Cotigipe* e hoje se diz geralmente *Cotinguiba*.

Cotinguiba, V. *Cotindiba*.

Cotunduba, corr. *coti-dyba*, muitas voltas, vagas ou vae-e-vens em abundancia; nome de uma das ilhas á entrada do Rio de Janeiro, alludindo ás difficuldades do accesso da dita ilha. V. *cotindiba*.

Crajauna, corr. *carayá-una*, o mono preto, nome de um monte á margem do rio Una de Yguape; S. Paulo.

Cravassú, corr. *carauá-açu*, gravatás grandes; Bahia.

Cricaré, corr. *cari-caré*, o cary torto, o peixe roncador e cascudo, (*Rhinelepis aspera* Spix); Bahia, Espirito Santo; foi o nome primitivo do rio de S. Mathus.

Cruelra, corr. *corêra*, raspas, cascas imprestaveis retiradas da massa da mandioca depois de ralada.

Crumatahy, V. *corumbatahy*.

Crundeuba, V. *carnahyba*. 108.

Cuary, corr. *coára-y*, rio do furo, do braço ou canal; rio da cova; Amazonas.

Cuçú, V. *côçú*.

Cué, tp. gr. equivalente a *cuéra*, *coéra*; V. *cuéira*.

Cuéra, adj. velho, antigo, extinto; duradouro; velhaco, exper-to, entendido; suff. para indicar o passado dos substantivos no tupi, valendo pelo prefixo *ex* do latim.

Cuí, s. a farinha, o pó, a poeira; alt. *cuy* e *uy*. 119.

Cunhá, s. a mulher, a femea dos animaes; suff. para indicar o sexo feminino dos substantivos, como: *yaguara-cunhá* a cadella, *suaçu-cunhá* a veada.

Cunhambebe, nome de um principal dos Tamoyos ao tempo de

Nobrega e Anchieta. Hans Staden, que o conheceu, escrevia *Konyan-Bebe*. Lery escreveu *Koniam-Bebe*. Os portuguezes escreveram *Cunhambebe*. c., *cunhá* mulher, *beba*=*peba* baixa, chata, rasteira, gorda; corr. *cunhá-bêbo* ficando mulher, parecido com mulher.

Cunhapirú, c. *cunhá-pirú* mulher magra, secca; pode ser ainda: o passo, o vão, o secco da mulher, logar do leito do rio dando passagem a vão; Rio Gr. do Sul.

Cunhary, c. *cunhá-r-y* rio das mulheres ou das femeas.

Cunháú, corr. *cunhá-y*, rio das mulheres; 75; Pernambuco.

Cupecé, c. *cú-pecé*, lingua partida, campo partido; corr. *cô-pecê* a roça dividida ou partida; S. Paulo.

Cuploba, c. *cupi-ob*, o formigueiro que alastra, logar coberto de formigas ou cupim; Bahia.

Curaçá, corr. *cord-açá*, travessia de cercados, de curraes; é palavra de origem duvidosa; Bahia.

Curitiba, corr. *curi-tyba*, pinhal, ou pinhões em abundancia; Paraná; 108.

Curituba, V. *curityba*.

Curityba, c. *curi-tyba*, pinhal, mata de pinheiros, pinhões em abundancia; Paraná.

Curuçá, corr. do portuguez *cruz* que no tp. gr. se pronuncia *curuzú*; S. Paulo, Rio de Janeiro.

Curucutú, s. especie de curuja parda com duas pennas da cabeça simulando chifres.

Curupá, corr. *côrupá*, logar da roça ou da plantação, sitio de cultura; alt. *Gurupá*; Pará.

Curupacé, c. *curupá-cê*, logar da roça elevado, saliente, bonito; S. Paulo.

Curupira, c. *curú-pira*, o sarnento, o coberto de feridas; genio da mythologia selvagem que presidia os sonhos e os peza-dellos.

Cururipe, corr. *curú-r-y-pe*, no rio dos seixos, no rio dos calhaus, Alagôas. Se o vocabulo é

corrupto, ou deve ser escripto com a graphia *Cururupe* de que usou Frei Vicente do Salvador na sua Historia do Brasil, então é composto de *cururú-y-pe* e se traduz—no rio dos sapos; nome do rio em cuja barra foi morto e devorado pelos Cahetés o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, assim como outros naufragos como elle nas costas das Alagôas.

Cururú, s. o roncador, o que ronca, o sapo grande (*Pipa Cururú*); Pará.

Cururupeba, c. *cururú-peba*, o sapo chato, ou esparralhado, o cururú meido; appellido de um principal do gentio da Bahia.

Curuzú, tp. g. é o vocabulo *cruz* pronunciado á moda guarani.

Cutia, corr. *aguti*, animal roedor, (*Desprocta aguti*) 109.

Cutunduba, V. *cotindiba* ou *cotunduba*.

Cuy, s. o ouriço (*Cercolabis villosus* v. Mart); diz-se vulgarmente *cuium*.

Cuyabá, c. *cuy-abá*, gente forte, valente, esforçada; nome de uma tribu selvagem encontrada nas margens do affluente do rio S. Lourenço que tem essa denominação, Matto Grosso.

Cuyeté, c. *cui-ê-tê*, vaso verdadeiro, real.

E

Eçá, s. o olho, os olhos; *eçad* o globo ocular.

Eçaruna, c. *eçá-r-una*, os olhos negros.

Eíra, s. a abelha, a mãe do mel.

Embahú, corr. *embá-yba*, alt. *embá-uba*, *embá-ú*, a arvore ouca, páo vasado ou ouco (*Cecropia*).

Embatuba, corr. *embá-yba*; V. *embahú*.

Embayba, V. *embahú*.

Emblaçaba, V. *biacá*.

Embira, corr. *mbir*, pelle ou casca de arvore.

Embiruçú, c. *mbir-uçú*, casca grossa ou espessa.

Embituba, corr. *imbê-tyba*, imbês ou guaimbês em abundancia, (*Phylodendron imbê*).

Embó, corr. *embó*, filete d'agua, lagrimal, arroio; alt. *iembú*, *embri*.

Emboaba, V. *buava*.

Embotetêú, V. *mbotetêú*.

Enambú, V. *inambú*.

Enconha, corr. *ecôonha*, adj. quieto, tranquillo, socegado; nome de um rio que desce da Serra dos Orgãos, Rio de Janeiro.

Engaguaçú, corr. *Yguá-guaçú*, bahia grande, lagamar grande; H. St. 96.

Enhapupé, corr. *nhá-pupé*, especie de perdiz, maior do que a européa e de bico comprido, (*Crypturus*); alt. *napopé*.

Enxú, V. *exú*.

Epiacaba, part. *epiac-aba*, a vista, a observação, o logar de ver.

Epiaporanga, c. *epiá-poranga*, bella vista, boa vista.

Era, V. *coéra*.

Eriry, corr. *y-riri*, agua corrente, rio corrente; S. Catharina.

Esgaravatana, canudo de dez a doze palmos de comprimento com que o selvagem sopra uma pequena setta envenenada e mettida no interior; corr. *grapá-tan*, arco rijo ou duro, isto é, direito.

Euiratiba, corr. *ibira-tyba*, arvoredo, arvores em abundancia; Amazonas.

Exú, corr. *eichú* ou *eira-chú*, abelha negra, que faz um ninho rugoso, aspero; nome de uma villa de Pernambuco.

G

Gambá, c. *guá-ambá*, seio ouco, o sacco vasio; nome de um marsupio que guarda os filhos n'um sacco que tem na barriga (*Didelphys*).

Gapira, corr. *yg-apira*, cabeceiras d'agua, nascentes, vertentes.

Garaçú, corr. *igara-açú*, canôa grande, barco; 115; Pernambuco.

Garanhuns, corr. *guira-nhú*, os passaros pretos; nome de uma serra no sertão de Pernambuco

Garopaba, corr. *igara-paba*, porto, surgidouro da canôa ou barco; S. Catharina.

Gaturamo, V. *angaturama*.

Genipabú, corr. *Yanipab-ú*, rio dos genipapos; Pernambuco.

Genipapo, corr. *yanipaba* ou *nhandipab*, fructo de esfregar ou que serve para pintar; Bap. C.; (*Genipa brasiliensis* Mart).

Gerema, V. *jurema*, (*Acacia Jurema* Mart).

Geremoabo, corr. *gerumú-oabo* aboboras que nascem, plantação de aboboras, *vasante* das aboboras; Bahia.

Geribá, corr. *yaribá* o que tem fructo de cacho ou em penca; alt. *jiribá*, *jirivá*; nome de uma palmeira, commum em S. Paulo; 108.

Geribatubo, corr. *yaribá-tybo*, palmar de *gerivás*; S. Paulo.

Gerú, V. *Agerú* ou *ajurú*.

Gés, nome de uma nação tapuya, nos sertões do Maranhão e de Coyaz, também appellidada *Cran*; não é tupi.

Getahy, V. *jatahy*.

Gibola, corr. *yiboy* ou *yiboi*, c. *yi-boi*, cobra d'água; no tp. gr. *curiyú*; Bap. C.

Ginepabú, V. *genipabu*.

Giparaná, c. *gi-paraná*, rio do machado; Pará, Amazonas.

Gitirana, corr. *yakirana*, a cigarra; 109.

Gitiraua-bola, corr. *yakirana-bov*, cigarra-cobra, ou cigarra com a figura de cobra; (*Fulgora lanternaria*); 109.

Goá, cousa redonda, concavo, seio, sacco, baixada, depressão entre montanhas, valle, bacia, bahia; alt. guá, 72, 84.

Goéra, V. *cuéra*.

Gotutuba, corr. *curú-tyba*, seixal, pedregal; corr. *cory-tyba*, pinhal; Minas Geraes.

Goyá, corr. *guayá*, c. *guay-yá* individuo igual, gente semelhante, da mesma raça. Os documentos antigos falam em *Guayás* e *Guayazes*; 109.

Goyana, ant. *Gueena*, como o escreveu na sua Historia do Brasil de 1627 Frei Vicente do Salvador; mas deve ser antes *Guayana*, c. *Guá-yái*, porto, encardouro do valle ou da bahia; nome de uma cidade de Pernambuco, antigo porto até onde chegavam as sumacas que lhe sobiam o rio com a maré.

Goyanaz, V. *guayanaz*.

Goyaz, V. *goyá*.

Goytacaz, corr. *guay-atacara*, alt. *guay-ataci*, gente ou povo corredor, veloz; o andarilho, o andejo, ou nomada; 109, 129; Rio de Janeiro.

Goytaraca, corr. *guay-taráca*, o que muda de côr, cousa ou objecto cambiante; nome de um trecho da Serra dos Aymorés; Bahia.

Goyty, V. *oity*.

Grajahú, corr. *carayá-hú* ou *carayá-y*, rio dos monos *carajás*; ant. *guajahú*, corr. *guayá-ú*, rio dos carangueijos; Maranhão.

Gramació, ant. *caramació*, o *caramaci-ó*, isto é, *carama*, redondo em roda; *aci=aciá* cortar, cercar, aparar; *o=og* casa, cabana; portanto, cabana aparada em roda; Rio Gr. do Norte.

Gramame, ant. *guirámame*, c. *guirá* passaro, ave; *mama* cerco ou rodeio; portanto, rodeio ou cerco dos passaros. Em alguns documentos antigos se lê *aramama*; Varn.; Parahyba do Norte.

Grapeleca, corr. *guara-pecica*, c. *guára=ibira*, madeira, *pecica* de casca lisa; madeira propria para marceneria; S. Catharina.

Grapuetan, corr. *guirá-puitan*, passaros vermelhos; nome de localidade no Rio Gr. do Sul.

Graúna, corr. *guirá-una*, passaro preto.

Gravatá, V. *carauatá*.

Gravatáhy, corr. *carauatá-y*, rio dos gravatás; Rio Gr. do Sul.

Groahyrás, corr. *guá-y-rá*, agua que tomba ou cae do valle, agua que sahe da baixada; nome de uma lagôa no Rio Gr. do Norte, Cas.

Grunhatá, corr. *guirí-atá*, o que canta, trina forte, o sussurrante; ave canora do genero Tanagra (*Euphonia*), conhecida por gurinhata e gaturamo.

Grupiara, V. *guapiara*.

Guá, V. *goá*.

Guaba, part. do verbo *gu* ou *u* comer; *guaba*, a comida, o que serve para comer; suff. na composição dos vocabulos: *itá-guaba*, pedra ou barro que serve para comer, barreiro; *çoo-guaba* comida de carne, carne que serve para comer.

Guabiroba, corr. *guab-iroba*, comida, aliás *fructu de comer amarga*; (*Abbevillea maschalantha*); alt. *guabiraba*, *guabirava*.

Guabirótuba, corr. *guabiró-tyba*, guabirobal, ou guabirobas em abundancia; S. Paulo.

Guabirú, s. o rato (*Mus tectorum*).

Guabirutuba, corr. *guabirú-tyba*, a rataria, ratos em abundancia; 109.

Guacenduba, corr. *guacem-dyba*, c. *guacem*=*guacim*=*guaxima* planta malvacea de fibra muito resistente (*Urena lobata*); *dyba*=*tyba* em abundancia; alt. *guaxuma*, *guachuma*, *guachima*, *guachem*. Maranhão; Cas.

Guacuman, c. *guá-cumã*, бага ou vagem redonda; especie de palmeira anã das margens do Rio Pardo; Matto Grosso; Cas.

Guacury, c. *guá-curi*, pinha redonda, fructo redondo; palmeira abundante nas margens do rio Coxim em Matto Grosso; Cas.

Guahibe, corr. *guá-y-pe*, no rio ou estero da bahia, no canal da bahia; S. Paulo.

Guajará, c. *guá-yará*, bahia, ou bacia que reune, que recolhe, lugar de confluencia; Pará.

Guajehy, corr. *guayá-y*, rio dos carangueijos; Rio Gr. do Norte.

Guajirú, corr. *guá-gy-r-ú*, agua da lagôa; Rio Gr. do Norte.

Guamá, corr. *guá-amã*, valle ou baixada que envolve, reune ou cerca; Pará.

Guamame, corr. *guá-mama*, seio

em volta, reconcavo; nome de uma serra no Ceará.

Guanabara, ant. *guanabará*, o mesmo que *guanaparã*, c., *guanã* a baixada grande, a bahia; *parã*, rio, barra, foz; portanto, *guanaparã*, barra da bahia; 96. Rio de Janeiro.

Guanans, V. *guayana*.

Guanhaná, V. *guayana*.

Guapácaré, corr. *guá-upá-caré*, lagôa torta ou braço do rio da baixada; S. Paulo; Cas.

Guape, c. *guá-pe*, no valle, na baixada, na bahia; V. *goá*.

Guapé, c. *guá-apé*, caminho do valle; corr. *gua-peba* disco achatado, redondo e chato; alt. *aguapé* (*Nymphéa*).

Guapiara, c. *gua-upiara* o cascalho da baixada; nome com que se designa um cascalho diamantino. 107; alt. *gupiara*, *grupiara*.

Guapiassú, corr. *guapé-açú*, aguapé grande; corr. *guapy-açú*, cabeceira grande; Rio de Janeiro; V. *guapiara*.

Guapimirim, c. *guapé-mirim*, aguapé-pequeno; corr. *guapy-mirim*, cabeceira pequena; Rio de Janeiro.

Guapira, c. *guá-apira*, começo do valle, as cabeceiras, as nascentes; alt. *guapyra*, *guapy*, *gapira*.

Guaporé, c. *guá-yapó-ré*, valle dos banhados ao longo, isto é, rio dos banhados marginaes, que este é o caracter deste grande affluent do *Mamoré*; Cas. Matto Grosso. Pode ser corrupção de *ygapó-ré*, banhados distinctos, separados, ao lado.

Guara, suff. corr. *codra*, buraco, furo, refugio, esconderijo; part. vb. *gu* ou *u* o que come, o comedor; s. o morador, o habitante; alt. *guá*, *quá*. No tupi austral o vocabulo *guara* é equivalente a *ibira*=*iúira*, páo, madeira.

Guará, s. a garça vermelha, a ave aquatica (*Ibis rubra*).

Guarabú, corr. *guara-bú*, páu que se eleva, madeira que se levanta. No tupi austral, o radical *guára* equivale a *ymira*, *ibira*, *iguirá*, arvore, páu, madeira. O

guarabá, ou *gurabú* é o *Astrodium concinnum* Schott, ou o *Peltogyne guarabú*.

Guaracão, corr. *aguára-can*, cão alto, ou maior, é o lobo americano de maior estatura (*Canis jubatus*); Cas.

Guaraciaba, corr. *coaracy-aba*, os cabellos do sol, os cabellos da côr da luz do sol, ruivos, louros. Como nome de mulher pode corresponder á *Flavia, Laura*.

Guarahú, corr. *guirá-y*, rio dos passaros.

Guaramama, V. *Gramame*.

Guaramatahy, V. *corimatahy*.

Guaraná, s. *guá-raná* parecido com o coco, semelhante ao coquilho, (*Paullinia sorbilis* Mrt.).

Guarani, corr. *guarini*, o guerreiro, o que guerreia, ou lucta.

Guaraparé, corr. *garapá-ré*, arcos differentes, arcos de outra forma; nome de uma tribu selvagem de Matto Grosso; Cas.

Guarapari, corr. *guará-pari*, o cercado dos passaros, 100; corr. *guara-pari* ou *parim*, os passaros mancos; Espirito Santo.

Guarapuava, corr. *guará-puaba*, *guará*=*guirá* passaros, *puaba* ou *mbuaba* rumor, barulho, ruído, canto, som; portanto, *guirapuaba*, o rumor dos passaros, o canto das aves; Paraná.

Guarará, s. o tambor usado pelo gentio. 122. Tambem significa o manhoso, o investigador, Bap. C.

Guararapes, corr. *guarará-pe*, nos tambores; 122; Pernambuco.

Guararema, c. *guara-rema*, *guara*=*ibira* ou *imira* o páo, a madeira, *rema* fetido, que exhala máo cheiro; nome do páo d'alho (*Seguiera floribunda*).

Guaraquissava, c. *guará-kiçaba* ou *guirá-kiçaba*, ninho dos passaros ou dormida das aves; nome de um rio que desemboca na bahia de Paranaguá, Paraná.

Guarassoyava, V. *Araçoyaba*.

Guaratiba, corr. *guará-tyba*, os guarás em abundancia; pode ser corrupção de *guirá-tyba*, a passarada, as aves em abundancia; 109; Paraná.

Guaratimbó, c. *guará-timbú* ou *ibira-timbó*, *timbó* arborescente, arvore a cujas cascas se attribue os mesmos effeitos do *timbó*; Rio de Janeiro.

Guaratinguetá, c. *guiratinga-etá*, as garças, as aves brancas; S. Paulo.

Guaratuba, V. *guaratiba*.

Guaraxaim, corr. *aguára-chaí*, o cão crespo, especie de cão rasteiro (*Canis Azarae*).

Guarehy, corr. *guara-y* ou *guirá-y*, o rio dos passaros, S. Paulo. 109.

Guariba, corr. *guahir-ib* o chefe ou principal dos berradores ou cantores Bap. C.; nome de um simio uivador (*Myecetes*).

Guarú, corr. *arú*, nome de um sapo ou rã cujo coaxar nas lagoas imita o escarneo ou motejo (*ari*); o escarninho, o motejador.

Guarulhos, corr. *guarú* ou *arú*, o escarninho, o motejador, o zombeteiro; Cas.; nome de uma tribu selvagem do Rio de Janeiro, e de S. Paulo.

Guarujá, corr. *guarú-yá*, o guarú ou o sapo se cria ou cresce, o viveiro das rãs; é o mesmo *arujá*; S. Paulo.

Guatá, c. *guatá-ó*, o que não gosta de andar, o que suprime o andar; nome de uma tribu selvagem de Matto Grosso mui preguiçosa; Cas.

Guaximim, corr. *guára-chini*, alt. *gua-chini*, cão pullador ou saltitante (*Galictis vitata*), vulgo, o cachorrinho do matto.

Guaxindiba, V. *guacenduba*.

Guay, pref. aquelle que, a pessoa, o individuo, a gente, a nação, povo, 109.

Guáya, adj. no tp. c. domesticado, manso, cultivado.

Guayá, *guayab*, agglomerado de sementes, nome do *psidium* no tupi; alt. *goiaba*, *goyaba*, *goiava*; s. o carangueijo do genero *Guaie* e *Carcini*, vulgo, *guajá*.

Guaiamum, c. *guayá-mû*, o carangueijo negro, escuro ou azulado. V. *guayá*.

Guayanaz, corr. *guayaná*, como escreveu Anchieta; c. *guay-anam*, individuo parente, povo da mesma raça; tratamento,* de certo, dos tupis do littoral para com os do campo de Piratininga; 69, 109, 129; S. Paulo.

Guayaz, corr. *guay-á* individuo egual, gente semelhante, parecida, povo da mesma raça; nome de uma nação selvagem do Araguaya, chamada pelos sertanistas *Guayá*, que se alterou depois para *Goyaz*.

Guaycanans, c. *guay-acá-ná*, individuo de cabeça grande, de cráneo espesso; nome de uma tribo selvagem no Rio Gr. do Sul.

Guaycuhy, c. *guay-cú-y* rio das velhas, Cas.; mais propriamente se diria no tupi—*guaimi-y* para significar—rio das velhas; entretanto, *guay-cú* se traduz; — individuo duradouro, gente que perdura, e, portanto, velha.

Guaycurú, c. *guay-curú*, individuo sarnento, cheio de feridas ou pustulas, o perebento; nome ou appellido de uma nação selvagem das margens do Paraguay em Matto Grosso. O appellido é deprimente e applicado pelos seus contrarios, porque o seu nome nacional é *Yoage*, e entre os portuguezes e brasileiros—*Cavalleiros*; 109.

Guaynumbi, c. *guay-n-omby*, individuo verde, aquelle que é de côr verde ou azul; nome de um beija-flor (*Trochilidae*); 169.

Guayrá c. *guay-rá*, aquelle que cáe, o que tomba, a cataracta; nome do grande salto do Paraná também conhecido pelo salto das *Sete Quedas*; Paraná, Matto Grosso; pode ser ainda corr. *guá-y-rá*, agua que sahe do valle, ou que se despeja do concavo, do socavão.

Guará, s. ave, passaro, o que se eleva ou vôa; alt. *guará*, *uirá*, *urá*, *oíra*, *huirá*.

Guiraponga, c. *guirá-ponga*, passaro martellante, ou sonante; V. *araponga*.

Gupiara, V. *guapiára*.

Gurupá, c. *curupá* ou *cô-rupá*, o logar da roça, sitio da plantação ou cultura; Pará.

Gurupy, corr. *gorú=corúp-y*, rio das roças.

Gurutuba, corr. *côrú-tyba* muitas plantações ou culturas, roças em abundância; pode ser também corr. *cori-tyba*, V. *Gurutuba*.

H

Hicatú, corr. *y-catú*, agua boa, rio bom, accessivel; Maranhão. 75.

Hy, o mesmo que *y*, agua, rio, fonte; alt. *hi*, *yg*, *yp*, *hú*, *ú*, *gy*.

Hyassú, corr. *y-acú*, agua grande, lagôa grande; Bahia.

Hybiapaba, V. *Ipiapaba*.

Hyguassú, V. *Iguassú*.

Hypanema, V. *Ipanema*.

Hytá, V. *Itú*.

I

Iaparyara, c. *yapara-yara*, o senhor do arco, o archeiro.

Iapeyá, corr. *Yapó-yú*, estagnado, brejo, pantanal, tp. gr. No tp. c. corresponde a *ypoyuca*, alt. *ipojuca*, *pojuca*.

Iba, corr. *yba*, s. arvore.

Ibá, corr. *yba*, c. *yba-á*, o que nasce da arvore, o fructo.

Ibaé, c. *yba-é*, fructo doce.

Ibéra, corr. *y-uéra*, o rio velho, o leito primitivo; nome de uma grande lagôa á margem esquerda do rio Paraná; Rep. Argentina.

Ibi, corr. *yby*, s. a terra, o solo, o chão; 76; alt. *ubú*, *bú*, *bó*.

Ibiapaba, corr. *ybyá-paba*, terra erguida e aparada, terra a pique ou a prumo, terra talhada, escarpada, alcantilada, planalto, chapada; 79 129; V. *ibá*; Ceará, Piauh.

Ibiapina, corr. *yby-apina*, terra calva ou pellada, despidada de vegetação; 76; Ceará.

Ibiboca, corr. *yby-boca*, furo do chão, buraco, grota; alt. *biboca*, *biroca*.

Ibicul, corr. *yby-cui*, terra fina, arêa, pó; 76.

Ibicuy, corr. *ybycui-y*, rio da arêa.

Ibirá, s. pão, arvore madeira; vara, viga, tóro, tronco; alt. *imirá, myrá, byrá, mará, guará, guirá, burá, uard, vará*.

Ibirapitanga, c. *ibirá-pitanga*, páu vermelho, páu-brasil, (*Caesalpinia echinata* L.); alt. *ibira-piranga, ibirapitá, ibirá-puitan, imirapitan*.

Ibirussú, corr. *ibirá-uçú*, madeiro grande, páu grande.

Ibitinga, corr. *yby-tinga*, terra branca; 76.

Ibitipoca, ant. *ybytupoca*, c. *ybytú-poca* rompe nuvem.

Ibitiroy, corr. *ybytyr-roí*, serro frio, montanha fria; 129; Minas Geraes; V. *ybytyra*.

Ibitiripoca, corr. *ybytyra-poca*, montanha partida ou fendida, morro que se abre, ou que arebenta, volcão. 90.

Ibitú, corr. *ybytú*, o vento, o ar agitado, sopro ou efflúvio da terra; alt. *butú, botú, bitú*; 77. s. a nuvem, o ar, o clima.

Ibó, corr. *yembó*, o regato, o arroio, o riacho; 102; corr. *ybú*, fonte, manancial, nascente.

Ibotim, corr. *yboty*, tp. gr. a flôr.

Ibotirama, c. *yboty-rama*, região ou paiz das flores; 110.

Ibupetuba, corr. *ybyty-tyba*, planícies em abundancia, planuras successivas; Paraná.

Ibyá, corr. *yby-á*, terra erguida, terra que se levanta, terra em pé, região alcantilada ou talhada a prumo.

Ibytyguay, c. *ybytyr-guá*, depressão dos montes, baixada entre morros, valle; 84; V. *goá, guá*.

Ibytyrucú, c. *ybytyr-uçú*, serra grande, montanha, cordilheira; alt. *buturuçú*; 90.

Içá, s. tronco d'arvore, moirão, esteio; donde *caá-izá*, troncos d'arvore, estacas, tranqueiras; nome de um dos affluentes do Amazonas; s. olho d'agua, fonte, nascente; formiga grande e alada que os selvagens comiam.

Icanga, c. *y-acanga*, cabeça d'a-

gua, o-principio do rio, o regato, o correjo, o arroio, 102.

Icapara, corr. *yg-apára*, agua, rio ou canal curvo, torto; 117; S. Paulo.

Icarahy, corr. *acará-y*, rio dos acarás.

Icatú, corr. *y-catú*, agua bôa, rio bom; 75; Maranhão.

Icerica, c. *y-cerica*, agua veloz, rio ligeiro; o rapido, a corredeira; 104.

Icô, nome de uma tribu selvagem da nação *Cariri* no Rio Gr. do Norte; planta conhecida nos sertões do Norte do Brasil; Ceará.

Icuré, s. nome de uma variedade de anta ou *tapir* no tp. g. (*Tapirus americanus*); alt. *iguré*.

Iembó, corr. *yembó*, agua, em filete, fio d'agua, regato, corre-go; alt. *yembú, ybó*; 102.

Igaçaba, c. *yg-açaba*, vaso d'agua, pote, talha onde se guarda a agua, urna; 120; alt. *ygaçá*.

Igaçatyra, c. *ygaçá-tyra*, outeiro ou morro dos potes, monte das urnas; 126.

Igapara, V. *Icapara*; 97.

Igapira, c. *yg-apira*, cabeceira d'agua, a parte mais elevada do rio, origem do rio.

Igåra, s. c. *yg-ára* sobre a agua, o que domina a agua, o que sobrenada; a canôa, o barco; 115.

Igaraçú, c. *ygará-açú*, barco grande, navio, barca; 115; Pernambuco.

Igarapaba, c. *ygara-paba*, termo ou assento da canôa, o porto; 114.

Igarapé, c. *ygara-apé*, o caminho da canôa, o canal, o furo, o braço, o esteiro; 97, 115. Amazonas, Pará, Maranhão.

Igaretinga, c. *ygara-tinga*, o branco da canôa, a vela, o panno de navegar; 115.

Igarité, corr. *ygara-eté*, canôa de vulto, barca.

Igaropaba, V. *igarapaba*; 115.

Igatimi, c. *yg-atimi*, rio que volta, que dá voltas, rio sinuoso; alt. *yguatemy, guatemy, gatemim*; Matto Grosso.

Igoaguacú, c. *yguá-guacú*, bahia fluvial grande, estuario amplo, lagamar grande e também barra grande; 96; S. Paulo.

Igramirim, corr. *ygara-mirim*, a canoinha, o barco pequeno.

Igrapeuna, corr. *ygara-pé-una*, esteiro escuro, canal ou braço de águas escuras; 115; Bahia.

Iguá, c. *y-guá*, seio d'agua, bacia fluvial, bahia, lagamar; 84, 96. V. *yguape*.

Iguape, c. *yguá-pe*, no lagamar, na bahia fluvial; S. Paulo, Bahia.

Iguaraçú, corr. *ygara-açú*, canôa grande, barco de alto bordo, navio; 115; Pernambuco; V. *Igaraçú*.

Iguarahy, c. *yguara-y*, rio do bebedor; Matto Grosso.

Igurehy, c. *yguaré-y*, rio das antas; Matto Grosso. V. *icuré*. Varnhagen traduzio, nas notas ao Roteiro de Grabiél Soares, (*y-gu-rey*) rio da sede ou sem agua.

Imbassahy, corr. *mbeaçá-y*, barra do rio, ou antes, foz ou boca do rio; Bahia.

Imbauba, V. *ambaiba*.

Imbé, c. *ym-mbé*, planta que se arrasta, planta rasteira, trepadeira (*Philodendron imbé*); no tp. g. *guembé, guaimbé*.

Imbiacá, corr. *y-mbé-açá*, leito d'agua que atravessa, curso d'agua que corta, confluencia, foz, barra, boca de rio, porto; 104.

Imbiacaba, corr. *y-mbé-açaba*, cruzamento do leito d'agua, confluencia, barra, foz, o mesmo que *imbiacá*; corr. *mbê-açaba* a sahida do caminho, o porto. 114.

Imbiassape, corr. *imbeaçá-pe*, na barra, na confluencia ou na foz; H. St.; corr. *mbêaçá-pe*, no porto, 114.

Imbira, corr. *imbir*, pelle d'arvore, casca, entrecasca. alburno, vulgo, *imbira*; Bap. C.

Imbirussá, c. *imbir-uçú*, a imbirra grande, o entrecasco grosso.

Imbú, V. *ambú*.

Imbuhy, corr. *imbú-v*, rio do imbú; corr. *mboi-y*, rio da cobra;

pode ser ainda *ybú-y*, agua da fonte ou do manancial; Rio de Janeiro.

Inajá, s. nome da palmeira (*Miximiliana* Mart.); 108; V. *anajá*.

Inchú, corr. *êchú=ichú*. c. *ei-chú*, *ei=eir*, s. mel, calda de assucar, a abelha; *chú*, rugoso, aspero; ninho d'abelha rugoso, aspero; alt. *cxú*, *eixú*, *enchú*.

Inchui, corr. *cichú-i*, abelha miúda, casa d'abelha pequena.

Indaiá, ant. *Inayá*, a palmeira (*Attalea compta*). 108.

Indaiatuba, corr. *indaiá-tyba*, palmeiras indaiás em abundancia, palmar de indaiás; S. Paulo; 108.

Indayá, V. *indaiá*.

Induá, corr. *indoá*, s. o pilão; no tp. g. *anguá*; 120. Com o vocabulo *anguá* confundio Frei Gaspar da Madre de Deus o nome *yguá*, traduzindo *yguaguacu-pe*, na bahia grande ou barra grande, por *anguáguacu-pe*, no pilão grande, com o que comparou o feito da ilha de S. Vicente, observada do alto do Cubatão.

Inhambu, ou *inambú=ynambú*, c., *y-nam-bú*, o que corre surdindo, ou emergindo, ou o que levanta o vóo rumorejando, a perdiz; corr. *y-am-bur*, o que se levanta a prumo, Bap. C.; alt. *nambú*, *enambú*, (*Crypturus*).

Inhambú, c. *inambú-i*, perdiz pequena, a codorniz, ou codorna, (*Crypturus maculosus* Temm).

Inhambuhy, corr. *inambú-y*, rio das perdizes; alt. *inhamby*; 109.

Inhambupe, c. *inhambu-pe*, nas perdizes; Bahia.

Inhamuns, corr. *inhamú* ou *inhambú*; as perdizes; Ceará.

Inhuma, V. *anhuma*. Rio de Janeiro.

Inhemby, c. *y-nhembí*, rio abaixo, ao correr do rio, Mont.

Inhuma, V. *anhuma*; Bahia.

Inhumirim, corr. *nhú-mirim*, campinho, 87 Rio de Janeiro.

Ini, s. a rede, a maca, o fio, a linha; 120.

Insuacome, ant. *yua-cema*, Cas.; V.

Ipanema, corr. *y-panema*, agua ruim, imprestavel; 75; S. Paulo.

Iperoyg, corr. *ypirú-yg*, rio do tubarão; 109; S. Paulo.

Ipoehivas, corr. *y-pochi*, aquelle que é máo ou bravo, o índio não submettido; Pinto Junior.

Ipojuca, corr. *yapó-yuc*, estagnado podre, banhado de aguas putridas; alt. *pojuca*; 115; Pernambuco.

Ipú, c. *y-pú*, água surge ou ferve; manancial, olho d'água, fonte, minadouro; 103; Ceará.

Ipuea, corr. *y-pug*, água arrebita, ou estoura, água quebra.

Ipueira, corr. *y-pocra*, água que foi, curso d'água extincto, braço ou canal de rio que não corre, sacco, bahia fluvial; 71; V. *poera*.

Ira, corr. *cira=cir*, s. o mel, a abelha; c. *ê-ir*, doce desprende-se, doce sae; Bap. C.

Iracé, contr. *iracema*, c., *ira-acema*, a sahida, o fluxo do mel, a douçura.

Iracema, c. *ira-acema*, o fluxo de mei, a sahida do mel. Como nome de mulher é synonymo de *meliflua*, *dore*; corresponde á *Dulce*, *Melina*, *Dulcifera*.

Irahy, c. *ira-y*, rio do mel.

Irajá, corr. *ira-yá*, o mel brota ou se produz; a meleira; Rio de Janeiro.

Irajassé, c. *ira-yacê* a sêde de mel.

Iramaia, c. *ira-maia*, a mãe do mel, a que gera o mel, a abelha.

Irapuá, corr. *ira-apoá*, mel redondo, ou ninho de abelhas arredondado; corr. *ira-puá*, abelha levantada, ou que faz ninho no alto; Bap. C.; 66.

Irapiranga, c. *ira-piranga*, mel vermelho.

Irára, c. *ira-ra* o que colhe mel, o lambe mel, o papa-mel (*Galictis barbara*).

Irará, s. formiga alada; V. *arará*; Bahia.

Irecê, c. *y-recê*, pela água, pela corrente, á mercê das aguas, a tóa; abandonada; é usado como nome de mulher.

Irieté, c. *y-rí-êê*, água que corre

direito, trecho de rio largo e rectilineo, o estirão; 104.

Irirí, ou *riri*, s. a ostra.

Irohý, c. *y-roy*, água fria.

Iruçuá, corr. *ira-chú*, o mesmo que *eichú*, *inchú*. V.

Irumoguara, c. *irumo-guara*, morador junto, companheiro, socio, collega.

Itá, c. *y-tá*, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o rochedo, o seixo, o metal, o ferro; 107; o barro duro, a argilla estratificada; alt. *tá*.

Itabapoana, ant. *Cabapoama*, c. *caba-poama*, as vespas assanhadas ou levantadas; 107; Espirito Santo.

Itabayana, ant. *tabayan* ou *tabanga*, c. *taba-y-an* ou *taba-anga*, a morada das almas; nome de uma serra em Sergipe.

Itaberaba, c. *itá-beraba*, pedra que resplandece, pedra reluzente, crystal; 107. Minas, S. Paulo, Bahia.

Itaberabaeté, c. *itaberaba-êê*, crystal verdadeiro, a pedra reluzente legitima, o diamante; 107.

Itabira, c. *itá-bir*, pedra que se levanta, serro empinado; Minas Geraes; corr. *tabira*. a anta. 109.

Itabirito, rocha siliciosa, quartzo ferruginoso, abundante no Brasil central; o nome procede de *Itabira*; 107.

Itaboca, corr. *itá-boc*, pedra furada, ou arrebitada, pedra solapada.

Itaborahy, c. *itá-pore-y*, rio do salto da pedra; Rio de Janeiro.

Itabubui, c. *itá-bubui*, a pedra que fluctua, a pedra pomes; 107.

Itacarambi, c. *itá-carambui*, pedra redondinha, ou miúda, pedra ou penedo curto; Minas Geraes.

Itachama, c. *itá-chama*, cadeia de ferro, corrente. 107.

Itacoatiara, c. *itá-coatiara*, pedra pintada ou coberta de inscripções, inscripção em pedra; 107.

Itaculumi, corr. *itá-curumim*, o menino de pedra, o filho da pedra, ou a pedra e seu filho;

- allusão a ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso tendo ao lado um outro muito menor, como se fôram mãe e filho; Minas Geraes.
- Itacuruba**, c. *itá-curuba*, fragmentos de pedra, pedrinhas, cascalho; 107; alt. *itacurú*.
- Itacuruçá**, c. *itá-curuçá*, a cruz de pedra, ou de ferro; 107.
- Itacyra**, s. a enxada; 123.
- Itaem**, c. *itá-em*, pedra hume; 107.
- Itaeté**, c. *itá-etê*, ferro verdadeiro, o aço; 107.
- Itaguaba**, c. *itá-guaba*, a comida de pedra ou de barro, isto é, a pedra ou barro que serve de comida aos animaes; é o que o vulgo denomina *barreiro*, ponto da margem do rio onde os animaes veem lambar a terra salgada ou salitrada; V. *guaba*.
- Itaguahy**, ant. *taguahy*, c. *tuguá-y*, rio do tauá; pode ser ainda: *itá-guá-y*, rio do valle das pedras; pode também ser: *itá-aguá*, chocalho de ferro; como pode ser: *itaguá-y*, de que *itaguá* é a contracção de *itaguaba*, barreiro, e, portanto, *itaguá-y*, rio dos barreiros; Rio de Janeiro. 107.
- Itahim**, corr. *itá-im* a pedra pequena, a pedrinha, conchinha; corr. *itá-ib*, torre, campanario, columna de pedra 107.
- Itahype**, c. *itá-y-pe*, no rio das pedras, Bahia.
- Itaimbé**, c. *itá-aimbé*, pedra aspera, penedo afiado, cortante, ponteagudo; 82.
- Itaipava**, c. *itá-ipaba*, elevação de pedra, travessão rochoso, Recife, dique através da corrente do rio; 104, 177.
- Itajuba**, corr. *itá-yubai*, metal muito amarello, ouro; corr. *itá-gybá* braço de ferro.
- Itajycá**, s. o estanho; 107.
- Itaky**, geralmente escripto *itaquy*; c. *itá-ky*, pedra aguçada, ou afiada, pedra de amolar machado. 109.
- Itamaracá**, c. *itá-maracá*, maracá ou chocalho de metal, o sino, a campá; 107; Pernambuco.
- Itamaraty**, corr. *itá-maróti*, pedra branca ou alva; 107; Rio de Janeiro.
- Itambé**, V. *itaimbé*; 82; Minas Geraes.
- Itambú**, c. *itá-ambú*, pedra sonora.
- Itamembeca**, c. *itá-membeca*, pedra ou metal mole, chumbo. 107.
- Itametara**, c. *itá-metára*, ornato de pedra ou de metal, botoque de pedra.
- Itamirindyba**, c. *itá-mirim-dyba*, cascalheira, seixal, pedrinhas em abundancia; 107; Minas.
- Itanhaem**, c. *itá-nhaê*, bacia de pedra, vaso de metal, panella de ferro; 120; S. Paulo.
- Itanimbó**, c. *itá-nimbó*, fio de ferro ou de metal, arame; 107.
- Itaobim**, c. *itá-obî*, pedra verde, esmeralda; 107.
- Itaoca**, c. *itá-oca*, casa de pedra, caverna, furna, lapa; 107 112.
- Itaocara**, c. *itá-ocara*, terreiro ou praça calçada de pedra; 112; Rio de Janeiro.
- Itaoka**, V. *itaoca*.
- Itapacoroya**, corr. *itapé-corôí*, lage que emerge, rochedo que surge; abrolhos; nome de uma enseada em Santa Catharina.
- Itapagype**, ant. *Tabagype*, c. *itá-pa-gy-pe*, no rio da aldeia; Bahia.
- Itaparica**, c. *itá-pari*, cercado de pedra, curral feito de pedra, recinto fechado de pedra; Bahia.
- Itapé**, contr. *itapeba*, c. *itá-peba*, pedra plana, lage, lageado; entra assim contracto na composição de muitos vocabulos; pode ser ainda corr. *itá-apé*, caminho de pedra, ou vereda calçada de pedras.
- Itapeaçú**, c. *itapé-açú*, lage grande, lageado extenso.
- Itapeçaçú**, corr. *itapé-çuçú*, lage de altos e baixos, lageado cheio de grotas.
- Itapecerica**, c. *itapé-ceric*, lage escorregadia, ou penha corredia; pode ser — *tapé-ceric*, caminho escorregadio; S. Paulo. V. *itapé*. 107.
- Itapechinga**, c. *itá-pechinga*, penha lisa; corr. *itapé-ching*, lage polida; S. Paulo.

Itapecurú, c. *itapé-curú*, lage fragmentada, pedra meída, seixos, calhaus; pode ainda ser corr. *itá-pucú-r-ú*, rio da pedra comprida, ou melhor, da penha longa, rio dos lageados extensos; Maranhão, Bahia.

Itapemirim, c. *itapé-mirim*, lage pequena, lageadinho; pode ser ainda corr. *itapé-mirim*, caminho pequeno, vereda; Espírito Santo, Bahia.

Itapepucú, c. *itapé-pucú*, lage comprida; lageado extenso.

Itapera, V. *tapera*.

Itapetinga, c. *itapé-tinga*, lage branca, penha alva; S. Paulo.

Itapetininga, lage secca, ou lageado enxuto; S. Paulo; V. *itapé*; 107.

Itapeva, corr. *itá-peba*, pedra plana, lage, lageado; alt. *itapé*.

Itapeúna, c. *itapé-una*, lage preta, lageado escuro.

Itapicú, V. *itapucú*.

Itapicurú, V. *itapecurú*.

Itapimirim, V. *itapemirim*.

Itapira, corr. *itá-apir*, pedra elevada, cabeça alto; S. Paulo; V. *itabira*.

Itapitanga, c. *itá-pitanga*, pedra vermelha, rocha avermelhada.

Itaporanga, c. *itá-poranga*, pedra bonita; 107.

Itapua, corr. *itá-pú*, o toque ou repique de sino; a pedra sonante; Paraguay.

Itapuan, c. *itá-apua*, pedra redonda; 107; Bahia.

Itapucú, c. *itá-pucú*, pedra comprida, rocha extensa, penha longa; barra de ferro; 107.

Itapura, c. *itá-pura* ou *itá-pora*, o salto da pedra; S. Paulo.

Itaquaquicetuba, ant. *Taquaquicetuba*, c. *taquaquicé-tyba*, abundancia de taquaquicé, taquaral da especie taquaquicé; 107; S. Paulo. V. *taquaquicé*.

Itaquera, c. *itá-quera*, pedra ou metal velho; o vocabulo, porrem, parece alteração de *taguéra*, o mesmo que *tapéra*, e significa — ruína, aldeia extincta; Ainda é admissivel a procedencia como sendo de *itá-quer*, pedra dormente, jazida de pedra,

leito de pedras, pedreira; S. Paulo. 107.

Itaquicé, corr. *itá-kicé*, a faca de pedra ou metalica; 123.

Itararé, c. *itá-raré*, pedra excavada, conducto subterraneo, sumidouro; tubo, cano, canal; 107. S. Paulo.

Itatiaia, c. *itá-tiã*, pedra dentada, ou erçada de pontas, pois que, *itá* é pedra, penedo, rocha, *tiã* = *ti-ã* ponta que se levanta, que se ergue, e tambem: dente, entalhe, gancho; portanto, *itá-tiã* quer dizer—pedra ou rocha que se ergue em pontas, que se levanta com entalhes ou dentes. Para quem conhece os picos do Itatiaia, as chamadas *Agulhas Negras*, a cerca de 3000 metros acima do nivel do mar, culminante do systema orographico brasileiro, a denominação tupi não pode ser mais verdadeira, no exprimir a feição saliente daquelles rochedos inacessiveis que André Rebouças chamou os dolmens do Ayúruoca. Martius traduzio — *Itatiaia* como se fora o vocabulo composto de *itá-hy-aia*, que verteu para o latim—*saxo aqua salubris*, isto é, *agua saudavel de pedra*, applicando o nome antes a algum rio que dali desce do que ao proprio monte. Baptista Caetano escreveu—*Itatiaya* e o traduzio—*crista de pedra erguida*. O general Couto de Magalhães decompoz o vocabulo em — *itá-ti-aya* e o interpretou — *rocha de aguas correntes saudaveis*. Barbosa Rodrigues, consultado por Horacio de Carvalho, escreveu — *Itatiaya*, composto de *itá-ty-ã* que verteu litteralmente em — *pedra que se multiplica por si* ou syntheticamente: — *pedregal que por si se faz*. Ainda o vocabulo admite outra interpretação: *itá-tyáya*, suor da pedra, e tambem pedra ou rochedo suarento; Minas Geraes, Rio de Janeiro.

Itatiberaba, c. *itá-ti-beraba*, ponta de pedra relusente, o crystal; 107.

Itatim, c. *itá-ti*, ponta ou nariz

de pedra, pico; 82; como forma contracta de *itá-tinga* quer dizer: pedra branca, prata, metal branco; 107.

Itatinga, c. *itá-tinga*, pedra branca, prata, metal branco; calceareo, gesso, cal; 107.

Itaty, c. *itá-ty*, liquido manado da pedra, manancial das pedras.

Itaubira, c. *itá-o-bir*, pedra que se levanta, serro empinado, V. *itabira*; Bahia.

Itauna, c. *itá-una*, pedra preta, ferro, minereo; 107.

Itaypá, c. *itá-y-pá*, pedra onde a agua estronda ou faz estrepido; S. Paulo.

Itayuba, c. *itá-yuba*, pedra ou metal amarello, ouro. 107.

Itayubarana, c. *itá-yuba-arana*, pedra ou metal amarelado, o ouro falso, o cobre; 107.

Iteronne, graphia primitiva de *Niteroy* segundo Hans Staden; corr. *y-terô*, agua em seio ou em concavo, enseada, ancoradouro.

Itiquira, c. *y-tykira*, agua vertente.

Itoby, c. *y-t-oby*, riô verde; S. Paulo.

Itô, c. *y-tú*, tombo ou queda d'agua, salto, catadupa, 104. S. Paulo.

Ituassú, c. *yti-açú*, salto grande; Bahia.

Itucambira, c. *yti-cam-bir*, salto de peito ou dorso empolado.

Itupeva, corr. *yti-peba*, salto ras-teiro, baixo, cachoeira. 104. S. Paulo.

Ituzaingo, corr. *yti-çaingó*, salto pendente, ou dependurado, salto a prumo; Rio Grande do Sul. Deve pronunciar-se *ituzaingó*.

Ityra, s. o mesmo que *atva*, elevação, altura, cabeça, cumulo, monte. 79.

Ityrapina, c. *ityra-apina*, morro pellado, monte calvo; S. Paulo.

Ityruna, c. *ityra-una*, monte negro, serra negra.

Ivahy, corr. *ybaí*, rio ruim, agua correntosa; pode ser corr. *yba-y*, rio das flechas ou caunas bravas; 117; Paraná.

Ivinheima, corr. *yby-ayma*, o

torto, o desviado, o sinuoso; nome de um dos afluentes do Paraná em Matto Grosso.

J

Já, vb. corr. *yá*, abrir, brotar; pegar, estar pegado; tomar, receber; adj. igual, semelhante, conforme, pref. nos nomes de animaes, e em grande numero de dicções, significando—o, *aquelle que, o que é...*

Jabá, corr. *yabá*, vb. fugir, esconder-se; s. fujão; no tp. c. *jabáu*.

Jabaquara, corr. *yabá-quara*, refugio ou esconderijo de fujões, vulgo, *quilombo*; 129. S. Paulo.

Jaboti, corr. *ya-u-ti*, o que come pouco, animal de pouco comer. Baptista Caetano interpretou—*yy-abu-ti*, o que tem folego tenaz ou persistente; no tp. g. *yabuti*, no tp. am. *yauti*; no tp. c. *yaboti*, *yabuti*, (*Testudo tabulata*), ou kagado do matto.

Jaboticaba, corr. *yabuti-quaba*, comida de kagado, fructo de que se alimenta o jaboti, (*Eugenia cauliflora*). 109.

Jaburá, corr. *ya-abirú*, a que é repleta, ou inchada, allusão ao grande papo da ave desse nome, isto é, a *papuda*; alt. *jabirú*, (*Mycteria americana*).

Jacamim, corr. *y-acá-mi*, o que tem cabeça pequena, (*Psophia crepitans*); corr. *y-acá-mi*, o que move a cabeça, a mesureira; Bapt. C.

Jaçanã, corr. *y-açá-nã*, o que grita forte, o que tem o grito intenso, (*Parra jaçanã*).

Jacaracanga, c. *yacaré-acanga*, a cabeça do jacaré; Bahia.

Jacarandá, corr. *y-acá-ratã*, o que tem a cabeça dura, ou centro duro, rijo; Bap. C. (*Ma-chærism*).

Jacaré, corr. *ya-caré*, o que é encurvado ou sinuoso; corr. *y-echi-caré* o que olha torto, ou de banda; pode ser ainda corr. *yaguá-ré*, a fera de outro genero, ou como se fôra—a *onça d'agua*, (*Crocodilus sclerops*).

- Jacarehy**, c. *yacaré-y*, rio do jacaré; S. Paulo; 109.
- Jacarepaguá**, corr. *yacaré-upá-guá*, baixa ou valle da lagoa dos jacarés; 84, 129; Rio de Janeiro.
- Jacarepipira**, corr. *yacaré-pipir*, o jacaré ferido, esfolado. Lacerda e Almeida interpretou— *pes-tana de jacaré*; S. Paulo.
- Jacarepuá**, corr. *yacaré-puá*, ou *jacaré-puama*, o jacaré assanhado; nome de uma lagôa no Rio de Janeiro.
- Jacauna**, corr. *y-acá-una*, o da cabeça preta.
- Jacaguay**, corr. *yacé-quaya*, cucurbita mansa, pois que *yacé* é a *cucurbita citrullus* L.
- Jacigua**, c. *yacé-guá*, valle da lua, seio da lua, 120, alt. *jaceguá*.
- Jacú**, corr. *y-a-cú*, o que come grãos, o que traga ou engole fructos, Bap. C. (*Penelope*).
- Jacuba**, c. *y-acub*, agua tepida ou morna.
- Jacuby**, c. *yacú-y*, rio dos jacús.
- Jacuhype**, corr. *yacú-y-pe*, no rio dos jacús; Bahia, Pernambuco.
- Jacuné**, corr. *yacú-nê*, o jacú fétido ou catiguento.
- Jacupema**, c. *yacú-pema*, jacú inferior, alt. *jacupemba* (*Penelope superciliosus*); *pema*=*pêba*.
- Jacutinga**, c. *yacú-tinga*, o jacú branco (*Penelope leucoptera*); nome de uma rocha friavel argilosa servindo de jásida ao ouro entre a rocha de *itabirito*; 107, 109.
- Jacy**, corr. *yacé*, a lua, o mez; o ornato feito de uma concha branca e talhado em forma de lua; 120.
- Jaguá**, contr. *yaguara*; V. *jaguar*.
- Jaguamimbaba**, c. *yaguá-mimbaba*, onça de criação, o cão manso; alt. *yaguamimbada*; S. Paulo 109; 124.
- Jaguané**, corr. *yaguá-nê*, o fétido da onça, a catinga de onça; corr. *yaguá-ré*, onça de outro genero, especie de cão de pello zebrado ou maculado.
- Jaguapeva**, corr. *yaguá-peba*, cão meúdo ou inferior, cãesinho.
- Jaguar**, corr. *ya-guara* aquelle que devora, ou dilacera, o comedor ou devorador. 109; no tp. g. *yauá*, *yauára*.
- Jaguarahyva**, c. *yaguar-aíba*, a onça ruim, o cão ordinario; 109. S. Paulo.
- Jaguarão**, augmentativo de *jaguar*, á moda portugueza; pode ser porem corr. *yaguá-nharô*, a onça brava, os cães bravos; 69; Rio Grande do Sul.
- Jaguarauna**, c. *yaguara-runa*, a onça preta, o tigre.
- Jaguari**, V. *Jaguary*.
- Jaguaribe**, corr. *yaguar-y-be*, no rio da onça; Ceará; 75.
- Jaguaripe**, corr. *yaguar-y-pe*, o mesmo que *jaguaribe*, no rio da onça; Bahia; 75.
- Jaguarité**, c. *yaguar-etê*, a onça verdadeira, (*Felis onça*); 109.
- Jaguaron**, V. *Jaguarão*.
- Jaguary**, c. *yaguar-y*, rio da onça; 75. 109.
- Jaguricatú**, c. *yaguar-y-catú*, rio da onça, o bom.
- Jaguatirica**, c. *yaguá-tirica*, onça timida, medrosa, fujona; (*Felis mitis*).
- Jalapa**, corr. *yarapa*, o que é para se colher, ou para se tirar; é a flôr do campo das mais singelas e attractivas.
- Janundá**, ant. *nhãmundá*, c. *yamundá*, aquelle que furta, gente ladra, povo de ladrões; Pará.
- Jandaia**, corr. *nhand-ai*, correndo só, o corredor; especie de papagaio pequeno com os encontros, peito e cabeça amarellas, (*Psittacus surdus*).
- Jandaira**, corr. *nhandê-ira*, o nosso mel; corr. *nhandai-ira* mel fluente, corredor; nome de uma abelha negro-avermelhada.
- Jandira**, corr. *yandê-ira*, o nosso mel, a doçura nossa, a nossa meiguice; é usado como nome de mulher.
- Japara**, corr. *y-apara*, o que é curvo, ou torto, o arco para propellir a flexa; 116.
- Japaraquira**, corr. *yapara-aquira*, o arco verde, que tambem se diz no tupi *yapara-oby*; 117.
- Japaratuba**, corr. *y-apara-tyba*, o que tem curvas ou voltas em

abundancia, o sinuoso; nome de um rio em Sergipe, 117; pode ser ainda—arcos em abundancia.

Japoca, corr. *y-a-poca*, agua que se levanta arrebrandando, agua impetuosa, Parahyba.

Japú, corr. *ya-pú*, o que rumoreja ou faz ruido, o gritador; nome de uma ave de cauda amarella que faz ninho em forma de bolsa, (*Cassicus cristatus*).

Japutereba, c. *yapu-tereb*, o que tira peccados, o que lava as faltas, o que clama contra os vicios ou mentiras; o padre, o missionario.

Jaquirana, corr. *yakirana*, a cigarra; alt. *jiquirana*, *gitirana*; 109.

Jaracatiá, s. *yaracatiá*, especie de mamão (*Carica dodecaphylla* Vell.); designa tambem uma especie de Cactus.

Jaraguá, c. *yara-guá*, valle ou baixa do senhor; enseada ou angra do senhor; corr. *yara-quá*, ponta, ou dedo de Deus, ponta proeminente; S. Paulo, Goyaz, Alagôas; 84.

Jararaca, c. *yará-r-ag*, o que colhe ou agarra envenenando, ou, vulgarmente, o que tem bote venenoso; (*Bothrops*).

Jararacuá, c. *yararac-uá*, jararaca grande (*Bothrops*).

Jatahy, corr. *y-a-atá-i*, arvore de fructo duro; pois que: *a*, fructo, *atá*, duro, *i=iba*, arvore; *Hymenaea coubaril*; alt. *jatahy*, *gitahy*, *jitaiba*, *getaúba*, *jutahy*, *jatobá*: designa tambem uma especie de abelha.

Jatobá, corr. *y-atá-obá* o que tem dura a casca, ou a superficie; V. *jatahy*, (*Hymenaea* c.)

Jatutuba, corr. *yatitú-tyba*, carrapatos em abundancias, o carrapateiro; pode ser ainda corr. *yatitú-tyba*, batatas em abundancia, o batatal; pois que *yatyuca* é batata, como é o carrapato (*Ixodes*), ainda que este ultimo mais correctamente se diga *yatebuca*.

Javahé, corr. *y-abá-é* aquelle que

é gente diferente, o que é povo à parte; Goyaz.

Jauá, contr. *yauar*, V. *jaguar*.

Jatú, ou *jahú*, c. *y-ai*, o que come, aquelle que devora,

Jaurú, corr. *yaurú-i*, ou *yaurú-y* o rio do jahú; Matto Grosso.

Jaury, c. *yaurú-ry*, o mesmo que *jaurú*.

Jejuhy, graphia hespanhola de *chechuy* ou *chuchui-y*, rio dos pin-tasilgos; Paraguay.

Jenipapo, V. *genipapo*.

Jericoaquara, corr. *yurucuá-quara*, paradeiro, buraco ou refugio das tartarugas; Ceará. V. *Jurucuá*.

Jiqui, corr. *yiky*, o côfo, o cesto conico para a pesca. 116.

Jiquiá, corr. *yiqui-á*, o sal brota, onde apparece o sal; ainda corr. *yiki-yu* — o cofo aberto; Alagôas.

Jiquibá, corr. *yiqui-upá*, lagôa do sal; Alagôas.

Jiquiricaá, ant. *jequicirijape*, c. *yiki-r-yape*, no chamado jiqui, isto é, no rio chamado do jiqui, Bahia.

Jiquitahy, corr. *yiquitai-y*, rio das formigas *jiquitaia*; Minas Geraes.

Jiquitinonha, corr. *yiky-ty-nhonhe*, cofo n'agua assentado, cofo ou covo mergulhado. E' provavel, porem, que o vocabulo seja da lingua dos *Batocudos*, dominante na região banhada por esse rio.

Jitahy, V. *jatahy*.

Juacema, c. *yu-acema*, sahida dos espinhos, ou barra dos espinhos. Bahia. Varn. interpretou—*juacema*, sem sede.

Juçana, s. laço para colher as aves. 116.

Jucunen, c. *y-ucú-nem*, agua espraçada e fetida, nome de uma lagôa no Espirito Santo.

Jundiá c. *yundi*, espinhal, barbas, espinhos, á cabeça; *jundiá*, o que tem cabeça cheia de espinhos ou barbas; peixe d'gua doce (*Platyistoma spatula*).

Jundiahy, c. *yundiá-y*, rio dos jundiás. S. Paulo.

Jundú, corr. *nhú-tú*, campo sujo, ou que começa a ser invadido pela vegetação mais alta; S. Paulo.

Juparanan, corr. *yu-paranan*, rio grande dos espinhos; Espírito Santo.

Jupιά, corr. *yu-piá*, o trançado de espinhos, a trama espinhenta; nome de uma cachoeira do Rio Paraná; S. Paulo, Matto Grosso.

Juquery, c. *yuqueri-v*, rio dos espinhos *juqueri* (*Mimosacea*), c. *yu*, espinho, *quer* dormente, ou que dorme, *rê* pequeno, fino. 107; corr. *yiqui-y*, rio d'água salgada.

Juquiratiba, corr. *yiquira-tyba*, sal em abundancia, a salina; 107.

Juqueriquerê, corr. *yiquerique-rei*, espinheiro que dorme, ou dorminhoco; *yiquerí* é a denominação commun das *mimosas* no tupi; *quer-ci* traduz-se: dormir á toa, ou o que anda a dormir, o dorminhoco; S. Paulo.

Juré, s. a tartaruga.

Jurêa, corr. *yurê*, a tartaruga; S. Paulo.

Juriti, corr. *yeruti* ou *yuruti*, nome commun para as pombas no tupi; c. *yuru-ti* pescoço ou collo branco; alt. *jeruti*, *juruti*, *juriti*.

Jurú, corr. *yurú*, o pescoço, o collo, o gargalo, a garganta, a boca.

Juruá, corr. *yurú-á*, boca aberta ou ampla, barra larga; Pará.

Jurucê, corr. *yurú-cê*, boca que apraz, boca doce; fig. affavel, branda.

Jurucúá, corr. *yurú-quá*, o pescoço que afunda ou se esconde; a tartaruga, o kagado; alt. *jericoá*, *jerequá*.

Juruena, c. *yurú-ena*, boca ou barra que está assentada, permanente, barra firme.

Jurujuba, corr. *yurú-yuba*, pescoço amarello ou ruivo; boca ruiva, barba ruiva ou loura; 199.

Juruoca, corr. *ayurú-oca*, refugio

ou esconderijo dos papagaios; V. *ajurú*.

Jurupencem, corr. *yurú-pencê*, boca partida ou dividida; Espírito Santo.

Juruuna, corr. *yurú-una*, boca negra; alt. *juruna*.

Jussiape, corr. *ty-cccá-pe* na confluencia das aguas ou dos rios, na reunião das aguas; Bahia.

Juva, corr. *yuba*, amarello, louro, ruivo.

L

Lambaré, V. *arabery*, *alambary*.

Lambary, V. *alambary*.

Lerityba, corr. *rerityba*, ostras em abundancia, ostreira; Espírito Santo; V. *Rerityba*.

Lery, corr. *rerí*, a ostra.

Locú, corr. *rocú*, adj. vermelho, rubro, inflamado.

Locurana, corr. *rocú-rana*, o vermelho falso, o avermelhado; nome de uma madeira empregada em construcção naval.

Locuri, corr. *recú-ri*, não vermelho; nome de uma madeira que serve para construcção.

M

Mabá, corr. *mapá*.

Macaba, ou *bacaba*, a palmeira *Oenocarpus Bacaba* Mart. a palmeira *bocayuba*, alt. *macá*, *bacá*.

Macaco, corr. *macaca*, nome commun dos simios.

Macacú, corr. *macac-ú* ou *macaca-y*, rio dos macacos; Rio de Janeiro; ant. *Macucú*, e, neste caso, é corr. *macuc-ú* rio dos macucos; nome de uma madeira propria para construcção civil.

Macahuba, corr. *macayba* ou *bacayba*, a palavra *Acrocomia Sclerocarpa* Mart. ou *Oenocarpus Bacaba*.

Macahyba, V. *macahuba*.

Macambira, c. *má-cambir*, cousa que fere ou que offende; planta bromeliacea, commun nos sertões do Norte do Brasil.

Macapá, c. *macá-pá*, macá=ma-

- caba ou *bacoba*, a palmeira (*Oc-niocarpus Bacaba* Mart.), *pa*, lavar, cortar, derribar; a derribada de macabas; Pará.
- Macabu**, corr. *macáb-ú* ou *macab-y*, o rio das macabas ou bacabas, isto é, das palmeiras bacayuvás; Rio de Janeiro.
- Macahé**, corr. *macá-é*, a macaba que é doce, a macaba saborosa, o fructo agradável da palmeira *bacaba*, *macaba* ou *bocayuva*, Rio de Janeiro, V. *macaba*.
- Maceió**, ant. *Maçayá*, c. *mã-rai-ó*, cousa estendida ou dilatada, isto é, o espraído, o alargado, o extenso; ou ainda, o que se estende encobrindo ou tapando; Alagoas.
- Mã**, corr. de *mbaê*, cousa, objecto; pref. em varios nomes de plantas e fructos; V. *mbaê*.
- Mae**, corr. *mbaê*. 68.
- Maccurú**, c. *maê-curú*, o das pedras pequenas, ou o do cascalho; Pará; o sarnento. 68.
- Magé**, corr. *mbagé* ou *pagé*, o feiteiro, o curandeiro do gentio; ant. *magépe*, c. *magé-pe*, no feiteiro; 6 Rio de Janeiro.
- Maiaçu**, V. *baiaçu*. 66.
- Mair**, appellido dos francezes entre os Tupis. 112.
- Mairy**, s. a cidade, a grande população. 112.
- Mairyara**, c. *mairy-uara*, o habitante da cidade, o cidadão. 112.
- Muiryua**, o natural da cidade. 110.
- Maitá**, corr. *mbaitá* uma especie de papagaio (*Psittacus*), as *mahitacas*, alt. *humuetá*, *maiteca*.
- Majoy**, corr. *mayoy*, a andorinha, (*Hirundo Taperia*), Amazonas.
- Mamaluco**, corr. *mamã-rura*, o que procede da mixtura, o mixtiço. 110.
- Mamauguaba**, c. *mamã-guaba*, comida de mixtura ou em reunião, comida em cercado; o curral para comer, a malhada, o pasto.
- Mamanguape**, c. *mamã-guá-pe*, no valle dos curraes, ou dos cercados; Parahyba do Norte.
- Mambucaba**, corr. *mombucaba*, o furo, a aberta, a passagem, o rasgão.
- Mameluco**, corr. *mamaluco*; V. *mamaluco*. 110.
- Mamoré**, c. *mamô-ré* o de longe, o que vem de outra parte; nome de um dos galhos principaes do rio Madeira.
- Mamputuba**, c. *mã-pituba*, cousa que é arejada, ventilada; o sopro, o halito; St.^a Catharina.
- Mandacarú**, nome commum aos cardos, (*Cereus*); alt. *jamacarú*, *yamacarú*; 108.
- Mandahú**, corr. *manda-ú* ou *manda-y* o rio dos feixes ou dos montões.
- Mandaqui**, c. *manda-gui*, feixe em pé, ou feixe que brota, que se renova.
- Mandioca**, corr. *manioc*, a raiz edule da *yatropa*. 118.
- Mandioré**, c. *mandy-o-ré*, que se chama do *mandi*, nome de uma lagóa no valle do Paraguay.
- Mandiopuba**, c. *mandiô-puba*, mandioca fermentada ou apodrecida; 119.
- Mandiotuba**, corr. *mandiô-tyba*, mandiocal, roça de mandioca, 118.
- Mangaratiba**, corr. *mamgará-tyba*, mangarás em abundancia, magarazal. 118.
- Manguaba**, c. *mã-guaba*, cousa de comer, o que serve para comer; *mangaba*, (*Hancornia speciosa*).
- Manhana**, c. *manhã-na*, o vigilante, o vigia.
- Manhuassá**, ant. *amana-açu*, chuva copiosa, o tempestade; Minas Geraes.
- Mantiqueira**, corr. *mã-tykyr*, cousa que verte, ou a vertente; ant. *Amantiquira*, c. *aman-tykyr* a chuva gotteja ou pinga; 129 S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes.
- Mapá**, hoje *Amapá*, nome de uma arvore Apocynacea, proxima-mente do genero *Hanornia*.
- Mará**, s. guerra, confusão, desordem, mixtura, revolução. 127; suff. de varios vocabulos tupis.
- Marabá**, c. *mará-abá*, gente de mixtura, individuo maculado, o procedente de mixtiçagem; com esse nome designavam os tupis

- o filho de indio com gente estranha, e tambem ao filho posthumo.
- Marabitanas**, ant. *Marapitanas*, corr. *mira-pitana*, pão vermelho, ou madeiras coradas; Amazonas.
- Maracá**, corr. *mbara-cá*; *mbara* forte, resistente, rijo, *cá* a casca, a codêa, o envolucro, *maracá* = *mbaracá*, a casca resistente, o envolucro rijo; o chovalho feito de um cabaço contendo seixos e servindo para as solemnidades e danças guerreiras dos selvagens; 112.
- Maracahype**, c. *maracá-y-pe*, no rio do maracá ou do chocalho.
- Maracajá**, corr. *maracá-yú*, chocalho de metal, guizo, cascavel; 123.
- Maracanã**, c. *maracá-nã*, semelhante ao maracá, o que imita o maracá ou chocalho; nome de um papagaio (*Psittacus nobilis* Illig.)
- Maracanatiba**, corr. *maracanã-tyba*, maracanãs em abundancia.
- Maracapueú**, c. *maracá-pucú*, maracá ou chocalho comprido.
- Maracatim** c. *maraca-ti*, prôa ou pontal de maracá; especie de barca que trazia á prôa um maracá.
- Maracayá**, nome de um felino, ou gato montez (*Felis Pardalis* Neuw.), é o mesmo *jaguaritica* do sul do Brasil.
- Maracujá**, corr. *mborucuyá*, fructo que dá ou faz vaso, que produz vasilha, Bap. C.; nome das Passifloras no tupi.
- Maragogipe**, corr. *maróg-gy-pe*, no rio livre, desimpedido, no rio amplo, desembaraçado; pode ser tambem corr. *mair-aquí-gy-pe* que se traduz — no rio dos francezes afogados; Bahia.
- Marahu**, corr. *mbará-ú*, ou *mbará-y*, agua do mar; Bahia.
- Marajó**, corr. *mbará-yó*, mar ou grande rio tapa, occulta ou escondido, isto é, o tapa-mar, o anteparo maritimo; nome da grande ilha da foz do Amazonas. V. *mbará*.
- Marambaia**, corr. *mbará-mbai*,

- cerco do mar, restinga, recife, lingua arenosa cercando o mar, Rio de Janeiro; corr. *mará-mbai*, cerca, ou palissada de guerra. 127.
- Maraná**, corr. *mbará-nã*, ou *pará-nã*, rio espesso, enorme, caudaloso, semelhante ao mar; vocabulo tupi donde provavelmente procede o actual *Maranhão*; corr. *mará-nã*, lucta ou desordem grande, confusão enorme. 127.
- Maranguá**, c. *mará-guá*, valle da batalha, da lucta ou da desordem; 94, 127.
- Maranguape**, c. *maranguá-pe*, no valle do batalha ou da lucta; 127, Ceará.
- Maranhão**, corr. *mara-nã* ou *maranhon*; V.
- Marañon**, nome que, segundo os primeiros descobridores, se deu ao actual rio das Amazonas. Nos primeiros roteiros hespanhoes se dizia então: *rio de Marañon*. Ora, o vocabulo *Marañon* ou melhor *Maranhon* é puro tupi e se decompõe: *mara-nhō* cuja traducção litteral é: *confusão só*, que é como se dissesse: *total confusão*, labyrintho, logar cheio de torcicolos, que esse é, de facto, o aspecto da foz do Amazonas com o seu archipelago de ilhas fluviaes. O nome *Maranhão* pode tambem ter provindo de *maranhō*.
- Marapé**, corr. *mbará-pé*, o caminho do mar; pode ser ainda corr. *mair-apé*, o caminho dos francezes; e tambem corr. *mará-pé*, caminho de guerra. 127.
- Maricá**, ant. *Maricad*, corr. *miricá*, folha meúda ou fina, nome de um espinheiro proprio para sêbes; Rio de Janeiro.
- Marim**, corr. *mairy*, cidade; 112 Pernambuco.
- Maruhy**, corr. *meruá*, o mosquito, ou os mosquitos; 109 Sergipe.
- Marypy**, c. *má-rypy*, cousa funda, o que é fundo, a fundura.
- Matapy**, corr. *matapi*, covo conico de pescar; Barb. R.
- Matuim**, corr. *má-tuá*, onde se sente frio, o fresco; Bahia; corr. *mbatui*, a ave *maçarico* (*Charadrius*).

Mauá, c. *mā-uā*, o que é elevado, onde está alto, ou firme; Rio de Janeiro.

Mbaé, s. cousa, bens, haveres; o que é; pref. para formar verbos absolutos e substantivos abstractos; alt. *māe*, *mā*, *baê*, *bā*; 68.

Mbará, s. o mesmo que *pará*, rio grande, mar, grande caudal; alt. *mará*, *pará*, *bará*.

Mbeacá, contr. *mbê*, = *mpê-açaba*, travessia do caminho, onde o caminho atravessa, ou vem sahir; o porto, V. *peaçaba*.

Mbotetê, corr. *mbotetê-ú*, ou *mbotetê-y* rio do medo ou do terror; Matto Grosso.

Mboy, s. a cobra, a serpente; pronuncia-se *umboi* ou *imbú*; alt. *boi*, *boya*, *moi* ou *moya*; 68; S. Paulo.

Mboyuçú, c. *mboy-uçú*, a cobra grande.

Mboyguaçú, c. *mboy-guaçú*, a cobra grande, a serpente; S. Paulo.

Mearim, corr. *mbiar-y*, om *miar-y*, rio da preza, ou dos prisioneiros; rio do pescado; Maranhão.

Meengaba, s. a dadiva, o presente, o dom.

Memby, s. a gaita, a flauta, o que se sopra; alt. *mimbi*; 122.

Merapinima, corr. *mirá-pinima* ou *imira-pinima*, o páo pintado ou maculado, a madeira zebra-da; alt. *murapinima*, *moirapinima*, *marapinima*.

Merú, *mberú*, a mosca; alt. *marú*, *murú*, *mirú*, *morú*, *berú*, *birú*. Desta palavra deriva-se o vocabulo *marimbondo* que é corrupção de *merú-ybô*, isto é, mosca que flecha, ou fere como flecha, Bap. C.

Merúoca, c. *meri-oca*, paradeiro das moscas, o mosqueiro; 109, 112; Ceará.

Meruripe, c. *merú-r-y-pe*, o rio das moscas.

Metara, corr. *mbetara*, o que orna, aformosea, ou faz bonito; objecto de ornato para o selvagem; alt. *metá*, *mbtá*.

Mimbaba, corr. *mymbab*, s. cria, criação, criatura; animal domestico ou caseiro.

Minhoca, corr. *mî-nhoc*, ou *mî-nhog*. o que é extrahido, arrancado ou tirado.

Mipibú, corr. *mbipê-bú*, calor ou quentura que se exhala, exhalção de calor; corr. *mê-pibú*, o que é revolvido, ou remechido, a cata, a pesquisa, a procura, a exploração; Rio Gr. do Norte.

Mira, corr. *mvra*, povo, nação; alt. *mura*, *muira*.

Mirim, adj. pequeno, breve, pouco, miudo; adv. um pouco; alt. *miri*, *mini*, ou *minim*.

Miriná, corr. *mirinab*, pequenez, miudeza, brevidade.

Mirina, corr. *mirim*. V.

Miryba, nome de mulher, equivalente á Barbara; Diccion. Portuguez-Brasiliano.

Moacyr, corr. *mô-acy*, faz doer, faz magoa, o que molesta; o doloroso.

Mocá, V. *bocaba*.

Mocabuçú, c. *mocá-buçú*, o canhão; 123.

Mocacui, c. *mocá-cui*, a polvora, o pó de fuzil. 123.

Mocanguê, c. *mocá-guê* ou *morá-cuê*, o moquem velho e tambem moquem queimado; Rio de Janeiro.

Mocayuba, V. *macahiba*.

Mocica, corr. *mô-ryca*, fazer chegar, puchar para si, attrahir; dar a *mocyca* é derrubar o gado na carreira puchando-o pela cauda o cavalleiro que com elle se emparelha; Ceará.

Mocó, *mo-coó* ou *ma-coó*, bicho que rõe, animal roedor; (*Cavia rupestris*).

Mococa, corr. *mo-côga*, fazer roça; a roçada, a plantação; *mo* = *mbo* fazer, *coga*, s. a roça, a plantação; S. Paulo. V. *có*.

Mocoripe, corr. *mocó-r-y-pe*, no rio ou na agua dos mocós; Ceará.

Moéma, corr. *mo-êm*, fazer sahir ou emergir; o que faz nascer, ou apparecer; a manhã, a aurora; V. *Coema*.

Moéra, adj., extincto, passado, velho; alt. *cuéra*, *coéra*, *poéru*.. *boéra* segundo o thema.

Mogy, ant. *mboygy*, c. *mboy-gy*, rio das cobras; 68 75; S. Paulo.

Mogyquicaba, corr. *mboy-gy-kecaba*, dormida ou pouso do rio das cobras, Bahia.

Moju, corr. *mo-yú*, fazer amarello, o que torna amarello, ou emarellece; corr. *muy-u*, rio das cobras; 75, Maranhão; V. *moy*.

Mombuca, part. nom. *mô-buca*, furando, a que fura, a perfurante; 109.

Mondahú, corr. *mondá-ú* ou *mondá-y* rio do furto; 75; Ceará.

Mondéo, corr. *mo-ndé*, fazer sobrepor ou cobrir; o que envolve, o que se alça; corr. *mundé* o laço, o alçapão; 116.

Mondely, c. *mondé-y*, rio dos laços; 117.

Monhangaba, c. *monhang-aba*, o lugar onde se faz ou se fabrica; a officina, a fabrica, a produção; part. nom. do v. *monhang*; alt. *mongaba*, *môgaba*.

Monhangara, s. v. c. *monhangara*, o fabricante, o official, o operario, o autor, o productor; alt. *monhara*, *mongara*.

Mony, corr. *mô-ni*, o que é enrugado ou encrespado, o ondeado; Maranhão.

Mooça, c. *mô-oca*, fazer casa, ou pouso; pousada, ~~ex~~ancho; 112 S. Paulo.

Moquear, v. deriv. *mocaê*, assar sobre varas ou no *moquem*, 119.

Moqueca, corr. *mô-quê*, ou *pô-kê*, fazer embrulho, feito embrulho, envolvido; peixe assado entre folhas que o envolvem, dentro das cinzas. 119.

Moquem, corr. *mocaê*, o que faz seccar ou assar; gradeado de madeira sobre brasas para assar a carne.

Moranga, o mesmo que *poranga*, bom, bonito, excellente.

Moroendiba, corr. *merú-dyba*, mosquitos em abundancia, o mosquiteiro.

Moroim, corr. *merú-i*, mosca miuda, mosquito; alt. *meruim*, *maruim*, *muruim*.

Morubichaba, c. *morubi-chab*, o chefe, o principal, o primeiro na guerra.

Morumbi, *merú-ôby*, a mosca verde, a varejeira; *mará-mbi*, luta ou peleja occulta, guerra de emboscada, cilada; 127.

Morycá, s. a caricia, o agrado, a afabilidade; contr. *moryçaba*.

Mossoró, corr. *mô-çoró*, fazer rupturas, o que rasga, rompe ou abre fendas; Rio Gr. do Norte.

Motuca, c. *mô-tuca*, a que perfura ou aguilhõa. a perfurante, a picante; alt. *mutuca*, *butuca*.

Moy, contr. *mboy*, a cobra, a serpente; alt. *boi*, *boia*, *moya*.

Mucura, s. a *gambá* (*Didelphys*).

Mucury, c. *mucura-y*, rio das gambas; c. *mucuri-y*, rio das palmeiras *mucuris*; Bahia.

Munduba, corr. *mô-nduba*, o que faz estrondar ou resoar; a estrondante, atroadora; S. Paulo.

Mura, V. *mira*.

Muriahé, corr. *murú-aê*, ou *merú-aê*, moscas que affligem, mosquitos que affluem ou atacam, o bando de moscas, o enxame de mosquitos; Rio de Janeiro, Minas Geraes.

Muribeca, corr. *merú-beça*, a mosca importuna, o mosquito persistente ou insistente; Bahia.

Muritiba, corr. *merútyba*, moscas em abundancia, o mosqueiro; Bahia; 109.

Mutuca, V. *motuca*.

Myruna, c. *myra-una*, gente negra, escura, individuo moreno.

N

Nã, adj. espesso, enorme, consideravel, grosso; adv. tantas vezes, deste modo, assim; corr. *anã*, parente, ligado, proximo, semelhante; *nã=rã*, confuso, confundido, unido, mixturado.

Nagé, corr. *anagé*, o gavião (*Milvago*); Bahia.

Nambú, V. *inhambú*.

Nambys, c. *na-mbi*, s. a orelha, isto é, litteralmente; pelle de união, ou excrescencia de pelle; as orelhas, os ouvidos; Bahia.

Nandú, V. *nhandú*.

Narandiba, c. *naran-dyba*; na-

ran é corrupção do vocabulo portuguez—*laranja*; donde, *narandyba*, laranjal, laranjas em abundancia.

Natuba, c. *naná-tyba*, ananazes em abundancia, ananazal; 118; Bahia; corr. *nhá-tyba*, cocal.

Nhaem, ou *nhæ*, o vaso, a bacia, o receptaculo, o continente, o prato, a vasilha, o alguidar; 120.

Nhaempepô, c. *nhæ-pepô*, o vaso que ferve; a vasilha de ferver, a panela; 120.

Nhamundá, V. *jamundá*.

Nhandaya, V. *jandaia*.

Nhandijara, corr. *nhandê-yara*, nosso senhor, tratamento para Deus.

Nhandú, c. *nhâ-dú*, a que corre com estrepito, a corredora, a ligeira; a avestruz, a ema (*Rhea americana*), s. a aranha (*Mygale*).

Nhanduby, c. *nhandú-y*, rio das emas; Matto Grosso; 109.

Nhanduty, c. *nhandú-ti*, teia de aranha, renda, trama; Paraguay.

Nhapupé, corr. *nhâ-popé*, a que corre em plano, a que vôa em linha, a que vôa rasteiro; a perdiz ou inambú, (*Crypturus*).

Nhaum, c. *nhæ-û*, o barro de panela, o barro proprio para louça, a argilla olar; alt. *inhauma*.

Nheé, s. a fala, a lingua, o idioma.

Nheembucú, c. *nhê-bucú*, a lingua comprida; o falador.

Nheengaiba, c. *nheenga-atba*, o que é má lingua; a lingua ruim, imprestavel ou incomprehensivel; nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas, catechizada pelo Padre Antonio Vieira.

Nhû, ou *nhum*, o campo, o terreno limpo, a região plana com vegetação rasteira; alt. *nhû*, *inhû*; 87.

Nhûbaté, c. *nhû-ibaté*, campo alto.

Nhuguaçú, c. *nhû-guaçú*, o campo grande. 82.

Nhundiaguara, c. *nhundiá* ou *jundiá-quara*, o buraco do jundiá, a toca do peixe *jundiá*; actu. *yundiaguara*.

Nitheroy, corr. *nhê-terô-y*, agua

em seio abrigada, bahia segura; alt. *Iterô* ou *Iteronne*, segundo Hans Staden; *Nitheroy*, segundo o Conego Januario da Cunha Barbosa, significa — *mar escondido* (R. I. H. vol. IV); *Nitherô*, segundo o Padre Simão de Vasconcellos, na *Vida do P. J. Anchieta*; 129.

Noitibó, voz onom. do canto da ave nocturna, agoureira para o selvagem, (*Caprimulgus grandis* v. Mart).

Nupeba, corr. *nhû-peba*, campo plano, a planicie limpa.

Nuporanga, corr. *nhû-poranga*, campo bello, campo formoso; 87, S. Paulo.

Nupuam, corr. *nhû-puâ*, campo redondo.

Nuputyra, corr. *nhû-potyra*, a flôr do campo.

O

Oabo, part. ger. de *ar*, caindo, nascendo, o que nasce ou brota, nascente; partindo, quebrando.

Oaruá, no tp. c. o espelho; 123.

Oberava, corr. *y-beraba*, alt. *u-beraba*, a agua brilhante, ou reluzente.

Obú, corr. *upí*, ou *y-bú*, agua que ferve ou surge, o manancial; o olho d'agua.

Oca, s. a casa, o coberto, o abrigo, o refugio, o paradeiro; alt. *og*, *oka*, *voca*, *toca*, segundo o thema; no tp. am. *uca*, *r'uca*. 112.

Ocabiuana, c. *oca-piuana*, ou *oca-una*, a casa negra. 112.

Ocapeguara, c. *oca-pe-guara*, o morador na mesma casa; 112.

Ocara, s. a praça, o terreiro, o largo; 112.

Ocaruçá, c. *ocara-uçá*, praça ou terreiro grande; 112; Rio de Janeiro.

Ocatim, contr. *oca-tinga*, casa branca; 112.

Oga, o mesmo que *oca*; V. *oca*.

Oity, corr. *u-tí*, massa branca, farinha alva; nome de uma arvore fructifera *Artocarpa*; alt. *oyty*.

Oititeca, c. *uiti-ica*, o *oití* que pega, o *oití* resinoso, pegajoso.

Omengaba, corr. *omeengaba*, a dadiva, a offerta, o presente; V. *meengaba*.

Orobó, não parece vocabulo tupi; a não ser que se admitta por influencia dialectal a corrupção do nome *urubú*.

Otinga, corr. *y-tinga*, alt. *u-tinga*, a agua branca ou clara; 75 Bahia.

Ouricury, corr. *ari-curii*, o cacho amiadado, ou repetido, o que dá cacho de continuo; (*Cocos coronata* Mart. ou *Altalea*); alt. *uricuri*, *aricuri*, *mucury*, *licury*, *nicury*, *iricury*. 108.

Outú, corr. *y-tú*, o tombo d'agua, a catadupa, o salto; 75; V. *ytú*. *Outú* é como se vê escripto em muitos documentos do seculo XVII.

P

Paba, vb. *pab*, findar, acabar; adj. findo, acabado, concluido completo; s. termo, fim, pontas; suff. para o gerundio ou participios dos verbos terminados em *b*; alt. *pa*, *para*, *paua* *bava*, *tava*.

Paca, s. *pag*, o que é vivo, experto, agil; nome do animal roedor, (*Coelogenys Paca*).

Pacaembú, corr. *Paca-embú*, arroio das pacas; 102. S. Paulo. V. *yembó*.

Pacajás, corr. *Paca-yá*, o chamado *paca*, o que é denominado *paca*: egual ás pacas, ou ligeiro como ellas; nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas; Pará.

Pacatuba, corr. *Paca-tyba*, pacas em abundancia, sitio em que ellas abundam; Ceará.

Pacó, contr. *pacoba*; V.

Pacoba, c. *pac-oba*, folha de enrolar ou que se enrola; nome commum das *Musaceas* ou bananeiras; alt. *paró*.

Pacobá, c. *pacob-á*, o fructo da bananeira, a banana; V. *pacoba*.

Pacobahyba, corr. *pacoba-yba*, o pé de banana, a bananeira.

Paçoca, corr. *pó-çoca*, esmigalhar á mão, desfiar, pilar ou machucar com a mão; 119.

Pacotaba, c. *pacó-tyba*, bananal ou pacoval.

Pacoty, c. *pacó-ty*, curso d'agua, corrente, ribeiro do bananal; Ceará.

Pacova, V. *pacoba*.

Pacoval, V. *pacotuba*.

Pacú, c. *pag-ú*, rapido ou veloz no comer, é o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*.

Pacuhy, corr. *pacú-y*, o rio do pacú.

Pagé, corr. *payé*, c. *pa-yé*, aquelle que diz o fim, isto é, o advinho, o propheta, o feiteiceiro, medico, santão, sabio e conselheiro dos selvagens; alt. *paya*, *pay*, *piagé*, *piaga*; 6, 126.

Pagchú, corr. *payé-ú*, ou *payé-y*, rio do feiteiceiro; Pernambuco; alt. *pajahú*; 126.

Pajussara, corr. *peyuçara*, o soprador, o folle; Alagôas.

Pambú, não parece ser tupi, e se fôr pode ser corrupção de *pã-ambú*, batida ou ruido sonoro; Bahia.

Pampa, vocabulo kechua que se traduz—campo, planice limpa; corresponde a *nhũ* do tupi; alt. *bamba*.

Pana, corr. do vocabulo portuguez *panno*, 123; vb. lavar, cortar. 123.

Panaçú, c. *pana-açú*, panno grosso. 123.

Panacú, s. o cesto.

Panahyba, c. *pana-ahyba*, pannos ruins, rotos, andrajos; miseria, pobreza; 123.

Panapaná, s. a borboleta; alt. *panā*, *panamā*, *banā*.

Panapoí, c. *pana-poí*, panno fino; 123.

Panaty, c. *panā-ty*, ribeiro das borboletas.

Pancarauí, c. *pācará-uí*, a farinha de cesto, ou o cesto queimado; Bahia.

Panema, adj. ruim, imprestavel, inutil; infeliz, mal succedido; pobre, falho, esteril; no tp. gr. *panē*.

Papary, c. *pāpā-r-y*, rio saltado,

- rio encachoeirado; corr. *papar-y*, rio de contas.
- Paquequer**, corr. *pac-quér*, a paca dorme, a dormida das pacas; Rio de Janeiro.
- Paquequera**, corr. *pac-quéra*, paca velha, ou extincta, a caveira ou ossada da paca.
- Paquetá**, corr. *pac-etá*, as pacas; Rio de Janeiro.
- Pará**, o mesmo que *mbará*, ou *mará*, s. o mar; c. *y-pá-rá*, aguas todas colhe, isto é, o colleccionador das aguas, Bap. C. No tp. c. *pará*, é o rio volumoso, o caudal; 91, 92.
- Paracatú**, c. P *pará-catú*, o rio bom, praticavel; Minas Geraes; 92.
- Paracáu**, s. o papagaio, no tp. gr.
- Paraguá**, corr. *apara-quá*, bico adunco ou curvo, o papagaio, no tp. c.
- Paraguaçu**, c. *pará-guaçu*, mar grande, e tambem rio grande; pode ser ainda *pará-guá-uçu*, seio grande do mar, bahia, golfo; 94; Nome da india tupinambá que foi mulher do *Caramurú*, e que, por este levada á França, segundo a lenda, tomou o nome de Catharina, sendo seus padrinhos de baptismo os reis de França.
- Paraguay**, c. *paraguá-r-y*, rio dos papagaios.
- Paraguay**, c. *paraguá-y*, rio dos papagaios; por corrupção de pronuncia é que se mudou o accento tonico para a penultima syllaba, ou antes fazendo-se diphtongo quando devia estar na ultima, dizendo-se *paragudy*, em vez de *paraguahy*.
- Parahim**, corr. *pará-í*, marsinho, ou mar pequeno; Piauhy.
- Parahyba**, c. *pará-ahyba*, rio ruim, imprestavel ou innavegavel; 92. S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Geraes.
- Parahybuna**, c. *pará-y-buna*, rio d'agua escura; 92; S. Paulo.
- Parahypitanga**, c. *pará-y-pitanga*, rio d'agua vermelha; 92.
- Parahytanga**, c. *pará-y-tanga*, rio d'agua branca, ou clara; 92, 129; S. Paulo.
- Paramirim**, c. *pará-mirim*, mar-
- sinho, mar pequeno, o mesmo que *parahim*; riosinho, rio menor; Rio de Janeiro, Bahia.
- Paramopama**, c. *pará-mô-pama*, mar que faz agitar, mar agitante, ou mar que joga; Sergipe.
- Paraná**, no tupi-guarani, c. *pará-ná*, semelhante ao mar, tão grande como o mar; no tp. c. *pará-ná*, rio enorme, caudal, immenso, o mar; 69; alt. *paraná*, *purná*, *perná*, *ferná*; 93, alt. *maraná*, *maranhá*.
- Paranaguá**, c. *paraná-guá*, seio do mar, bahia, golfo; lago, lagoa grande; 93; Paraná. Piauhy.
- Paranahyba**, c. *paraná-ahyba*, grande rio impraticavel, ou innavegavel; 93. Goyaz, Minas Geraes.
- Parananirim**, c. *paraná-mirim*, o mesmo que *paramirim*.
- Paranapanema**, c. *paraná-pane-ma*, rio grande imprestavel, rio falso; anteposto a *paraná-etê*; S. Paulo.
- Paranapiacaba**, c. *paraná-apia-caba*, vista do mar, donde se vê o mar, mirar; S. Paulo.
- Paranapitinga**, c. *paraná-pitanga*, rio branco, o mesmo que *paranatinga*.
- Paranapocú**, c. *paraná-pucú*, o mar comprido, o braço de mar, o canal maritimo.
- Paranapocuy**, c. *paraná-pucú-y*, rio do braço de mar, rio do canal.
- Paranatinga**, c. *paraná-tinga*, mar branco, o grande rio branco. O Diccion. Port.-Bras. diz que esse era o nome tupi do rio das Amazonas.
- Paranaucú**, c. *paraná-ucú*, o mar largo, o alto mar, o oceano, o mar undoso ou revolto.
- Paraopeba**, c. *pará-u-peba*, ou *pará-y-peba*, rio de agua raza; 75 e 92; Minas Geraes.
- Parapamba**, c. *pará-pamba* ou *pará-pama*, mar erguendo-se, mar revolto.
- Parapitanga**, c. *pará-pitanga*, mar vermelho, ou rio vermelho; 92.
- Parapuitan**, c. *pará-puitan*, rio pardo, ou mar corado.
- Paraputanga**, V. *parapitanga*.

Parary, c. *para-r-y*, agua do mar.

Paratinga, V. *paranatinga*.

Paratinim, c. *pará-tinin*, rio secco.

Paratininga, V. *paratinim*.

Paraty, corr. *pirá-ty*, ou *pirá-ti*, peixe branco, a tainha; 109, 119, alt. *pirti*, *perti*, *berti*, *parti*.

Parauna, c. *pard-una*, mar negro, ou rio negro.

Parim, corr. *apar-i*, encurvado, ou coxo, o que tem uma perna mais curta.

Pari, s. cerca feita de cannas para apanhar peixe, o coffo; o curral de peixe; 116.

Paripe, c. *pari-pe*, no cercado de peixe; Bahia; 75 116.

Pariqueira, corr. *pari-quera*, o pari ou cercado extinto, o pari velho.

Pariquéra, c. *pari-quera*, o cercado de peixe de outro tempo, o cercado velho ou extinto; S. Paulo; 116.

Parná, V. *paraná*.

Parnaguá, V. *paranaguá*; 93.

Paranahyba, V. *paranahyba*; 93.

Paroba, c. *pa-roba*, todo amargo; alt. *peroba*, *perova* (*Aspidosperma*).

Pary, V. *pari*, 75, 116.

Parycoéra, V. *pariquera*.

Passé, corr. *pa-acé*, gente do fim, do extremo, povo distante; nome de uma tribu selvagem do fundo do Reconcavo da Bahia, e também do valle do Amazonas, no Juruá.

Patatiba, corr. *pati-tyba*, palmar de *patis*.

Patype, c. *pati-y-pe*, no rio do *pati*, a palmeira (*Syagrus botryophora* Mart.); Bahia.

Paupina, corr. *upá-ú-pina*, lagoa de agua descoberta ou despida, lagôa onde não ha plantas aquaticas; nome primeiro da cidade de Campina Grande na Parahyba, junto á qual está uma lagôa; Cas.

Pavuna, corr. *pab-una*, todo preto, completamente escuro; nome de um rio no Rio de Janeiro.

Pay, s. o sacerdote, o padre, o frade, o homem grave, o ancião, o pae.

Payabuña, c. *pay-oba-una*, padre

de vestes negras, ou de sotaina, o jesuita; 128. Dicc.-Br.

Payapina, c. *pay-apina*, o tonsurado, o padre que só tem corôa, o leigo; Dicc. Br.

Paycará, corr. *poi-cará*, o cercado ou o circulo de esteira, o recinto fechado de esteiras; S. Paulo.

Payna, c. *pai-ná*, fructo de redeinho ou de entranchado, o fructo da paineira, ou *sumatima* (*Chorisia ventricosa*).

Payquicé, c. *pái-kicé*, faca ao redor, ou o que brande a faca ou decepa, Casal diz que significa — *corta-cabeças*, appellido dos *Munducurus* do Pará, porque costumam cortar-a a todo o inimigo que lhe cahir nas mãos e a embalsamam.

Paytucura, c. *pay-tucura*, padre gafanhoto, ou cujas vestes imitam ao gafanhoto, o frade franciscano; 128; Dicc. Br.

Peacá, contr. *pe-açaba*, travessia do caminho, onde o caminho corta, ou sahe, o porto. 104, 114.

Peaçaba, c. *pe-açaba*, o porto, o logar onde vem ter o caminho, a travessia do caminho; 114; alt. *piassaba*, *peassava*, *biacá*, *embiacá*: nome que se dá á fibra da *Attalea funifera*; 104.

Peaçaguera, c. *peaçá-guéra*, a sahida ou travessia velha do caminho, o porto velho, o porto de outr'ora; 108.

Peba, adj. plano, chato, baixo, inferior; nome de um tatú (*Dasyus sexcinctus* L.); o aplainado, o nivelado; alt. no tp. g. *pe*, no tp. am. *peua*, no tp. c. *peba*, *peva*.

Pepery, c. *pepê-r-y*, rio das quebradas, ou das quinas, rio das pontas, alludindo as de pedra que tem em sua barra; alt. *pequery*.

Percaauri, corr. *paracáu-rí*, papagaiosinhos, papagaios pequenos; Pernambuco.

Pereá, V. *aperéá*.

Percicaba, V. *Piracicaba*.

Perebas, s. *pereb*, a cicatriz, a ferida com casca, a ferida velha, a mancha da sarna.

Pereira, corr. *pyrêra*, casca de arvore, 71.

Perná, corr. *paraná*; 93. V.

Pernaguá, V. *paranaguá*, 93.

Pernahyba, V. *parnahyba*, ou *paranahyba*, 93.

Pernam, V. *paraná*; alt. *fernam*; 93.

Pernambuco, corr. *paraná-buc*, ou *paraná-puca*, o mar quebra, ou o mar arrebenta, isto é, quebra-mar, em allusão ao Recife; 93; alt. *Fernamboua*.

Peruhibe, corr. *ipirí-y-be*, no rio do tubarão; 109; S. Paulo.

Pery, corr. *piry* ou *piri*, o junco.

Petitinga, c. *peti-tinga*, casca ou escama pintada de branco, ou pontuada de branco; peixe-miúdo; Bahia.

Piabanha, c. *piab-ai*, a piaba aspera, ou farpada; Rio de Janeiro.

Plaça, V. *peaçaba*; 108.

Piauhuy, c. *piáu-y*, o rio dos piaus.

Piassaba, V. *peaçaba*.

Piassabuçu, c. *peaçáb-uçu*, o porto grande, V. *peacaba*. 114.

Piassaguera, V. *peaçaguêra*.

Piassava, V. *peaçaba*; 114.

Piauhuy, c. *piáu-y*, rio dos piaus; 109.

Pindá, s. o anzol, o gancho, a garra, a fiska, 116; alt. *piná*.

Pindahyba, corr. *pindá-iba*, a vara de anzol, a canna que serve para pescar a anzol; alt. *pindhyba*; V. *pindá-ahiba*, o anzol ruim; 116. A dicção popular—*estou na pindahyba*, significando miseria e penuria, não alludirá á pouca fortuna de um máo anzol, ou exprime simplesmente que se acha a pessoa reduzida á vara do anzol para viver? Baptista Caetano opina pela ultima hypothese que parece a mais provavel, ainda que o vocabulo *pindhyba*, ou *pinaiba*, confundindo-se com *panahiba*, que quer dizer *andrajos*, tambem admitta explicação não menos rasoavel.

Pindamiritinga, c. *pindá-miritinga*, pequeno anzol prateado; grampo, colchete; 116.

Pindamonhangaba, c. *pindá-monhangaba*, fabrica ou officina de anzoos; 116; S. Paulo. V. *monhangaba*.

Pindaré, o anzol de outro genero, o anzol differente, o que tem o nome de anzol; Maranhão; alt. *pinaré*.

Pindorama, contr. *pindó-retama*, a região ou o paiz das palmeiras; *pindó-rama*, a palmeira futura, ou que hade vir; 108.

Pipira, V. *piquirá*.

Pipoca, c. *pipoca*, a pelle estalando ou arrebrandando; o milho torrado; 119.

Piquira, c. *pi-quitra*, adj. o que tem pelle tenra; tenro, pequeno, pequenote, miúdo; tp. gr.; peixinhos.

Piquiry, c. *piquir-y*, rio dos peixinhos.

Piracanjuba, c. *pirá-acan-yuba*, peixe de cabeça amarella ou dourada.

Piracuy, c. *pirá-cui*, a farinha de peixe, ou feita de peixe secco e pilado. 119.

Piracruca, corr. *pirá-caruca*, peixe atolado, ou mergulhado em lodo. Piauhuy.

Pirahy, corr. *pirá-y*, rio do peixe 75, 109.

Pirajá, corr. *pirá-yá*, o peixe surge ou cresce; o viveiro de peixe; Bahia.

Pirajó, corr. *pirá-yú*, a espinha do peixe; no tp. gr. é equivalente a *pirá-yub*, peixe amarello, ou o dourado; S. Paulo.

Piramboya, c. *pirá-mboy*, o peixe-cobra, o *moçú*; S. Paulo.

Piramonhangaba, c. *pirá-monhangaba*, a pescaria, a caçada do peixe. 116.

Piran, contr. *piranga*, vermelho, rubro, ruivo.

Piranema, c. *pirá-nema*, peixe fetido, ou morrinhento.

Piranga, adj. vermelho, rubro, corado, ruivo; alt. *piran*, *pirá*.

Piranha, corr. *pir-ai*, o que corta a pelle, a tesoura, a tenaz; nome do peixe voraz (*Pygocentrus*).

Pirão, corr. *ypirã*, posto de molho, ensopado, farinha de mandioca molhada com agua a ferver.

Pirapama, c. *pirá-pama*, bate o peixe, onde o peixe salta n'agua.

Pirapó, contr. *pira-pora*. V.

Pirapoan-repoti, o escremento da baleia, o ambar; 197.

Pirapóra, c. *pira-pora*, o peixe salta ou pula; lugar do rio encachoeirado onde o peixe pula; 109. S. Paulo; alt. *pirapó*, no tp. gr.

Pirapuan, c. *pirá-poá*, o peixe redondo ou a baleia; 109.

Piraqué, corr. *pirá-ikê*, entrada do peixe; alt. *perequê*.

Piraquera corr. *pirá-kéra*, a dormida ou jazida do peixe.

Pirarucú, o peixe *Sudis gigas* Cuv. da fauna do Amazonas; 119. c. *pirá-rociú*, o peixe vermelho.

Pirassununga, corr. *pirá-cynyn-ga*, peixe roncando, ou o ronca-peixe; 109; S. Paulo; alt. *piracinunga*, *piracininga*.

Pirati, c. *pirá-ti*, tp. gr. o peixe branco, a tainha; 110; alt. *parati*, *perati*, *barati*, *barti*, *berti*.

Piratinunga, c. *pirá-tininga*, o secca-peixe, ou o peixe seccando; 109; alt. *piratinim*.

Piratioca, c. *pirati-oca*, a casa ou refugio das tainhas; alt. *bertioga*; 129.

Piratiua, c. *pirati-ua*, o natural ou procedente de *Parati*; 110.

Pirauama, c. *pirá-uama*, o peixe hade comer, isto é, a ceva do peixe; alt. *pirá-guama*. Dahi, *guirá-uama*, a ceva dos passaros; *araçari-guama*, a ceva dos tucanos araçaris; *araruama*, c. *arara-uama*, a ceva das araras; V. estes nomes, cuja tradução aqui é a mais aceitavel.

Piririca, V. *ycirica*; correnteza, rapido; 104.

Pirituba, corr. *piri-tyba*, junco em abundancia, juncal; 129.

Pitá, corr. e contr. *pita* ou *pitanga*.

Pitanga, adj. o mesmo que *piranga*, vermelho, rubro, corado, ruivo; alt. *pita*, *pitá*, *puita*.

Pitanguy, c. *pitang-y* rio vermelho.

Pitiguaras, corr. *poti-guara*, o papa-camarões. o comedor de

camarões; tribu selvagem do Norte do Brasil.

Piuma, corr. *pium*, o mosquito.

Pocaba, part. do vb. *poca*, arre-bentando, estrondando; o que detona, o fuzil, a espingarda; V. *bocaba*; alt. *pocá*.

Poera, V. *coéra* ou *quéra*.

Pojuca, corr. *yapó-yuc*, pantano corrupto, podre; estagnado; alt. *ipojuca*, *pojú*, *boyú*.

Pombeva, corr. *pô-mbeba*, a mão chata, a fibra, a verga ou sipó chato.

Pomonga, corr. *pomong*, o visgo, o grude, a massa pegajosa; Sergipe.

Popoca, V. *pipoca*.

Poracé, s. a dança, a festa, o folguedo, o ajuntamento de povo para folgar (*pora-cê*); alt. *boracé*, *baracé*.

Porangaba, s. a belleza, a formosura. Ceará.

Pororoca, corr. *pororog*, reben-tar, estrondar, desparar: *poro-roca*, part. estrondante, a que arre-benta, ou faz rumor; o macaré; Pará, Amazonas.

Poti, corr. *poti*, o camarão. 70.

Potiguara, c. *poti-guara*, o papa camarões, o comedor de camarões. V. *Pitiguaras*.

Potingy, c. *poti-gy*, rio dos camarões; Rio Gr. do Norte.

Potribú, corr. *potyru-ybú*, a fonte das flores; 103; corr. *poty-raiembú*, o arroio das flores; corr. *apoter-obi*, flor azul.

Prehá, c. *apered*. V.

Propriá, ant. *popid*, o punhal, o estylete; Alagôas.

Puera, V. *quéra*.

Purus, corr. *purú*, rumorejar, saltar, ferver; o que rumoreja, ou ronca; Amazonas; corr. *porú* ou *por-ú*, o que come gente, o antropophago, o devorador; nome de uma tribu selvagem do Amazonas.

Purys, corr. *por-í*, gentinha, povo miudo, fraco, de pequena estatura; nome de umas tribus selvagens de fraca compleição; Cas; Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes.

Puxim, corr. *pochi*, feio, sujo, im-

mundo, impuro; corr. *poehi-y*, rio feio, sujo; Matto Grosso.

Pycá, s. a rede de pescar; alt. *puçá*, 116.

Pyranha, V. *piranha*. 123.

Q

Quá, adj. furado, perfurado, atravessado; s. contr. *quara* buraco, furo, cova; *quá=quã*, dedo da mão, ponta; confunde-se muitas vezes com *guá*.

Quara, s. furo, cova, buraco; esconderijo, refugio; V. *coara*; alt. *quá*.

Quaray, V. *coaracy*.

Quaraciaba, V. *guaraciaba*,

Quati, c. *quã-ti*, riscado punçado, ou o lanhado, o que traz riscas, ou sulcos; o animal *Nasua*.

Quatiara, adj. pintada, manchada, riscada, sulcada: alt. *cutiara*.

Queixada, corr. *qyichar*, o que corta, ou talha, porco do matto (*Dycotyles*) Bap. C.

Quéra, adj. velho, extinto, passado o que já foi; alt. *qué* ou *cué*; V. *cuéra*.

Quicé, ou *kicé*, a faca, a lamina cortante, o instrumento que corta.

Quicéapara, c. *quicé-apara*, lamina curva, a fouce; 123.

Quleppe, corr. *quie-pe*, na entrada, ao entrar; nome de um ilhéu ao entrar da bahia de Camamú; Cas.

Quinini, o mesmo que *quiririm*, s. o silencio, o socego, o repouso; adj. silencioso, calado, taciturno.

Quinimuras, corr. *quini-mura*. gente silenciosa, povo taciturno, tem o mesmo significado que *cariri*; nome de uma tribu selvagem que habitou primitivamente o Reconcavo da Bahia de Todos os Santos; Cas.

Quipá, se é vocabulo tupi, pode decompor-se em *qui-pá*, ponta, estylete, espinho cravado, atolado, introduzido; s. tenaz, torquez; é o nome de um cardo

rasteiro dos sertões do Norte do Brasil.

Quipapá, aug. *quipá*. V.

Quiraçoçyava, c. *quir-açoçyaba*, chapéo de chuva, ou guarda-chuva.

Quiry, c. *quir-y*, rio da chuva; rio verde.

Quiricaré, c. *quãrihi-caré*, a pe-neira torta.

Quirimura, V. *Quinimuras*.

Quiririm, V. *quinini*.

Quixaba, corr. *quichaba*, o córte, o talho, o golpe, o que corta ou golpêa.

R

Reritigbá, erro de copia da Cho-rographia Brasilica de Casal, em vez de *Rirityba*; V. 109.

Riri, s. a ostra; V. *iriri*.

Rirityba, c. *riri-tyba*, ostras em abundancia, a ostreira; 109 Espirito Santo.

Roca, o mesmo que *oca*, a casa, a residencia, o refugio, o abrigo.

Ruca, o mesmo que *roca* no tp. am.

Rupia, contr. *rupidra*. V.

Rupiara, o mesmo que *upiara*, o ovo, o germen; a procedencia, ou descendencia, raça.

S

Sabará, ant. *Tabará* de que se formou *Tabaráboçú*, como se vê em velhos documentos. *Tabará* é a forma contracta de *Itabara-ba* ou *Itaberába*, c. *Itã-beraba*, pedra reluzente, penedia resplandescente, crystal.

Sabarabuçú, ant. *Tabará-boçú*, corr. de *Itabarába-oçú*, o mesmo que *Itaberába-oçú*, que litteralmente se traduz, *pedra resplandescente grande*, ou antes *serra resplandescente*, logar que ficou lendario entre os colonos do primeiro seculo da conquista. Eis como o historiador Gandavo nos conta a origem dessa famosa legenda. « A esta Capitania de Porto Seguro, diz o

citado historiador, chegaram certos indios do sertão a dar novas de umas pedras verdes, que havia n'uma serra muitas leguas pela terra dentro, e traziam algumas dellas por amostas, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos indios diziam que daquellas havia muitas, e que esta serra era mui formosa e *resplandescente*... » Esta serra resplandescente que o gentio em sua lingua dizia — *Itaberaba-ocú*, e que a corruptella em labios portuguezes transformou em *Taberaboçú* e mais geralmente em *Sabaraboçú*, vae ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle do S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, donde lhes vinha a longiqua tradição da *Serra das Esmeraldas*. » (Th. Sampaio, Memoria lida no Instituto Historico de S. Paulo). Monsenhor Pizarro nas suas Memorias Historicas ainda escreveu *Tabaraboçú*.

Sabohó, corr. *taboó*, o raspado, ou pellado.

Saguim, corr. *çá-í*, olhos pequenos, o que é experto, o vivo, agil; nome de um pequeno simio (*Hapale*); alt. *sagui*, *sahuim*, *sahim*, *sauhim*, *souhim*.

Sahy, corr. *çá-í*, olhos pequenos, vivos; nome de umas aves pequenas do genero *Tanagra*; em outras partes do Brasil designa tambem uma especie de simio do genero *Cebus*, e que é o mesmo *saguim*.

Saiyba, corr. *çaiyba*, o queixo, a mandibula, o maxiliari inferior; alt. *sayubo*, *sayuva*, *saúva*; nome de uma formiga conhecida pela sua voracidade e força de destruição, (*Atta cephalotes*).

Sambambaia, c. *çá-bamb-ai*, olho torcido e enrolado, alludindo ao broto tenro e recurvo da planta ao despontar do solo (*Filix herbacea*); alt. *samambaia*.

Samambaia, corr. *çá-bamb-ai*, olho torcido e enrolado; broto que despona encaracolado, (*Filix herbacea*), V. *sambambaia*.

Sambaqui, corr. *tambá-qui*, cumulo ou monticulo feito de conchas, deposito de conchas e ostras. 109.

Sanga, corr. *çanga*, o que se espraia ou se estende, o espraído, o alagado; Rio Grande do Sul.

Sangay, c. *çanga-y*, o rio do espraído, ou do alagado; Rio Gr. do Sul.

Sapiroca, corr. *çá-pirog*, olho esfolado, palpebras que descamam ou perdem a pelle.

Sapucala, corr. *çapucai*, s. o grito, o clamor; vb. gritar, clamar; s. o gallo ou a gallinha; corr. *yapucuai*, o fructo conhecido por *sapucaya* (*Lecythis*).

Sapucahy, c. *çapucai-y*, rio das sapucayas; Minas Geraes.

Saquarema, ant. *Socorema*, (*Roteiro do Brasil*) c. *socóreima*, multidão ou bando de *socós*, (*Ardea brasiliensis*).

Saracura, corr. *tara-cura*, *tara*=*sura*, espiga, milho, *cura* o que engole ou traga; o come milho (*Aramides*); a gallinha d'agua.

Saracuruna, c. *saracura-una*, a saracura preta; Rio de Janeiro.

Sarapó, c. *çará-pó*, desprende mão, ou o que escapa ou escorrega da mão; nome de um peixe fluvial.

Sarapuhy, corr. *çarapó-y*, rio dos sarapós; S. Paulo; V. *Sarapó*.

Sarará, corr. *çarará*, mariposa, a borboleta que voa em torno da luz.

Sararahy, c. *çarará-y*, rio das mariposas; Bahia.

Sarué, corr. *çóó-r-iguê*, animal de sacco. isto é, dotado de bolsa; o marsupio conhecido por *gambá* (*Didelphis*) 109.

Sassú, corr. *çacy*, especie de beija-flor, colibri (*Coracina*) alt. *sassy*, *saçú*.

Sassuhy, corr. *çacy-y*, rio dos beija-flores ou dos colibris; Minas Geraes; V. *sassú*.

Sassurana, corr. *tatarana*; V. 78.

Saúva, V. *saíyba*.

Sayúva, V. *saíyba*.

Sapé, corr. *çapé* ou *ecapé*, c. *eqá-pé*, vb. allumiar; s. gramínea (*Saccharum sapé*) que serve para fazer fachos, e para cobrir casas, alt. *yacapé*, *sapé*.

Sepetiba, corr. *çapé-tyba*, sape-sal, sapé em abundancia; Rio de Janeiro.

Sergipe, ant. *Cirigype*, c. *ciri-gype*, no rio dos siris; alt. *sergy*; 109.

Seriema, corr. *ceri-eim*, o que voa ou sahe pouco; nome da ave *Dicholophus cristatus* III.; alt. *sariama*, *siriema*, *sariema*; corr. *çariama*, c. *caria*, crista, am, erguida, isto é, crista levantada, ou armada de crista.

Serinhaem, corr. *ciri-nhaê*, bacia, vaso dos siris, viveiro dos siris; corr. *ciri-nheê*, o siri rumoreja, onde os siris fazem rumor; Pernambuco; 109; alt. *Serinhcen*, *Serinhnen*.

Sernambi, corr. *cerinambi*, o marisco, a ameijoia.

Sernambitiba, corr. *cerinambityba*, o ameijoal, o viveiro de mariscos; o deposito de mariscos. No Norte do Brasil é equivalente ao *sambaqui* do Sul; V. *Sambaqui*; 109.

Sipitiba, V. *Sepetiba*.

Sipó, corr. *ci-pó*, *ci* pegar, prender, *pó*, fibra, tendão, corda; *cipó*, a fibra que agarra ou se prende; nome commum no tupi para todas as plantas sarmentosas ou trepadeiras.

Sipotuba, c. *cipó-tyba*, cipoal ou trançado de sipós ou cipós.

Socó, corr. *çóó-só*, bicho que se arrima, ave que se sustenta ou se apoia em um pé só; nome commum ás peraltas, (*Ardea brasiliensis*).

Socopenupan, c. *çooró-pê-nupan*, pancada nos socós; corr. *çooró-apê-nupan*, caminho batido dos socós; nome primeiro da lagôa de Rodrigo de Freitas; Rio de Janeiro; alt. *Sacupenopan*.

Solimões, corr. *çoriman*, alt. *so-rimão*, *solimão*: plr. *solimões*;

nome de uma tribu selvagem do Alto Amazonas, e que deu o appellido a essa parte do grande rio; Cas.

Sorigué, c. *çóó-r-igüê*, animal de sacco, ou dotado de bolsa; o marsupio conhecido tambem por *gambá*; V. *Saruê*.

Sorocaba, corr. *çoroc-aba*, sub. verbal de *çorog*, rasgar, romper, ou o *rasgão*, a *ruptura*. allusão ás excavações e erosões naturaes do solo nesse lugar; S. Paulo.

Sorocava, V. *Sorocaba*.

Suam, corr. *çóó-am*, a columna ou espinha do animal, a columna vertebral; alt. *suã*, *soan*: S. Paulo, Minas; 109.

Suassú, corr. *çóó-açu*, o animal grande, a caça mais avultada, o veado ou cervo; 109; alt. *suacú*, *guacú*, *sussú*, *assú*.

Suassubirá, corr. *çóacú-berá*, o veado lustroso ou luzidio; 109; corr. *çóacú-pirá*, veado vermelho; alt. *birá*, *cirá*.

Suassuhy, corr. *çóacú-y*, rio dos veados, Minas Geraes; 109.

Suassumé, corr. *çóacú-mé*, veado introduzido, ou impórtado, a cabra; 124.

Suassupitã, corr. *çóacú-pitan*, o veado vermelho; o mesmo *çóacú-pirá*; ou *pitanga*; 109.

Subahé, corr. *çó-baé*, o que é partido ou dividido; Bahia.

Suericanga, corr. *sucuri-canga*, a cabeça do sucuri; Bahia; 109.

Sucupira, corr. *cêbe-pira*, cascá saliente; alt. *sucopira*, *sipipira*, *sibipira*, *socupira* (*Bowdichia*).

Sucury, corr. *çuá-curi*, o que morde ligeiro, o que atira o bote apressado; serpente aquatica *Boa aquatica* ou *Eunectes murinus*; alt. *socori*, *sucuriú*, *sucuriuba*, *sucuruyú*.

Sucuriú, coor. *sucuri* ou *çuá-curi-y*, rio do sucuri. V. *sucury*.

Sucuriuba, c. *çuéuri-yuba*, a serpente amarella, ou de escamas amarelladas; V. *sucury*.

Sucurihy, corr. *çuú-uri-y*, rio do sucuri.

Sumé, nome de um personagem mysterioso que appareceu entre os selvagens e lhes ensinou a

cultivar a terra, e lhes ensinou o bem; alt. *Zomé, Tomé, Zumá*; 125.

Surubim, corr. *surú-bi*, pelle lisa, nome commum dos peixes de couro ou pelle; corr. *jurú-bi*, boca fechada; 109.

Surubiá, corr. *surubi-y*, rio do surubim.

Suruby, corr. *surú-y*, rio que deslisa, ou agua corrente; Rio de Janeiro.

Sussupara, corr. *soóçu-apara*, veado de galhos, ou o cervo galheiro; 109; V. *Suassú*.

Sussuarana, corr. *soóçu-arana*, o que se assemelha a veado, o que tem côr de veado; nome de uma especie de onça de pelle parda, (*Felis concolor*).

Sussuhy, corr. *sooçu-y*, rio dos veados: V. *Suassuhy*.

T

Taba, s. a aldêa, o povoado, o arraial; no tp. gr. *taba*, no tp. am. *táua*; alt. *táuba, táua*; na composição dos vocabulos, ora é *tag*, ora *tap*, como nos nomes —*taguera* e *taperá*: 112.

Tabagy, c. *taba-gy*, rio da aldêa.

Tabagype, corr. *taba-gy-pe*, no rio da aldêa; 75.

Tabajaras, corr. *taba-yara*, os aldeões, os moradores das aldêas, os senhores dos povoados; 112; V. *tabayara*.

Tabanga, corr. *itá-bang*, pedra virada, pedra retorcida; corr. *taba-anga*, aldêa ou morada das almas; Sergipe.

Tabaré, adj. deriv. de *taba*, o habitante da aldêa; corr. *tabaré*, aldêa differente; aquelle que é de outra aldêa. 112; Bahia; o homem do matto, o camponio.

Tabatinga, c. *taba-tinga*, aldêa branca; corr. *tauí-tinga*, barro branco; Amazonas; 107.

Tabatinguera, c. *taba-tin-guera*, o barreiro de outr'ora, onde foi o barro branco; corr. *taba-ta-guera*, aldêa de outr'ora, povoado extincto; corr. *taba-tingocra*, aldêa alvissima, S. Paulo; 112; V. *tin*.

Tabayara, V. *Tabajura*; 112.

Taboca, c. *ta-boc*, ou *tá-bog*, haste furada, tronco ouco, haste fendida; graminea conhecida; alt. *tapoca, taóca, taó*; (*Arundo, Bambusa*).

Tabyra, corr. *itá-bir*, penha empinada ou erguida; corr. *tapira*, a anta; 109.

Tacauhunas, corr. *tacá-una*, o cacete ou porrete negro; nome de uma tribu selvagem do Tocantins.

Tacarátú, c. *tacará-tú*, o pellado escuro; o que tem encostas ou cahidas calvas ou pelladas; Pernambuco.

Tacoara, c. *ta-coára*, haste furada ou com buracos; V. *taquara* e *taboca*.

Tacoativa, corr. *tacoi-tyba*, o taquaral, ou as taquaras em abundancia.

Tacunas, corr. *tacó-una*, quadril negro, ou o povo selvagem que trazia tintos de negros os quadris; Amazonas.

Taguá, contr. *itá-quaba*, pedra ou argilla de comer, barreiro; alt. *taguaba, taguá, tauá*; V. *itaguaba*; corr. *itá-guá*, pedra ou argilla variegada, de côres diversas.

Taguahy, c. *taguá-y*, rio do barreiro ou do tauá; V. *Itaguahy*.

Tagypurú, c. *tagy-purú*, braço de rio que se agita, ou rumoreja; Pará.

Tahy, o mesmo que *tagy*, braço ou galho de rio, furo, canal.

Tajahy, corr. *tayá-y*, rio dos *tayás* ou *tajás*, (*Aroides*) uma planta tuberosa cultivada hoje com o nome *tayoba* (*Caladium esculentum*); alt. *itajahy*, V.; S.^{ta} Catharina.

Tamandaré, corr. *tamanduar-é*, o que se assemelha ao tamanduá, o que sobe ás arvores como o tamanduá, o que faz papel de tamanduá; nome do Noé dos selvagens na sua lenda do diluvio; 125; Pernambuco.

Tamandná, corr. *tá-mondoar*, o caçador de formigas; *tá* é radical de muitos nomes designando insectos, formigas etc, como:

tacê, formiga, *taracué* formiga de milho, *tucandira*, formiga venenosa; *taóea*, *tanajura*; nome do animal que sobe ás arvores e se alimenta de formigas (*Myrmecophaga tetradactyla*), 125.

Tamanduatehy, ant. *tamandua-tahy*, c. *tamandua-tahy*, braço ou ou galho de rio do tamanduá; corr. *tamandui-têi-y*, rio do tamanduá grande; S. Paulo; 109.

Tamaracá, V. *ítamaracá*; 107.

Tambá, s. a concha bivalva o marisco; alt. *sambá*.

Tambahú, corr. *tambá-y*, rio das conchas ou dos mariscos; 75, 109; S. Paulo.

Tamburil, corr. *tamburê* ou *tambuê*, arvore de que o gentio fazia canoas.

Tametary, corr. *ítametar-y*, rio do ornato de pedra, ou do botaque de pedra; 120; V. *Itametara*.

Tangará, corr. *atá-cará*, o que anda em volta, ou aos saltos, o que dança aos saltos; o pulador; nome de uma ave do genero *Tanagra*.

Tanhaçú, corr. *tanha-açú*, o dente grande; nome commum no tupi para designar o porco montez; 109, 124; alt. *tayaçú*.

Tapagipe, V. *Tabagipe*. 112.

Tapajós, ant. *Tapayó*, corr. *tabayó* procedente das aldeas, vindo das povoações; nome de uma tribu selvagem donde procede o do grande rio affluente do Amazonas.

Tapanhunacanga, c. *tapuy-úna-acanga*, a cabeça do negro; 107; Minas Geraes.

Tapecaçú, corr. *tab-peçaçú*, aldeia nova, 128; corr. *tapé-çuçú*, lage-sinha ou lagingha.

Tapemirim, corr. *ítapé-mirim*, lageadinho, a lage pequena; V. *ítapeba*; corr. *tapé-mirim*, *tapé* = *apé*, caminho, *mirim*, pequeno, estreito, caminho estreito, trilho, vereda; corr. *tapé-mirim*, a ruina pequena, ou taperinha; 107.

Tapera, corr. *tab-era*, aldeia extincta, ruina, povoação de outrora; alt. *taguera*.

Taperoá, c. *taper-oá*, ruina que

se conserva em pé; ruina levantada; corr. *tapera-guá*, valle da ruina; nome de uma arvore do matto virgem; corr. *tapir-uá*, a espinha d'anta; 112; Bahia.

Tapes, corr. *tab*, aldeia, povoação; corr. *ta-pe*, nas aldeas, nos povoados; nome de uma nação selvagem do Rio Grande do Sul.

Tapeti, s. o coelho silvestre; 109.

Tapimirim, V. *Tapemirim*.

Tapioca, V. *Typioca*.

Tapira, s. a anta (*Tapirus americanus*); alt. *tapir*, no tp. gr. *tapli*; 109; *tapira*, o boi ou a vacca, tambem denominados—*tapira-çobayguara*.

Tapirahy, c. *tapira-y*, rio das antas. 109.

Tapiranga, c. *ta-piranga*, plumagem vermelha, pennas rubras; nome da ave tambem conhecida por *tiê-sangue* (*Tanagra brasilia*).

Tapirapé, c. *tapir-apé*, vereda das antas; 109; Goyaz.

Tapirapuan, c. *tapira-puá*, a anta roliça ou gorda.

Tapirema, c. *tapir-êi*, a manada de antas; corr. *tapir-êma*, a anta fetida ou catiguaenta; corr. *tapir-eima*, falta de antas, logar onde não ha desses animaes.

Tapitanga, o mesmo que *tapiranga*, plumas vermelhas; corr. *itá-pitanga*, pedra vermelha; 107.

Tapuyrama, o mesmo que *tapuy-retama*, a região dos barbares ou dos tapuyas; 86, 110.

Tapuytapera, c. *tapuy-tapera*, ruina do gentio; Maranhão.

Taquaquicé, c. *taquá-quicé*, taquara-faca, ou laminar; especie de bambú que se emprega no tecido das peneiras ou cestas finas e delicadas; canna silvestre (*Bambusa*); alt. *taquicé*, *tacoa-quicé*; S. Paulo.

Taquaquicetuba, corr. *taquaquicé-tyba*, taquaral de taquaquicés; alt. *Itaquaquicetuba*; S. Paulo.

Taquara, c. *tá-quara*, haste furada, ou cheia de buracos; alt. *taquá*; canna silvestre (*Bambusa*).

Taquaruçú, c. *táquara-uçú*, a taquara grossa, bambú.

Taquaratinga, c. *taquara-tinga*, taquara de folha branca, ou taquara branca; Pernambuco.

Taquarembó, corr. *taquara-icmbó*, arroio ou correjo das taquaras; 102 Rio Gr. do Sul.

Taquary, c. *taquar-y*, rio das taquaras; Rio Gr. do Sul.

Taquarituba, corr. *taquarî-tyba*, taquaral fino, ou taquaris em abundancia; Parahyba.

Tararé corr. *itararê*, sumidouro, caverna, conducto subterraneo; S. Paulo.

Tareiry, corr. *tarair-y*, rio das trahiras; Rio Grande do Norte.

Tatá, s. o fogo, o lume, a luz; 78.

Tatagiba, corr. *tatá-gyba*, braço de fogo, labareda; Ceará.

Tatarana, adj, tirando a fogo, ou affogueada, lagarta avermelhada; alt. *taturana*. 78.

Tatauhy, corr. *tatú-y*, rio do fogo; Bahia. 78.

Tatinga, corr. *itá-tinga*, pedra branca, ou a prata; Maranhão.

Tatú, c. *ta-tu*, casco encorpado ou denso, Bap. Caet.; (*Dasypus*).

Tatuaimonha, corr. *tatú-ai-manhá*, tatú ruim de correr, ou de pouco correr.

Tatuapara, c. *tatú-apara*, tatú arcado, ou que se dobra, o que vulgarmente se chama *tatú-bola*, (*Dasypus trincinctus*).

Tatuhy, c. *tatú-y*, rio dos tatús; S. Paulo; 109.

Tatuyby, c. *tatú-yby*, terra dos tatús, antigo nome da cidade da Limeira; S. Paulo; 109.

Tauá, V. *taguá*. 107.

Taubaté, corr. *taba-etê*, alt. *táua-etê*, villa, povoação consideravel; 112; S. Paulo.

Tayaçú, corr. *tái-açú*, dente grande; V. *tanhaçú*; 109.

Tayaçuáia, corr. *tâiaçú-aia*, o porco manso, o porco de papada.

Tayaçupeba, corr. *tâiaçú-peba*, porco meúdo, o porco montez inferior (*Dicotyles*); alt. *tayaçupeva*; S. Paulo.

Tecunas, corr. *tecô-una*, corpo

preto, o vulto negro; nome de uma tribu selvagem do velho Maranhão—Perú.

Tembe, s. o labio inferior, o beicho; borda, margem, beira.

Tembetá, corr. *tembê-itá*, pedra de beicho, botoque de pedra.

Tembitú, s. a comida, o alimento, a nutrição, o mantimento; alt. *temiú*, e segundo a relação —*remiú*; 119.

Tereré, vb. ranger os dentes, tiritar, estalar.

Tetama, s. a patria, o paiz, a região; segundo a relação —*retama*; e *rama* como suff. 110.

Ti, corr. *ty*, a agua, o liquido, o caudal, o curso d'agua; 105.

Tibagy, c. *tiba-gy*, rio do pouso, do deposito ou feitoria: rio da abundancia; rio copioso ou caudaloso; 75; Paraná.

Tibaia, corr. *tiba-aia*, pouso ou mansão saudavel; corr. *ty-b-aia*, caudal saudavel; corr. *ty-bai*, curso d'agua ruim ou máo; alt. *atibaia*. S. Paulo.

Tibycôara, c. *tyby-coára*, buraco do chão, a cova, a sepultura; 126.

Tibyroyary, c. *tybycoar-y*, rio das covas, ou das sepulturas; 126.

Tietê, c. *ti-etê*, curso d'agua verdadeiro, caudal consideravel; 105; V. *ti*. S. Paulo.

Tijuapé, corr. *teyú-apé*, a vereda dos lagartos.

Tijuca, V. *tuyuca*; 99.

Tijuco, corr. *ty-yuc*, liquido corrupto, ou podre, lama, brejo; no tp. g. *tuyú*. 99.

Tijucopapo, corr. *tuyuc-paba*, lama espraçada, lamaçal, lameiro; 99; Pernambuco.

Tim, corr. *tî*, ponta, nariz, saliencia, prôa; adj. contr. *tinga*, branco, alvo.

Timbó, s. a planta cujo succo mata o peixe; vara, vergontea, cipó, (*Paulinia Pinnata* L.) 116.

Timbora, s. vapor, nevoa, exhalção; Bahia.

Timbuhy, corr. *timbó-y*, rio do timbó, 116.

Timbyra, corr. *timbyr*, o amarrado o que é amarrado; Maranhão; V. *Tumbiras*.

Tin, V. *tinga*.

Tinga, adj. branco, alvo, claro, candido; alt. *tin*, *tî*; *tinguera* ou *tinguera*, mui branco, alvíssimo; *morontim*, ou *moraty* mui alvo.

Tinguá, c. *tim-guá* ou *tim-quá*, saliência em forma de bico ou ponta, o pico; Rio de Janeiro; corr. *tî-guá*, s. o poço.

Tinharé, corr. *tî-nharô*, o que se adianta elevado, o que avança erguido ou empinado; a ponta alta, o promontório; Bahia.

Tiuba, corr. *tui-yba*, a arvore dos tuins; corr. *tuyuba*, abelha pequena e amarella; Bahia.

Toca, s. abs. *oca*, a casa, o refugio, o esconderijo; 112. V. *oca*.

Tororó, adj. sussurrante, corrente; corr. *y-tororó*, agua corrente, ou sussurrante; alt. *y-chororó*; *y-choró*; Bahia.

Toryba, s. alegria, felicidade; alt. *toryba*.

Tracunhaen, corr. *taracu-nhaen*, panella de formigas; formigueiro; Pernambuco.

Traipú, corr. *ityra-ipú*, olho d'agua do monte, a fonte do morro; corr. *taipú*, o arrojado, o ejaculado ou arremessado. Alagoas.

Trapuá, corr. *ityra-poá*, cabeça redondo, outeiro redondo; 80.

Tremembé, corr. *teré-membé*, o que treme amolecendo, o brejo, o tremedal; 100. S. Paulo.

Tripui, corr. *ityra-poi*, morro delgado ou esguio; corr. *tiripui*, secco e delgado, o que secca adelgado; 80, Minas Geraes.

Tubichaua, V. *tuchaua*. grande, corpulento, membrudo.

Tucano, corr. *tu-cang*, bico osseo Bap. C.; corr. *tu-quá*, bico que sobrepuja, exagerado; nome da ave conhecida, (*Rhamphastos*).

Tucantins, corr. *tucan-tim*, nariz de tucano, ponta de tucano; nome de uma tribu selvagem que deu seu appellido a esse rio; Pará; alt. *Tocantins*.

Tucura, s. o gafanhoto, (*Locusta*).

Tucurahy, c. *tucura-y*, rio dos gafanhotos; 109.

Tucuruvy, corr. *tucur-obi*, gafanhoto verde.

Tuchaua, s. o mais elevado, o primeiro, o de mais alta estatura, o chefe.

Tujucué, corr. *tuyú-cué*, no tp. gr. barreiro velho, brejo extinto; no tp. c. *tijucuera*; Paraguay.

Tumbiras, corr. *tumbir*, o bichento, o que está cheio de bichos (*pulex penetrans*); alt. *tombiras*. E' provavel que o nome *timbyra* tenha o mesmo significado, devendo-se escrever então *tymbira*, cujo *y*, mal pronunciado, deve ter produzido *tumbira*.

Tunga, s. o bicho de pé, a nigua, (*pulex penetrans*); alt. *tum*.

Tunguçá, c. *tung-uçú*, a pulga, o bicho ou nigua maior.

Tunuhy, c. *tumú-y*, rio agitado ou tremente; corr. *tun-y* rio dos bichos ou das niguas.

Tupá, corr. *tub-á*, o que jaz, o que reside (*tub*), alto, erguido, superior (*am* ou *á*), o que domina, ou fica superior, o que está no alto; Deus, o Altissimo. Pode ser ainda *tub=tup* pae, *á=am*, elevado, erguido, superior, do alto, isto é, *tup-á*, o pae do alto, o pae que está nas alturas, o pae do céu; alt. *tup.i*.

Tupaberaba, c. *tupá-beraba*, a luz de Deus, o relampago; 125.

Tupacnunga, corr. *tuod-cynyn-ga*, a voz de Deus, o trovão; 125.

Tupanaroca, c. *tupá-roca*, a casa de Deus, a igreja, a capella, o santuario; 112.

Tupaceretan, corr. *tupá-recê-retama*, paiz destinado para Deus, região reservada a Deus, patrimonio divino; pode ser ainda *tupá-ci-retama*, terra da Mãe de Deus, o paiz de Nossa Senhora; Rio Grande do Sul.

Tupí, c. *tu-upi*, *tu=tub*, pae, *upi*, elevado, sublime, superior, isto é, o pae supremo, o grande pae, o primitivo, o progenitor. Esta interpretação corresponde á graphia franceza *tououpi*, que se encontra como radical do nome *tououpinamboult*, segundo nol-o transmittio João de Lery. viajante que Ferdinand Denis

aliás reconhece ser de uma exactidão admirável. Varnhagen interpretou *tupi*=*typi*, os da primitiva geração. O P.^e Simão de Vasconcellos interpretou *tupi* como synonymo de *tupã*, pois que *tupi* quer dizer — o pae supremo, e traduzio *tupinambá*, como povo de Deus. Cumpre notar que alguns viajantes e escriptores do seculo XVI escreveram tambem *tuppin*, ou *tupin*, que quer dizer — tio —, o irmão do pae.

Tupinaes, corr. *tupi-nã*, parentes ou consanguineos dos tupis; corr. *tupi-aê*, amigos dos tupis, ou seu afeiçoado; nome de uma tribu selvagem primitiva. Pode ser ainda *tupin-aen*, os tios suppostos ou falsos; V. *tupi*.

Tupinambá, c. *tupi-nã-mbã*, descendente dos tupis; pois que *nã-mbã*, o mesmo que *anambã* significa — derivado do parente, ou descendente; V. *tupi*.

Tupinambarana, c. *tupinambã-rana*, os falsos *tupinambás*, os que falsamente descendem dos tupis.

Tupiniquim, ant. *tupinãkî*, c. *tupi-nãkî*, galho do parente de *tupi*, os collateraes dos tupis; 109.

Tupirama, c. *tupi-rama* ou *tupir-etama*, a região ou patria dos tupis; 110.

Turuna, corr. *ityruna*, elevação negra, monte negro, alturas; 80; montanha.

Turi, s. nome de uma arvore de tona fibrosa (*Licania*); corr. *tory*, s. a fogueira, o fogo, a queimada.

Tury, c. *turi-y*, rio dos *turis*, ou rio das fogueiras, Maranhão; V. *turi*.

Turyassô, c. *tur-y-açu*, rio grande dos *turis* ou das fogueiras; Maranhão; V. *turi*.

Tutoya, corr. *totoi*, interj. equivale a *oh! linda!*; que belleza, que encanto! (Mont.)

Tuxava, V. *tuchaua*.

Tuyú, tp. gr., o brejo, a lama, o liquido corrupto ou podre; no tp. c.—*ty-yuca*.

Tuyuca, c. *ty-yuca*, o brejo, a lama, o tremedal, o liquido podre, o charco, o paúl. 99; alt. *tijuca*, *tijuco*, *tujuco*, *tuyú*.

Tuyuty, corr. *tuyú-ti*, lameiro branco, barro branco, no tp. gr.; no tp. c. *tuyutinga*; 70.

Tuyuyá, no tp. gr. lama amarella, barro amarello; no tp. c. seria *tuyu-yiba*; nome das cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejaes. Baptista Caetano interpretou: *tu=ti* bico, *yu-yu* muito amarello, isto é, a ave de bico muito amarello (*Mycteria americana*).

Ty, V. *tî*; 105.

Tyala, s. o suor, o humor.

Tyjioça, corr. *tyi-oca*, ou *tiyui-oca*, o paradeiro das espumas; 112; alt. *Tijioca*, *Tijoca*: Pará.

Typioca, c. *typi-og*, tirado ou colhido do fundo; o sedimento, o coagulo, o residuo do succo da mandioca; 119; alt. *tipioca*, *ta-pioca*.

Typity, vb. expremar, tirar liquido por pressão; s. a prensa, o cesto tubular, elastico feito de folhas de palma e servindo para expremar a massa da mandioca ralada; 119; alt. *tipiti*, *tapiti*.

U

U, corr. *y*, a agua, o rio. A pronuncia da vogal guttural *y*, difficil aos estranhos, deu logar ás formas *u*, *hu*, *cu*, que apparecem como suff. nos vocabulos como: *Cumãú*, *Pagehú*, *Acaracú*, equivalentes a: *Cumã-ú*, *Pagehú*, *Acará-cú*, e respectivamente identicos a *Cumã-y*, *Page-y*, *Acará-y*. *U* é tambem verbo e significa *comer*, *devorar*, appresentando-se ás vezes sob a forma *gu*.

Uã, s. o talo, a haste, o caule, o grelo, a columna vertebral, o dorso, o eixo; *uã=mud*, s. o vagalume, o pyrilampo.

Uara, part. do fut. do vb. *u*, o que hade comer, o comedor, o devorador; V. *guara*.

Uaricury, corr. *yari-curí*, V. *Ouricury*.

Uauá, corr. *uá-uá*, s. o pyrilampo o vagalume; se fôr tupi; Bahia.

Ubá, corr. *ybá*, s. o fructo; corr. *uybá*, a canna de flecha, ou canna brava, o canniço; a canôa de casca; 115.

Uhahy, corr. *ybá-y*, rio das fructas, ou *uwbá-y*, rio das flechas ou das cannas bravas.

Ubaia, corr. *yb-aia*, fructo saudavel; alt. *uwaia*, (*Eugenia campestris* Vell).

Ubatuba, corr. *ubá-tyba*, canôas em abundancia; corr. *ybá-tyba*, cannavaal bravo, flechal fructal; S. Paulo; 115.

Ubayara, corr. *ybá-yara*, o senhor da flecha, o flecheiro, o que é dextro em arremessar a flecha.

Ubayera, c. *ubá-yera*, a canôa desatada ou solta; corr. *ybá-yê* ou *ybá-ê*, o fructo doce.

Uberaba, c. *u-beraba*, o mesmo que *y-beraba*, agua relusente, ou rio brilhante; Minas Geraes.

Ubu, corr. *yby*, a terra, o solo, servindo de prefixo em varias dicções; V. *yby*. 76.

Ucá, s. o caranguejo (*Cancer*).

Uéra, o mesmo que *oéra*, *cuéra*, *coéra*, *quéra*, e no tp. g. *cué*, velho, extinto, passado, o que já foi.

Uererê, corr. *y-ererê*, agua em gyro ou em redomoinho.

Uibá, corr. *uybá*, a flecha, o canniço, a canna brava; V. *ubá*. 117.

Umbá, s. o fructo conhecido tambem por *imbú* (*Spondias tuberosa*, Arruda.) alt. *ombú*, *ambú*.

Umburana, c. *umbú-rana*, o umbú falso, o que simula ou finge imbuseiro.

Umirim, corr. *y-mirí*, aguinha, riosinho; 75.

Una, adj. negro, preto, escuro; alt. *huna*, *un*, *ú*, *pixuna*, *mú*.

Upá, corr. *y-paú*, a lagôa, o lago, o empoçado; alt. *vupá*, 98.

Upacarahy, c. *upá-carahy*, lagôa santa, ou lago sagrado; V. *caray*.

Upamoroty, corr. *upá-moróty*, la-

goa muito clara, lagôa alva; Rio Grande do Sul.

Uparoba, corr. *yb-arôba*, páu amargo; alt. *iparoba*, *paroba*, *peroba*, *perova*.

Upanema, corr. *y-panema*, agua ruim, imprestavel; V. *Ipanema*.

Upé, corr. *y-bê*, arvore distincta, madeira especial; alt. *ipé*, (*Tecoma*).

Upeúva, corr. *ybê=ypê-yba*, tronco do ipé; alt. *ipeúva*, *piúva*.

Upiá, V. *upiára*.

Upiara, s. o ovo; a descendencia, a raça.

Upitanga, corr. *y-pitanga*, rio vermelho.

Urá, corr. *uîrá*, ou *guîrá*, a ave, o passaro; corr. *ybirá*, a madeira, o páu.

Urahy, corr. *uîra-y*, rio dos passaros.

Uraquitán, corr. *yimirá-quitá*, nó de páu, botoque de madeira.

Urataú, corr. *urataú*, a coruja, o mocho, ave agoureira, (*Nyctibus aethereus*).

Uratauhy, corr. *urataú-y*, rio das corujas.

Urbioneme, corr. *upaú-nema*, ilha ruim, imprestavel, é o nome selvagem da ilha de S. Vicente, segundo Hans Staden.

Urú, s. nome commum ás gallinaceas no tupi; a ave conhecida (*Odonthophorus dentatus* Temm) 124.

Urubú, corr. *uru-bú*, a gallinha preta, a ave negra, (*Cathartes*); alt. *orobó*, *uribú*, *aribú*; corr. *urú-ú*, ave voraz.

Urubupungá, corr. *urubú-pungá*, o urubú inchado, ou ferido; S. Paulo, Matto Grosso.

Urubuquara, c. *urubú-quara*, o buraco ou refugio dos urubús.

Urubuqueçaba, c. *urubú-queçaba*, dormida dos urubús, ou ninho delles. S. Paulo.

Uruburetama, c. *urubú-retama*, a região ou paiz dos urubús; 110, Ceará.

Urucú, s. o vermelho, a planta que o produz (*Bixa Orellana*).

Urucuya, c. *urú-cui*, o vaso de beber das gallinhas, vasilha das gallinhas; corr. *y-rocúi* rio ver-

melho, agua rubra, agua que se avermelha ou enrubece; Minas Geraes.

Urucú, c. *urú-ucú*, o mesmo que *urú-guaçú*, a gallinha, o gallo; corr. *yru-ucú*, o cesto grande ou côfo grande; corr. *etr-ucú*, abelha grande de côr avermelhada e que não morde; corr. *eira-chú*, abelha de ninho rugoso e aspero, é a mesma *eichú* ou *inchú* do norte do Brasil; alt. *iru-chú*, *irachú*, *eichú*, *echú*, *inchú*.

Urucui, c. *urucú-i*, abelha *urucú* pequena, menor do que uma mosca e amarella.

Urucuhy, corr. *urucú-y*, rio das abelhas *urucús*, rio do côfo grande. V. *ucucú*.

Urucumirim, c. *urucú-mirim*, o mesmo que *urucui*, V.

Uruguacu, V. *urucú*; 124.

Uruguá, c. *yru-guá*, o caracol, o carangueijo, o buzio.

Uruguay, c. *uruguá-y*, rio dos caracões ou dos buzios.

Uruhú, corr. *urú-y*, rio dos urús.

Urumbeba, c. *ybira-mbeba*, alterado para *yr-mbeba* ou *urumbeba*, a madeira, o tronco chato, a madeira em forma de espatula; o cardo de folha chata, lisa, espinhosa onde se cria a cocho-nilha. (*Cercus*).

Urpion, nome transmittido por alguns viajantes antigos como sendo o que os selvagens davam á ilha de S. Vicente, nome que alguns grapharam *Orpion*, *Orbion*, *Morpion* e Hans Staden *Urbioneme*. O vocabulo *Urpion* é provavel que seja corrupção de *upaon*, no tp. gr. *ypaú*, que quer dizer ilha. *Orbion*, *Orpion* e *Morpion* são corruptellas do mesmo vocabulo; V. *Urbionema*. Uma hypothese ainda é admissivel, e esta indicada pelo Dr. João Mendes de Almeida, é que *Urbion* ou *Urpion* pode ser corrupção do vocabulo composto: *uira-upaon*, contrahido em *Uirpaon* ou *urpaon*, ilha dos passaros, que tambem se diz *guira-upaon*.

Urucoca, c. *urú-oca*, esconderijos dos urús.

Urupé, c. *urú-pé*, trilho ou caminho dos urús; corr. *urú-pê*, cesto chato, peneira. V. *Urupema*.

Urupema, c. *urú-pema*, cesto raso ou chato, a peneira; 120.

Uruará, s. o cesto grande, o tecido de vime em forma conçava, 116.

Uruaruhy, corr. *ururú-y*, rio do cesto. 116.

Urussanga, corr. *y-roicanga*, agua fria; alt. *ourissanga*.

Urussuhy, V. *urucuhy*.

Utinga, corr. *y-tinga*, agua branca; alt. *otinga*, *itinga*; 75.

Utú, corr. *y-tú*, tombo, queda d'agua, catadupa; alt. *outú*, *itú*, V. *itú*.

Utupanema, corr. *ytrú-panema*, o salto ou catadupa que não presta, ou que se degrada.

Utupeva, V. *itupeva*.

Uvaia, V. *ubaia*.

Uy, s. a farinha, o pó.

Uyá, V. *uyara*.

Uyara, corr. *y-yara*, habitante d'agua, a que mora n'agua, a dama do rio, a sereia; 125.

Uyarupiara, c. *yará-rupiara*, a raça das sereias; alt. *uyarupia*; 125.

Uypuba, c. *uy-puba*, farinha de mandioca amollecida n'agua; 119.

Uytan, c. *uy-tá*, farinha dura ou bem cosida; 119.

Uytinga, c. *uv-tinga*, a farinha branca, a meio cosida; 119.

V

Vaccahy, palavra hybrida, c. *vacca-y*, rio da Vacca; corr. *ybacai*, arvore que dá coco, o coqueiro; alt. *ubacai*, *bacai*, *vacai*; Rio Grande do Sul; corr. *ybacay* no tp. gr. *ybaga-y*, rio do céu.

Vacarapi, corr. *vacca-rapi*, a vacca esfolada. Nas antigas colonias hespanholas do Rio da Prata, palavras hybridas como esta eram communis. *Vaccapi*, c. *vacca-pi*, a pelle de vacca; V. *vaccahy*.

Vaycurituba, ou *guaycurituba*, c. *guaicury* ou *guacurú-tyba*, coval de guaicury; Lac. e Al.

Vamicanga, corr. *guaimi-canga*, osso de velha, ou cabeça de velha; alt. *guamicanga*, Lac. e Al.

Viatá, corr. *ubi-ata*, a flecha rija, esforçada, a flecha valente, nome de uma tribu selvagem do Norte do Brasil, que, segundo Fernam Cardim, se confundia com os Potiguaras.

Virá, corr. *birá* ou *pirá*, forma contracta de *piranga*, vermelho, rubro, pardo. E' adjectivo, mas serve para designar por modo abreviado uma casta de veados. Diz-se communmente *virá* por *suaçu-virá*, ant. *suassubirá*, que, por sua vez, é corr. de *sooáçu-pirá*, veado vermelho. Pode ser tambem corrupção de *berá*, brilhante, reluzente, luzido, lustroso; 109.

Viruá, corr. *biruá* ou *pyruá*, o umbigo.

Virury, corr. *birury* ou *biryry*, corredeira, cachoeira.

Vossoroca, ant. *bossoroca*, corr. *yby-çorog*, terra que se rasga, que se fende, terra rasgada; alt. *ubuçoroca*, *buçoroca*, *boçoroca*, *vossoroca*; S. Paulo; 129; V. *bossoroca*.

Votu, ant. *botú*, corr. *ybytú*, o vento, o sopro do ar; alt. *ubutú*, *butú*, *botú*, *votú*. 77.

Voturoca, corr. *ybytú-roca*, casa do vento, desfiladeiro donde sopra o vento, bocaina; alt. *ubutú-roca*, *buturoca*, *boturoca*, *voturoca*. V. *Votu*.

Votura, corr. *ybytyra*, o monte, o outeiro, a encosta, a ladeira; alt. *ubutura*, *butura*, *botura*, *votura*.

Voturantim, corr. *ybytyrátin*, monte branco, encosta alva, ladeira esbranquecenta, allusão a ser um salto de rio em que as aguas descem em brancas espumas por uma encosta ingreme; 81, S. Paulo; V. *votura*.

Voturuna, c. *votura-una*, corr. *ybytyruna*, monte negro, montanha escura; alt. *ubuturuna*, *buturuna*, *boturuna*, *voturuna*, S. Paulo, Minas, 81; V. *Ibituruna*.

Vupabussú, corr. *ypab-uçú*, la-

goa grande; alt. *upabucú*, *vupabucú*. 98; Minas Geraes.

Vuturuá, corr. *ybytyr-uá*, o dorso do monte, o cume da montanha; corr. *ybytyr-guá*, o seio do monte, a cova do alto do monte; alt. *ubuturá*, *buturuá*, *vuturuá*; S. Paulo; V. *votura*.

X

Xandú, corr. *yandu*, a aranha; alt. *jandu*.

Xerimbabo, corr. *che-re-mimbaba* animal de minha estima.

Xiririca, corr. *y-chiririca*, agua ligeira, veloz; a corredeira, o rapido; S. Paulo; 104.

Xorá, corr. *choré*, verter, manar, correr.

Xororó, ~~o mesmo~~ que *lororó*, manar, correr, deslisar; *y-chororó*, agua corrente, sussurrante.

Xuri, corr. *churi*, a ema, o aves-truz, tambem denominada *nhandu*.

Y

Y, s. a agua, o liquido, o fluido, o rio, o curso d'agua; segundo o thema com que se combina, toma as formas; *gy*, *hy*, *yg*, e segundo as corruptellas; *u*, *hu*, *cu*; é a vogal guttural do tupi; V. 75, 76, V. U.

Yacaracica, corr. *Yacaré-acica*, a posta ou pedaço de jacaré; corr. *yacaré-yeica*, a espuma, ou baba do jacaré; Sergipe.

Yacoca, c. *ya-coca*, abrir roça, roçar; a roçada; Parahyba.

Yacoracica, corr. *yaguar-yeica*, a baba da onça; Sergipe.

Yacuricy, corr. *yacuri-yeica*, resina do *yacuri*, ou *guacuri*.

Yacotyba, corr. *ya-cô-tyba*, roças ou plantações em abundancia; Rio de Janeiro.

Yacuecanga, corr. *yacu-acanga*, a cabeça do jacú; corr. *yacu-y-canga*, ou *yacu-yeang*, cabeceiras, ou nascentes dos jacús; Rio de Janeiro.

Yacuary, c. *ya-coíra-y*, rio esburacado, ou cheio de covas; Rio Grande do Sul; corr. *yaguar-y*—rio da onça.

Yacumã, s. o leme, o governo da embarcação; alt. *jacumã*.

Yacuruna, c. *yacú-r-una*, jacú preto; Bahia.

Yaguanão, corr. *yagúá-nã*, onça forte; ou corpulenta.

Yaguapiri, c. *yagúá-piri*, onça tímida, ou medrosa; alt. *jaua-piri*; V. *jaguatirica*.

Yaguará, corr. *yaguar-á*, onça em pé, onça erguida ou levantada; a onça acuada; Minas Geraes.

Yaguaraba, c. *yaguar-aba*, o pelo da onça; Rio de Janeiro.

Yaguaré, c. *yaguar-ê*, onça bonita, onça mansa; S. Paulo.

Yaguaruna, c. *yguar-una*, a onça preta.

Yandi, s. o oleo, o azeite, a gordura, o succo da fructa; alt. *jandi*.

Yapecanga, c. *yú-apecanga*, junco de espinho, Mont.

Yapcyú, corr. *yapoyú*, o brejo, o estagnado podre.

Yapy, V. *yapú*.

Yapi, V. *yapira*.

Yapira, c. *y-apira*, o principio do rio, a nascente, a cabeceira, a fonte; alt. *yapi*, *ygapira*, *gapira*, *guapira*.

Yapitaraca, c. *yapy-taraca*, o rumor dos *japús* (*Cassius cristatus*).

Yapó, c. *y-apó*, a agua que transborda, que inunda; a inundação, a cheia do rio; os alagadiços ou banhados á margem dos grandes rios; alt. *ygapó*; 99.

Yapoca, V. *japoca*.

Yaporé, c. *yapó-ré*, a cheia ou inundação distincta, diversa, de outra epoca; rio que enche em outro tempo.

Yapuhiba, corr. *yapy-iba*, a arvore dos *japús*; Rio de Janeiro.

Yapurá, corr. *y-apyrá*, rio que se leva, ou que cresce, rio enchente; Amazonas.

Yara, s. o senhor, o domno, o chefe, o dominador, Deus.

Yari, adj. largo, folgado, amplo.

Yariguá, c. *yari-guá*, bacia ou seio amplo, bahia larga, enseada larga; alt. *jaraguá*; Alagôas.

Yavary, corr. *yauar-y*, rio da onça; corr. *yabá-r-y*, rio dos fugitivos; Amazonas.

Yby, s. a terra, o solo, o chão, o mundo; alt. *ubú*, *bú*, *bo*, *ibi*, *bi*, *vi*, *vu*, *vo*.

Ybypaú, c. *yby-paú*, a nesga ou retalho de terra, a ilha.

Ybytyra, c. *yby-tyra*, terra elevada, o monte, o morro, a serra; alt. *ubutura*, *batura*, *ibitira*, *bitera*, *bitura*, conforme se vê de varios compostos em que este vocabulo entra como thema; 80, 81; no tp. g. *ybytyr*, no tp. am. *uitêra*, no Cayuá *uitêra*.

Ybycui, c. *yby-cui*, pó do chão, a terra fina, a areia, a poeira; alt. *ibicuy*.

Ycoarana, c. *y-côa-rana*, a fonte falsa, as poças d'agua; Pará.

Yeuré, s. a anta, especie menor do *Tapirus*; alt. *iguré*.

Yecceaba, s. a confluencia, ou junção de rios, a reunião das aguas, 104; alt. *juecaba*, *jusscape*.

Yeré, s. o redomoinho, o vortice, a agua em gyro; 104.

Ygara, s. a canôa, o barco.

Ygaracyú, V. *Igaracyú*.

Ygarapé, V. *Igarapé*.

Yguá, c. *y-guá*, o seio d'agua, o concavo d'agua, a enseada, a bahia fluvial, o lagamar, o estuario.

Yguape, c. *yguá-pe*, na bahia, no estuario, no lagamar; 96. Bahia, S. Paulo; V. *yguá*.

Yi, s. o machado; alt. *dji*, *ji*, *gi*. 118.

Ynhuam, corr. *nhú-á*, campo altu. alt. *inhoan*, Rio de Janeiro.

Yoatinga, c. *yod-tinga*, o juá branco.

Ypá, V. *upá*, *ypaba*.

Ypaba, c. *y-paba*, agua limitada ou confinada, lagôa, lago; alt. *ipaba*, *upaba*, *upá*, *ypá*, *upava*.

Ypaú, s. a nesga d'agua, o retalho d'agua, a lagôa; confunde-se muita vez com *ybypaú* que quer dizer—retalho de terra, ilha; alt. *upaon*, *ipaon*, *upion*, *urpion*.

Yperó, c. *y-peró*, rio secco, agua que secca, rio temporario.

Ypiranga, c. *y-piranga*, agua vermelha, rio vermelho; alt. *Ipiranga*, S. Paulo.

Ypitanga, c. *y-pitanga*, o mesmo que *y-piranga*, agua vermelha, rio vermelho; Bahia.

Yporanga, c. *y-poranga*, agua bonita, rio bonito; S. Paulo; alt. *yporá*, *iporá*.

Yquara, c. *y-quara*, buraco d'agua, o poço, o minadouro, a fonte; alt. *yquá*, *iquá*.

Yquera, c. *y-quera*, pronunciado —*y-kéra*, agua dormente, agua estagnada ou parada; pronunciado *y-cuera*, agua que se acabou, agua extincta.

Ytá, c. *y-tá*, o tombo d'agua, a queda d'agua, o salto do rio, a catadupa; alt. *itú*, *utú*, *outú*; S. Paulo.

Ytuacá, c. *ytú-acú*, o salto grande, a cachoeira grande; Bahia; alt. *ituassí*.

Ytumirim, c. *ytú-mirim*, saltinho, a cachoeira pequena; alt. *itumirim*, *tumirim*.

Ytupararanga, c. *ytú-pararanga*, salto que ronca ou o ronco do salto; S. Paulo.

Ytuporanga, c. *ytú-poranga*, o salto bonito, a cachoeira bella.

Ytutinga, c. *ytú-tinga*, salto branco, a cachoeira branca; alt. *itutinga*, *tutinga*; S. Paulo.

Ytuy, c. *ytú-y*, rio do salto, ou agua da cachoeira.

Yú, s. o espinho, a ponta aguda, a farpa; a espinha de peixe; o espinheiro; alt. *jú*.

Yuquer, c. *yu-quer*, ou *yu-ker*, espinho ou espinheiro que dorme, isto é, que deita ao tocar; é o nome commum das *Mimosas* no tupi; alt. *juquer*, *juque*, ou *juké*.

Yuquiri, c. *yú-quiri*, espinho de ponta aguçada ou fina, espinho pequeno; espinheiro de folha meuda; alt. *juquiri*.

Yuquiri-y, c. *yuquiri-y*, rio dos espinhos. S. Paulo.

Yukulá, c. *yuquí* ou *yuquí-á*, o côvo aberto; S. Paulo, Alagoas.

Yurá, s. a boca, a barra, a abertura, a passagem, a garganta; alt. *jurú*.

Yuruá, c. *yurú-á*, o boqui-aberto, o que tem a boca ou a barra ampla; alt. *jurúá*; Amazonas.

Yurumirim, c. *yuru-mirim*, a boquinha, a barrinha, a passagem estreita, a garganta apertada; alt. *jurumirim*.

Yurupari, c. *yurú-pari*, o boca torta; o diabo na mythologia selvagem dos tupis, como *anhau* ou *anhanga*.

Yurutuba, c. *yurú-tyba*, bocas em abundancia, muitas bocas.

Yussiape, corr. *yercaba*, a confluencia, a reunião das aguas. V. *Jussiape*.

Yutahy, corr. *yutaib*, c. *yú-etá-ib*, arvore de muitos espinhos, arvore espinhenta; corr. *yetai*, arvore resinosa; alt. *jutahi*, *jatahi*, *jetahi*; Amazonas.

Yvá, corr. *ybá*, fructo, fructas; a canôa; a flecha ou canna brava, a uva; alt. *ibá*, *ubá*, *uvá*.

Yvahy, corr. *ybá-y*, rio das fructas, ou ainda rio das flechas ou cannas bravas; alt. *ubahy*. Paraná; V. *Yvá*.

Yvatinga, corr. *ybá-tinga*, fructo branco; a uva branca, a canna branca; alt. *ivatinga*, *batinga*, *ibatinga*.

Yvatuba, corr. *ybá-tyba*, pomar; flechal, ou cannal bravo; alt. *ubatuba*, *batuba*.

Yvatuby, corr. *ybá-tyb-v*, rio do pomar, rio do cannal bravo; alt. *ibatuby*, *ubatubv*, *batuvy*, *batocy*.

Yvaporanduba, corr. *ybá-porandyba*, fructas bellas em abundancia, o pomar de boas fructas, ou o flechal bonito.

Yvaya, corr. *yb-aia*, fructa saudavel, saborosa; V. *Ubaia*.

Z

Zabelé, corr. *çaberê*, ou *çaperê*. c. *çá-perê*, olhos encascados ou cheios de caspas; nome de uma

ave gallinacea, especie de per-
diz de pernas amarellas (*Cryptu-
rus noctivagus*).

Zarabatana, ou *sarabatana* é de
procedencia incerta, se, porem,
é do tupi, parece corrupção de
garapá-tan, arco rijo ou direito.
Na verdade, é uma arma de
guerra dos selvagens, feita de
um tubo com o qual se sopra
violentamente uma pequena
setta embuxada com algodão.

Zereré, corr. *cê-rarê*, o que sae
cavado, o que vem subterraneo,
o solapado; Matto Grosso.

Zerereçaba, corr. *cê-rarê-açaba*,
a caverna, o sumidouro, o ca-
nal subterraneo.

Zoó, corr. *çoó*, o animal, a caça,
a carne.

Zooaçu, corr. *çoóaçu*, a caça gran-
de, o animal de vulto; nome
applicado mais commumente para
designar o *vendo*; alt. *suassû* ou
soaçu.

Zopía, corr. *çopiá*, o ovo, as ovas;
conforme o thema se diz — *çu-
piá*, *rupiá*.

Zuinara, corr. *çuindara*, c. *çu-
yendara*, o que não come, ou
não se alimenta; nome generi-
co dos *Strix* e *Caprimulgus*; alt.
suindara, *suindá*, *suinara*, *suindá*.

Zururú, corr. *çoó-rurú*, vaso de
carne, o bicho que tem recepta-
culo ou vaso; é o nome do
mexilhão, concha; alt. *sururú*,
suzerú.

FIM

ERRATAS

Na impressão, escaparam alguns erros que não podem passar sem correcção para a boa intelligencia da materia, e são os seguintes :

Pagina	20	Linha	26	<i>carupi, cné</i>	em vez de	<i>curupi, cué</i>
»	21		1	<i>Patiguaras</i>	» » »	<i>Putiguaras,</i>
»	26	»	14	<i>eavarú</i>	» » »	<i>cavarú</i>
»	27	»	29	<i>acêma, sair</i>	» » »	<i>acema, sahindo;</i>
»	29	»	6	<i>abay abaim</i>	» » »	<i>abay, abaim</i>
»	35	»	2	<i>çaicu-abo</i>	» » »	<i>çaicú-abo</i>
»	35	»	24	<i>daora</i>	» » »	<i>dara</i>
»	36	»	9	<i>apa</i>	» » »	<i>aba</i>
»	36	»	20	<i>cozinhr</i>	» » »	<i>cozinhar</i>
»	37	»	28	<i>amuyby-pe-guarera</i>	» » »	<i>amu-yby-pe-guarera</i>
»	43	»	29	Y, a agua mono-syllabo que é uma vogal guttural unica e que nenhuma graphia....	» » »	Y, a agua, é monosyllabo e vogal guttural unica que nenhuma graphia...
»	45	»	24	<i>Yby-a-paua, chapado</i>	» » »	<i>Yby-a-paba, chapada</i>
»	47	»	14	<i>tatapora por tata-pora</i>	» » »	<i>catapora por tata-pora</i>
»	48	»	15	<i>fogo, irrompe</i>	» » »	<i>fogo irrompe</i>
»	50	»	10	85	» » »	87
»	62	»	17	<i>Gua-and</i>	» » »	<i>Guayana</i>
»	64	»	26	<i>Cubuçu</i>	» » »	<i>Cabuçu</i>
»	64	»	32	<i>Ngandú-hy</i>	» » »	<i>Nhandú-hy</i>
»	76	»	7	<i>cuy</i>	» » »	<i>uy</i>
»	77	»	37	<i>camindé</i>	» » »	<i>canindé</i>
»	77	»	38	<i>a açayaba</i>	» » »	<i>a açoyaba</i>
»	79	»	1	<i>Tamerary</i>	» » »	<i>Tametary</i>
»	80	»	21	<i>mboi ou poi</i>	» » »	<i>mboi ou poi</i>
»	81	»	4	<i>Guayecurús</i>	» » »	<i>Guayecurús</i>

Pagina	81	Linha	22	O genio bom reside em <i>Anhangá</i> ...	em vez de	O genio bom residia em <i>Tupã</i> e o genio mau em <i>Anhangá</i> ...
	82	20		beifeitor		bemfeitor
	91	15		<i>Yequétinhong</i>		<i>Yequétinhong</i>
	91	35		obscura; localidade		obscura localidade
	92	32		e que servirá		o que servirá
	107	29		Abaremanduava..... 129		Abaremanduava.132
	111			Arabê.....escaravella		Arabê.....escaravelho
	112			Araruama..... bando ou ninhada de araras		Araruama.....bando ou ninhada de araras e também cevas das araras.
	113			Assaquera, corr. <i>acáquera</i> ...		Assaquera, corr. <i>acáquera</i> ...
	116	8		Bertioga...		Bertioga
	115	13		129		132
	116	35		Boqueira, ou <i>buquir-a</i> corr.		Boqueira ou <i>buquir-a</i> , corr.
	116	51		Bossoroca, corr. <i>yby-coroc</i> , alt. <i>ubu-coroc</i> ...		Bossoroca, corr. <i>yby-coroc</i> , alt. <i>ubu-coroc</i> ...
	117	47		Caetua...		Caetêua...
	119	30		Canindê, corr. <i>canndê</i> ...		Canindê, corr. <i>canindê</i> ...
	112	48		Coboyguara...		Cobayguara
	124	4		Embo, corr. <i>embó</i>		Embo, corr. <i>yembó</i> ...
	125	22		Geribatubo		Geribatuba
	125	22		<i>yarába-tybo</i> ...		<i>yarába-tyba</i> ...
	128	30		Ibaê, c. <i>y-baê</i> ...		Ibaê, c. <i>ybaê</i> ...
	129	20		Ibitiroy,.... 129		Ibitiroy.... 132
	129	32		Ibó... manancial nascente		Ibó... nascente; farpa, estillete, chuço.
	129	7		(2) Icarahy... rio dos acarás.		Icarahy..... rio dos acarás; corr. <i>y-carahy</i> , agua santa; Rio de Janeiro
	135	12		(2) <i>yaguara-runa</i>		<i>yaguara-una</i> ...
	138	14		(1) <i>Maçayá</i>		<i>Maçayó</i> .
	140	30		(1) <i>Mcengaba</i>		<i>Meengaba</i>
	141	8		(1) <i>muy-ú</i> ...		<i>moy-ú</i> ...
	142	9		(2) 129		132
	145	6		(2) <i>poi-cará</i>		<i>pai-cará</i> ...
	145	18		(2) <i>Mundururús</i>		<i>Mundururús</i>
Pagina	147	Linha	6	(2) <i>pira-pora</i>	em vez de	<i>pirá-pora</i> .
"	149	"	49	(1) <i>sayubo</i>	"	<i>sayuba</i>
"	141	"	13	(1) <i>Sussupara</i>	"	<i>Sussuapara</i>
"	151	"	10	(2) <i>Tacauhunás</i>	"	<i>Tacanhunas</i>
"	153	"	27	(2) <i>atibaia</i>	"	<i>Atibaia</i>
"	154	"	35	(2) <i>tucá-cynyinga</i>	"	<i>tupá-cynyinga</i>
"	156	"	8	(2) <i>y-bê</i>	"	<i>ybê</i>